



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO



PAMELA OLIVEIRA ASSIS

BIBLIOTERAPIA:
ENTRELACES DA MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO COM A MEDIAÇÃO DA LEITURA

Salvador
2022

PAMELA OLIVEIRA ASSIS

BIBLIOTERAPIA:
ENTRELACES DA MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO COM A MEDIAÇÃO DA LEITURA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestra em Ciência da Informação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Raquel do Rosário Santos

Salvador
2022

A848

Assis, Pamela Oliveira

Biblioterapia: entrelaces da mediação da informação com a mediação da leitura / Pamela Oliveira Assis. – Salvador, 2022. 200f.: il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Raquel do Rosário Santos.
Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação, Salvador, 2022.

1. Biblioterapia. 2. Mediação da informação. 3. Dimensões da mediação da informação. 4. Mediação da leitura. I. Santos, Raquel do Rosário II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Ciência da Informação. III. Título.

CDD: 028.02


PAMELA OLIVEIRA ASSIS

**BIBLIOTERAPIA: ENTRELACES DA MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO COM
A MEDIAÇÃO DA LEITURA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Ciência da Informação do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como requisito para obtenção de grau de Mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em: 30/11/2022

Banca Examinadora



Prof^ª. Dra. Raquel do Rosário Santos - Orientadora – UFBA



Prof^ª. Dra. Sueli Bortolin - Membro Externo Titular – UEL



Prof^ª. Dra. Henriette Ferreira Gomes - Membro Interno Titular – UFBA

A minha mãe, Maria, pelo amor e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Escrever esta parte do trabalho é um alívio, porque significa que estou perto de concluir mais um sonho. É lembrar com carinho e emoção de todos os que foram fundamentais para que as dificuldades fossem superadas de forma leve e a construção desta dissertação fosse possível.

Agradeço a Deus, pela força e pela coragem que me foram dadas, todos os dias, para atingir esse objetivo, e à minha Santa Dulce, por sua proteção e intercessão durante essa trajetória.

A minha mãe, Maria Oliveira, exemplo de dedicação e amor. Se sou quem sou é por causa dela, e se estou realizando mais esse sonho, é porque ela sempre acreditou que eu poderia. Aliás, esse sonho não é só meu, é nosso. Obrigada por tudo, minha Maria. Te amo!

A Raquel do Rosário Santos, minha orientadora e amiga, que, desde a graduação, já acreditava que eu poderia estar aqui. Com sua dedicação e paciência, ela me guiou pelo melhor caminho durante essa trajetória. Seu amor pelo que faz é admirável e faz com que todos ao redor se espelhem e colaborem. Por isso, não posso deixar de agradecer também a Jean pela ajuda em um momento fundamental.

Às professoras Henriette Ferreira Gomes e Sueli Bortolin, que aceitaram compor a banca avaliadora desta pesquisa e, com muito carinho e cuidado, deram contribuições importantes para melhorá-la.

À professora Ana Claudia que, no final da primeira edição do Lapidar do qual participei e antes da primeira reunião do GEPEMCI, me disse palavras de carinho e incentivo que foram fundamentais para eu estar aqui.

A Deise Luz, amiga com quem tive a sorte de dividir todas as experiências e emoções que um Mestrado pode proporcionar. Só nós sabemos o alívio que sentimos por termos nos encontrado no dia da prova de seleção. Sua companhia e mensagens de incentivo trouxeram leveza para essa experiência. Ainda bem que entramos na mesma turma. Obrigada!

A Ingrid Paixão e Orledys López que, apesar de não estarem na mesma turma, também compartilharam comigo as ansiedades e as alegrias dessa caminhada.

Ao Lapidar e ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Mediação e Comunicação da Informação (GEPEMCI), em que pude experienciar e compartilhar momentos essenciais para entender bem mais a mediação da informação e a mediação da leitura. Essas vivências contribuíram diretamente para a conclusão desta pesquisa.

Àqueles que tive o prazer de ir conhecendo em diferentes situações nesses anos: Nathália Santos, com quem compartilhei muitas risadas, pelos mais variados motivos; Hemerson Soares, que sempre tinha uma palavra de incentivo quando necessário; e Claudio Muchiutti, com quem dividi várias conversas sobre livros e – claro – sobre biblioterapia.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Todo livro conta um segredo, mas não é qualquer gente que consegue decifrá-lo, não senhor. Os livros são tímidos e precisam confiar muito no leitor para revelar o segredo que guardam. O leitor tem que ser amigo dos livros, visitá-lo sempre, conversar com eles, até chegar o dia em que o livro, assim baixinho de repente, sussurre ligeiro o segredo de uma história que ele vai contar para sempre.

Alexandre Arbex Valadares

RESUMO

A inter-relação da biblioterapia com a mediação da informação e com a mediação da leitura é o tema deste estudo, cujo objetivo foi de analisar como vem sendo tratada a biblioterapia, em sua relação com a mediação da informação e a mediação da leitura na produção científica da Ciência da Informação, e identificar as contribuições e as perspectivas teóricas e práticas nessa relação temática. No que tange à metodologia, trata-se de uma pesquisa descritiva, tendo como método a pesquisa bibliográfica e a abordagem quali-quantitativa. Para analisar os dados, foi empregada a técnica de análise de conteúdo, e o instrumento adotado foi a ficha de leitura. Ao analisar as produções que compuseram a amostra deste trabalho, notou-se que a biblioterapia, a mediação da informação e a mediação da leitura se entrelaçam por meio de características que são fundamentais para efetivar as atividades, no entanto essa inter-relação é implícita, porquanto não está diretamente indicada nos estudos pelos autores da Ciência da Informação. Também se constatou que as características mais frequentes estão relacionadas à sistematização da ação biblioterapêutica e à relação estética que ocorre no encontro do leitor com o dispositivo informacional, evidenciada pela emoção, entre outros sentimentos, que se tornam basilares no desenvolvimento das atividades e possibilitam o (re)conhecimento e a transformação do sujeito. Portanto, é preciso ampliar os estudos sobre biblioterapia e que eles sejam desenvolvidos no sentido de explorar mais a possibilidade desse entrelace temático e de enriquecer as discussões teóricas acerca da biblioterapia, visto que essa é uma prática afetiva, mas também é informacional. Por essa razão, precisa ser entendida e defendida como tal no campo da Ciência da Informação.

Palavras-chave: biblioterapia; mediação da informação; mediação da leitura.

ABSTRACT

BIBLIOTHERAPY: INTERLINKS BETWEEN INFORMATION MEDIATION AND READING MEDIATION

The interrelationship of bibliotherapy with information mediation and reading mediation is the theme of this study, whose objective was to analyze how bibliotherapy has been treated, in its relationship with the mediation of information and the mediation of reading in the scientific production of Information Science, and to identify the theoretical and practical contributions and perspectives in this thematic relationship. With regard to methodology, this is descriptive research, using bibliographic research and the quali-quantitative approach as its method. To analyze the data, the technique of content analysis was used, and the instrument adopted was the reading form. When analyzing the productions that comprised the sample of this work, it was noticed that bibliotherapy, information mediation and reading mediation are intertwined through characteristics that are fundamental to carry out the activities, however this interrelation is implicit, as it is not directly indicated in the studies by the authors of Information Science. It was also found that the most frequent characteristics are related to the systematization of the bibliotherapeutic action and the aesthetic relationship that occurs in the reader's encounter with the informational device, evidenced by emotion, among other feelings, which become fundamental in the development of activities and enable the (re)knowledge and transformation of the subject. Therefore, it is necessary to expand the studies on bibliotherapy and that they be developed in order to further explore the possibility of this thematic interlace and to enrich theoretical discussions about bibliotherapy, as this is an affectionate and informational practice. For this reason, it needs to be understood and defended as such in the field of Information Science.

Keywords: bibliotherapy; information mediation; reading mediation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Comportamentos éticos do mediador.....	50
Quadro 2	Definições de biblioterapia.....	70
Quadro 3	Objetivos da biblioterapia.....	72
Quadro 4	Modelo da ficha de análise dos textos científicos.....	92
Quadro 5	Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios da mediação indireta da informação.....	100
Quadro 6	Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios da mediação consciente da informação.....	105
Quadro 7	Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios de aproximação com as ações singular e plural da mediação da informação.....	110
Quadro 8	Conceitos de biblioterapia que demonstram indícios de uma associação com a apropriação da informação.....	114
Quadro 9	Conceitos de biblioterapia que demonstram indícios de uma associação com a necessidade informacional.....	116
Quadro 10	Conceitos de biblioterapia que demonstram indícios de uma associação com a ambiência informacional.....	118
Quadro 11	Conceitos de biblioterapia que demonstram indícios de uma associação com a percepção conceitual de mediação da informação.....	119
Quadro 12	Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios de aproximação com a dimensão dialógica da mediação da informação.....	121
Quadro 13	Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios da mediação direta da informação.....	127
Quadro 14	Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios de aproximação com a dimensão estética da mediação da informação.....	132
Quadro 15	Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios de aproximação com a dimensão formativa da mediação da informação.....	138
Quadro 16	Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios de aproximação com o ato de cuidar.....	140
Quadro 17	Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios de aproximação com o entendimento sobre a leitura.....	144

Quadro 18	Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios de aproximação com o nível de leitura sensorial.....	149
Quadro 19	Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios de aproximação com o nível emocional e o processo afetivo da leitura.....	150
Quadro 20	Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios de aproximação com o nível racional da leitura.....	159
Quadro 21	Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios de associação com a mediação da leitura na perspectiva da oralidade.....	165
Quadro 22	Métodos de investigação mais utilizados pelos pesquisadores de biblioterapia.....	170
Quadro 23	Ambientes em que ocorrem as práticas de biblioterapia relatadas nas produções científicas.....	172

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Resultado do levantamento bibliográfico.....	96
Gráfico 2	Mapeamento da produção científica anual da biblioterapia.....	98
Gráfico 3	Indícios das características mais frequentes nos conceitos de biblioterapia.....	167
Gráfico 4	Procedimentos de seleção dos conteúdos utilizados nas atividades de biblioterapia.....	176
Gráfico 5	Indicação da realização de reflexões a partir do conteúdo.....	178
Gráfico 6	Produção de novas informações a partir das atividades de biblioterapia.....	180

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	INTER-RELAÇÃO DA MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO COM A MEDIAÇÃO DA LEITURA.....	16
2.1	LEITURA: CONCEITOS, NÍVEIS E PROCESSOS.....	34
2.2	ENTRELACES DO ATO DE LER, DA MEDIAÇÃO DA LEITURA E DA MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO.....	43
3	A BIBLIOTERAPIA COMO UMA PRÁTICA INTER-RELACIONADA À MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E À MEDIAÇÃO DA LEITURA.....	66
3.1	BIBLIOTERAPIA: ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS.....	66
3.2	A BIBLIOTERAPIA COMO MEDIAÇÃO ESPECIALIZADA DA LEITURA NA PERSPECTIVA DAS DIMENSÕES DA MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO.....	77
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	84
4.1	PROBLEMA E HIPÓTESE.....	85
4.2	OBJETIVOS.....	85
4.2.1	Objetivo geral.....	86
4.2.2	Objetivos específicos.....	86
4.3	UNIVERSO E AMOSTRA.....	86
4.4	TÉCNICA, INSTRUMENTO E PROCEDIMENTO DE COLETA DOS DADOS.....	87
4.5	PROCEDIMENTOS DE TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS.....	94
5	APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	96
5.1	A BIBLIOTERAPIA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: CONCEITOS E RELAÇÕES COM A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E A MEDIAÇÃO DA LEITURA.....	99
5.2	AMBIENTES E MÉTODOS DA BIBLIOTERAPIA IDENTIFICADOS NA LITERATURA SOBRE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO.....	170
5.3	UMA ANÁLISE DOS TIPOS E DOS PROCEDIMENTOS DA BIBLIOTERAPIA.....	174
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	182
	REFERÊNCIAS.....	187
	APÊNDICE A – Relação de trabalhos apresentados em evento.....	193
	APÊNDICE B – Relação dos artigos científicos.....	196
	APÊNDICE C – Relação das dissertações.....	200

1 INTRODUÇÃO

A informação é um elemento essencial na vida dos sujeitos, independentemente de onde eles estejam. É o acesso à informação que subsidia todas as atitudes que eles adotarão em sua rotina. Os profissionais da informação são responsáveis por selecionar, tratar, organizar e disponibilizar as informações, ou seja, eles realizam a mediação da informação e possibilitam que os sujeitos possam ter acesso ao que precisam.

Ressalta-se, porém, que, como a informação subsidia as decisões dos sujeitos, compreende-se que não basta que eles tenham acesso a ela, mas também que possam interpretá-la, compreendê-la e se apropriar dela. Isso requer a realização efetiva e consciente da leitura, que pode ser feita tanto de maneira verbal quanto não verbal. Para isso, é essencial a presença de um mediador da informação e, ao mesmo tempo, o alcance de outra mediação, a da leitura.

Mediar a leitura é uma ação desempenhada por profissionais da informação, os chamados mediadores, cujo trabalho contribui para que o sujeito tenha acesso à leitura e possa experimentar emoções, fazer questionamentos e descobrir novas possibilidades. Para isso, devem proporcionar um ambiente confortável, confiável e seguro, para que essa vivência, por meio da mediação da leitura, para além de entreter, possa (trans)formar. Assim, independentemente de o encontro do sujeito leitor com o dispositivo informacional ou com um outro leitor visar um entretenimento ou a busca por uma leitura que conforte um sentimento de tristeza, existe latente o caráter informacional, visto que a informação é a instância transformadora que age por meio da leitura.

Nesse sentido, a perspectiva de que a mediação da leitura pode, por meio do acesso à informação, (trans)formar a vida do sujeito, pressupõe que o ato de ler pode ser entendido também como uma ação humanizadora, de (re)conhecimento de si e do outro. Essa percepção pode ser associada a outra ação, a biblioterapia, que, nesta pesquisa, é defendida como uma mediação especializada da leitura que requer uma ação consciente e sistematizada dos profissionais que trabalharão com ela, e pressupõe o cuidado e o afeto que a leitura demanda para ser utilizada como ação impulsionadora da (trans)formação do sujeito singular e social. Mediante o exposto, pode-se afirmar que a mediação da informação, a mediação da leitura e a biblioterapia se entrelaçam por meio de suas características e objetivos.

Essa inter-relação temática tornou-se perceptível depois do trabalho de conclusão de curso, no qual se investigaram as percepções dos discentes de Biblioteconomia da Universidade Federal da Bahia sobre a possibilidade de o bibliotecário atuar na biblioterapia. A partir dos resultados do estudo, foi considerado que os discentes conheciam a biblioterapia, porém, como não existe uma abordagem formativa fundamentada no currículo do curso, eles não se sentiam preparados para atuar na biblioterapia e demonstravam a necessidade de que o tema fosse trabalhado ao longo da formação como possibilidade de atuação profissional (ASSIS, 2018).

Respondida essa primeira inquietação, passou-se a pesquisar sobre os aportes teóricos nos quais a biblioterapia se amparava. O resultado deste estudo pode contribuir para que o bibliotecário que escolha atuar na biblioterapia aja fundamentado nas concepções teóricas da mediação da informação e nos princípios norteadores da mediação da leitura, de forma consciente e humanizadora, ao apoiar o sujeito em sua reintegração individual e social.

Para responder a essa nova inquietação, definiu-se a seguinte **questão norteadora**: Quais as contribuições e os avanços da biblioterapia encontrados na literatura sobre Ciência da Informação e se essa produção científica apresenta relações com a mediação da informação e a mediação da leitura? Visando encontrar a resposta para essa pergunta, esta pesquisa caracteriza-se como descritiva, tendo como método a pesquisa bibliográfica e a abordagem quali-quantitativa. A técnica utilizada foi a análise de conteúdo, e o instrumento adotado foi a ficha de leitura.

Ao longo da discussão tecida na apresentação e na análise dos resultados, notou-se que existem indícios da mediação da informação e da mediação da leitura na literatura da biblioterapia, no entanto, esse entrelace ocorre de modo implícito. Ou seja, apesar de serem perceptíveis características em comum e que são fundamentais para efetivar a prática, os autores não deixam explícito em suas reflexões tal inter-relação.

Devido a isso, defende-se que se amplie o número de pesquisas que explorem a biblioterapia na perspectiva desse entrelace, visto que, além de fortalecer sua parte prática, o próprio sujeito também será percebido a partir de outras perspectivas, como a informacional. A biblioterapia é uma prática terapêutica, afetuosa, mas também pode apoiar o acesso e o processo de apropriação da informação. Nesse sentido, deve ser investigada e defendida como tal.

Para alcançar o esperado para este estudo, dividiu-se a revisão de literatura em duas seções: a primeira aborda a inter-relação entre a mediação da informação, a leitura e a mediação da leitura por meio dos respectivos conceitos e características correspondentes a cada uma das ações; a segunda apresenta o histórico e os conceitos da biblioterapia e seu entrelace com as mediações da informação e da leitura.

Depois dessas seções que fundamentaram a pesquisa com referenciais teóricos e empíricos, apresentam-se os procedimentos metodológicos de forma detalhada, objetivando explicar o caminho percorrido para que, na seção subsequente, os resultados fossem evidenciados e analisados. A seção de apresentação e discussão dos resultados expõe o alcance de cada objetivo específico. Na primeira subseção, consta a análise dos conceitos recuperados nos trabalhos publicados em anais de eventos científicos da Ciência da Informação, artigos científicos, teses e dissertações da área que integraram a amostra deste estudo; na segunda, apresentaram-se os ambientes mais frequentes e os métodos mais adotados pelos mediadores no desenvolvimento da biblioterapia. Na última subseção, foram analisados os tipos e os procedimentos da biblioterapia seguidos pelos mediadores.

Por fim, vêm as considerações finais do estudo. O uso do nome “considerações”, ao invés de “conclusões” se justifica por se acreditar que nenhum estudo acaba em si, porquanto novas inquietações surgem no caminho e precisam ser respondidas. Logo, as considerações finalizam a discussão, mas não concluem a amplitude de percepções sobre o tema.

2 INTER-RELAÇÃO DA MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO COM A MEDIAÇÃO DA LEITURA

Ao recorrer a um dicionário da língua portuguesa, é possível encontrar o significado do termo mediação como “[...] o ato de servir como intermediário entre pessoas, grupos e partidos [...]” (MICHAELIS, 2020). A mediação está presente em diversas áreas do conhecimento, como, por exemplo, na Comunicação, no Direito, na Psicologia, na Religião e na Ciência da Informação (CI). Cada uma delas entende a mediação sob a própria perspectiva e objetivos.

Na CI, são evidentes traços da mediação no fazer do profissional da informação, embora os estudos e as reflexões acerca do tema sejam recentes. Freire e Freire (2014, p. 178) apontam, no editorial da *Revista Ciência da Informação* (v. 43, n. 2), que o primeiro artigo relacionado ao tema foi publicado na *Revista da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais*, em 1980, e tem como tema o papel da biblioteca pública na mediação cultural. Já o primeiro artigo, cujo título contém o termo mediação da informação, foi publicado em 1995 e originado a partir de uma palestra no *Congresso de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação* (COBIB). (SANTOS NETO, 2014). Apesar de recentes, existiram demandas que impulsionaram estudos e reflexões mais profundos sobre o tema.

Em uma reflexão sobre a dinâmica informacional, pode-se pensar no grande volume de informação a que os sujeitos têm acesso todos os dias. A princípio, não se percebe que essa informação é apresentada por meio da ação de outro sujeito, portanto, mesmo que de forma subjacente, a mediação está presente e fundamenta as atividades dos sujeitos. Em sua prática, os profissionais da informação – o bibliotecário, o museólogo e o arquivista – desenvolvem o ato mediador, visto que têm o compromisso de organizar, preservar, tratar e disponibilizar a informação, nos mais variados formatos e suportes, para que os sujeitos tenham acesso a ela e se apropriem dela.

Ao atuar nessa perspectiva, esses profissionais realizam a mediação e são intermediários entre a informação e o sujeito que dela precisa. Entretanto, esse intermédio não é um ato mecânico, mas um processo em que o mediador alcança um agir consciente, pautado na comunicação e na interação que proporcionará a inclusão dos sujeitos. Portanto, a mediação é essencial no desenvolvimento das atividades humanas, porque, através dessa ação e dos diversos profissionais que atuam com a

informação, é possível suprir as necessidades informacionais e apoiar o alcance da apropriação da informação.

Quanto ao bibliotecário, a mediação faz parte da atuação desse profissional, que, de acordo com Almeida Júnior (2015, p. 14), “[...] medeia a necessidade informacional e as informações que pretendem satisfazer a essa necessidade.” Sendo assim, pode-se entender que o fazer desse profissional está ligado ao ato de mediar informações, de formas variadas, buscando compreender os limites e as necessidades dos diferentes sujeitos, contribuindo para o processo formativo e a sua atuação nas múltiplas atividades socioculturais.

Apesar de poder identificar a mediação da informação no fazer do bibliotecário, o termo permaneceu sem um conceito definido na área da CI durante alguns anos. Essa situação mudou quando, com base nos estudos, nas discussões e nas reflexões dentro de um grupo de pesquisa, Almeida Júnior (2009, p. 92) formulou o seguinte conceito:

Mediação da informação é toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; individual ou coletiva; que propicia a apropriação da informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional.

Com base nesse conceito, pode-se identificar que a mediação ocorre tanto de maneira direta quanto indireta. Ainda em consonância com os estudos de Almeida Júnior (2009), a mediação direta é entendida como a ação que exige interação com o sujeito para que possa se realizar. Por outro lado, a mediação indireta, ainda que também seja desenvolvida visando auxiliar o sujeito, é realizada sem a presença dele. E tanto a ação direta quanto a indireta da mediação da informação buscam suprir as necessidades dos sujeitos e apoiá-los no acesso, no uso e na apropriação da informação.

No que concerne à mediação consciente da informação, é uma ação que requer planejamento, métodos e objetivos, e em que o mediador visa provocar o sujeito para assumir uma posição participativa e atuante no processo mediador. Tal provocação é necessária, porque, ao passo que esse sujeito se torna consciente, ele pode assumir o seu papel de protagonista social e transformar a própria realidade e a do meio em que está inserido. Porém o profissional deve proceder a essa mediação de forma consciente, visto que, no momento em que conduz a ação, ele também é um sujeito

participante, que reflete sobre as atividades realizadas e entende a importância do seu papel como protagonista social que atua em favor do desenvolvimento dos sujeitos e da apropriação da informação.

Quanto à mediação inconsciente da informação, diz respeito aos momentos que acontecem durante a ação e que não foram previstos pelo mediador. Ou seja, durante a realização das atividades, quando os sujeitos se sentem confortáveis com a ação, com o mediador e com os demais sujeitos e passam a interferir na ação, apontar outras perspectivas da atividade, o mediador não é mais o único que conduz a ação, porquanto divide essa “função” com o sujeito. Ao perceber essa interferência do sujeito, o profissional deve continuar oportunizando o processo interativo e dialógico para que o sujeito leitor possa se expressar e colaborar para que o sujeito leitor continue participando ativamente da ação e provoque outros sujeitos a assumirem a mesma postura protagonista. Ao agir desse modo, o mediador tornará aquela ação consciente novamente e poderá atuar para que o sujeito se aproprie das informações e se conscientize da importância de seu papel como protagonista.

Ressalta-se que para o mediador ajudar o sujeito a adquirir essa consciência, assumir um local de protagonista e se apropriar da informação, é necessário que construa um ambiente propício ao debate e à interação, onde ele possa se expressar livremente, sem censura ou inibição. Além disso, ao atuar na ação consciente da mediação, o mediador está contribuindo para o alcance das dimensões da mediação da informação, defendidas por Gomes (2014, 2016, 2020), as quais resultam na apropriação da informação e no desenvolvimento do sujeito social protagonista.

Retomando o conceito defendido por Almeida Júnior (2009), destacam-se dois aspectos: a interferência e a apropriação da informação. A interferência é um ato relacionado ao fazer do bibliotecário. Durante sua atuação, esse mediador interfere de diferentes formas para facilitar o acesso do sujeito à informação e apoia a experiência de conhecer a biblioteca e seus recursos de maneira agradável e prazerosa. Como exemplo, pode-se citar o serviço de referência e de informação das bibliotecas, quando o bibliotecário auxilia o sujeito em sua pesquisa e o conduz, da maneira mais adequada, para que ele atinja suas expectativas, aproprie-se da informação e satisfaça sua necessidade informacional que o conduziu ao ambiente de informação. Ao atuar dessa maneira, o bibliotecário estará interferindo conscientemente na experiência do sujeito com a informação e com a própria biblioteca.

Sob essa perspectiva, não é possível acreditar que as ações realizadas por esse profissional sejam neutras, porque, ao praticá-las, ele tem experiências e conhecimentos que o caracterizam como um sujeito social. Esses elementos constituintes do sujeito podem ser entendidos como norteadores e influentes no exercício de suas funções sociais, entre elas, a profissional. Entretanto, o mediador da informação deve agir de forma ética e responsável com o outro, buscando equidade em suas ações e agindo de maneira íntegra. Assim, ao considerar que cada sujeito é único, tem vivências, necessidades, dificuldades e objetivos próprios e distintos, o mediador da informação deve estabelecer uma relação de justiça e atentar para a história de cada um deles e se apoiar no desenvolvimento cognitivo, cultural e social. Assim, as ações de mediação não são neutras, elas interferem de forma ética e justa, visando à equidade social.

Quando se entende que as ações do mediador não são neutras e que existe um processo de interferência, em que o sujeito é conduzido a suprir suas expectativas e necessidades informacionais, elimina-se o paradigma de que a mediação da informação é uma espécie de ponte (ALMEIDA, 2009), em que a informação é transmitida de um lado para outro. Nesse contexto, a mediação da informação reflete o tempo histórico, a cultura e demais aspectos sociais dos sujeitos e é um processo movente que visa atender aos diferentes sujeitos em suas particularidades.

Em relação à apropriação da informação, é um momento exige que o bibliotecário vá além do que comumente se espera, porquanto não basta entregar o material de que o sujeito necessita, mas também auxiliá-lo a compreender e a construir sentidos e significados. Para Gomes (2019, p.16), a apropriação da informação pode ser compreendida como o “[...] sustentáculo do processo de conscientização, de domínio do conhecimento e de exercício da crítica, elementos essenciais à constituição do sujeito protagonista.” Com base nessa reflexão apresentada por Gomes (2019), pode-se afirmar que o mediador da informação deve agir de maneira consciente e apoiar os sujeitos a alcançarem tal premissa, na perspectiva de que a apropriação da informação e a construção de novos conhecimentos os auxiliem a (re)significar suas ações e a transformar a si mesmos, o outro e o meio.

Apesar de o conceito elaborado por Almeida Júnior (2009) esclarecer o que é a mediação da informação e sua importância, precisou ser reformulado para acrescentar ou pôr à vista aspectos que antes poderiam ser entendidos de maneira

subjetiva. Assim, no *Encontro de Pesquisa em Informação e Mediação* (EPIM), em 2014, Almeida Júnior apresentou o conceito reformulado, visto que esse evento promovia reflexões justamente acerca do tema, e a mediação da informação passou a ser definida como

Toda ação de interferência – realizada em processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação da informação que satisfaça parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais. (ALMEIDA JÚNIOR, 2015, p. 25).

Nesse contexto, novos aspectos se destacaram, como a ambiência de equipamentos informacionais, a satisfação parcial e momentânea e a geração de conflitos. A palavra ambiência originou-se do termo francês *ambiance*, que significa meio ambiente. Porém, Almeida Júnior (2015, 2016) apresenta o termo com uma visão mais ampla, ao compreendê-lo como um “[...] espaço em que a biblioteca tem ou deve ter influência, interfere ou deve interferir.” (ALMEIDA JÚNIOR, 2016). Para o autor, ao trabalhar com informação, o profissional não está limitado a um espaço isolado geograficamente, pois as ações de interferência devem acontecer onde o sujeito está presente, independentemente do espaço. Para além dos aspectos ligados ao espaço físico relacionado ao ambiente da informação, na ambiência informacional, o mediador objetiva despertar no sujeito o prazer e o conforto de estar em contato com os dispositivos informacionais através das ações mediadoras, explorando locais e buscando promover a relação entre informação e sujeito de maneira efetiva e prazerosa.

Ao tratar sobre as necessidades informacionais, Almeida Júnior (2015) percebeu que elas não eram satisfeitas plenamente, pois, assim que o sujeito conseguisse identificá-la e encontrar as respostas, surgiriam novos interesses e curiosidades a partir dos quais são geradas descobertas que impulsionam o surgimento de novas buscas por informação. Isso leva ao terceiro aspecto que se destacou na reformulação do conceito - a geração de conflitos - porque a mesma informação que satisfaz a necessidade informacional, de maneira momentânea, é a que provoca, gera incertezas e dúvidas, ou seja, gera conflitos e desestabiliza os conceitos que o sujeito tinha como certos, de modo a tornar latentes novas demandas por informações. Esses conflitos não são negativos, pelo contrário, o sujeito é

provocado a enxergar o mundo com um novo olhar. A partir de então, surgem novas inquietações que precisam ser respondidas.

Com base nessa categoria apresentada por Almeida Júnior (2015), pode-se afirmar que esse conflito ocorre de maneira inter e intrapessoal. Quando a informação desestabiliza as certezas, o sujeito leitor passa a compreender e a interpretar as relações sociais sob uma nova perspectiva, ou seja, uma nova leitura é realizada, e essa ação prova um conflito ou uma ressignificação de sua postura no mundo. Assim, a informação é uma instância que ressignifica e transforma as relações que o sujeito tem com o mundo e o provoca a fazer uma leitura crítica e constante de sua participação no coletivo e das certezas que tem sobre o “mundo” que integra.

Para além dos aspectos destacados por Almeida Júnior (2015) no conceito de mediação da informação, também é preciso refletir sobre essa ação singular e plural. A ação singular da mediação da informação é alcançada quando o mediador tem um olhar sensível voltado para as características, a individualidade e os comportamentos que o sujeito apresenta. Por isso ele deve estar atento ao sujeito, para saber como ele age e como entende seu papel na sociedade. Ao atuar dessa forma, o mediador pode desenvolver estratégias para favorecer o desenvolvimento do sujeito, de modo que ele se sinta confiante para assumir seu lugar como protagonista na ação.

Como o sujeito apresenta suas características como indivíduo, ele também representará uma coletividade na qual ele está integrado, portanto, é importante que o profissional da informação compreenda que o sujeito é um ser singular, mas também está inserido na pluralidade de um grupo, o que requer uma mudança de postura e novas características que devem ser observadas. Logo, para alcançar uma ação plural da mediação da informação, o mediador deve atuar tendo em vista as características singulares dos sujeitos, sem negligenciar os comportamentos que eles poderão apresentar como representativos de uma pluralidade.

O conceito apresentado por Almeida Júnior (2015) possibilita entender a mediação da informação como uma ação em que se consideram as singularidades dos sujeitos e os aspectos plurais que constituem a comunidade que ele integra, portanto, interfere, individual e coletivamente, visando atender à individualidade que existe na diversidade. Assim, só por meio de uma ação que vise atuar conscientemente, os sujeitos poderão ter acesso aos subsídios necessários para se apropriar da informação.

Portanto, além de uma ação de interferência, a mediação da informação é um processo (ALMEIDA JÚNIOR, 2015). Cada movimento realizado pelo sujeito ou pelo mediador pode redimensionar o sentido da ação mediadora em que os sujeitos interferem e buscam um novo significado para alcançar os objetivos propostos de se apropriarem da informação e se desenvolverem cognitivamente e culturalmente.

Almeida Júnior (2009, 2015) defende que, quando uma ação de mediação da informação é feita conscientemente, poderá ser individual, coletiva, singular e/ou plural. Essas atividades se relacionam quando são demandadas pelos sujeitos e quando é preciso criar estratégias para apoiá-los. Então, além de ser um processo com etapas, planejamento e objetivos, as atividades de mediação da informação são moventes, visto que têm uma flexibilização decorrente da realidade e demandas que os sujeitos apresentam.

Depois de observar os elementos que compõem o conceito elaborado por Almeida Júnior (2009, 2015), é necessário refletir sobre o fundamento da mediação da informação e pensar sobre a necessidade de a ação mediadora alcançar as dimensões que Gomes (2014, 2016, 2020) defende: **a dialógica, a estética, a formativa, a ética e a política.**

Conforme se observou anteriormente, o processo dialógico é parte essencial do desenvolvimento do protagonismo social, que Gomes (2014) concebe como um dos objetivos da mediação da informação. É através do processo dialógico que se estabelecem e fortificam as relações entre os sujeitos e o mediador e em que é possível compartilhar ideias e promover o desenvolvimento do sujeito ativo.

A primeira dimensão da mediação da informação apresentada por Gomes (2014) é a dialógica, por entender o processo dialógico como base da mediação da informação.

O processo dialógico possibilita a interlocutores distintos o encontro e a manifestação das subjetividades que emanam da interlocução inter e intrasubjetiva. Na mediação consciente, a dialogia torna exequível o exercício da crítica e a observação mais clara das incompletudes e lacunas que promovem a desestabilização dos conhecimentos estabilizados em cada sujeito. (GOMES, 2014, p. 48).

A reflexão apresentada pela autora denota que, por meio do processo dialógico, é possível realizar uma interlocução intersubjetiva, que surge na interação entre o sujeito e o mediador ou com os outros que participam da ação. Tal prática consiste

em compartilhar ideias e experiências e trocar saberes. Então, se a ação mediadora for realizada de modo consciente, na perspectiva de se efetivar a dimensão dialógica, esse processo pode proporcionar aos sujeitos uma comunicação intrassubjetiva, caracterizada pela relação que eles podem estabelecer entre o tema que está sendo trabalhado no momento da ação e os aspectos de algo que já leram ou vivenciaram.

Ao alcançar esses dois níveis de interlocução, compreende-se que, por meio do processo dialógico, pode existir um estímulo do sujeito ao processo de autoconhecimento, impulsionando um pensamento crítico. Para isso ser possível, é preciso que o mediador respeite as diferenças e incentive os sujeitos a se expressarem e a ocuparem seu espaço de voz, com o fim de que a medição da informação alcance sua dimensão dialógica. (GOMES, 2020).

Gomes (2014) acrescenta que os mediadores da informação devem atuar conscientemente, para efetivar a mediação da informação no cumprimento de sua principal missão que é de possibilitar o protagonismo social. Para isso, o sujeito precisa estar consciente e entregue durante a ação, e o mediador, disposto e se autoavaliar, a se conhecer e se aperfeiçoar como protagonista. Assim, consciente do seu papel de protagonista, o mediador pode colaborar para que o sujeito se sinta confortável no ambiente informacional e participe ativamente das atividades, facilitando sua interação com o coletivo, para que ele também assuma seu papel social como protagonista.

Para além do desenvolvimento do autoconhecimento e da interação entre sujeitos e mediador, durante o processo dialógico, é fundamental que o sujeito se aproprie da informação que está sendo trabalhada na atividade. Almeida Júnior (2009) assevera que, ao se apropriar da informação, o sujeito passa a ser ativo na mediação da informação. No processo dialógico, além de estimular a interlocução, o mediador colabora com o sujeito, para que ele compreenda a informação a que teve acesso durante a ação, reflita sobre ela e a questione. Assim, o sujeito poderá criar os próprios significados, a partir do que lhe foi apresentado, e transformar-se em sujeito ativo, assumindo seu lugar de fala.

Como o processo dialógico, os sentimentos gerados e/ou percebidos pelo sujeito na mediação da informação também são peças fundamentais para que essa prática alcance resultados satisfatórios. Na dimensão estética da mediação da informação, são evidenciadas as relações de cumplicidade e de confiança que começaram a ser construídas na dimensão anterior. Ao passo que a mediação da

informação alcança a dimensão estética, proporciona aos sujeitos a construção de uma ambiência de acolhimento e conforto emocional em que se sintam parte da ação mediadora e possam criar e interferir nas atividades junto com o mediador, o que proporciona uma sensação de prazer por estar compartilhando aquele momento, fazendo parte do processo de criação, em que ele próprio se recria, portanto, transforma-se (GOMES, 2020). Por isso, a autora compreende que, na dimensão estética da mediação da informação,

Os sujeitos da ação comunicativa precisam transitar com 'conforto' no 'ambiente' do encontro, no espaço da interlocução, precisam desenvolver o sentimento de pertença, já que o encontro promissor com a informação é aquele capaz de gerar o terreno propício para o desenvolvimento intelectual e a construção do conhecimento. (GOMES, 2014, p. 50).

O alcance da dimensão estética também pode ser constatado na entrega e no desejo de se conhecer e conhecer o outro, citados durante o alcance da dimensão dialógica. Ao se permitir e se dispor a participar ativamente desse processo, o mediador pode observar suas próprias emoções e a dos sujeitos envolvidos na ação. Esse ato colabora para o processo de autoconhecimento e desenvolvimento.

Gomes (2014, p. 51) acrescenta que a dimensão estética caracteriza a mediação da informação como uma ação que gera experiências através do encontro do sujeito com a informação, com outros sujeitos e com os dispositivos que possibilitam o acesso a essas informações. Vivenciando essa experiência, o sujeito desenvolve o prazer de criar e recriar a si mesmo e suas ações, constrói uma autonomia, assume seu lugar de fala e é capaz de interferir na realidade social em que está inserido e de transformá-la.

Associada à dimensão estética da mediação da informação, na qual o sujeito experimenta a sensação de prazer e de pertença durante a execução das atividades, estimulando o pensamento crítico e autoconhecimento, a efetividade do alcance da dimensão dialógica da mediação da informação continuará contribuindo para que o sujeito assuma seu papel social. Ratificando a importância da comunicação para a mediação da informação, Gomes (2016, p. 100) apresenta a dimensão formativa.

[...] seu objetivo implícito relaciona-se ao desenvolvimento do protagonismo social, em que o processo dialógico torna possível o processo de aproximação entre agentes e dispositivos de informação, o que exige do mediador a consciência quanto a sua própria condição de protagonista (GOMES, 2016, p. 100).

Ainda com base em Gomes (2016), compreende-se que o alcance da dimensão formativa se dá quando a mediação da informação promove as condições necessárias para que os sujeitos redimensionem seus conhecimentos, saberes e pontos de vista. Sob a perspectiva de Gomes (2014), qualquer atividade humana tem um caráter formativo, visto que está ligada à ação, ao movimento e, ao se realizar, provoca uma (re)invenção do sujeito e da própria ação. A autora enuncia que esse momento ocorre quando o sujeito está entre o conhecimento adquirido e o que ainda não domina, e ao experimentar a reflexão e a crítica que esse processo provoca, ele pode ressignificar e expandir seus conhecimentos. (GOMES, 2020).

Em consonância com os estudos de Gomes (2014), a experiência é essencial para a realização da mediação da informação e contribui com o processo de formação do sujeito, porquanto é por meio dela que “[...] o sujeito se envolve e se implica, se entrega e se responsabiliza.” (GOMES, 2014, p. 54). Nesse contexto, a experiência e as relações proporcionadas pelo processo dialógico são fundamentais para ressignificar as informações e o sujeito em seu constante processo de formação.

Com base no conceito, pode-se entender a importância do mediador em assumir a consciência indicada por Gomes (2016), visto que esse profissional é o responsável por conduzir o sujeito para que possa se apropriar da informação e ressignificá-la e apoiá-lo durante sua própria ressignificação e formação como protagonista, o que exige do mediador um agir ético e cuidadoso com o outro ao longo da ação.

É necessário ressaltar que, durante o processo de conscientização e no apoio ao desenvolvimento do sujeito como protagonista social assim como em todo o processo de mediação da informação, o mediador atua conduzindo, orientando e interferindo para que o sujeito adquira esses elementos. A percepção de que o mediador interfere na ação traz à baila a preocupação citada por Almeida Júnior (2015, p. 23) sobre o limite tênue entre interferência e manipulação. O autor assevera que essa possibilidade não deve ser negada, mas conscientizada, para que os possíveis impactos sejam diminuídos. A partir dessa reflexão, ratifica-se que o mediador precisa alcançar a dimensão formativa da mediação da informação, visando a uma interferência baseada nos princípios teóricos e empíricos apresentados na literatura científica como também na práxis consciente, que darão subsídios para uma ação competente, crítica e que busque os princípios éticos.

Considerando a mediação da informação como uma ação que promove a interação entre sujeitos através do processo dialógico, visando contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico, do perfil protagonista e do autoconhecimento e que, para tal – como dito ao tratar da dimensão estética da mediação da informação – o sujeito precisa estar confortável e desfrutando da sensação de prazer de participar da atividade, é possível relacionar a mediação da informação com o ato de cuidar. (GOMES, 2014).

Durante a interação proporcionada pela mediação da informação, o sujeito expressa os sentimentos e as sensações que está experimentando naquele momento, e demonstra que se identifica com o profissional que medeia a atividade e que confia nele. Por essa razão, o mediador precisa agir com ética e sensibilidade, porque, ao mesmo tempo em que contribui para o desenvolvimento desse sujeito, lida com os sentimentos do outro com empatia e cuidado. Gomes (2014) ressalta, ainda, em suas reflexões, que são necessárias mais pesquisas na Ciência da Informação que relacionem a mediação da informação com o cuidado e com os aspectos psicológicos, éticos e estéticos que compõem essa ação.

De acordo com Gomes (2020), quando a mediação da informação alcança as dimensões citadas anteriormente, caracterizadas pelo processo dialógico, pelo acolhimento e pelo exercício crítico, é necessário que exista um espaço que respeite as singularidades dos que fazem parte da ação e assegure que todos possam se expressar. Tendo em vista que a ação mediadora tenha esse cuidado, é preciso alcançar a dimensão ética da mediação da informação. Sobre isso, Gomes assevera que

A consciência e a competência para interferir evitando a manipulação são dependentes da conduta ética associada a busca de identificação de sinais que indiquem o grau de conforto, confiança, cumplicidade e cooperação que se pode gerar na ação mediadora. Isso implica no desenvolvimento de competências para acolher, ouvir e dialogar com o outro, implica na capacidade de escuta e observação sensíveis dos comportamentos que se desdobram da ação mediadora, além da adoção de princípios que inibam a censura e o direcionamento do acesso à informação que desconsidere a igualdade de direitos e a liberdade de pensamento. (GOMES, 2014, p. 53).

Vê-se, então, que Gomes (2014) ressalta duas características a respeito da dimensão ética da mediação da informação: a consciência e a competência. Ao longo do estudo sobre a mediação da informação, a consciência é considerada importante em vários aspectos, como no planejamento, na execução da ação e na condução do

processo dialógico entre os sujeitos e a informação. Quando a mediação da informação é realizada conscientemente e alcança suas dimensões, o mediador deve agir pautado nesses objetivos, porque é com essa conduta que ele poderá contribuir para o processo formativo do sujeito e reconhecê-lo como um protagonista social.

A necessidade de desenvolver as competências para acolher, dialogar e ouvir o outro, citadas por Gomes (2014), confirma, mais uma vez, que os mediadores não devem censurar ou impedir a “entrega” dos sujeitos durante a ação. É preciso entender que proporcionar um ambiente amigável, acolhedor, livre e de confiança é vital para que os sujeitos possam se transformar e interferir em seu contexto sociocultural.

A transformação do sujeito é resultado do fato de a ação mediadora atingir todas as dimensões citadas anteriormente, é o alcance de sua liberdade em relação ao seu lugar de fala, de entender o seu poder, de mudar a si mesmo, o outro e o meio em que vive. Ao assumir a postura de protagonista social, com consciência e as competências necessárias citadas por Gomes (2014), o mediador interfere, cuida do sujeito e o provoca para que possa atingir essa transformação. Ao possibilitar essa mudança, a ação mediadora atinge a última dimensão tratada por Gomes (2016, p. 101) – a política.

Na vivência do processo de mediação se pode refletir acerca da situação vivida, sobre seus interlocutores, sobre o mundo e sobre si mesmo. Isso potencializa a formação da consciência que faz nascer o homem comprometido e capaz de intervir na realidade: o protagonista que contribuirá para a formação do protagonismo social. A potência transformadora que pode decorrer da ação mediadora aponta a dimensão política da mediação da informação, o que vindica do agente mediador uma tomada de posição acerca do papel social do seu fazer especializado.

Ao refletir sobre as dimensões da mediação da informação, Gomes (2014, 2016, 2020) reforça seu pensamento de que o objeto implícito desse tema é o desenvolvimento do protagonismo social. É possível notar isso, porque a ação mediadora é desenvolvida de modo consciente, visando alcançar a dimensão política, que contribui para a construção de um espaço crítico que possibilite o desenvolvimento do sujeito e do próprio mediador, para que ambos possam agir com consciência e se reconhecerem como protagonistas sociais. (GOMES, 2020).

De acordo com Gomes (2016), quando o mediador assume essa postura transformadora de protagonista social, age, constrói e interfere no meio, pode ser

chamado também de agente político, visto que não ocupa mais uma zona de conforto, e sim, evidencia seu papel social na sociedade. Em relação ao sujeito implicado pelo mediador e pela ação mediadora, pode-se dizer que ele se transforma em uma pessoa emancipada, que conhece o seu espaço de voz, o poder que pode ter e não volta a ocupar um espaço de agente passivo, que só aceita o que lhe é apresentado. Esse sujeito provoca e questiona mudanças, inspira o meio de que faz parte e assume seu papel social.

Uma vez que o sujeito desenvolve uma postura ativa e transformadora, ele também pode se reconhecer como um protagonista social. Para tanto, ressalta-se, novamente, que a ação mediadora deve alcançar as cinco dimensões através da tomada de consciência, visto que, para que esse perfil seja desenvolvido, é preciso ter autoconhecimento e tomar decisões a problemas sociais. (GOMES, 2019). Nessa perspectiva, é relevante a existência de dispositivos e ações mediadoras que contribuam para o protagonismo social.

Perrotti (2017, p. 15) assevera que ser protagonista “Significa resistência, combate, enfrentamento de antagonismos produzidos pelo mundo físico e/ou social e que afetam a todos.” O objetivo do protagonista não é de “derrotar o antagonista”, mas de superar obstáculos sociais que afetam os sujeitos e os interesses coletivos. O protagonista luta e resiste para que todos possam conviver juntos, respeitando as singularidades de cada sujeito. O combate a que Perrotti (2017) se refere não é uma coerção ao sujeito, mas um enfrentamento no plano ideológico, uma discussão sobre as ações e as posturas, ou seja, a busca para reconhecer e transformar o outro, a si mesmo e o meio.

Ainda segundo Perrotti (2017, p. 15), os protagonistas “[...] assumem a luta pela construção, pela criação, como atitude face ao mundo. Lutar, mais que enfrentamento ‘contra’, é modo de ser e de estar, de produzir e cuidar de um mundo comum, habitável e convivial.” O protagonista age em favor do meio, visando criar novos dispositivos que favoreçam o sujeito e sua convivência no coletivo. Assim, o protagonista é um agente criador que produz meios, métodos e dispositivos em prol do coletivo.

Em consonância com Perrotti (2017), entende-se que o protagonista atua em busca da alteridade¹, reconhece as diferenças do outro e entende que essas

¹ "A alteridade é o reconhecimento de que existem pessoas e culturas singulares e subjetivas que pensam, agem e entendem o mundo de suas próprias maneiras. Reconhecer a alteridade é o primeiro passo para a formação de uma sociedade justa, equilibrada, democrática e tolerante, onde todas e todos possam expressar-se, desde que respeitem também a alteridade alheia." (PORFÍRIO, 2022).

singularidades fazem parte do sujeito e de quem ele é verdadeiramente. Nessa conjuntura, ele pode atuar na perspectiva do respeito e da relação entre os diferentes.

O protagonista nem se recusa, nem assimila aprioristicamente o saber, a palavra do outro. Ele expõe-se, arrisca-se, coloca-se em diálogo permanente com a diferença, constrói o *si mesmo* na alteridade, em interlocução. Sua memória o protege, ainda que não se feche jamais nela mesma. O protagonista não é prisioneiro nem do *eu*, nem do *nós*. Está em estado permanente de regulação entre forças contrárias e inevitáveis que atuam no jogo das significações. Ele confronta signos, palavras, memórias, valores. Torna própria a informação de outrem, dá vida, carnalidade, imprime suas marcas aos signos, devolvendo-os ao espaço público de onde se originam. (PERROTTI, 2017, p. 23, destaque do autor).

Embora o protagonista social tenha suas crenças e princípios, ele não deixa de identificar as diferenças que fazem parte do sujeito, respeita essas singularidades, desconstrói-se e se reconstrói, enquanto aprende e convive com o outro. E apesar das características e dos princípios que carrega, não se fecha em si mesmo, está aberto ao novo, ressignifica seu olhar sobre o mundo e sobre o meio a que pertence na convivência com o outro.

Ser protagonista é mais do que agir, é agir por um propósito, ocupar um lugar de “[...] aparição, de visibilidade, inclusivo, que diz respeito a todos.” (PERROTTI, 2017, p. 14). Esse sujeito coloca-se no lugar do outro, não “se cala” nem aceita a situação e entende que é preciso ir em busca de um ambiente justo que respeite as singularidades de todos. No entanto, para agir dessa forma, pensando no coletivo, não necessariamente, mediador e sujeitos precisam estar no mesmo ambiente de maneira síncrona, “O outro está física ou simbolicamente presente, sempre considerado em seus atos.” (PERROTTI, 2017, p. 16). Tal situação remete à ação indireta da mediação da informação, tratada por Almeida Júnior (2009), na qual o sujeito não precisa estar presente para a ação ser realizada. Ele pode estar presente nas intenções e na memória do mediador, ao pensar e elaborar as atividades para favorecer o desenvolvimento do outro, e atua para atender às singularidades de todos.

Ainda de acordo com Perrotti (2017), existem dois paradigmas que marcam a história das bibliotecas e mostram a evolução da percepção que se pode ter da informação e do protagonismo. O primeiro deles foi a biblioteca *templum*, cujo objetivo era de conservar e preservar toda as informações com valor de memória social. Essa ideia relembra a Biblioteca de Alexandria e seu imponente acervo, que tinham como objetivo reunir o conhecimento do povo. O segundo paradigma foi a biblioteca

emporium, que, diferentemente da primeira, defendia não somente a preservação da memória, mas também sua difusão. Nesse segundo modelo, enfatizava-se o acesso à informação ali preservada, mas não havia preocupação com a apropriação daquela informação por parte dos sujeitos que tinham acesso. Considerando que apenas disseminar informações nem sempre é o suficiente para que todos compreendam, ressignifiquem e tomem como seu aquele conhecimento, foi compreendida a necessidade de mais um paradigma: o *forum*.

Ainda segundo Perrotti (2017), o último paradigma surgiu para evidenciar a necessidade de apoiar o sujeito para que ele se apropriasse da informação a que tinha acesso. Além disso, no *forum* existiam o favorecimento à interlocução entre sujeitos, a troca de ideias e a negociação de signos. Essa reflexão pode ser relacionada aos estudos realizados por Gomes (2014, 2016, 2020), que apresenta e defende o processo dialógico como basilar da mediação da informação, visto que, durante esse processo, há trocas de experiências, abertura a novos aprendizados e relação entre sujeitos, portanto esse momento é de suma importância para que os sujeitos possam não só se apropriar da informação, como também se reconhecer como protagonistas.

No decorrer dos paradigmas, a informação e o protagonismo vão se destacando. No *templum*, como a preocupação era de preservar a memória, não há uma postura ativa do profissional protagonista, diferentemente do que acontece no *forum*, em que existe uma inquietação não somente pelo acesso à informação, mas também na forma como os sujeitos se apropriam dela. Ou seja, no último paradigma, nota-se a atuação necessária do protagonista para favorecer a experiência do sujeito no ambiente e a relação que ele vai estabelecer com a informação.

É importante ressaltar que nem todos os sujeitos que se apropriam da informação e a ressignificam reagirão diante de um obstáculo ou injustiça social. Apesar de se indignar, não assumirá uma postura ativa contra aquilo. Portanto, é papel do mediador provocar, conduzir e produzir condições favoráveis para que o sujeito tenha acesso à informação, aproprie-se dela e se reconheça como protagonista social. Todavia ele é que deverá decidir se vai assumir esse lugar. Assim, tanto os sujeitos quanto os mediadores da informação podem atuar como protagonistas sociais, multiplicando as possibilidades de mudanças e benefícios para a coletividade.

Assumir uma postura protagonista requer coragem para se colocar diante dos problemas, respeitar as diferenças entre os sujeitos e aprender com elas. Nesse sentido, existe uma negociação entre as diversas perspectivas em prol do coletivo. Ao

pensar no termo negociação, é fácil estabelecer uma relação com comércio (compra e venda) e com conflito judicial, em que a negociação é um caminho para resolver esse impasse. Porém, ao lembrar a ação consciente tratada por Almeida Júnior (2009), é possível identificar a presença da negociação também na mediação da informação, visto que, ao mesmo tempo em que uma ação de mediação deve ser planejada e sistematizada, ela deve ser flexível e dinâmica e possibilitar a interferência do sujeito na ação. Portanto, entende-se que, no momento da ação consciente da mediação, estabelece-se uma negociação entre os sujeitos, o mediador e os dispositivos informacionais.

Contudo, para que essa negociação seja realizada, é preciso que o mediador permita a existência de um espaço para a criatividade e para a troca de ideias e de experiências por meio do processo dialógico. Essa postura deve ser aberta, porque ele vai para o ambiente informacional conduzir a ação, impregnado de vivências e de fundamentos teóricos adquiridos na Academia, ou seja, ele tem um olhar técnico e profissional sobre aquele momento, porém o sujeito também chegará ao ambiente com expectativas, demandas informacionais e impregnado de vivências. Logo, o mediador deve conduzir a situação para que não haja uma preponderância entre suas próprias ações e as crenças em relação ao sujeito, e sim, um processo de abertura, de interação e de trocas. Compreende-se que a negociação é uma “disputa” por espaço sem que existam prejuízos para nenhum dos lados, é o encontro das singularidades dos sujeitos em busca de uma solução plural que contemple a todos.

De acordo com o exposto, Oliveira (2014, p. 14) afirma que a negociação “[...] contempla, além de um modo de se relacionar, a busca por um diálogo (mesmo se árduo) na situação de divergência, ou seja, existe a consideração do outro enquanto possibilidade de troca e mudanças (dele e do ‘si mesmo’).” Então, além de atuar em favor da harmonia e da pluralidade dos sujeitos, a negociação também colabora com o processo de desenvolvimento e autorreflexão do sujeito, porque esse processo se realiza por meio da dialogia, que pode ser percebida ao longo da realização das atividades de mediação da informação. Por essa razão, a mediação deve ser consciente e utilizar meios e técnicas para despertar no sujeito uma consciência crítica com relação ao meio.

Quando o mediador da informação desejar realizar uma ação consciente, ele deve planejar e sistematizar as atividades, porém, em algum momento, o sujeito poderá apresentar demandas que vão além do que o mediador pensou e exigir que o

profissional medeia e negocia a situação, possibilitando uma troca de experiências, elemento essencial para o desenvolvimento formativo dos sujeitos.

O mediador negociador, nesse sentido, é também autor, intérprete e reinventor da cultura. É um nó essencial das tramas que possibilitam a invenção, a criação, a recriação de si e do outro quando, através de seu olhar, de sua atenção aos sujeitos e aos recursos que possui, traz informações, transmite, ouve, cria e promove a emergência de novos significados. (OLIVEIRA, 2014, p. 230).

Entende-se que o mediador precisará reconhecer o outro, com suas diferenças, seus costumes, suas crenças, apresentar-lhe o novo e promover uma aproximação com os ambientes informacionais, locais que são propensos à criação de novos significados e dispositivos. Nem sempre essa aproximação é um movimento simples de ser realizado, pois, muitas vezes, o mediador precisa entender o meio a que o sujeito pertence, onde ele se relaciona com os seus, ir ao seu encontro e apresentar esses ambientes e suas possibilidades, para ele se sinta seguro e estabeleça uma relação de pertença e de identificação com o dispositivo e com o mediador, de modo que possa se sentir bem naquele espaço.

Para realizar essa aproximação, se for preciso, o mediador pode flexibilizar e alterar regras para estabelecer uma conexão com os sujeitos, conquistá-los e favorecer a apropriação da informação, visto que “[...] a apropriação, ao contrário da assimilação, implica atuação, intervenção e, principalmente, negociações.” (OLIVEIRA, 2017, p. 1373). A apropriação não é uma atividade pacífica, e sim, ativa, em que o outro se coloca e expõe o que pensa. Trata-se de um conflito de ideias e conhecimentos, e sem que se desconsidere nenhum dos lados, constroem-se novos significados pautados nas informações, respeitando a pluralidade dos sujeitos e as diferentes visões de mundo que eles carregam.

Considerando as reflexões de Pieruccini (2007) de que a busca por uma postura protagonista e consciente do mediador da informação é alcançada por meio da relação e do uso no e com os dispositivos informacionais, compreende-se que o dispositivo informacional é

[...] um signo, um mecanismo de intervenção sobre o real, que atua por meio de formas de organização estruturada, utilizando-se de recursos materiais, tecnológicos, simbólicos e relacionais, que atingem os comportamentos e condutas afetivas, cognitivas e comunicativas dos indivíduos. (PIERUCCINI, 2007, p. 5).

Pode-se, então, compreender que os ambientes informacionais, como a biblioteca, por exemplo, são dispositivos informacionais, porque atuam sobre a realidade e sobre o sujeito, através dos seus acervos e recursos tecnológicos, e os mediadores da informação podem utilizar e atuar em favor do acesso e apropriação da informação por parte dos sujeitos. Desse modo, o mediador pode contribuir para que esses sujeitos desenvolvam um sentimento de pertença por estarem naquele dispositivo, participando de um processo de interlocução em que acontecem trocas de experiências, ideias e saberes. Isso reforça, mais uma vez, a importância do processo dialógico tratado por Gomes (2014, 2016, 2020), durante a realização da mediação da informação, uma vez que, através dele, existem a interação entre os sujeitos e o estímulo ao desenvolvimento do protagonismo e da consciência crítica.

É importante que os mediadores reforcem e promovam comportamentos de apropriação dos dispositivos, mostrando para os sujeitos que esses ambientes são fundamentais no acesso à informação, mas que também representam a cultura e a identidade do meio. Também devem explicar a lógica e o funcionamento dos procedimentos técnicos, fundamentais para organizar aquele dispositivo, visto que a formação do usuário é necessária para que ele possa utilizar o espaço e se sentir pertencente a ele, porquanto todas as normas - sejam elas para o espaço entre as estantes, para organizar as seções do acervo ou até mesmo de convivência - são pensadas para o leitor e contribuem para que os ambientes informacionais sejam um dispositivo inclusivo. Apesar de serem considerados dispositivos informacionais, os ambientes são constituídos de outros dispositivos, materiais ou não. De acordo com Pieruccini (2007, p. 6, destaque da autora), “Todo *dispositivo* informacional é uma configuração complexa, constituída por elementos heterogêneos: ambiente, técnicas, tecnologias, processo e produtos, regras e regulamentos, conteúdos materiais e materiais.”

Os dispositivos informacionais têm elementos com os quais os sujeitos podem manusear, decodificar e alterar, porque eles produzem novos dispositivos e disponibilizam naquele ambiente e podem ter uma relação afetiva e simbólica, resignificando o próprio ambiente informacional e se apropriando dele. Para tanto, os mediadores devem estimular a formação desses sujeitos no e com os dispositivos, afinal, “[...] apropriar-se do conhecimento é apropriar-se também dos *dispositivos*, com seus saberes e lógicas próprias.” (PIERUCCINI, 2007, p. 5, destaque da autora). Portanto, é papel do mediador formar um sujeito consciente, que tenha competência

para recuperar a informação, ter acesso a ela, usá-la e, com base no entendimento da lógica de produção de determinado dispositivo, produzir novos dispositivos.

Nessa conjuntura, o sujeito informacional está em constante processo de interpretar os dispositivos e a informação. Para que seja possível o acesso, uso e apropriação da informação é fundamental a realização da leitura, essa deve ser um processo de interpretação dos diversos dispositivos, meios e práticas que são apresentados e realizados pelos sujeitos. Assim, é preciso refletir sobre a leitura e suas inter-relações com a informação, fundamentada nas concepções da mediação da informação.

2.1 LEITURA: CONCEITOS, NÍVEIS E PROCESSOS

Para produzir novos conhecimentos, é essencial que esse sujeito também realize um processo de leitura. Martins (1988, p. 30, destaque da autora) refere que a leitura é “[...] *um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem.*” Com base na reflexão de Martins (1988), entende-se a leitura em um sentido amplo, que não se restringe aos textos verbais, visto que abrange outras formas de se expressar, por meio das quais o sujeito pode ampliar suas perspectivas e adquirir novos conhecimentos e experiências. A autora também utiliza a palavra “compreensão” para indicar que ler não é apenas decodificar, mas também se apropriar dos textos compartilhados entre os sujeitos.

Já para Petit (2009, p. 11), “A leitura é uma arte que se transmite, mais do que se ensina [...]” A visão da autora traz para essa ação um caráter de experiência emocional, fazendo rememorar os primeiros mediadores e leituras que os sujeitos podem ter em suas vidas, como, por exemplo, a família e as histórias para dormir, um ato que pode ser inconsciente, mas que poderá influenciar o sujeito a desenvolver o prazer pela leitura. Compreende-se que a leitura não é uma ação que se impõe, mas se apresenta aos sujeitos por meio de palavras, gestos e de diversas expressões que ele coleciona ao longo da vida. Assim, com base nessa reflexão, ler é uma ação que pode ser mediada e possibilita ao sujeito se apropriar das diversas expressões que ressignificam sua atuação durante a vida.

A leitura amplia perspectivas nas experiências que propicia, seja em grupo ou individualmente, e concede ao sujeito autonomia para pensar, reagir e assumir uma postura crítica e de responsabilidade social (MARTINS, 1988). Por isso, entende-se

que, ao apresentar essa nova visão e possibilidades, a leitura pode (trans)formar o leitor em um sujeito atuante, capaz de modificar a si mesmo e ao outro e produzir novos conhecimentos.

Para que uma leitura seja proficiente e provoque essa ressignificação no sujeito, é necessário que existam condições propícias a isso, porque não se trata apenas do ambiente em que a ação é realizada, mas também dos contextos externo e interno relativos ao sujeito em que ela acontece. (MARTINS, 1988). Tais condições impactam a forma e a interpretação que será feita da leitura, seja ela verbal ou não, o que poderá modificar os resultados dessa ação. De acordo com Martins (1988),

A dinâmica do processo é, pois, de tal ordem que considerar a leitura apenas como resultado da interação texto-leitor seria reduzi-la consideravelmente, a ponto de se arriscar equívoco como pensar que um mesmo leitor lendo um mesmo texto, não importa quantas vezes, sempre realizaria uma mesma leitura. (MARTINS, 1988, p. 33).

Nota-se que, ao proceder à mediação da leitura, o mediador precisa ter uma visão ampla do contexto em que essa ação se dá e como o sujeito reage a ela. A depender dessas variáveis, um mesmo texto, que antes não fazia sentido para esse sujeito, pode emocioná-lo da próxima vez que for lido, fazendo-o se reconhecer sob outra perspectiva através daquela leitura. Martins (1988) acrescenta que não basta entender a leitura como uma possibilidade de que haja relação entre o leitor e o livro. É preciso que se estabeleça um diálogo sobre o que a leitura – de um texto verbal ou não – pode provocar nos sujeitos e sobre o sentido que pode ser atribuído a ela.

Tendo em vista o envolvimento do leitor no processo de leitura e as sensações e as emoções que essa ação pode provocar, é provável que ele não identifique os diferentes níveis de leitura com que se depara ao realizar a ação. E como as condições em que o sujeito lê influenciam sua interação com o texto, também podem afetar a experiência com esses níveis de leitura, o que pode fazer com que eles sejam alcançados simultaneamente ou que um deles de destaque momentaneamente, a depender do contexto em que a leitura é realizada. Assim, de acordo com Martins (1988), existem três níveis de leitura: **o sensorial, o emocional e o racional**.

A leitura sensorial é o primeiro tipo de contato que se tem com a leitura, em que os sujeitos podem experimentar tocar, ouvir – no caso dos livros interativos – e ver um jogo de cores e imagens que chama à atenção e convida ao toque. É através dela que o leitor começa a reconhecer o que gosta ou não, sem precisar se justificar, apenas

porque lhe desperta prazer a partir da experiência sensorial que tem. (MARTINS, 1988).

Os racionalistas dirão: mas o importante é o que está escrito! Não se trata de racionalizar: a questão aqui envolve os sentidos. Do contrário, como explicar o prazer que pode despertar aos olhos e ao tato um belo exemplar, em papel sedoso, com ilustrações coloridas e planejamento gráfico cuidadoso, mesmo o texto escrito sendo piegas, cheio de falsas verdades ou ainda absolutamente indecifrável? E a revista inescrutável, envolta por um plástico, deixando à mostra apenas a capa atraente e estimulante? Num primeiro momento o que conta é a nossa resposta física ao que nos cerca, a impressão em nossos sentidos. Esses, entretanto, estando ligados às emoções e à razão, às vezes pregam peças, surpreendendo, perturbando, mudando o percurso de nossa leitura. (MARTINS, 1988, p. 47)

Provavelmente todo leitor, alguma vez, já se deixou seduzir por uma capa bonita e colorida de um livro, antes de descobrir se o conteúdo lhe interessava ou não. A escolha pelo tipo da folha, se tem ou não imagens, é um detalhe que faz parte da experiência sensorial, como, por exemplo, de se ter um livro e de lê-lo ou não. Na perspectiva de se deixar levar pelos sentidos e pela resposta física, é fácil se lembrar das pessoas que utilizam livros como objetos de decoração, justamente pela beleza visível que leva para o ambiente. (MARTINS, 1988). Ser conduzido pela percepção sensorial não descaracteriza ou desmerece o processo de leitura, pelo contrário, o prazer despertado pelo contato físico com algum livro pode deixar registrado na memória do leitor a satisfação por aquela leitura, motivando-o a buscar outros exemplares que despertem a emoção inicial.

É certo, porém, que, embora nem todos os livros agradem aos sentidos do leitor inicialmente, se a leitura se inter-relacionar com as emoções dele e despertar alegria, curiosidade, tristeza (MARTINS, 1988), além de a aparência ser um detalhe que não vai ser tão importante, ele entrará em outro nível de leitura - o emocional.

Como acontece com o nível sensorial, o nível emocional pode ser caracterizado por uma resposta comportamental e espontânea à experiência da leitura. Nesse nível, o leitor é envolvido pelas emoções e pelas memórias que o texto lhe provoca, identifica-se com o personagem, com o local ou a situação descrita, e esse sentimento acaba por envolvê-lo na história sem que seja necessário racionalizar o motivo naquele momento. Ainda de acordo com Martins (1988), essa leitura é mais comum pelas pessoas que dizem gostar de ler, provavelmente por ser envolvente e prazerosa, e o objetivo inicial seja de despertar diversos sentimentos.

Na leitura emocional, emerge a empatia, tendência de sentir o que se sentiria caso estivéssemos na situação e circunstâncias experimentadas por outro, isto é, na pele de outra pessoa, ou mesmo de um animal, de um objeto, de uma personagem de ficção. Caracteriza-se, pois, um processo de participação afetiva numa realidade alheia, fora de nós. Implica necessariamente disponibilidade, ou seja, predisposição para aceitar o que vem do mundo exterior, mesmo se depois venhamos a rechaçá-lo. (MARTINS, 1988, p. 51 e 52).

Na leitura emocional, o sujeito pode estar “vulnerável” (MARTINS, 1988), entregue à leitura e disposto a sentir e a viver aquele texto, por isso exige a disponibilidade a que a autora se refere. É preciso se desprender de crenças ou de preconceitos e se propor a conhecer e a entender a realidade que o texto lhe apresenta. Para além da leitura ficcional, em que talvez seja mais comum ou mais fácil identificar o nível emocional, pode-se dizer que ela também pode acontecer durante a leitura de textos acadêmicos. Essas leituras, que, em algumas circunstâncias, são “obrigatórias” para os leitores, também podem despertar emoções, e eles podem se identificar com as ideias do autor, na forma como ele aborda o conteúdo, pode existir também um “debate” devido ao conflito de visões diferentes, “[...] na leitura emocional, não importa perguntarmos sobre o seu aspecto, sobre o que um certo texto trata, *em que* ele consiste, mas sim o que ele *faz*, o que *provoca* em nós.” (MARTINS, 1988, p. 52 e 53, destaque da autora).

Por se tratar de uma leitura em que os sujeitos estão mais “vulneráveis” e têm como motivação inicial uma possível distração e lazer, podem existir questionamentos sobre a validade dessa leitura, como acontece com a sensorial. As pessoas sentem necessidade de explicar por que estão lendo aquele livro e por que se identificaram com ela ou se emocionaram, existe uma cobrança de racionalizar a leitura e justificar as preferências particulares. (MARTINS, 1988). O sujeito deixa-se envolver pela leitura de um livro, um filme ou uma novela não descaracteriza a importância daquele ato e o significado que ele poderá adquirir, talvez seja devido à leveza que esse processo permite ao sujeito que ele compreenda emoções que antes não saberia explicar.

É importante ressaltar que, apesar de esse tipo de leitura servir como “válvula de escape”, ela pode ter outras funções, além de refúgio para fugir da realidade. (MARTINS, 1988). A leitura emocional pode colaborar para que o leitor compreenda os sentimentos e se reencontre consigo mesmo, porquanto traz lembranças da infância e da adolescência e serve de reflexão para situações cotidianas e para

solucionar problemas. Então, mesmo que o sujeito esteja desfrutando de uma leitura despreziosa, refletir e questionar são importantes para sua experiência e a convivência social.

Ainda que uma leitura se torne uma lembrança agradável e que, futuramente, desperte no leitor a necessidade de reler e reviver todas as emoções, em algum momento, ele sentirá necessidade de justificar ou encobrir os sentimentos que realmente foram revelados por aquela leitura. (MARTINS, 1988). De acordo com Martins (1988, p. 62), “[...] agimos assim porque temos motivos intelectuais para isso.”, associar a leitura a emoções e experiências pessoais parece enfraquecer a importância daquele ato ou descaracterizá-lo, entretanto, a leitura emocional pode conduzir o sujeito a ressignificar-se e a alcançar o próximo nível – o racional.

Pensar na leitura no nível racional é entendê-la como a maneira “correta” de se ler, de se apreciar a linguagem escrita, pois isso traz um status de intelectualidade. (MARTINS, 1988). A leitura, nesse caso, é vista como algo que deve ser “levado a sério”, portanto não deveria existir um envolvimento pessoal ou relação com as próprias experiências ao realizá-la. Porém, ao analisar os detalhes que caracterizam a leitura como racional, talvez ela deva ser entendida como a que mais exige envolvimento pessoal, uma vez que, através dela, o leitor recorre à própria experiência para dar sentido à leitura. Então, estabelece-se um diálogo entre o texto, o leitor e o contexto. Tal diálogo evidencia a inter-relação que acontece entre os três níveis. Cada um deles contribui em um aspecto para que a experiência de leitura do sujeito seja significativa e importante.

[...] a leitura racional acrescenta à sensorial e à emocional o fato de estabelecer uma ponte entre o leitor e o conhecimento, a reflexão, a reordenação do mundo objetivo, possibilitando-lhe, no ato de ler, dar sentido ao texto e questionar tanto a própria individualidade como o universo das relações sociais. E ela não é importante por ser racional, mas por aquilo que o seu processo permite alargando os horizontes de expectativa do leitor e ampliando as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social. (MARTINS, 1988, p. 66).

Assim, entende-se que esse nível é considerado racional não por ser superior aos outros ou por essa ser a forma correta de se ler, mas por ele provocar o leitor a compreender que a leitura é a soma das sensações, dos sentimentos e da criticidade para questionar e entender os textos e se apropriar deles.

[...] na leitura racional, o leitor visa mais o texto, tem em mira a indagação; quer mais compreendê-lo, dialogar com ele. Isso nos leva a considerar a leitura racional como sendo especialmente exigente, pois a disponibilidade emocional, o processo de identificação, agora, se transforma em desprendimento do leitor, em vontade de apreender um processo de criação. (MARTINS, 1988, p. 71).

Quando lê, o sujeito exercita um olhar crítico, consciente e problematizador, visto que, ao estar atento ao processo da criação de um texto, pode apreender as particularidades que o diferenciam dos demais e que chamam à atenção. Cada texto tem sua singularidade e oferece ao leitor subsídios para confrontar uma leitura com a outra. Isso amplia as exigências do sujeito e pode instigá-lo a se aventurar em diferentes gêneros, a fim de adquirir novas experiências. (MARTINS, 1988).

Diante disso, é possível ratificar a ocorrência de uma simultaneidade entre os níveis de leitura, visto que, mesmo ao analisar criticamente um texto, com o objetivo de dar sentido ao que é lido, o leitor usa conhecimentos anteriores, da experiência de outras leituras e sentimentos despertados pela escrita de um autor, evidenciando não uma hierarquização entre os níveis, mas um complemento, uma inter-relação entre razão e emoção. (MARTINS, 1988).

Ao ampliar as percepções sobre o ato de ler, Jouve (2002) defende que essa ação tem várias facetas. Por isso é necessário trazer à baila o que é a leitura e os processos que a compõem sob o olhar de Jouve (2002), que teve como base para a sua fundamentação os estudos de *Gilles Thérien*. Para o autor, “A leitura é uma atividade complexa, plural, que se desenvolve em várias direções.” (JOUVE, 2002, p. 17). Em concordância com os conceitos discutidos anteriormente, Jouve (2002) apresenta explicitamente que a leitura é uma ação plural. Nessa perspectiva, pode-se entender que, quando os sujeitos leem, mesmo que individual e silenciosamente, estão praticando uma ação coletiva, ou seja, dialogando com autor(es) e as diversas informações e conhecimentos construídos a partir de suas vivências que implicam a existência e a interferência de um outro sujeito. Também se pode observar que a leitura ativa diversas funções no sujeito, como, por exemplo, emocional, reflexiva, crítica, simbólica, entre outras. Dessa maneira, o sujeito pode, em uma mesma leitura, desenvolver diversas sensações que possibilitam o alcance de uma leitura plural.

É importante ressaltar que, quando o leitor está fazendo uma leitura e se identifica com os personagens ou com a maneira como o autor reflete e expressa suas opiniões, ele não está mais sozinho. Nesse momento, ele está imerso na realidade

que se apresenta para ele durante a leitura e tem como companhia os personagens e o autor com que se identificou. Com base nas reflexões apresentadas por Martins (1988), Petit ([2009]) e Jouve (2002), compreende-se que a leitura envolve reflexão, criticidade, problematização e apropriação das diversas narrativas que cercam o sujeito em sua pluralidade e o conduzem a ressignificar sua atuação, portanto, a leitura é um ato de transformação do sujeito e de sua interferência no mundo, um ato político.

Dando prosseguimento às reflexões de Jouve (2002), o autor aborda a leitura a partir de cinco processos: **o neurofisiológico; o cognitivo; o afetivo; o argumentativo e o simbólico**. No que diz respeito ao processo neurofisiológico, Jouve (2002) traz uma visão da leitura como um ato de “[...] percepção, de identificação e memorizar signos.” Signos são os diversos objetos e formas passíveis de leitura e de interpretação. Essa assertiva corrobora o pensamento defendido por Martins (1988) de que a leitura pode ser realizada independentemente da linguagem utilizada.

Destacam-se, também, as palavras percepção, identificação e memorização adotadas pelo autor, por meio das quais se pode entender que, nesse processo neurofisiológico, o leitor atribui à leitura significados e sentidos, a partir do que identifica e em que se (re)conhece. Para isso, utiliza o que “memorizou” de leituras anteriores. Por isso, ao tratar da leitura nesse processo, Jouve (2002) entende que o ato de ler é subjetivo, porque cada leitor, com base em suas vivências e em seus conhecimentos, interpreta a leitura.

Ainda de acordo com Jouve (2002), ao interpretar e tentar entender a leitura que está sendo realizada, o leitor pode alcançar o processo cognitivo. Nesse processo, o autor trata da progressão, da interpretação e da compreensão da leitura. Jouve (2002) utiliza como exemplo a leitura de textos verbais, uma vez que o leitor está realizando essa leitura, que lhe agrada e desperta sua curiosidade, seu desejo será de concluir, o mais rápido possível, a leitura do texto. Assim, ele prossegue com a leitura sem comprometer a interpretação dos fatos relatados. Porém, no caso de um texto complexo, o leitor realizará a leitura de modo diferente, porquanto sua prioridade será interpretar e compreender o que ele aborda. Desse modo, ele prejudicará a progressão dessa leitura. Jouve (2002) deseja chamar à atenção para a necessidade de o leitor ter conhecimentos anteriores que contribuirão para a realização e a interpretação de uma leitura progressiva. Conseqüentemente, esse processo se inter-relacionará com o anterior, porque, quanto mais o leitor interpreta e memoriza

diferentes signos com que tem contato em suas vivências, mais subsídios ele terá para entender e confrontar leituras posteriores.

Ao mesmo tempo em que é possível inter-relacionar o processo cognitivo com o neurofisiológico, pode-se estabelecer essa relação com o processo afetivo, já que, para a leitura despertar no leitor curiosidade e contentamento, é necessário que existam emoção e identificação com o texto. Para Jouve (2002, p.19),

Se a recepção do texto recorre às capacidades reflexivas do leitor, influi igualmente – talvez, sobretudo – sobre sua afetividade. As emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção. É porque elas provocam em nós admiração, piedade, riso ou simpatia que as personagens romanescas despertam o nosso interesse.

Apesar de o autor exemplificar o processo a partir da leitura verbal literária, ela também acontece na leitura de textos verbais científicos e de textos não verbais, como em uma escultura, por exemplo. Se o leitor tiver em casa um objeto patrimonial da família que lhe traga lembranças, ele lhe conta uma história única e lhe despertará emoções que somente ele entenderá. É a identificação por meio da leitura emocional que ele faz daquele objeto. De acordo com Jouve (2002), esse processo traz para o leitor uma vulnerabilidade afetiva caracterizada pelo interesse despertado através dos fatos – reais ou não – é a ligação afetiva com a leitura. Essa relação da leitura com a emoção e a vulnerabilidade do leitor também foram discutidas sob a perspectiva de Martins (1988), ao tratar do nível emocional da leitura. Assim, com base nas reflexões propostas por ambos os autores, é possível afirmar que a leitura é um ato emocional, porque essa identificação entre o sujeito e a leitura, proporcionada pela emoção, pode despertar o prazer de ler.

Tratar da leitura no processo afetivo e da identificação que ela desperta conduz o leitor ao processo argumentativo. E quando ele se identifica com um texto, isso quer dizer que tanto pode concordar e defender o ponto de vista do autor quanto discordar e refutar as ideias de acordo com seus conhecimentos. Jouve (2002, p. 21, destaque do autor) refere que, em todo texto, existe a intenção *illocutória* que é “[...] a vontade de agir sobre o destinatário, de modificar seu comportamento.” E seja qual for o tipo de texto, o autor tentará convencer os leitores com base em seus argumentos. Ainda segundo Jouve (2002), o autor utiliza a argumentação para fazer o leitor questionar sobre o que entende. E nesse “jogo” do que vai escolher defender ou não, o leitor é

levado pelo autor a enxergar as múltiplas possibilidades nas entrelinhas dos argumentos e não somente a que está óbvia.

Quando o leitor é envolto nesse jogo, para entender o sentido do que lê, poderá alcançar o processo simbólico, que ainda de acordo com Jouve (2002), trata-se da influência do contexto cultural em que está inserido e dos sentidos que ele lhe atribui. Isso significa que cada leitor, de acordo com seu contexto cultural, dará um sentido à leitura. Esse último processo, o simbólico, reafirma o entendimento de Jouve (2002) sobre leitura, visto que, ao analisar o conceito trabalhado, cada sujeito atribuirá um sentido à leitura de acordo com o que se identifica, com seu contexto cultural e suas vivências. Logo, cada interpretação será subjetiva e segundo a perspectiva do sujeito que a está realizando.

Ainda que a leitura seja apresentada sob a ótica de autores e épocas diferentes, podem-se reconhecer traços e características em comum em seus discursos. A emoção, a identificação e os questionamentos fazem parte do processo, e o leitor sofrerá influência de cada um deles durante a ação.

Para que essa experiência possa transitar entre emoções, pensamentos e questionamentos, proporcionar novas descobertas e vivenciar as possibilidades que perpassam os níveis e os processos de leitura, é necessário que essa ação seja prazerosa e vista como um processo leve, capaz de entreter e despertar transformações.

O gosto pela leitura não pode surgir da simples proximidade material com os livros. Um conhecimento, um patrimônio cultural, uma biblioteca, podem se tornar letra morta se ninguém lhes der vida. Se a pessoa se sente pouco à vontade em aventurar-se na cultura letrada devido à sua origem social, ao seu distanciamento dos lugares do saber, a dimensão do encontro com um mediador, das trocas, das palavras 'verdadeiras', é essencial. (PETIT, [2008], p. 185).

Nesse sentido, é necessário refletir sobre a responsabilidade social do mediador, tanto da informação quanto da leitura, em relação aos desafios sociais que se apresentam como barreiras no acesso à leitura e aos dispositivos informacionais. Como existem diversos contextos sociais, é esperado que haja diferentes apresentações ao ato da leitura. Enquanto alguns sujeitos encontram o prazer de ler ainda na infância, por meio da família e de atividades culturais propostas pela escola, outros só despertam o prazer para essa ação quando adultos ou idosos. Adquirir o gosto pela leitura é um prazer que pode e deve ser desfrutado em qualquer idade,

fazendo com que o mediador tenha a responsabilidade de apresentar e aproximar essa ação do sujeito e de desmitificar, nesse processo, possíveis “estranhamentos” quanto aos dispositivos informacionais e às leituras. Nesse caso, ele poderá apresentar o “novo” – as leituras, os dispositivos – aos leitores em potencial e ampliar os horizontes do saber desses sujeitos, envolvendo-os nessa experiência que pode ressignificá-los. O mediador também deve possibilitar um espaço de voz, incentivar o leitor a atuar de maneira ativa nas atividades de mediação da leitura e compartilhar suas vivências e seus saberes, de modo a ressignificar o processo de mediação.

2.2 ENTRELACES DO ATO DE LER, DA MEDIAÇÃO DA LEITURA E DA MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

A partir da reflexão sobre a relevância da leitura como um ato em que se deseja ser consciente, humanizador, político e problematizador, evidencia-se o papel social do mediador na realização dessa ação e no apoio à formação de sujeitos leitores. Sousa, Santos e Jesus (2020, p. 18), ao refletir sobre a mediação da leitura, aproximaram essa ação com o conceito de mediação da informação elaborado por Almeida Júnior (2015). Para as autoras, a mediação da leitura é uma

[...] ação realizada conscientemente por um profissional da educação, da informação e/ou da cultura, de maneira individual ou coletiva, que propicie uma leitura singular ou plural na ambiência dos dispositivos informacionais, sociais e culturais, na perspectiva de possibilitar a apropriação da informação.

De acordo com as reflexões apresentadas pelas autoras, quando a mediação da leitura é feita de maneira consciente, poderá favorecer uma construção singular e plural dos encontros entre os sujeitos e os dispositivos, potencializando o alcance da apropriação da informação que poderá subsidiar o protagonismo social. Dessa maneira, o mediador e o leitor realizarão leituras de si, do outro e do meio, considerando sua atuação ativa, na perspectiva de contribuir para ressignificar os dispositivos culturais e sociais. Assim como as autoras destacam, a leitura e a mediação ocorrem nas instâncias informacionais, sociais e culturais, e devem considerar os diversos dispositivos e dinâmicas de mediação da leitura.

Na perspectiva de Bortolin (2010), a mediação da leitura é abordada a partir do texto literário. A autora compreende a “[...] Mediação de leitura literária como a interferência casual ou planejada visando levar o leitor a ler literatura em diferentes suportes e linguagens.” (BORTOLIN, 2010, p. 115). Ao tratar da mediação da leitura

sob a ótica da literatura, o mediador pode proporcionar ao leitor o encontro consigo mesmo e com o outro, despertar sentimentos sem deixar de apresentar novas visões do meio, uma vez que, para a autora, literatura é a “[...] possibilidade de conhecimento, percepção de sociedade em diferentes épocas, mas também como objeto de prazer e entretenimento do leitor.” (BORTOLIN, 2010, p. 107).

A autora acrescenta outra característica ao abordar a mediação da leitura literária, a oralidade. De acordo com Bortolin; Cavalcante; Santos Neto e Almeida Júnior (2015, p. 4), a oralidade é entendida como

[...] toda comunicação em que o indivíduo utiliza o seu suporte vocal e corporal, sendo no exercício diário de uma profissão, como advogado, professor, jornalista, profissional da informação ou numa manifestação oral não planejada.

Nesse sentido, ao agregar a oralidade na perspectiva da mediação da leitura literária, Bortolin (2010) entende que essa característica é essencial para o desenvolvimento da ação, visto que, através dela, é possível envolver os leitores nas emoções e nas lembranças proporcionadas pelo compartilhamento da leitura durante a mediação. Existem dois tipos de oralidade, a “[...] *ancestral* é o ato humano de expressar ideias e sentimentos com *voz viva* e a *nova oralidade* é a transmissão oral mediada por uma tecnologia, sendo ela simples ou sofisticada.” (BORTOLIN; ALMEIDA JÚNIOR, 2014, p. 178, destaque dos autores).

Ao entender a profundidade, a importância e as possibilidades que a oralidade agrega à mediação da leitura, visto que ajuda a construir uma ambiência para a ação e envolve o leitor e o mediador por meio dos elementos que a compõem, que são “[...] voz, corpo, movimento, respiração, ruído, som, cheiro, gesto, olhar, sussurro, pausa e silêncio.” (BORTOLIN, 2010, p. 21), a autora dedicou-se às pesquisas acerca da oralidade e elaborou um conceito para definir a ambiência que a oralidade e seus elementos agregam à mediação da leitura, a que chamou de *oralisfera*. Segundo Bortolin (2010), a *oralisfera* surgiu da soma das palavras *oralis*, que significa boca, e *sfera*, que pode ser definida como camada, espaço, envoltório ou ambiente. Sendo assim, compreende-se a *oralisfera* como a “[...] existência de uma atmosfera que envolve o ato da oralidade.” (BORTOLIN, 2010, p. 21).

Bortolin (2010) assevera que a mediação da leitura requer afeto e envolvimento, visto que, ao utilizar, durante a ação, os elementos da oralidade, o mediador conquista a confiança dos sujeitos, aprende com eles novas perspectivas e

os impulsiona à auto ressignificação, a fim de que ele também ressignifique seu meio. Nesse sentido, a oralisfera dá segurança ao leitor para que ele se expresse e sinta as emoções provocadas pela literatura, portanto, trata-se da construção propícia para a interação por meio da leitura.

Ainda segundo Bortolin (2010), as sensações e a liberdade que a oralisfera proporciona devem-se às características que a compõem, que são: gasosa e psíquica. Para a autora, a gasosa é o “[...] resultado da somatória de manifestações corporais do grupo”, e a psíquica, o “[...] alcance ficcional de cada indivíduo.” (BORTOLIN, 2010, p. 24). A oralisfera interfere tanto no âmbito singular quanto no plural, isso quer dizer que a leitura o atinge em sua subjetividade como também proporciona a identificação e o compartilhamento em sua coletividade.

Ainda sobre as reflexões acerca da oralidade, Bortolin (2010) apresenta quatro pilares que a compõem e contribuem para o desenvolvimento da performance oral do mediador. São elas: **voz, corpo, espaço e presença**. Em relação à voz, a autora destaca que uma comunicação oral efetiva, com boa pronúncia das palavras e entonação pode marcar a memória de uma pessoa e, durante a ação, prender a atenção dos leitores. Através da voz, o mediador pode expressar sentimentos e demonstrar a inflexão de palavras, utilizando mudança de tom, ritmo e modulações. (BORTOLIN, 2010). Entretanto, Bortolin (2010) sugere que, ao utilizar esse recurso vocal, o mediador precisa ter cuidado para não exagerar em suas expressões e modulações, porquanto o objetivo é de envolver os leitores na ação e fazê-los despertar a imaginação, e não, assustá-los.

Como os leitores são envolvidos pela narrativa, o mediador, como sujeito participante, também poderá ser envolvido e se emocionar. Por isso, Bortolin (2010, p. 180) ressalta que “[...] não se deve cobrar do mediador oral neutralidade. Ele é humano e, por ser humano, se emociona ao transmitir um texto. Ele não deve esconder sua emoção, pelo contrário [...]”, deve transparecer essa sensibilidade, uma vez que presenciar esse momento de entrega – no caso, pela visão do leitor – é inspirador e envolvente. Vivenciar e presenciar esses momentos proporcionados pela mediação da leitura demonstra que essa ação pode propiciar prazer, (re)encontro e ressignificar a vida dos sujeitos.

Bortolin (2010) chama a atenção, ainda, para o modo como o mediador utilizará a voz durante a realização da mediação da leitura, uma vez que ele tem duas opções: a leitura em voz alta e o contar. De acordo com a autora, no primeiro caso, o mediador

segue a estrutura do texto e a entonação necessária para ser fiel ao que o autor propôs. Já na contação, ele lê com mais liberdade, pode modificar o texto à medida que inclui falas e utiliza o corpo para se expressar. A autora ressalta que a leitura, independentemente do modelo adotado, deve ser praticada com antecedência, e o mediador precisa dominar o texto, o que proporciona mais confiança para o profissional no momento da ação.

Nota-se que a voz agrega à mediação da leitura a emoção de “viver” um texto, a identificação e o envolvimento pelo que é compartilhado e pela forma como isso é feito, proporcionando aos sujeitos conhecimento e o sentimento de pertença. Ao utilizar a voz para se expressar, os mediadores também podem utilizar o corpo para enfatizar ou complementar com gestos o que falam, por isso o próximo pilar a que Bortolin (2010) refere-se é o corpo.

Esse segundo pilar talvez seja complemento do primeiro, porque, como dito anteriormente, ao utilizar a voz, normalmente usamos o corpo para fazer movimentos que expressam e traduzem até mesmo o que não verbalizamos. Para Bortolin (2010), o olhar, as expressões faciais e a respiração fazem parte das expressões corporais que se manifestam e ressignificam a leitura que está sendo realizada, visto que, por meio dessas expressões, o mediador pode transmitir aos leitores, durante a ação, o que os personagens estão “sentindo”. Esse seria outro modo de cativar os sujeitos ao realizar a mediação.

Assim, como foi ressaltado sobre o uso da voz, ao utilizar o corpo para se expressar, o mediador deve ter cuidado com os movimentos exagerados ou acessórios barulhentos que possam tirar a atenção dos leitores do que realmente importa, a ação. (BORTOLIN, 2010). Por isso, deve estar atento aos seus movimentos durante a ação, independentemente da posição que escolheu para a realização da mediação, sentado ou em pé, ele precisa fazer com que a mensagem seja recepcionada e entendida pelos leitores.

Ao tratar sobre o terceiro pilar, o espaço, Bortolin (2010) afirma que existem quatro aspectos que o compõem: **o físico, o cultural, o psicológico e o ficcional**. No que tange ao aspecto físico, a autora, com base em *Maria Emília Traça*, reflete sobre a necessidade de se atentar para elementos como iluminação adequada, visto que os leitores precisam visualizar, sem dificuldade, como a ação é realizada. Todavia, se o espaço receber luz natural, o cuidado que o mediador deve ter é com o sol na direção dos leitores, que pode provocar algum incômodo. Além disso, o espaço

precisa ser confortável, e o leitor sentir-se à vontade naquele lugar, para que tenha vontade de ficar e de voltar em outras ações. É necessário, ainda, prestar atenção ao barulho externo, pois, se o espaço fica próximo a uma rua movimentada, é inviável realizar uma ação no horário de trânsito, já que, provavelmente, as buzinas dos carros tirarão o foco da ação. Esses são aspectos que podem ser planejados, caso o espaço esteja sendo construído para esse fim, ou adaptados em espaços já existentes. O importante é que haja conforto e segurança para os leitores e mediadores no espaço físico onde ocorre a mediação da leitura.

Tais características do aspecto físico são citadas também por Pieruccini (2007), por exemplo, quando chama a atenção para a climatização, a estética, as formas dos objetos que fazem parte do espaço e o *design* dos móveis na busca pelo conforto e pela identificação do leitor com o espaço. Além disso, ter esse cuidado com o espaço onde as ações serão trabalhadas favorece também a apropriação da atividade, das leituras e do próprio espaço. O mediador da leitura deve proporcionar ao leitor um sentimento de conforto e pertença no ambiente em que ocorrerá a mediação da leitura, com o fim de favorecer a interação e os processos de compartilhamento entre os sujeitos.

Quanto ao aspecto cultural, Bortolin (2010) indica que esse elemento corresponde à identificação do leitor com o espaço e se desperta o sentimento de pertença. Por isso, Santos (2012) aponta que

[...] o usuário, ao interagir com o ambiente físico da biblioteca, poderá desenvolver um sentimento de pertencimento, considerando que esse ambiente lhe confere um sentido de ação e de desenvolvimento cognitivo, social e cultural [...]. (SANTOS, 2012, p. 47).

Entende-se, portanto, que não basta considerar o conforto físico em um espaço de leitura, mas também o conforto emocional, se existem elementos com os quais os leitores possam se identificar como sujeitos individuais e que representem o seu coletivo. Bortolin (2010) entende, ainda, que, quando o leitor se identifica com o espaço, ele pode se apropriar dos textos e alcançar um dos objetivos da mediação da leitura, que é de envolver e conquistar o leitor através da leitura.

No que tange ao aspecto psicológico, o mediador deve estar atento às reações dos leitores e à interação deles com os demais – leitores e mediadores. (BORTOLIN, 2010). Bem como deve estar atento ao grupo em que trabalhará a ação, observando

quais os tipos de leituras são realizadas e como impactarão nos leitores no âmbito singular e no plural. Observar a reação dos leitores ao realizarem a ação é importante para que o mediador possa fazer adaptações e entender o que mais os atrai e os empolga.

Por último, o aspecto ficcional diz respeito à tarefa do mediador de facilitar e tentar conduzir o leitor durante a ação para que ele se entregue à leitura e à imaginação. Ele deve levar em consideração os elementos que são perceptíveis no aspecto psicológico, a reação dos leitores, o que os empolga e faz com que interajam com os demais. (BORTOLIN, 2010). Os aspectos tratados por Bortolin (2010), dentro do pilar espaço, complementam-se com o intuito de envolver o leitor e o mediador em uma “atmosfera” provocada pela ação, reafirmando o conceito de oralisfera defendido pela autora.

Bortolin (2010, p. 197, destaque da autora), que embasou sua afirmação em *Paul Zumthor*, refere que o último pilar da oralidade é a presença, que pode ser compreendida como “[...] a *materialização* ou a *concretização* do corpo e da fala que somados ao espaço e a literatura propiciam *performance* textual.” O pilar da presença é construído a partir do alcance dos demais pilares e seus elementos, a interação e o pulsar causados pela mediação da leitura e vivenciados por leitores e mediadores. Ainda de acordo com Bortolin (2010), além do alcance dos demais pilares, a presença conta com aspectos pessoais do mediador, como a disposição em interagir com os leitores, as experiências de ações anteriores que o mediador carrega, a confiança e a segurança que ele adquire quando se somam as experiências e seu interesse pelo texto adotado na ação.

Os pilares apontados por Bortolin (2010) são fundamentais, durante a realização da ação. Por isso, é preciso que os mediadores utilizem a imaginação no momento de interagir com os leitores para se aproximarem dos sujeitos, realizando brincadeiras, canções, curiosidades sobre quem são aqueles leitores, o que eles gostam ou não, tudo com a intenção de deixá-los confortáveis. Tal atitude exige que os mediadores também estejam à vontade e entregues à ação e tenham outras experiências, visto que trazem segurança e conforto para o profissional conduzir a ação.

Apesar de planejar a ação pensando em (re)significar e desenvolver o perfil protagonista dos leitores, os mediadores devem se identificar com as atividades e as

leituras que serão trabalhadas durante a mediação. Esse deve ser um momento prazeroso e significativo para eles e para os leitores.

Diante do exposto, Bortolin (2010) apresenta um entendimento do que seria a mediação da leitura abrangendo ambas as características que ela defende. A mediação oral da literatura é “[...] toda intervenção espontânea ou planejada de um mediador de leitura visando aproximar o leitor-ouvinte de textos literários, seja por meio da *voz viva* ou da *voz mediatizada*.” (BORTOLIN, 2010, p. 137, destaque da autora). Ao tratar da mediação oral da literatura, a autora incluiu ambas as possibilidades de oralidade - viva ou mediatizada – visto que a mediação da leitura deve ser um processo contínuo de adaptação ao perfil e às necessidades de cada leitor, considerando as diversas tecnologias nesse processo.

Ao relacionar a prática da mediação da leitura com textos literários, a autora compreende os benefícios de trabalhar com esse tipo de texto tanto para o leitor quanto para o mediador. De acordo com Bortolin (2010, p. 115) diversos campos podem ser afetados e ressignificados nesse processo, são eles: “[...] cognitivo (conhecimento), comunicativo (recebimento de mensagens), interativo (relações de envolvimento) e afetivo (sentimento).” Essa ação pode colaborar para ressignificar o sujeito, uma vez que amplia seus conhecimentos e lhes dá subsídios para confrontar ideias em leituras anteriores e posteriores, confiança e autonomia para se posicionar e possibilita alargar os círculos de amizade e de interação, apresentando-lhe novas pessoas com interesses parecidos, o que o envolve de forma afetiva.

Nessa conjuntura, entende-se que “[...] Mediar a leitura literária é [...] promover o encontro do mediador e do leitor com a sua humanidade. Atividade que envolve a mobilização dos afetos.” (SOUSA, 2019, p. 107). Mediar a leitura, com suas diferentes possibilidades e utilizando os vários dispositivos culturais favorece o encontro do leitor com o texto, seja ele verbal ou não verbal, com outros leitores, com o mediador e, principalmente, consigo mesmo. Assim, a mediação da leitura atua na subjetividade, nos sentimentos e nos sentidos de todos os agentes, de modo que poderá ressignificar sua conduta no mundo. E como afeta e faz parte de um processo de autoconhecimento e ressignificação do sujeito, o mediador deve adotar uma postura ética, comprometida e de cuidado com o outro.

Pensando nisso, Bortolin e Almeida Júnior (2014) listaram alguns comportamentos que esse profissional pode adotar durante sua atuação.

Quadro 1 – Comportamentos éticos do mediador

Comportamentos	Atuações
Proporcionar ao leitor o contato com textos integrais.	O mediador não deve optar por resenhas ou resumos substituindo o texto completo no processo de mediação da leitura.
Realizar rodas de leitura.	Selecionar textos que envolvam os leitores e os entusiasmem.
Diversificar os gêneros textuais.	O mediador deve levar para a ação textos de autores e temas diversos e proporcionar ao leitor uma percepção plural da sociedade, das culturas e da vida.
Planejar os espaços de leitura.	O mediador deve pensar no conforto físico e na liberdade do leitor ao escolher esse espaço.
Diversificar o acervo.	Os textos têm que ser oferecidos em diversos suportes, para que todos os tipos de leitores sintam-se acolhidos.
Arranjar o acervo de maneira acessível.	O acervo não deve ser organizado de modo que esconda ou controle o acesso dos leitores a determinados livros ou temas.
Equipamentos de recursos sonoro e oral.	O mediador deve fazer uso de tais equipamentos sem encará-los como ruidosos ou concorrentes dos livros.
Dar visibilidade ao mediador	Esse profissional deve ser um modelo a ser seguido pelos leitores e quebrar a rotina dos adultos que mandam ler, mas não leem.
Dialogar com o leitor.	O mediador deve promover um processo dialógico com os leitores após a leitura, escutando-os e oportunizando uma coautoria explícita.

Fonte: Adaptado de Bortolin e Almeida Júnior (2014).

Ao analisar o Quadro 1, nota-se que os comportamentos são complementares, porque, ao recomendar que o mediador opte por textos integrais, além de os profissionais valorizarem o texto literário, eles podem conquistar e envolver o leitor com mais facilidade do que se estivessem utilizando resenhas. Quando o mediador trabalha com o texto original, os leitores se sentem parte da história e percebem os sentimentos que o autor desejou inculcar naquele texto com mais facilidade. Na perspectiva de Jouve (2002), quanto ao processo argumentativo, que favorece a percepção do ponto de vista defendido pelo autor no texto, seria difícil o leitor ter esse entendimento se o texto fosse abordado por uma segunda pessoa. Dessa maneira, Bortolin e Almeida Júnior (2014) destacam que além de favorecer o acesso ao texto integral, essa escolha do mediador amplia o repertório informacional do sujeito. Assim,

um dos objetivos da mediação da leitura – que é de favorecer o encontro entre o leitor e a leitura por meio dos dispositivos informacionais – será cumprido.

Para além da diversidade do repertório informacional, Bortolin e Almeida Júnior (2014) afirmam que é preciso incluir, no processo de mediação da leitura, diferentes formatos de materiais informacionais. Os autores entendem que esses novos formatos, especialmente os digitais, não devem ser considerados “concorrentes” dos dispositivos tradicionais. O mediador da leitura deve estar atento para o perfil e as expectativas dos leitores e não se limitar ao que é confortável para sua atuação, mas explorar meios, técnicas, tecnologias e dinâmicas que auxiliem o sujeito no processo de leitura prazerosa, crítica e construtiva. Assim, quando o mediador da leitura compreende que o sujeito principal da ação mediadora é o leitor, suas crenças, seus limites e seu olhar para o mundo são ressignificados visando uma mediação consciente e efetiva da leitura.

Todos esses comportamentos demonstram uma preocupação do mediador com o sujeito. Essa ação é conduzida pelo desejo de que todos, irrestritamente, sejam incluídos no processo de mediação da leitura. Dessa maneira, é possível compreender a postura ética e a responsabilidade social que o mediador assume com o leitor, atuando de maneira consciente, para evitar censura, inibição e/ou constrangimentos entre os sujeitos, de forma que as diferenças sejam identificadas e respeitadas. Assim, o processo de mediação da leitura buscará o acolhimento, a conquista e a contribuição coletiva.

A mediação da leitura pode ser entendida como um envolvimento entre o mediador e o leitor, em que ambos estão entregues ao “mundo” e ao prazer que a leitura lhes apresenta. E para que esse envolvimento seja legítimo, o mediador deve sentir-se tocado pela leitura no âmbito pessoal, visto que é possível notar a presença desse encantamento no olhar do sujeito. “Para transmitir o amor pela leitura e, acima de tudo, pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor.” (PETIT, [2008], p. 195).

Ao atuar de forma ética e comprometida, o mediador transforma-se em um modelo, como colocado por Bortolin e Almeida Júnior (2014). Assim, suas atitudes se tornam exemplos, facilitam a conquista e despertam o encantamento pela leitura literária. Além disso, atuando dessa forma, ele poderá atender às necessidades do leitor e fazer o possível para que a ação seja uma experiência atrativa, capaz de fazer

com que esse sujeito compartilhe a mediação, ocupe o lugar de leitor e conduza a ação juntamente com o mediador.

Seguindo com uma lógica semelhante à de Bortolin (2010), no que tange às características compreendidas na mediação da leitura – a oralidade e os textos literários – Cavalcante (2015) entende que a

[...] a mediação da leitura é jogo de encantamento. Os jogadores são seus protagonistas que se desdobram para mantê-la em evidência, viva e pulsante. Nesse jogo, há a sedução da palavra elaborada, rebuscada, pensada, teatralizada, que a deixa mais aguçada. (CAVALCANTE, 2015, p. 120).

Ao colocar a mediação como um jogo de encantamento, a autora reafirma o pensamento supracitado de Petit ([2008]) de que é necessário haver afeto pela ação e seus dispositivos, porque é por meio desse sentimento que as palavras “seduzem”, e a oralidade e os gestos corporais que a acompanham tornam-se mais espontâneos e envolventes dando “vida” à leitura. Ao envolver os “jogadores” na ação – nesse caso, mediador e sujeitos – como protagonistas, a autora evidencia que a mediação da leitura é “jogada” por ambos, é uma experiência de troca na qual cada um agrega à ação as próprias vivências e expectativas. Convém lembrar que, se os sujeitos forem tocados por uma mediação da leitura promissora, além de isso contribuir com suas próprias experiências, eles também somarão as vivências dos demais, de maneira ressignificada, à sua própria história.

Revelando a realidade ou criando um mundo imaginário, a literatura tem um papel essencial na sociedade, o de impulsionar o cidadão a uma atitude, pois, ao se colocar no lugar do outro, estabelece-se uma relação de proximidade e quase sempre de solidariedade e compreensão. Lendo e se identificando com um personagem, em geral, o leitor respeita suas fraquezas, suas decisões muitas vezes equivocadas, mas também esse personagem serve de modelo a ser seguido. (BORTOLIN; ALMEIDA JÚNIOR, 2010, p. 94).

Compreende-se que, quando a literatura impulsiona o sujeito, ele é motivado a reinventar não somente suas ações, mas também sua atuação na sociedade, visto que as qualidades citadas pelos autores – empatia, solidariedade, compreensão – são, provavelmente, as que se destacam em um protagonista social, sujeito que resiste e luta para que o coletivo tenha suas singularidades respeitadas. Do mesmo modo, quando a literatura ressignifica, ela conforta e confronta. Através dela, o sujeito pode experimentar e visualizar suas fragilidades nos personagens e entender o

processo pelo qual passa sob outra perspectiva. Para que ocorra essa identificação, é preciso que o sujeito se aproprie da leitura, que questione e confronte as ideias com seus conhecimentos anteriores. Trata-se de assumir uma postura ativa, o que, mais uma vez, relembra o sujeito protagonista.

Ao tratar da mediação da leitura na perspectiva da oralidade, Bortolin (2010) e Cavalcante (2015) ressaltam também a importância do processo dialógico e da interação durante a ação. Além da comunicação que se estabelece entre o leitor e o autor, no processo de leitura silenciosa, essa interação também é acionada de maneira coletiva, em que o espaço de voz e o espaço de escuta são igualmente importantes. Na mediação da leitura, leitores e mediadores interagem, agem e se comunicam das diversas formas, por meio de voz, de gestos e de atenção – o cuidado com a escuta sensível – o que favorece um processo de crescimento e (re)conhecimento de modo coletivo.

A mediação da leitura, sob a ótica da narrativa oral, amplia a noção de texto, indo além da palavra escrita, e se abre em um processo de comunicação, ancorado na interação social, estabelecendo as condições necessárias para a produção e apropriação de sentidos a partir das experiências vividas individualmente de ambos: mediador e leitor. (CAVALCANTE, 2015, p. 109).

A reflexão de Cavalcante (2015) indica mais uma característica da mediação oral da literatura, uma vez que, considerando que a oralidade amplia a noção de texto, é necessário questionar sobre o que poderia ser entendido por texto. Para tal, apoia-se na definição apresentada por Martins (1988) sobre leitura, visto que, ao passo que a autora coloca o ato de ler como uma compreensão de expressões independentemente da linguagem utilizada, é possível inferir que os sujeitos podem realizar leituras tanto de textos verbais quanto não verbais, como uma pintura e os sons musicais, por exemplo. Com base nos pensamentos de Cavalcante (2015) e Martins (1988), textos são as diversas expressões que compõem o meio sociocultural e são passíveis de interpretações e sentidos atribuídos pelos sujeitos.

A ampliação da noção de texto, por meio da oralidade, traz a “vida” e o “pulsar” para a mediação da leitura a que Cavalcante (2015) se refere nas citações anteriores, uma vez que ela possibilita aos leitores utilizarem diversas expressões, que não são apenas signos linguísticos, para se comunicar, interagir e fortalecer as relações sociais. Com o suporte vocal, os sujeitos podem agregar novos sentidos às

expressões, explicitar e compartilhar o que a percepção de mundo que eles têm os ensinou.

Depois de analisar as características da mediação da leitura, o mediador deve considerar os níveis de leitura – sensorial, emocional e racional – discutidos por Martins (1988). É fundamental retomar esse arcabouço teórico que trata sobre a leitura na perspectiva da mediação da leitura, visto que tais níveis e processos também estão presentes durante a mediação.

O processo de mediação da leitura requer do mediador que ele planeje bem todas as etapas da ação e a escolha das leituras e dos dispositivos que serão utilizados. Desse modo, ele estará pensando no que poderá favorecer a leitura com aquele grupo, e isso lhes despertará a curiosidade. Nessa conjuntura, a mediação da leitura, na perspectiva sensorial apresentada por Martins (1988), pode ser percebida no processo de aproximação entre leitores e os dispositivos de leitura e possibilita a experiência de tocar, folhear, ouvir e (re)conhecer através dos sentidos. Esse nível de leitura pode ser alcançado ainda na infância, mas os adultos também podem experimentar o prazer desse primeiro contato. Nesse processo, o mediador também é envolvido pelo aspecto sensorial da leitura, visto que participa ativamente tocando, ouvindo, vendo e sentindo todas as percepções possíveis nessa ação. Por meio desse nível e por se permitirem sentir, o mediador e o leitor poderão efetivamente proceder à leitura e à mediação.

Quando o mediador está envolvido no planejamento da ação, mesmo que pense no que vai favorecer o leitor, também se deixa levar pelos sentidos que os dispositivos despertam nele. A curiosidade também é causada por um livro colorido ou um apito que lembra o som de um passarinho e pode ser usado durante a mediação. As escolhas dos dispositivos e das leituras também sofrem influência dos sentidos do mediador. É vivenciando esse prazer sensorial que também são despertadas as emoções e lembranças, revisitadas as memórias que o contato com os dispositivos e as leituras causaram, o que lhes possibilita se aproximar mais ainda da ação e despertar a experiência afetiva e o prazer de compartilhar as leituras.

Quando os leitores alcançam o nível sensorial no processo de mediação da leitura, podem compartilhar entre si os sentimentos provocados pelo contato e pela leitura. O ato de ler tanto pode ser individual – quando o sujeito, por meio dos sentidos, lê determinado texto – quanto coletivo – quando as diversas percepções sensoriais são compartilhadas. Assim, a leitura e a mediação podem despertar emoções. Então,

se a mediação for feita de forma consciente, o mediador poderá provocar e alcançar o nível emocional.

Ao considerar o nível emocional da leitura defendido por Martins (1988), pode-se afirmar que, quando, no processo de mediação da leitura, os sujeitos experienciam os aspectos emocionais, podem se reconhecer e compreender sensações que antes não sabiam explicar.

[...] ler permite ao leitor, às vezes, decifrar sua própria experiência. É o texto que 'lê' o leitor, de certo modo é ele que o revela; é o texto que sabe muito sobre o leitor, de regiões dele que ele mesmo não saberia nomear. (PETIT, [2008], p. 39).

Apesar de a citação de Petit ([2008]) dar ênfase à leitura de textos, outros tipos de leitura podem dar voz às experiências e às emoções dos sujeitos, como as narrativas orais, por exemplo, compartilhadas por meio das vivências. Assim como a leitura emocional possibilita ao leitor se reconectar consigo mesmo, por meio dela também é possível tratar de situações cotidianas e das emoções que podem despertar nos sujeitos, uma vez que, como dito por Martins (1988), a leitura emocional acarreta a empatia, e o sujeito pode se colocar no lugar do outro e ver o mundo por outra perspectiva que não seja a sua. Portanto, os mediadores podem instigar os sujeitos a pensarem sobre determinada situação e suas possíveis reações e mostrar-lhes uma nova perspectiva, uma forma diferente de vivenciar os sentimentos.

Assim como os leitores experimentam novas emoções e compreendem bem mais alguns sentimentos, o mesmo acontece com os mediadores, visto que eles não estão somente conduzindo a ação, mas também são sujeitos participantes afetados pelas possibilidades que as leituras carregam. No processo de mediação da leitura, os sujeitos poderão adentrar uma nova realidade, conviver com pessoas diferentes, lidar com novas emoções e visões de mundo e estabelecer novas relações consigo mesmo e com o *outro* (sujeitos e dispositivos), com o fim de reconhecer e respeitar essas diferenças, fazendo uma leitura com base na perspectiva da alteridade.

Ao passo que as leituras possibilitam aos sujeitos – mediador e leitor – conhecerem a si mesmos e interpretarem o mundo por outra perspectiva, eles podem alcançar outro nível de leitura, a racional, conforme defendido por Martins (1988). No processo de mediação da leitura, os leitores também podem experienciar a leitura crítica, ao fazer uma (re)leitura da própria realidade. Na mediação da leitura, cada sujeito poderá dar sentido à leitura de maneira diferente, porque não existe nem deve

existir um controle e uma manipulação sobre como a leitura impactará a vida do outro. Portanto, pode-se perceber que a leitura racional está presente na mediação da leitura, uma vez que é nesse nível que os leitores são apoiados pelo mediador para questionar sobre as leituras e associá-las às próprias vivências para compreendê-las da melhor forma.

O leitor não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve. Altera o sentido, faz o que bem entende, distorce, reemprega, introduz variantes, deixa de lado os usos corretos. Mas ele também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá leva-lo. (PETIT, [2008], p. 28).

Pode-se perceber, a partir do exposto por Petit ([2008]), que as leituras possibilitam ao sujeito a liberdade de transformar não só a si mesmo, mas também a própria leitura, a ressignificando de acordo com sua visão de mundo. Para isso, os mediadores devem provocar os leitores para que reflitam e questionem sobre o que leem durante a realização da mediação, pois, quando respondem a essas provocações, eles passam a vivenciar também o lugar de sujeitos críticos e autônomos.

[...] ler pode fazer com que a pessoa se torne um pouco mais rebelde e dar-lhe a idéia de que é possível sair do caminho que tinham traçado para ela, escolher sua própria estrada, sua própria maneira de dizer, ter direito a tomar decisões e participar de um futuro compartilhado, em vez de sempre se submeter aos outros. Quando nos familiarizam com os jogos da linguagem ficamos menos desprotegidos diante do primeiro charlatão que passa e se propõe a curar nossas feridas com uma retórica simplista. (PETIT, [2008], p. 119).

Tendo em vista a reflexão apresentada por Petit ([2008]) de que as leituras podem ressignificar a vida dos sujeitos, é possível relembrar a mediação consciente discutida por Almeida Júnior (2009). Nesse sentido, o mediador e o leitor podem planejar e executar a ação de maneira consciente, visando a uma atuação ativa e crítica, assumindo uma postura de protagonistas sociais. Assim, se a leitura e a mediação forem realizadas de maneira consciente, os sujeitos poderão alcançar os três níveis – o sensorial, o emocional e o racional – de maneira inter-relacionada, e compreender a função de cada uma de forma independente, analisando a necessidade da percepção sensorial, de “libertar” as emoções e da ação racional em relação à sua conduta existencial.

Além da reflexão, que é possível por meio do embasamento teórico apresentado pelos autores que tratam da leitura, é preciso pensar na mediação da leitura sob a fundamentação da mediação da informação. Para tal, utilizam-se, como ponto inicial, as características mencionadas por Almeida Júnior (2009, 2015) no conceito de mediação da informação.

As primeiras são as ações direta e indireta da mediação da informação. Ao pensar nos aspectos que as caracterizam como tal, é possível relacioná-la a mediação da leitura sem dificuldade. A mediação direta da leitura envolve as atividades realizadas pelo mediador, o profissional promove a interação entre ele, o sujeito e os textos. Já a mediação indireta é a ação em que a presença do leitor não é física, ou seja, o leitor está presente nas intenções do mediador, quando ele escolhe os dispositivos que serão utilizados na ação ou quando organiza o espaço físico que será realizada a ação, entre outros momentos de planejamento da mediação da leitura. Nesse contexto, o objetivo da ação direta e da ação indireta da mediação da leitura é de apoiar e favorecer o leitor no processo de formação de leitura proficiente e crítica, como um ato consciente e prazeroso.

No tocante à mediação consciente da leitura, compreende-se como um processo de desenvolvimento do leitor e do próprio mediador, como sujeitos que refletem suas ações e as de outros sujeitos bem como o meio em que estão inseridos. A leitura e a mediação são atos conscientes, de alteridade, de autonomia, de cidadania e que proporcionam o desenvolvimento do protagonismo social. Essa postura também é impulsionada pela utilização da literatura durante a realização da ação, como foi observado no pensamento de Cavalcante (2015). Assim, fundamentada na mediação da informação, por meio da ação consciente da mediação da leitura, o mediador, além de desempenhar o papel de profissional que está ali para facilitar a apropriação e a ressignificação do leitor, também é um sujeito participante que reflete e é afetado pelas atividades e pelas leituras. Por isso, entende-se que um mediador consciente pode colaborar ainda mais com o processo de desenvolvimento e (re)conhecimento do sujeito.

No que se refere à mediação singular da leitura, é preciso que o mediador entenda e respeite as individualidades de cada sujeito, porquanto cada um deles carrega consigo as experiências de leituras anteriores – que podem ter sido positivas ou não – as preferências de gênero literário, os hábitos ao realizar esse ato, portanto, cada sujeito é único. Quando esses aspectos são compreendidos, e o mediador

consegue identificá-los nos leitores, eles podem planejar e adaptar as atividades desenvolvidas durante a ação para envolver, conquistar e fazer com que todos os sujeitos assumam uma postura ativa e participante na ação. Ainda no que tange à ação singular, demanda o olhar sensível do mediador, ao compreender o sujeito tendo em vista sua personalidade, seus comportamentos e como se enxerga na sociedade. Assim, o mediador pode trabalhar com textos que favoreçam o desenvolvimento e o autoconhecimento desse sujeito.

Entretanto, ao mesmo tempo em que deve estar atento às singularidades dos sujeitos, o mediador deve atentar para o coletivo ao qual aquele leitor pertence, uma vez que o sujeito também apresenta características como integrante daquele grupo social. Então, ao tratar sobre a mediação plural da leitura, o mediador não pode perder de vista essas necessidades e demandas coletivas, enquanto atende às demandas individuais. Logo, ao fazer uma atividade de mediação da leitura, o mediador terá que desenvolver ações individuais e coletivas que respeitem as singularidades e as pluralidades do leitor como ator social.

É importante enfatizar que o processo dialógico está presente na ação, seja para planejar como a mediação será realizada, ao reconhecer as expectativas e as necessidades dos leitores, seja para evidenciar o encontro do leitor com o autor, por meio do texto ou ainda na ação mediadora em que os sujeitos se comunicam e interagem. Gomes (2014, 2016, 2020) enuncia que a dimensão dialógica é o sustentáculo da mediação da informação e parte fundamental para que o sujeito possa desenvolver seu perfil de protagonista social.

Conforme se observou anteriormente, como a informação pode ser apropriada por meio da leitura crítica e proficiente, a mediação da informação encontra-se na base das atividades de leitura. Por isso os mediadores da leitura devem pautar suas reflexões nas dimensões da mediação da informação. Assim, se esses agentes da leitura tomarem como base os princípios da mediação da informação, tendo clareza dos aspectos que envolvem a leitura, poderão alcançar uma atuação de protagonistas sociais. Então, é preciso refletir sobre a mediação da leitura na perspectiva das cinco dimensões da mediação da informação propostas por Gomes (2014, 2016, 2020), a saber: a dialógica, a estética, a formativa, a ética e a política.

No que tange ao fato de a dimensão dialógica estar presente em todas as ações, como dito anteriormente, quando as atividades mediadoras alcançam a dimensão dialógica, o mediador e o leitor criam e fortificam laços e compartilham suas

ideias. É o encontro e o confronto das diferentes percepções da vida que cada sujeito carrega consigo. Seguindo a reflexão de Gomes (2014, 2016, 2020), além da interlocução intersubjetiva exemplificada anteriormente, se a ação mediadora atingir a dimensão dialógica de modo efetivo, ela também pode proporcionar aos sujeitos uma comunicação intrassubjetiva. Tal interlocução pode ser percebida quando o leitor se identifica com as atividades e as leituras realizadas. Ele pode associar os temas da ação aos aspectos da sua vivência, às situações pelas quais passou e a outras leituras que realizou. O alcance desses dois tipos de interlocução, durante a mediação da leitura, indica que o leitor poderá adentrar um processo de autoconhecimento e refletir sobre sua perspectiva do mundo e seu papel no ambiente social do qual faz parte.

As características da dimensão dialógica da mediação da informação podem ser relacionadas ao processo argumentativo abordado por Jouve (2002), no qual existe um “jogo” de interpretação que é realizado entre o autor e o leitor através do texto, em que o leitor é provocado a concordar ou não com as ideias apresentadas. Esse “jogo” também pode ser identificado no processo dialógico que é realizado não só entre o leitor e o autor, mas também entre o mediador e demais sujeitos participantes do processo de mediação, uma vez que, durante a ação, o mediador provocará o leitor a fim de realizar a leitura e refletir acerca das diversas perspectivas que ela carrega e de compartilhar suas ideias e suas dúvidas, ou seja, durante a ação, o leitor será motivado a refletir sobre suas leituras e suas interpretações e, nesse processo, atuar criticamente. Nota-se que o processo argumentativo e a reflexão crítica que ele ocasiona são necessários não só no ato de ler, mas também na dialogia que a mediação provoca.

Como se pôde observar, ao alcançar a dimensão dialógica e, conseqüentemente, fortalecer as interlocuções como um elemento associado a essa dimensão, a ação mediadora foi construída baseada em uma relação de confiança, segurança e liberdade que o mediador e o leitor podem se expressar. Na dimensão estética da mediação da informação, Gomes (2014, 2016, 2020) ressalta essa relação que começa a ser estabelecida na dimensão anterior. Quando a ação alcança a dimensão estética, ela potencializa as possibilidades de o leitor se sentir parte do processo de criação e, junto com o mediador, realizar as atividades, compartilhando e interferindo na leitura. Como tem liberdade para tais atos, o leitor se sente contente

por participar da ação e compartilhar momentos de autoconhecimento, aprendizado, interação e reconhecimento de sua transformação e dos demais sujeitos.

Com base nas reflexões de Gomes (2014, 2016, 2020) sobre a dimensão estética da mediação da informação, pode-se compreender que leitor e mediador compartilham momentos de descobertas e o prazer de estarem participando e sendo (trans)formados pela ação. Desse modo, é possível inter-relacionar essa dimensão com o nível de leitura emocional e o processo afetivo discutidos por Martins (1988) e Jouve (2002). Ao tratar do aspecto emocional a partir da leitura, esses autores afirmam que, nesse processo, o leitor está entregue e disposto a viver o texto e as emoções que são despertadas por ele. Essa disponibilidade e “vulnerabilidade” tratadas por Martins (1988) e Jouve (2002) também podem ser identificadas nos sujeitos quando eles alcançam a dimensão estética. Para isso, eles precisam se sentir confortáveis e acolhidos não só pelo mediador, mas também pelo ambiente onde a ação será realizada e com as atividades propostas. Os dois últimos elementos citados – o espaço e as atividades – serão cada vez mais agradáveis se o mediador e os leitores tiverem consciência de sua responsabilidade com a constituição, o desenvolvimento e a ressignificação desses dispositivos e com o alcance da dimensão estética no processo de mediação da leitura.

A entrega para conhecer a si e ao outro bem como a emoção e a afetividade que envolvem os sujeitos durante a ação, seja ela a mediação ou a leitura, são elementos fundamentais para o alcance da dimensão estética. Por isso, quando Martins (1988) trata do nível emocional, e Jouve (2002), do processo afetivo, os aspectos preponderantes são os sentimentos que o texto provoca no leitor, visto que, ao realizar a mediação e a leitura e alcançar a dimensão estética, o mediador não está buscando somente tratar sobre aquele tema com os leitores, mas também envolver, tocar e trazer para os leitores a sensação de “vulnerabilidade” e identificação que a entrega, a leitura e o alcance estético provocam.

Ainda na perspectiva do alcance da dimensão estética da mediação da informação na mediação da leitura, é possível relacioná-la a outros sentimentos que o contato com a leitura provoca por meio das percepções sensoriais tratadas por Martins (1988). Nesse nível, a autora fala do prazer que a experiência sensorial pode provocar no sujeito. Por exemplo, um livro com texturas, sons e cores vibrantes chama à atenção e desperta no leitor uma resposta física (MARTINS, 1988), e ele não precisa justificar o motivo de ter gostado daquele dispositivo que, simplesmente, agradou-lhe

os sentidos. Esses sentimentos despertados por meio dos sentidos podem ser percebidos ao se trabalhar com a mediação da leitura na perspectiva da dimensão estética, porque, ao experimentar as percepções sensoriais, bem como o emocional e o afetivo citados anteriormente, o leitor terá mais interesse em participar da ação e, movido por esse sentido, contribuirá para o desenvolvimento do sentimento de pertença, criando laços de confiança no mediador, o que favorecerá o processo dialógico.

Apesar de as dimensões apresentarem suas especificidades, existe uma relação entre elas, pois, ao alcançar a dimensão posterior, o sujeito não deixa para trás o que foi alcançado nas demais. Por isso, na dimensão formativa da mediação da informação, é possível perceber traços das dimensões dialógica e estética. Isso se justifica porque, quando o mediador e o leitor experimentam a sensação de pertença durante a dimensão dialógica e são provocados a refletir criticamente sobre as leituras, são conduzidos no processo formativo como protagonistas sociais. Gomes (2016, 2020) assevera que, ao alcançar a dimensão formativa, a mediação da informação possibilita que os sujeitos – mediador e leitor – ressignifiquem não só seus papéis na sociedade, mas também suas ações, seu conhecimento e suas perspectivas. Nessa dimensão, existe a evidência do processo consciente e da importância que os sujeitos assumem a partir da ressignificação dos seus atos.

No que concerne ao alcance da dimensão formativa, no âmbito da mediação da leitura, é possível relacioná-la ao nível racional discutido por Martins (1988), que refere que, quando lê, o leitor recorre à sua experiência para dar sentido ao texto e é provocado a questionar e a refletir criticamente sobre a leitura. Na contribuição que essa reflexão e inquietação provocam, elas também ressignificam os sujeitos e suas ações. Isso também favorece os sujeitos a assumirem seu lugar como protagonistas sociais, que são conscientes dos seus atos e dos significados e sentidos que a leitura e sua mediação carregam.

Ainda é possível relacionar o alcance da dimensão formativa da mediação da informação na perspectiva da mediação da leitura, ao associar o processo neurofisiológico tratado por Jouve (2002), que aborda o sentido e o significado que o leitor atribui às leituras, o que ele chama de conhecimentos anteriores, com a percepção, a identificação e a memorização de signos. Do mesmo modo, estabeleceu-se relação com o processo cognitivo de Jouve (2002), e para alcançá-lo e atuar no sentido da progressão da leitura, como o autor pontua, são necessários

conhecimentos e leituras anteriores que subsidiarão a reflexão e a interpretação das leituras atuais.

Mais uma vez, a provocação que os processos neurofisiológico e cognitivo trazem para o leitor e o mediador, durante a mediação da leitura, favorece o processo reflexivo das ações de ambos os sujeitos. Entende-se que, quanto mais se lê e reflete criticamente acerca do assunto, confrontando com vivências e perspectivas diferentes dos demais sujeitos participantes da ação, mais consciente da importância e dos seus lugares de protagonistas sociais os sujeitos estarão.

Dando prosseguimento à fundamentação da mediação da leitura, a partir das dimensões da mediação da informação, percebe-se que entender e respeitar o outro com suas singularidades é um ato de cuidado que exige do mediador sensibilidade e empatia para ajudar o sujeito, por isso, tal como Gomes (2014) compreende que a mediação da informação é um ato de cuidado, pode-se inferir que a mediação da leitura também o seja. Isso se justifica porque, durante a ação, os sujeitos expõem seus sentimentos, e a emoção envolve cada aspecto da mediação da leitura, seja na preparação das atividades ou na realização delas com os demais sujeitos. Nesse contexto, é necessária a próxima dimensão da mediação da informação – a ética. Para Gomes (2014, 2016, 2020), o mediador deve ter ética ao conduzir a ação e lidar com as emoções dos sujeitos, já que, ao mesmo tempo em que colabora para a formação e o desenvolvimento dos leitores como protagonistas, ele está lidando com sujeitos que têm seus medos e aflições, mas que escolheram estar ali compartilhando as diversas sensações que a mediação da leitura pode proporcionar. Por isso, durante todo o processo, o mediador deve agir com ética e sensibilidade.

Considerando que a mediação da leitura é um ato de cuidado que exige uma postura ética e sensível do mediador, evidencia-se novamente uma relação com o nível emocional e o processo afetivo, visto que, em ambos, os sujeitos se disponibilizam a vivenciar os sentimentos despertados não só pela leitura, mas também por sua mediação. Além do nível emocional e do processo afetivo, Martins (1988) considera o nível racional importante porque, ao integrar a subjetividade das emoções à objetividade e à consciência do aspecto racional, os sujeitos poderão atuar de maneira afetuosa, humanizadora, prudente e sistemática, equilibrando os aspectos emocionais e racionais. É por essa razão que o mediador deve adotar um agir ético, humanizador e pautado na emoção e na razão, de modo a vigiar as manipulações e fomentar leituras que conduzam os sujeitos a uma postura de alteridade.

Ainda em consonância com o entendimento de Gomes (2014) sobre a necessidade do agir ético e cuidadoso do mediador, é possível lembrar os comportamentos apresentados por Bortolin e Almeida Júnior (2014) ao refletirem sobre a mediação da leitura. Para os autores, o mediador precisa ser ético e cuidadoso ao conduzir a ação, na perspectiva de favorecer um processo de ressignificação e autoconhecimento dos leitores. Desse modo, além de intensificar a reflexão de Gomes (2014) acerca da dimensão, Bortolin e Almeida Júnior (2014) reforçam o entrelace das mediações e das dimensões da mediação da informação.

Como já referido, a medida que a ação mediadora alcançar a próxima dimensão da mediação da informação, o sujeito não deixa para trás as experiências e o amadurecimento que vem desenvolvendo ao longo das outras, tampouco o entendimento do seu lugar no mundo e a importância de sua fala. Ao passo que as leituras e as atividades propostas na mediação da leitura contribuem para que o leitor se reconheça como sujeito social, que pode transformar a si mesmo e o meio a que pertence, a ação mediadora alcança a última dimensão discutida por Gomes (2016, 2020) – a política. Ao discorrer sobre as dimensões da mediação da informação, a autora enuncia que o objeto implícito do tema é o desenvolvimento do perfil de protagonista social do sujeito. Essa observação é confirmada ao longo da caracterização das dimensões e reforçada ao estabelecer a relação entre a mediação da leitura e as dimensões da mediação da informação.

Portanto, é necessário inter-relacionar o alcance da dimensão política da mediação da informação na perspectiva da mediação da leitura com o processo simbólico defendido por Jouve (2002), que chama à atenção para o fato de as influências culturais contribuírem para o sentido que os sujeitos atribuem às leituras. Compreende-se que, quando os leitores sofrem influências culturais para interpretar e ressignificar as leituras, eles se reconhecem como sujeitos protagonistas e fortalecem suas ações como tal, visto que potencializam a compreensão que esses sujeitos têm de si mesmos, do meio de que fazem parte e da diferença que, como sujeitos conscientes e protagonistas, podem fazer.

Durante toda a mediação da leitura, pode-se notar o amadurecimento do mediador e do leitor, como sujeitos singulares e plurais, e seu desenvolvimento como protagonistas, que interferem, que usam o poder da voz para ocupar um espaço de sujeitos atuantes e que fazem a diferença. Por isso, é importante que a leitura seja mediada visando alcançar as dimensões da mediação da informação, na perspectiva

de conduzir o mediador e o leitor ao autoconhecimento, à formação e ao desenvolvimento como protagonistas que tomam consciência do seu papel, resistem e lutam contra os obstáculos sociais. Ao escolher assumir esse lugar, tanto o leitor quanto o mediador tornam-se inspirações para os demais sujeitos que fazem parte de suas vivências e multiplicam na sociedade as experiências e as transformações que a mediação e a leitura provocam.

Ao pensar na perspectiva de que mediador e leitor se tornam inspirações, é possível relembrar os dados apresentados no Quadro 1 sobre os comportamentos éticos discutidos por Bortolin e Almeida Júnior (2014), mais precisamente, o penúltimo comportamento listado por eles, que é “dar visibilidade ao mediador”, que trata justamente do “mediador modelo”, o que não só manda ler, mas também lê junto, dá exemplo. Ter a companhia de um “mediador modelo”, que prova e compartilha o amor dele pela leitura, contribui para despertar o encantamento pela leitura e favorece o alcance das dimensões por parte dos leitores.

Desse modo, ao entrelaçar as características e as dimensões da mediação da informação com a mediação da leitura, percebe-se que essa é uma ação que pressupõe responsabilidade, ética e sensibilidade, por despertar sentimentos e emoções que poderiam estar “adormecidos” e são reavivados por meio dos processos de mediação da leitura. Por isso, é essencial que exista esse entrelaçar entre as mediações e que o mediador, como profissional que conduz os demais sujeitos e também sofre as influências dessa ação, tenha a consciência da importância do seu papel e dos seus atos. Porém, nem toda mediação da leitura será realizada de modo consciente, porque, às vezes, o sujeito pode empreender a ação de forma espontânea e inconsciente, mas com uma intencionalidade. Ele traça um objetivo que o motiva e despertou nele a necessidade de assumir o papel de mediador e protagonista social para interferir em algum ponto na vida do outro.

Compreende-se que o arcabouço teórico da mediação da informação oferece base para a mediação e que essa ação é uma atividade que possibilita problematizar assuntos e espaços dialógicos em que os sujeitos podem se expressar, reconhecer-se como protagonistas e impulsionar o pensamento crítico (informação verbal)². Essa

² Informação verbal obtida na palestra proferida por Henriette Ferreira Gomes, no dia 16 de out. de 2020, durante a atividade do projeto de extensão “Lapidar: formação de leitores e mediadores da leitura”, realizada de forma virtual por meio do Google Meet.

inter-relação também evidencia a mediação da leitura como um ato de cuidado, de entrega e de (re)conhecimento de si e do outro, uma vez que, para que os sujeitos se sintam bem nesse espaço dialógico, o mediador deve ter sensibilidade, empatia e ética. Nesse sentido, pode-se lembrar a reflexão de Gomes (2014) sobre a necessidade de existirem pesquisas na CI que relacionem a mediação da informação a aspectos psicológicos, éticos e estéticos.

Acredita-se que, para responder a essa provocação de Gomes (2014), além da relação com a leitura, é necessária uma relação das mediações, da informação e da leitura com a biblioterapia, aqui compreendida como uma mediação especializada de leitura que pressupõe cuidado e atenção com os sujeitos – tanto o mediador quanto o leitor, porque, nessa prática, existem a intencionalidade e o propósito terapêutico. Dando prosseguimento às reflexões e com o objetivo de evidenciar essa inter-relação entre os temas da CI, a próxima seção aborda a biblioterapia, seus conceitos e características.

3 A BIBLIOTERAPIA COMO UMA PRÁTICA INTER-RELACIONADA À MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E À MEDIAÇÃO DA LEITURA

Antes de compreender a inter-relação entre a biblioterapia e as mediações da informação e da leitura, é preciso entender quando e por que tal prática se originou e quando passou a ser considerada um ramo da Biblioteconomia. A partir do entendimento de que as práticas da biblioterapia devem ser consideradas como relevantes para a sociedade, porque são desenvolvidas com o objetivo de cuidar do sujeito de maneira humanizadora, buscou-se identificar e analisar os aspectos históricos e conceituais. Por fim, a biblioterapia é analisada como prática de mediação especializada da leitura e que se inter-relaciona com a mediação da informação. Assim, as subseções seguintes tratam desse percurso lógico, que visa tratar dessa inter-relação entre a biblioterapia, a mediação da informação e a mediação da leitura.

3.1 BIBLIOTERAPIA: ASPECTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS

Na literatura que trata do tema, não existe um histórico exato de sua origem, porém é possível identificar indícios de que, ainda na Antiguidade, os livros eram considerados terapêuticos e utilizados como tratamento para doenças mentais. (PEREIRA, 1996).

De acordo com Alves (1982, p. 55), na leitura terapêutica do Egito Antigo, na época do Faraó *Rammsés II*, no frontispício de sua biblioteca, existia a frase “Remédios para a alma”. No caso dos romanos, *Aulus Cornelius Celsus* era o responsável por disseminar entre o povo a leitura e os preceitos de grandes oradores da época como modalidade terapêutica. (ALVES, 1982). Na Idade Média, também era possível encontrar, no frontispício da biblioteca da abadia de São Gall, na Suíça, o dizer “Tesouro dos remédios da alma.” (SEITZ, 2006). Nos Estados Unidos, a biblioterapia iniciou em 1800, tendo como precursor *Benjamin Rush*, que indicou a leitura como auxílio para a psicoterapia em seu livro *Medical inquiries and observations upon the diseases of the mind*, não só para doentes mentais, como era usual até o momento, mas também para pessoas que tinham conflitos internos emocionais, manias e, até idosos. (ALVES, 1982).

No que diz respeito ao início da biblioterapia como ramo da Biblioteconomia, Seitz (2006) afirma que ela tem indícios de ocorrência em 1904, quando a

bibliotecária-chefe da biblioteca do Hospital de Wanderley, Massachussets, desenvolveu um programa que abordava os aspectos psiquiátricos da leitura e obteve resultados positivos com essa experiência. Além disso, pode-se citar outro registro de 1916, quando o diretor do Comitê de Controle das Instituições do Estado, em Iowa, citou o trabalho de uma bibliotecária chamada *Carey*, que atuava e defendia as bibliotecas hospitalares, afirmando que os livros podiam ser considerados “ferramentas” e deveriam ser utilizados de forma inteligente para se alcançarem resultados. (SEITZ, 2006).

Embora não seja possível dimensionar, com precisão, o início da prática, há muito tempo, os benefícios para o desenvolvimento pessoal e espiritual da leitura já eram percebidos bem como a importância das bibliotecas como lugares de conhecimento e guarda desses “tesouros”.

Assim como se discute acerca da origem da biblioterapia, também se discute sobre como o termo teria surgido. Sabe-se que a palavra se originou dos radicais gregos *biblion*, que significa livro, e *therapeia*, que significa tratamento, terapia etc. (PEREIRA, 1996). De acordo com Pereira (1996), o termo começou a ser usado na primeira metade do Século XIX, por médicos americanos que relacionavam a biblioteca a ações terapêuticas. A Biblioteca Pública de Boston se destacou nesse apoio assistencial.

Por outro lado, Wootton (2017) refere que outros estudos apontam que o termo foi criado por *Samuel McChord Crothers*, ministro unitário americano, que o utilizou na escrita do seu artigo satírico *A literary clinic*, publicado em 1916, no *The Atlantic Monthly*. O artigo descreve um imaginário “Instituto Bibliopático” dirigido pelo Doutor *Bagster*, que prescrevia livros para seus pacientes restaurarem a harmonia e o equilíbrio da vida. Para o médico, os livros “Não somente fornecem pensamentos, mas também nos levam a pensar. Eles despertam faculdades que tínhamos permitido que estivessem adormecidas [...] o livro é um evento espiritual.” (WOOTTON, 2017, tradução nossa).

Pereira (1996) refere que, apesar de *Samuel Crothers* ter criado um contexto para utilizar o termo biblioterapia em seu artigo, ele não foi bem aceito, por ser amplo ou muito restrito, e foi substituído por vocábulos como biblio-diagnóstico, para avaliar os pacientes, ou bibliofilaxia, para se referir ao uso preventivo da leitura como tratamento. Também foram criados termos como bibliogomia, biblioconselho ou terapia bibliotecária, para se evitar o uso da palavra terapia, que limitaria a

abrangência da prática. Já para não utilizar o prefixo biblio, foram sugeridas outras denominações, como terapia de grupo tutelada e literapia, esta última com o propósito de enfatizar a adoção não de qualquer tipo de livro durante o tratamento, mas o uso da literatura imaginativa. (PEREIRA, 1996).

Ainda de acordo com Pereira (1996), outro termo utilizado no lugar de biblioterapia foi bibliotecário-conselheiro, que teria surgido na *University of Illinois*, Chicago, em 1951, quando substituíram o *Library's Reference Department* pelo *Department of Library Instruction and Advisement*. A partir dessa substituição, foram selecionados alguns dos bibliotecários mais experientes do lugar e com habilidades de liderar para serem treinados para atuar no novo departamento a fim de motivar os leitores a escolherem livros para si próprios. Subentende-se que a intenção dos bibliotecários-conselheiros era de treinar os leitores para escolherem uma leitura que os ajudasse, com a intenção de que a biblioterapia fosse aplicada por eles próprios, como uma espécie de autotratamento.

As diversas tentativas de adotar outro termo para substituir “biblioterapia” devia-se, principalmente, ao fato de que esse tinha um sentido restrito porque, para alguns autores, não só os livros poderiam ser utilizados no tratamento terapêutico. Assim, ao considerar a biblioterapia nos tempos atuais, compreende-se que o termo ainda não abrange todos os dispositivos terapêuticos que podem ser adotados na prática, já que a literatura menciona ações biblioterapêuticas em que se utilizaram filmes, músicas, teatro de fantoches etc., para apoiar os sujeitos na resolução dos seus problemas e nas aflições. Apesar de o radical “biblio” não abranger todos esses dispositivos citados, pode-se considerá-lo a partir de outra perspectiva, visto que todos os dispositivos supracitados têm algo em comum: originaram-se de textos.

Uma música, antes de ser expressada em seu formato final, por meio dos instrumentos e da voz do cantor, é um texto que pode ter sido escrito em dez minutos ou em semanas por uma única pessoa ou várias ao mesmo tempo, assim como uma peça ou filme que, antes de serem encenados por atores, surgiram de um roteiro que foi pensado e escrito para emocionar ou entreter o público e que sofre ou não adaptações em seu processo de criação. Tais textos contam uma história, têm contextos e remetem a um tempo, o que possibilita o compartilhar de um conjunto de informações que são interpretadas e podem ser apropriadas pelo sujeito, fazendo-o refletir sobre fatores que interferem em sua vida, na dinâmica e na realidade social, o que implica sua relação com o mundo.

Por essa razão, não se compreende somente a inquietação que havia em relação ao termo biblioterapia e o quanto ele poderia soar restrito já na época em que foi criado, mas também que talvez não seja possível formular um termo cujo significado contemple toda a amplitude que a biblioterapia representa, não só para quem com ela atua, mas também por quem é tratado. Isso significa que os responsáveis por explicar e defender os benefícios e a importância dessa prática para a sociedade sejam os próprios profissionais que escolhem a prática para atuar.

Apesar das várias terminologias que podem ser empregadas, existe uma característica comum a todas elas – o caráter de cuidado que a biblioterapia deveria ter, pois, independentemente do termo ou da maneira como era empregado, o restabelecimento pessoal e social do sujeito era o objetivo principal. Assim, embora a primeira definição só tenha surgido em 1961, como indica Alves (1982), já era possível ter entendido o que seria a prática e a sua importância para a sociedade.

Como dito por Alves (1982, p. 55), a primeira definição surgiu em 1961, em um dicionário não especializado, o *Webster's Third International Dictionary*, que a definiu como “o uso de material de leitura selecionada, como adjuvante terapêutico em Medicina e Psicologia” e como “guia na solução de problemas pessoais através da leitura dirigida”. Esta última foi a definição adotada oficialmente pela Associação para Bibliotecas de Hospitais e Instituições. (ALVES, 1982).

A primeira definição do termo “biblioterapia” foi encontrada no dicionário *Dorland's Illustrated Medical Dictionary*, em 1941, como “[...] o emprego de livros e de sua leitura no tratamento de doenças mentais.” (ALVES, 1982). Outro conceito de biblioterapia encontrado na literatura é o de Cohen (1994) citado por Seitz (2006, p. 18), que define o termo como “[...] o uso da literatura com a orientação ou intervenção de um terapeuta.” Tal como sua origem e terminologias, nota-se que é possível encontrar mais de uma definição para o termo biblioterapia, por isso, Rosa (2006) reuniu, em um quadro, diferentes definições do termo, conforme pode se observar abaixo.

Quadro 2 – Definições de biblioterapia

Autores	Definições
Alice Bryan	É a prescrição de materiais de leitura que auxiliem a desenvolver maturidade e nutram e mantenham a saúde mental.
L. H. Tweffort	É um método subsidiário da Psicoterapia; um auxílio no tratamento que, através da leitura, busca a aquisição de um conhecimento melhor de si mesmo e das reações dos outros, resultando em um melhor ajustamento à vida.
Kenneth Appel	É o uso de livros, artigos e panfletos como coadjuvantes no tratamento Psiquiátrico.
Louise Rosenblatt	É uma ajuda para o ajustamento social e pessoal; a literatura imaginativa é útil para ajustar o indivíduo tanto em relação aos seus conflitos íntimos como em conflitos com os outros. Como o pensamento e sentimento estão interligados, o processo de pensamento reflexivo estimulado pela leitura é um prelúdio para a ação.
Orsini	É uma técnica que pode ser utilizada para fins de diagnóstico, tratamento e prevenção de moléstias e de problemas pessoais.
Matthews e Lonsdale	Constitui-se em uma terapia de leitura imaginativa, que compreende a identificação com uma personagem, a projeção, a introspecção e a catarse.
Caldin	É a leitura dirigida e discussão em grupo, que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos: os receios, as angústias e os anseios.

Fonte: Rosa (2006, p. 16-19).

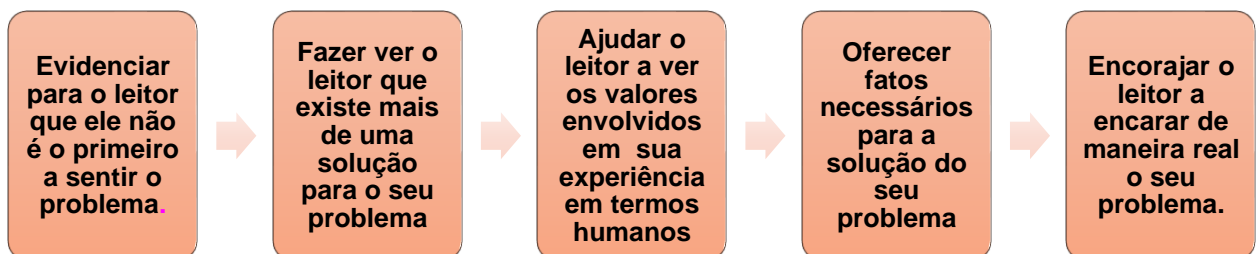
De acordo com o que está exposto no quadro, a biblioterapia pode ser considerada como atividade, método ou técnica, voltada tanto para o desenvolvimento pessoal quanto para o social. E apesar de existirem diferentes definições para a biblioterapia, elas estão sempre direcionadas ao cuidado com os sujeitos. Assim, os princípios que constituem a biblioterapia baseiam-se na área da Medicina e na da Psicologia, mas que não se limita a isso, uma vez que a prática acolhe o sujeito e suas singularidades, aflições e medos, na busca por uma reestruturação individual e social. Assim, defende-se, nesta pesquisa, que a biblioterapia é uma prática que requer técnicas e métodos multidisciplinares que auxiliem os sujeitos de maneira intra e interpessoal.

O conceito adotado nesta pesquisa é de que a biblioterapia é uma mediação especializada da leitura, em que se realizam atividades de maneira multidisciplinar, pressupondo cuidado e atenção com os sujeitos, tanto o mediador quanto o leitor, uma vez que, nessa prática, existem intencionalidade e propósito terapêutico.

Como já referido, independentemente da definição utilizada ou do termo empregado, o cuidado com o sujeito é uma característica predominante. A forma como os mediadores trabalharão esse cuidado e os dispositivos informacionais que utilizam, de modo terapêutico, pode variar de acordo com o tipo da biblioterapia e do grupo que a pratica. Um dos objetivos da biblioterapia é de promover a reestruturação inter e intrapessoal do sujeito e o modo como ele vai se relacionar consigo mesmo e com seus sentimentos. Esse é um processo de (auto)conhecimento, por meio do acesso à informação e à leitura.

Ao compreender a necessidade de existir um norte para os mediadores trabalharem com a biblioterapia, alguns autores delinearam objetivos da prática a serem alcançados durante o trabalho com os sujeitos. Nos objetivos apresentados por Bryan (1939) e citados por Pereira (1996), percebe-se uma preocupação em evidenciar para o sujeito que ele não é o único a ter problema, além de apresentar soluções e o encorajamento necessário para lidar com o problema, conforme se pode observar na Figura 1, abaixo.

Figura 1 – Objetivos da biblioterapia



Fonte: Adaptada de Bryan (1939 *apud* PEREIRA, 1996, p. 61).

Nota-se que, ao elencar esses cinco objetivos, a autora se preocupa em conscientizar o sujeito de sua situação e lhe proporcionar conforto e amparo nesse processo de reconhecimento e solução do problema. Nesse sentido, entende-se que os objetivos apontados por Bryan (1939 *apud* PEREIRA, 1996, p. 61) apoiam o sujeito de maneira intrapessoal e alertam que há um cuidado em fortalecê-lo emocionalmente, antes de solucionar os problemas de forma social e externa. Dos objetivos indicados nesse processo, destaca-se o penúltimo – “Oferecer fatos necessários para a solução do seu problema” – nele fica evidente o papel do bibliotecário, porque esses fatos são informações sobre o leitor e sobre a realidade,

com base nos dispositivos informacionais que motivam o compartilhamento de outros sujeitos. Embora os demais objetivos também tenha latente o viés informacional, já que, por exemplo, “evidenciar para o leitor que ele não é o primeiro a sentir o problema” exige um compartilhamento de informações, é na busca pela “oferta de informações para suprir uma necessidade” que se aproxima do objetivo destacado no conceito de mediação da informação defendido por Almeida Júnior (2015), que norteia o fazer do bibliotecário. Essa discussão será apresentada na próxima subseção.

Além desses objetivos, Rosa (2006, p. 16-19) reuniu, no Quadro 3, outros que afetam o sujeito não só de maneira intrapessoal durante a ação, mas também interpessoal, com o fim de contribuir com o processo de reconhecimento e desenvolvimento social.

Quadro 3 – Objetivos da biblioterapia

Autores	Objetivos
L.H. Tweffort	Fazer a introspecção para o crescimento emocional; melhorar o entendimento das emoções; verbalizar e exteriorizar os problemas; ver objetivamente os problemas, afastar a sensação de isolamento; verificar falhas alheias semelhantes às suas; aferir valores; realizar movimentos criativos e estimular novos interesses.
Kenneth Appel	Adquirir informação sobre a psicologia e a fisiologia do comportamento humano; capacitar o indivíduo a se conhecer melhor; criar interesse em algo exterior ao indivíduo; proporcionar a familiarização com a realidade externa; provocar a liberação dos processos inconscientes; oferecer a oportunidade de identificação e compensação; clarificar as dificuldades individuais; realizar as experiências do outro para obter a cura e auxiliar o indivíduo a viver mais efetivamente.
Louise Rosenblatt	Divide os objetivos em de cura e de prevenção. Objetivos de cura: aumentar a sensibilidade social; ajudar o indivíduo a se libertar dos medos e das obsessões de culpa; proporcionar a sublimação por meio da catarse, e, levar o ser humano a um entendimento de suas reações emocionais. Objetivos de prevenção: prevenir o crescimento de tendências neuróticas e, conduzir a uma melhor administração dos conflitos.
Orsini	Classifica os objetivos como sendo de: nível intelectual, nível social, nível emocional e nível comportamental. Assim, a biblioterapia tem como objetivos: auxiliar o auto-conhecimento pela reflexão, reforçar padrões sociais desejáveis, proporcionar desenvolvimento emocional pelas experiências vicárias e auxiliar na mudança de comportamento.
Matthews e Lonsdale	Distinguiram três tipos a terapia de leitura: a de crescimento, a factual e a imaginativa. Assim, os objetivos são: divertir e educar, informar e preparar o paciente para o tratamento hospitalar explorar os sentimentos e tratar os problemas emocionais.
Caldin	Proporcionar uma forma de as crianças comunicarem-se, de perderem a timidez, de exporem seus problemas emocionais e quiçá físicos; oferecer moderação das emoções às crianças.

Fonte: Adaptado de Rosa (2006, p. 16-19).

Ao observar os objetivos supracitados, percebe-se que a biblioterapia não se limita a aliviar dores físicas e emocionais, porquanto também visa a uma reintegração social e a um processo de autoconhecimento. Por meio dela, os sujeitos podem encarar e entender seus limites, conflitos e reações e, amparados pelos mediadores envolvidos na prática, encontrar a solução para lidar com esses sentimentos. Kenneth (1994), citado nos estudos de Pereira (1996), indica que a biblioterapia capacita e possibilita o sujeito a vivenciar o tema “conhecer a si mesmo”, por meio do diálogo e da extroversão que as atividades e os dispositivos proporcionam.

É de suma importância compreender e levar em consideração esses objetivos de modo a serem alcançados durante a aplicação da biblioterapia, uma vez que eles possibilitam se aproximar, entender e apoiar o sujeito na solução dos seus problemas, portanto, colaboram para o alcance de resultados favoráveis da prática.

É necessário, também, identificar o perfil e os problemas apresentados pelos sujeitos por meio dos tipos e dos métodos biblioterapêuticos. Mediante esse diagnóstico, será possível determinar os profissionais que farão parte da equipe que trabalhará com os sujeitos, de forma individual ou coletiva, e os dispositivos e as atividades que serão utilizados na prática. Assim, o exercício da biblioterapia deve ser planejado sistematicamente e desenvolvido de maneira consciente, pois, ao realizar essas atividades, os profissionais assumem uma responsabilidade com a vida emocional e social dos sujeitos.

Na literatura, encontram-se três tipos de biblioterapia: a institucional, a clínica e a desenvolvimental ou de desenvolvimento pessoal. De acordo com Pereira (1996) e Marcinko (1989) citada por Ferreira (2003), pode-se conceituá-los da seguinte forma:

- a) biblioterapia institucional: é o tipo em que se utiliza como dispositivo a literatura, inicialmente didática, aplicada individualmente. Esse é o tipo mais tradicional da biblioterapia, já que recorda o início da prática, uma vez que é recomendado para pacientes mentais, ou seja, em que se prescrevem leituras para doenças específicas. A equipe que atua nesse tipo geralmente é composta de bibliotecários e uma equipe médica, porém, pode ter a participação de educadores a depender do modo como a prática vai ser trabalhada. Seu objetivo particular é de informar, entreter e reorientar esses sujeitos em seus comportamentos;

- b) biblioterapia clínica: como o nome sugere, é o tipo praticado em clínicas, hospitais e institutos, de um modo geral, voltados para a saúde. Utiliza como dispositivo a literatura imaginativa e objetiva contribuir para melhorar o comportamento e as atitudes dos sujeitos. Nesse tipo de biblioterapia, a prática é trabalhada em grupo, e os sujeitos podem participar voluntariamente ou não. A equipe responsável é composta de 'bibliotecários, médicos e psicoterapeutas;
- c) biblioterapia desenvolvimental ou de desenvolvimento pessoal: utiliza como dispositivo terapêutico a literatura imaginativa e didática e pode ser aplicada individualmente ou em grupo, em caráter preventivo ou corretivo. Objetiva apoiar os sujeitos em problemas cotidianos, como: divórcio, gravidez, luto, sofrimento por preconceitos etc. A equipe é composta de bibliotecários, educadores, assistentes sociais e psicólogos.

Ao observar os tipos da biblioterapia, percebe-se que não existe um único modelo a ser seguido. É preciso diálogo entre sujeitos e profissionais para identificar o perfil e entender o que os aflige. A partir desse reconhecimento, são traçadas conscientemente as atividades a serem desenvolvidas e os profissionais que constituirão a equipe para apoiar os sujeitos. Entende-se ainda que essa categorização realizada por Pereira (1996) e Marcinko (1989) citada por Ferreira (2003) tem um contexto próprio e busca de maneira didática evidenciar essas práticas biblioterapêuticas, entretanto, existe uma associação entre as práticas tornando tênue ou inexistente as fronteiras estabelecidas nessas categorias, haja vista, o que se caracteriza, por exemplo, como uma prática institucional também pode ser considerada uma prática clínica.

Em se tratando especificamente da atuação do bibliotecário na aplicação da biblioterapia, ele deve desenvolver sua formação, a competência dialógica, afetiva e interativa, além de outras atividades que o capacitem para atuar conscientemente nessa prática.

O diálogo é a base da biblioterapia. A multiplicidade de interpretações permite que os comentários sejam mais diversificados levando o indivíduo a 'outro mundo' ou onde pode ser quem quiser, expor os sentimentos que a leitura proporcionou, a troca de gestos, de expressões de alegria ou de angústia. São esses fatores os diferenciais entre a biblioterapia de outros tipos de incentivo à leitura. (VALENCIA; MAGALHÃES, 2015, p. 13).

Reforçando o que os autores afirmaram, o diálogo biblioterapêutico motiva os sujeitos a, depois das atividades, expressarem o que gostaram ou não durante a ação. A exposição dessas diferentes interpretações contribui para que os sujeitos possam enxergar seu problema, suas atitudes e seus comportamentos por “outros olhos” e encontrar soluções para enfrentar suas aflições. Complementando o diálogo biblioterapêutico, Caldin (2001) também menciona como fundamento para a biblioterapia o método biblioterapêutico, que pode ser compreendido como a dinamização da linguagem, uma vez que a linguagem não é neutra, ela conduz o sujeito para além de si próprio e o torna livre em seus pensamentos e ações.

Ao tomar como base atividades que tenham como dispositivo a leitura de textos literários, Caldin (2001) indica seis componentes biblioterapêuticos a serem alcançados e trabalhados durante a ação, a saber: a catarse, o humor, a identificação, a introjeção, a projeção e a introspecção.

No que diz respeito à **catarse**, Caldin (2009) enuncia que o entendimento sobre ela gera debates dos pontos de vista da Estética, da Psicologia e da Filosofia. Porém, por compreender que todas elas defenderão perspectivas semelhantes, nesta pesquisa, adotou-se o pensamento de Aristóteles, uma vez que o nome do filósofo se destaca em meio às reflexões. Segundo Moisés (1998), citado nos estudos de Caldin (2009), Aristóteles teria tomado o termo catarse da Medicina, em que a palavra significava eliminação de humores corporais que prejudicavam a saúde do sujeito, e transferido para o universo estético. Portanto, o sentido que Aristóteles desejava empregar ao utilizar a palavra era o de equilíbrio emocional e físico. Pode-se dizer que esse é o objetivo desejado por todos os sujeitos, porque estar bem fisicamente e fortalecido emocionalmente possibilita harmonia e completude. (CALDIN, 2009).

Portanto, com base nessa concepção, Caldin (2001, p. 38) definiu catarse como “pacificação, serenidade e alívio das emoções.” Na biblioterapia, a catarse é visível no diálogo biblioterapêutico, que é

[...] baseado na relação fundante da amizade, na relação de confiança estabelecida entre leitor do texto e os ouvintes, permite que os envolvidos na terapia por meio da leitura se liberem das lembranças ruins, na medida em que expõem suas ansiedades sem lágrimas ou cólera, mas na forma tranquila de uma conversa informal entre amigos. (CALDIN, 2001, p.155 e 156).

Compreende-se, então, que a catarse é o componente que proporciona ao sujeito alívio dessas emoções, que, ao serem externadas, ganham forma e podem ser compreendidas na perspectiva de todos os que estão compartilhando e vivenciando a prática. Nesse sentido, ressalta-se novamente que é importante escolher dispositivos terapêuticos que afetem os sujeitos por meio da história contada e que mobilizem neles não só o despertar de emoções, como também, a catarse, ou seja, a pacificação dessas emoções. A partir desse reconhecimento e da pacificação, pode-se inferir que o sujeito estará no caminho rumo a alcançar o objetivo proposto por Aristóteles, o equilíbrio do ser.

O próximo componente a ser considerado na biblioterapia é o **humor**. O entendimento de humor, na prática, toma como base Freud (1969, *apud* CALDIN, 2001), já que, para ele, trata-se de um ato de “[...] rebelião do ego contra as circunstâncias adversas, transformando o que poderia ser objeto de dor em objeto de prazer.” Essa interpretação acerca do humor também pode ser trazida para o dia a dia dos sujeitos, afinal, não é difícil já ter ouvido algum provérbio ou ditado popular que tenham o humor e, conseqüentemente, o riso como tema: “Fazer rir é fazer esquecer” ou “Rir é o melhor remédio”. Esse componente também é um fator a ser considerado durante a escolha do dispositivo, porque é plenamente viável contribuir para que o sujeito entenda seus problemas e emoções de uma forma leve, que provoque a reflexão necessária para que haja uma mudança de perspectiva, mas que não seja pesaroso para ele.

A **identificação**, na biblioterapia, também envolve a afetividade. (CALDIN, 2009). É através dela que os sujeitos se relacionam, por exemplo, com os personagens de uma leitura literária. Segundo o *Vocabulário de Psicanálise* de Laplanche e Pontalis (1994) utilizado por Caldin (2001, p. 9), em seus estudos, a identificação é “[...] um processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro.” Esse componente possibilita ao sujeito visualizar situações e experimentar sensações por meio da leitura e da identificação com os personagens. Através dela, os sujeitos podem refletir melhor sobre os problemas que enfrentam e encontrar uma solução para eles.

Dando continuidade à identificação, existe o componente **introjeção**, em que os sujeitos não só visualizam as características com as quais se identificaram, como também as incorporam como suas. Então, quando percebem no outro,

comportamentos e posturas que gostariam de ter, começam a passar por um processo de mudança consciente. Trata-se de uma admiração, um sentimento comum no dia a dia dos sujeitos e que pode ter como alvo os pais, amigos ou qualquer pessoa próxima.

No caminho oposto aos últimos componentes citados, tem-se a **projeção**, que pode ser compreendida como “[...] a transferência aos outros de nossas idéias, sentimentos, intenções, expectativas e desejos.” (CALDIN, 2001, p. 39). É como se o sujeito quisesse se livrar do que não aceita ou entende, e para tal, ele as atribuiu ao outro. Ao relacionar esse componente com a literatura, ele é perceptível quando o sujeito rejeita algum personagem durante a leitura por não concordar com a sua personalidade e seus comportamentos descritos pelo autor, o que não significa que ele próprio não as tenha.

O último componente abordado por Caldin (2001) é a **introspecção**, cujo alcance, durante a prática, pode ser caracterizado como a demonstração de que o sujeito realmente está refletindo e mudando seu comportamento ou enxergando seus problemas sob outra perspectiva, uma que seja solucionável. Trata-se do que ele apreendeu durante a prática, por meio dos dispositivos e do diálogo terapêutico.

Assim, ao refletir acerca do que é a biblioterapia, quais os tipos e os componentes a serem considerados durante a prática, percebe-se o quanto é relevante que o bibliotecário que escolhe atuar no campo tenha consciência da importância e dos benefícios que a leitura, verbal ou não, pode proporcionar aos sujeitos. Tendo em vista que a biblioterapia é uma mediação especializada da leitura, pressupõe-se que ela é um ato afetivo que mobiliza os sujeitos, seus sentimentos e suas ações, o que os capacita a ressignificar suas ações e transformar suas histórias.

Também foi possível perceber características que relacionam a biblioterapia à mediação da informação e suas dimensões. E com o objetivo de tornar evidente essa percepção, na próxima subseção, será apresentada essa aproximação a partir do conceito de Almeida Júnior (2015) e das dimensões da mediação da informação defendidas por Gomes (2014, 2016, 2020).

3.2 A BIBLIOTERAPIA COMO MEDIAÇÃO ESPECIALIZADA DA LEITURA NA PERSPECTIVA DAS DIMENSÕES DA MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Entende-se como necessário, antes de explicar a relação entre a biblioterapia e as dimensões da mediação da informação, esclarecer o conceito adotado nesta

pesquisa, de biblioterapia como mediação especializada da leitura. Sousa (2019), no capítulo *Biblioterapia e a mediação afetiva da literatura: experiências de bibliotecários em biblioteca*, defende que a biblioterapia é a mediação afetiva da literatura, para além da característica do afeto, ou conforme Gomes (2014) do ato de cuidar, também se percebe que a prática da biblioterapia deve ser consciente.

Portanto, pautada em ambas as percepções, defende-se que a biblioterapia demanda um grupo profissional especializado para atuar de maneira multidisciplinar, auxiliando a tratar e a desenvolver os sujeitos. Dessa forma, entende-se que a biblioterapia é a mediação especializada da leitura porque requer uma ação consciente e sistematizada dos profissionais que trabalham com ela e pressupõe o cuidado e o afeto que a leitura demanda para ser utilizada como impulsionadora da (trans)formação do sujeito singular e social, visto que é só por meio desse ato que ele se apropria da informação e ressignifica sua relação consigo mesmo e com o mundo.

Ao longo da discussão tecida nesta pesquisa, nota-se que a mediação da informação é base para a mediação da leitura, e esta última é uma atividade direta da mediação da informação, conforme o conceito de Almeida Júnior (2009, 2015). Logo, compreende-se que a mediação da informação também subsidia as atividades realizadas na prática da biblioterapia. Para tanto, realiza-se a aproximação da biblioterapia com algumas das características defendidas por Almeida Júnior (2009, 2015) em seu conceito.

A primeira característica com que se pode estabelecer relação são as ações direta e indireta. No que diz respeito aos métodos em que a biblioterapia está pautada, percebe-se que, desde o seu planejamento, ela pode ser compreendida como uma ação direta, pois, para ser definido o tipo, as atividades a serem realizadas e os profissionais que trabalharão nessa aplicação, é necessário conhecer os sujeitos e os problemas que enfrentam naquele momento. Por meio desse contato prévio é que os mediadores podem escolher os dispositivos que serão trabalhados durante as atividades e planejar como os utilizarão, objetivando favorecer a troca entre sujeitos e compreender seus sentimentos e pensamentos por outra perspectiva. Ao mesmo tempo, se configura a ação indireta da biblioterapia, uma vez que, ao delinear a aplicação, os profissionais terão em mente o perfil dos sujeitos, o diálogo entre eles e como podem apoiá-los em seu processo de reconhecimento singular e social.

Como justificado anteriormente, a biblioterapia é uma prática consciente, porquanto é trabalhada em prol do desenvolvimento emocional, cognitivo e

sociocultural dos sujeitos e da reflexão de suas ações por meio da leitura. É uma prática que provoca o cuidado consigo mesmo e com o outro, na perspectiva de se alcançar a alteridade. Considerando que os mediadores envolvidos na prática são sujeitos participantes, entende-se que eles também devem agir consciente e cuidadosamente, favorecer a resignificação e a reflexão dos sujeitos, como também serem afetados pela leitura e pela reflexão dos dispositivos informacionais utilizados.

Ao tratar da biblioterapia na perspectiva singular, pode-se rememorar seu alcance como uma ação direta, porque a preocupação em conhecer os sujeitos e compreender suas necessidades denota um cuidado em conhecer o sujeito singular, suas vivências, o que gosta de fazer e se a leitura faz parte do seu dia a dia. Portanto, pode-se compreender um alcance simultâneo dessas características defendidas por Almeida Júnior (2009, 2015), visto que, por meio desse reconhecimento do sujeito singular, os profissionais podem planejar e adaptar as atividades que serão realizadas, visando envolver, conquistar a confiança e contribuir com o processo de autoconhecimento, ampliação de perspectivas e (trans)formação desses sujeitos.

Ao mesmo tempo em que precisam observar e compreender as singularidades dos sujeitos, os profissionais devem analisar a pluralidade e observar, por exemplo, as características que mantêm os grupos sociais coesos, as principais práticas socioculturais desenvolvidas pelos grupos em seus contextos e demais aspectos que são representativos de determinada coletividade, visando a uma ação plural da biblioterapia e ao reconhecimento dos sujeitos e seus grupos sociais para o atendimento singular e plural de suas necessidades informacionais. Portanto, ao desenvolver a biblioterapia, os profissionais devem ter em vista que precisam abranger as características singulares e plurais do sujeito ao apoiá-lo em sua (trans)formação.

Ao refletir sobre a biblioterapia, seus conceitos, tipos e características, são perceptíveis o desenvolvimento e a importância da dialogia durante a realização da prática, seja no contato prévio, ao conhecer os sujeitos, ou durante sua aplicação. Segundo Gomes (2014), a dimensão dialógica da mediação da informação é sustentáculo da mediação da informação. Valência e Magalhães (2015) afirmam que o diálogo também é a base da biblioterapia. Portanto, ao tratar da relação da biblioterapia com a mediação da informação, é preciso aproximar as características da prática das dimensões da mediação da informação apresentadas por Gomes (2014, 2016, 2020), que são: **dialógica, estética, formativa, ética e política.**

Como já dito, o diálogo é a base da biblioterapia, porém, quando se referem ao diálogo biblioterapêutico, os autores não têm em vista apenas a conversa entre sujeitos, mas também o processo de discussão e de reflexão que os dispositivos trabalhados na prática devem provocar, a tomada de posição dos sujeitos e se eles concordam ou não, o que corresponde a uma inquietação. A discussão é mediada em conjunto, incluindo todos os membros da equipe, e tem como objetivo de tirar o sujeito do seu lugar de conforto, no que diz respeito às suas certezas e aos seus conhecimentos, e levá-lo a refletir sobre as atividades e os dispositivos trabalhados na prática. Acredita-se que é por meio desse debate gerado depois de feitas as atividades que o sujeito percebe o “mundo” por outra perspectiva, em que não somente ele esteja com problemas e tenha um “confronto” consigo mesmo em busca de mudança. Portanto, não se trata apenas do diálogo, mas de um processo dialógico biblioterapêutico.

A dimensão dialógica da mediação da informação tem duas características próprias: a comunicação intersubjetiva e a intrassubjetiva. Elas podem ser percebidas durante o alcance efetivo da dimensão dialógica da mediação da informação na prática da biblioterapia. A característica intersubjetiva se configura quando os sujeitos se sentem livres e seguros para compartilhar com os demais suas inseguranças, seus problemas e suas percepções sobre as leituras realizadas nas atividades; já a intrassubjetiva é notada quando os dispositivos utilizados tocam o sujeito em seu emocional, e eles conectam suas interpretações com as dos demais sujeitos e as provocadas pelos mediadores com algo que ele já vivenciou ou leu. É a troca realizada pelo sujeito com ele mesmo e suas memórias afetivas.

Pensar a respeito dessa entrega do sujeito, durante a dimensão dialógica, pressupõe que ele esteja confortável com o ambiente e com os demais sujeitos, incluindo os mediadores etc. A dimensão estética da mediação da informação pode ser alcançada nesse conforto, no prazer e no desejo, tanto dos mediadores envolvidos quanto do sujeito, de estar compartilhando o momento de trocas e de aprendizados. Pode-se citar também uma relação com o entendimento sobre o diálogo biblioterapêutico defendido por Caldin (2001), para quem o diálogo é “[...] fundante na relação de amizade e confiança”, portanto, esse processo de comunicação é basilar para o alcance da dimensão estética, visto que, para o sujeito permitir uma aproximação real com o outro e compartilhar seus sentimentos e conhecimentos, é necessário estabelecer confiança por meio da interação. Assim, tanto a dimensão

dialógica quanto a dimensão estética da mediação da informação são fundamentais para o desenvolvimento consciente de uma prática biblioterapêutica.

Nessa conjuntura, a dimensão dialógica, associada à autopercepção do desenvolvimento gerado por meio das interferências dos mediadores e dos demais sujeitos, mobiliza a busca por mais informações e amplia seus conhecimentos fazendo com que a prática biblioterapêutica alcance a dimensão formativa da mediação da informação. Essa dimensão pode ser evidenciada a partir do momento em que as provocações dos mediadores envolvidos na biblioterapia impulsionam os sujeitos a compreenderem o que eles sentem ou enfrentam e os preparam para um exercício de autoconhecimento e alívio do que os aflige. Nesse processo, o sujeito é estimulado a refletir sobre a situação e a se apropriar de recursos que o auxiliem. Assim como os sujeitos, o bibliotecário e demais mediadores também podem ser envolvidos pela prática de tal forma que igualmente possam ser (trans)formados por ela.

Na aplicação da biblioterapia, é preciso alcançar a dimensão ética da mediação da informação, uma vez que, em seu percurso, ocorrem interferências que apoiam o sujeito no processo de compreensão, identificação e reflexão das leituras. Porém não deve haver uma manipulação, mas uma provocação, uma condução consciente da biblioterapia. Os mediadores responsáveis por essa condução devem estar atentos às expressões e ser sensíveis ao que ouvem, não permitindo que crenças e princípios interfiram no processo de entrega e autoconhecimento do sujeito.

Compreende-se que a biblioterapia, com todos os seus métodos e técnicas, tem como objetivo principal contribuir para que o sujeito passe por um processo de reflexão e de mudança. Toda a prática é pensada e planejada para que o sujeito seja tocado e exteriorize o que sente. Portanto, o alcance da dimensão política da mediação da informação se configura, na biblioterapia, quando o sujeito passa a demonstrar traços de mudança, seja em seu comportamento ou no modo como enxerga o outro e o “mundo”. Ele não só foi afetado pela prática como também amadureceu e construiu um caminho consciente, no qual ele é o protagonista e responsável por sua história e passa a atuar como multiplicador de interferências que proporcionam mudanças sociais no coletivo a que ele está vinculado.

Mediante o exposto, percebe-se que os mediadores que desenvolvem a biblioterapia devem tomar como base os princípios da mediação da informação e refletir sobre os conceitos e os tipos de aplicação. O entrelace da biblioterapia e a mediação da informação reforça e justifica porque essa prática é tão importante e deve

ser pesquisada e aplicada em sociedade, uma vez que possibilita aos sujeitos identificarem e superarem conflitos ou problemas.

Conforme já explicitado, a biblioterapia é compreendida como uma mediação especializada da leitura, portanto, além do vínculo com a mediação da informação, ela agrega elementos pertencentes às ações da leitura e sua mediação. E como a leitura – seja ela verbal ou não – está presente na biblioterapia, a prática também contempla o alcance desses entrelaces e aspectos pertencentes à leitura com as dimensões da mediação da informação.

Ao refletir sobre o discutido, é possível destacar características da mediação da informação, da mediação da leitura e da biblioterapia, que se interseccionam, a saber: a necessidade de se fundamentar no processo dialógico, o ato de cuidar, a reflexão sobre o aspecto emocional e cognitivo, a tomada de posição do sujeito sobre sua vida e as demandas do contexto sociocultural, portanto, o alcance do protagonismo social. Tendo em vista que esses campos trabalham em prol da formação e do desenvolvimento social e crítico dos sujeitos, a todo momento, existem um cuidado, uma atenção e a necessidade de ser sensível e empático ao que o outro fala ou vivencia. Isso requer que o mediador assuma uma postura de acolhimento, sem censuras ou manipulação, de acordo com crenças próprias.

É importante ressaltar que o fator emocional está diretamente relacionado ao ato de cuidar, porque, de acordo com Martins (1988), trata-se de uma resposta comportamental e física do sujeito, ou seja, ao tocar e acolher esse sujeito, durante o desenvolvimento das atividades mediadoras, o mediador poderá ajudar a despertar nele memórias e sensações que poderiam estar adormecidas em seu inconsciente e conduzi-lo a se identificar com as atividades e a se envolver nelas, o que pode resultar em uma mudança de postura, comportamento e perspectiva. Então, o entrelace dessas práticas não só está nas características comuns entre elas, mas também na preocupação, na sensibilidade e no agir consciente através da leitura. Esse ato pode ser potencializador, ao tocar e apresentar aos sujeitos as possibilidades que eles podem ter acesso por meio dessas atividades.

A mediação da informação, a partir do seu conceito e de suas dimensões, é basilar no desenvolvimento da biblioterapia. Isso demonstra que, quando os mediadores responsáveis por essa prática sistematizam as atividades da biblioterapia, tendo em vista os princípios da mediação da informação, os aspectos que envolvem a leitura e a mediação dessa, bem como as características que pautam a biblioterapia,

poderão, na perspectiva de uma atuação consciente, desempenhar um papel (trans)formador na vida dos sujeitos, ou seja, um papel de protagonistas sociais.

Para além disso, a mediação da informação nos possibilita observar o sujeito e a prática da biblioterapia do ponto de vista informacional, não apenas do subjetivo e sua implicação terapêutica, mas também compreender como se dá a condução informacional e como ele lê e interpreta esses dispositivos a que tem acesso durante as atividades.

Por meio das concepções teóricas da mediação da informação e de suas dimensões, os estudos que têm como perspectiva esse sujeito que participa das atividades de biblioterapia podem avançar. Trata-se de um sujeito informacional, que, por meio dos dispositivos mediados durante a atividade e a afetividade, pode refletir sobre si mesmo e sobre suas emoções, informar-se, tomar posição e agir como um protagonista social. Portanto, a mediação da informação subsidia os estudos e a prática da biblioterapia, visando considerar o sujeito como um ser que se desenvolve por meio da informação, sofre interferência, influencia as atividades mediadoras e age a favor das mudanças necessárias para ressignificar sua vida e as dos demais sujeitos. Não se trata apenas do afeto, mas também da tomada de consciência por meio do afeto e da reflexão de si e do outro.

Objetivando perceber e apresentar esse entrelace na prática da biblioterapia, a partir do que é registrado e comunicado pelos pesquisadores da área da Ciência da Informação, na próxima seção, apresentam-se os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa, o universo, a amostra, a técnica e o instrumento de coleta dos dados para o alcance dos objetivos traçados.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O procedimento metodológico de uma pesquisa é parte essencial para que sejam alcançados os objetivos determinados no início do seu desenvolvimento. Segundo Gil (2010, p. 17), a pesquisa é um “[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas para os problemas que são propostos.” De acordo com essa afirmação de Gil (2010), não existe um caminho fixo a ser percorrido pelo pesquisador. A metodologia é escolhida de acordo com o problema e os objetivos da pesquisa. Pode-se, então, afirmar que a metodologia é o caminho escolhido em consonância com as metas estabelecidas para a pesquisa.

Quanto à tipologia, esta é uma pesquisa descritiva, que, de acordo com Gil (2010, p. 27), “[...] têm como objetivo descrever as características de determinada população ou fenômeno ou, então, estabelecer relações entre variáveis.” Seu objetivo é de descrever os aspectos de inter-relação entre a biblioterapia, a mediação da informação e a mediação da leitura.

Quanto aos procedimentos, o método adotado foi o bibliográfico. Para Gil (2010), esse tipo de investigação é realizado com base em material publicado, como livros e revistas, tanto em seu formato impresso quanto digital. Devido aos novos formatos documentais, também se consideram os materiais publicados na internet. Esta pesquisa foi desenvolvida a partir do levantamento bibliográfico de fontes de informação, como, por exemplo, artigos científicos, trabalhos publicados nos anais de eventos nacionais da área, dissertações e teses.

Gil (2002, p. 45) afirma que uma das vantagens do método bibliográfico é o fato de possibilitar ao investigador ter acesso a uma gama maior do conteúdo do que ele teria de forma direta. O autor também faz um alerta para a qualidade das fontes pesquisadas, uma vez que podem existir dados coletados ou processados de forma errônea, o que pode comprometer a qualidade e o andamento da pesquisa. Por isso, é muito importante que existam critérios para que a fonte escolhida seja adequada e confiável. Assim, as fontes de informação que integraram a amostra desta pesquisa foram avaliadas e reconhecidas pelos pares e pelas instituições vinculadas ao desenvolvimento científico.

4.1 PROBLEMA E HIPÓTESE

A partir da percepção de que os bibliotecários são mediadores da informação que podem integrar a equipe multidisciplinar que desenvolve a biblioterapia, surgiu a necessidade de realizar novos estudos para investigar como o tema “biblioterapia” vem sendo abordado na Ciência da Informação e o entrelace da biblioterapia com a mediação da informação e a mediação da leitura. Assim, a **questão norteadora** que justificou a realização deste estudo é: Quais as contribuições e os avanços teóricos da biblioterapia identificados na literatura da Ciência da Informação e se essa produção científica apresenta relações com a mediação da informação e a mediação da leitura?

A partir da análise da questão norteadora, formulou-se a hipótese de que, apesar de a biblioterapia ser reconhecida pelos bibliotecários, em sua atuação, refletida e estudada no campo da Ciência da Informação, a inter-relação da biblioterapia, da mediação da informação e da mediação da leitura ainda é feita de maneira subjacente, ou seja, essa aproximação entre os temas ocorre ao longo do texto de maneira implícita.

A partir do problema e da hipótese delineados para esta pesquisa, foram elaborados os objetivos a serem alcançados durante a investigação, para que a questão norteadora fosse respondida. A seguir, apresentam-se o objetivo geral e os objetivos específicos delineados para a pesquisa.

4.2 OBJETIVOS

Para traçar o caminho a ser percorrido durante uma pesquisa, não existem regras rígidas, porém, segundo Gil (2002, p. 20), é necessário cumprir algumas etapas durante sua elaboração, como, por exemplo, a de formulação do problema, a de construção das hipóteses, a de definição dos objetivos a serem alcançados, entre outras.

Quanto aos objetivos, devem ser traçados de acordo com a questão norteadora. O objetivo geral é o que o pesquisador visa alcançar, e os objetivos específicos são as etapas que deverão ser cumpridas nesse trajeto. Nas próximas subseções, apresentam-se o objetivo geral e os objetivos específicos.

4.2.1 Objetivo geral

Analisar como vêm sendo tratadas a biblioterapia e sua relação com a mediação da informação e a mediação da leitura, a partir da produção científica da Ciência da Informação no Brasil, e identificar as contribuições e as perspectivas teóricas e práticas nessa relação temática.

4.2.2 Objetivos específicos

Para alcançar o objetivo geral, foram traçados os seguintes objetivos específicos:

- a) identificar os conceitos da biblioterapia na Ciência da Informação brasileira e como podem ser relacionados aos pressupostos teóricos da mediação da informação e a mediação da leitura;
- b) identificar os métodos e os ambientes de investigação em que as pesquisas sobre a biblioterapia são desenvolvidas;
- c) mapear os tipos e os procedimentos de ações de biblioterapia na literatura sobre Ciência da Informação.

Para que seja possível cumprir esses objetivos, é necessário apresentar o universo e definir a amostra que é trabalhada na pesquisa. Essa delimitação requer que se tenha em mente quanto tempo se tem e o que precisa ser realizado na investigação. A seguir, apresentam-se o universo e a amostra deste trabalho.

4.3 UNIVERSO E AMOSTRA

O universo desta pesquisa foi a produção científica nacional do campo da Ciência da Informação. Para a amostra, foram selecionados materiais de natureza bibliográfica, a saber: trabalhos publicados em anais de eventos científicos, artigos científicos, teses e dissertações. Os livros não foram incluídos na amostra visto que os títulos que tratam do tema estão voltados para a área da saúde ou são originários de teses e dissertações estão incluídas na delimitação tipológica.

Para que os objetivos citados fossem alcançados, foi necessário escolher uma ou mais técnicas que fossem adequadas e possibilitassem coletar as informações. Para isso, foram utilizadas as técnicas de levantamento bibliográfico e análise de conteúdo, descritas a seguir, bem como os procedimentos realizados durante a coleta dos dados.

4.4 TÉCNICA, INSTRUMENTO E PROCEDIMENTO DE COLETA DOS DADOS

No primeiro momento da pesquisa, em relação ao **levantamento bibliográfico**, foi necessário definir alguns aspectos como: os termos utilizados para recuperar os textos nas bases de dados; as estratégias de busca adotadas e a utilização dos operadores booleanos, combinando os termos ou utilizando-os separadamente. Em seguida, foi preciso definir o recorte temporal e tipológico dos textos, tendo em vista o que se desejava alcançar e de quanto tempo se dispunha para esta pesquisa. Posterior a esse recorte, procedeu-se ao levantamento das fontes adequadas para a pesquisa. Para isso, foi fundamental conhecer a base de dados em que esse levantamento foi realizado, sua organização e sua estrutura.

No segundo momento da coleta dos dados, ainda em relação ao levantamento, foram realizadas as buscas nas fontes de acesso à informação determinadas com o auxílio das estratégias que foram formuladas. De posse do material, seja por empréstimo, comutação bibliográfica ou *download* dos textos, seguiu-se para a leitura e a seleção das informações relevantes. No caso da pesquisa bibliográfica, o instrumento adotado foi a ficha de leitura, com a qual foi possível separar as citações, as ideias dos autores e as reflexões pessoais.

Depois de definidos esses pontos, seguiu-se para a fase de seleção dos textos que constituem o levantamento bibliográfico. Para isso, foram consideradas sua disponibilidade, em seu conteúdo integral, e a abordagem do conteúdo em relação ao tema biblioterapia. Os termos escolhidos para recuperar esses textos foram “biblioterapia” e “leitura terapêutica”, utilizados de forma separada. Não foram utilizados operadores booleanos para essa recuperação, e o critério adotado foi de que os trabalhos apresentassem esses termos no título, no resumo e/ou nas palavras-chave. Apesar de não haver um termo voltado para a mediação da informação ou mediação da leitura, foi possível, por meio da análise de conteúdo, explicada posteriormente, identificar a inter-relação entre os temas.

Devido à necessidade de fazer recortes para que a pesquisa fosse trabalhada de forma satisfatória, considerou-se como parte da amostra tipológica, com relação aos trabalhos publicados em anais, os seguintes eventos científicos da Ciência da Informação que são realizados em nível nacional: O Encontro de Pesquisa em Informação e Mediação (EPIM), cuja primeira edição foi realizada em 2014 e é um evento idealizado pelo Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Seu objetivo foi de reunir discentes, docentes e profissionais das áreas da Ciência da Informação, Educação e Comunicação, a fim de debater sobre os vários contextos que envolvem a informação e a mediação. (UEL, [201-?]).

O Seminário em Ciência da Informação (SECIN), realizado bianualmente pelo Departamento de Ciência da Informação e pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UEL, visando debater sobre temas que envolvam a pesquisa científica em Ciência da Informação. (UEL, [201-?]).

O Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), cujos dados foram coletados no Grupo de Trabalho 3 (GT3) da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), que corresponde aos trabalhos que envolvem especificamente a mediação, a circulação e a apropriação da informação. O ENANCIB é o principal evento de pesquisa e de pós-graduação da área no Brasil. Seu objetivo é de discutir, refletir e estimular a produção de conhecimentos por meio do diálogo entre os pares que atuam na área. (ENANCIB, [201-?]).

O Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (CBBDD), um evento consolidado em nível nacional, realizado desde 1954. É um espaço onde são feitas as trocas de experiências e práticas entre profissionais e pesquisadores da área a respeito das bibliotecas e das unidades de informação, ensino e pesquisa. (FEBAB, [201-?]).

O último evento nacional que compõe a seleção dos trabalhos publicados em anais é o Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU), cuja primeira edição foi em 1978 e, assim como os outros, visa promover o debate e a reflexão entre os pares. Porém seu foco são as ações que envolvem as bibliotecas universitárias. (FEBAB, [201-?]).

A escolha por esses eventos foi realizada com base na importância que todos eles têm na área, em nível nacional, e nos debates acerca da mediação da informação e da mediação da leitura, que, por sua vez, engloba a biblioterapia, que é entendida

pela pesquisadora como uma prática na qual o mediador, por meio da dialogia, auxilia e conscientiza o sujeito sobre suas diversas possibilidades, justificando a contribuição que a utilização dessas fontes trará para o *corpus* desta pesquisa.

Quanto aos artigos científicos, optou-se por recuperá-los por meio da Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci), que é uma das bases de dados mais importantes da área da Ciência da Informação. A Brapci é vinculada à Universidade Federal do Paraná e visa proporcionar um olhar amplo do pesquisador sobre a produção científica na área, através dos artigos indexados. Atualmente, é possível encontrar na Brapci referências e resumos de 19.255 textos que foram publicados em 57 periódicos impressos e eletrônicos da Ciência da Informação. Desses, 40 estão ativos e 17 foram descontinuados. Os artigos indexados foram publicados desde 1972 até o momento atual. (BUFREM; COSTA; GABRIEL JUNIOR; PINTO, 2010).

Sendo assim, a escolha pela Brapci se justifica por ser uma base especializada em Ciência da Informação e ter uma gama de artigos indexados, todos em um único ambiente, o que dinamiza a aplicação dos critérios de pesquisa e recuperação dos textos. Não foram determinados critérios em relação ao Qualis das revistas. Optou-se por considerar e analisar todas as publicações a respeito do tema, o que possibilitou a divulgação desses artigos. Entretanto, foi definido um recorte temporal de dez anos, de 2009 a 2019, para recuperar os artigos e os demais tipos de fontes de informação que compõem a amostra.

Quanto à recuperação das teses e das dissertações, foi utilizada a Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) como fonte de acesso. A BDTD do IBICT é um sistema que integra 168.812 teses e 456.568 dissertações de 115 instituições de ensino e pesquisa no Brasil. Através dela, a comunidade de Ciência e Tecnologia pode ter mais visibilidade da produção científica nacional. (IBICT, [201-?]). Assim como a Brapci, a BDTD do IBICT oferece ao pesquisador a possibilidade de ter acesso a essa gama de conteúdo em uma única plataforma, o que otimiza o tempo de pesquisa dispensado para o levantamento.

Conforme já referido, além desse recorte tipológico, a amostra da pesquisa também teve um recorte temporal, que concentrou o levantamento de dados para a produção científica dos últimos dez anos (2009 a 2019), com o objetivo de estabelecer

uma visão ampla a respeito dos possíveis avanços das pesquisas e práticas da biblioterapia e sua relação com a mediação da informação e a mediação da leitura.

Depois de selecionar o material, deu-se início à leitura dos textos e às anotações consideradas relevantes para a pesquisa. Para esse terceiro momento, foi adotada a **técnica de análise do conteúdo**, que, de acordo com Bardin (2016, p. 37), é “[...] um conjunto de técnicas para a análise das comunicações.” Ainda segundo a autora, com essa análise, é possível inferir sobre uma nova realidade que não seja apenas a da mensagem. Para analisar o conteúdo, Bardin (2016) sugere três fases:

- a) **pré-análise**: é a fase de organização, em que se sistematizam as ideias de modo que seja construído um esquema de desenvolvimento da análise. Além disso, é o momento de escolher os documentos, formular as hipóteses e de elaborar os objetivos e os indicadores que irão fundamentar a interpretação dos textos;
- b) **exploração do material**: trata-se de uma fase longa, em que são feitas a codificação, a decomposição ou a enumeração do material de acordo com regras previamente estabelecidas;
- c) **tratamento dos resultados obtidos e interpretação**: é a fase em que os resultados são tratados para se tornarem significativos e válidos. O pesquisador pode interpretar e inferir os resultados com base nos objetivos da pesquisa.

Durante a seleção dos materiais e do processo de leitura, percebeu-se que as duas primeiras fases a que Bardin (2016) faz referência foram cumpridas. Na etapa de pré-análise, foram escolhidos e organizados os textos de acordo com o tipo de material e o evento em que foi apresentado.

Na etapa de exploração do material, deu-se continuidade ao processo de leitura – uma leitura mais analítica – que envolveu a interpretação dos textos para preenchimento da ficha de leitura (instrumento de coleta de dados que foi utilizado e explicado a seguir). Também foram utilizadas as codificações e as enumerações para organizar o texto na ficha de leitura, as quais são explicadas a seguir, juntamente com o instrumento utilizado. Sendo assim, considera-se que a análise de conteúdo foi fundamental para interpretar os textos selecionados, porquanto foi possível identificar

o entrelace da mediação da informação – seu conceito e suas dimensões – com a mediação da leitura e a biblioterapia.

Para que a técnica supracitada – análise de conteúdo – fosse realizada de maneira adequada, adotou-se como **instrumento a ficha de leitura**, apresentada no Quadro 4, que, de acordo com Gil (2002, p. 81), visa identificar as obras analisadas, registrar o tema tratado no texto, tecer comentários e organizar o que já foi analisado. Portanto a ficha é um instrumento essencial para as pesquisas bibliográficas, já que contribui para organizar as ideias a respeito do texto e do que já foi lido.

A ficha de leitura adotada nesta pesquisa foi adaptada do instrumento de coleta de dados do estudo realizado por Botelho (2019), porém foram incluídos novos itens para atender aos objetivos determinados para este trabalho e para a análise do conteúdo selecionado. Para determinar os tópicos finais que constituíram a ficha, foi feito um pré-teste para escolher um texto sobre o tema e utilizada a ficha para anotações. O objetivo do pré-teste foi de verificar se os tópicos contribuiriam para posterior coleta de dados da pesquisa e se seria preciso incluir ou modificar algum aspecto.

Quadro 4 – Modelo da ficha de análise dos textos científicos

Ficha de análise dos textos científicos	Código de controle
Referência	
Autor(es)	
Métodos de investigação do estudo analisado	
<input type="checkbox"/> Bibliográfico <input type="checkbox"/> Documental <input type="checkbox"/> Experimental <input type="checkbox"/> Quase experimental <input type="checkbox"/> <i>Ex-post-facto</i> <input type="checkbox"/> Estudo de caso único <input type="checkbox"/> Estudo de múltiplos casos <input type="checkbox"/> Participante <input type="checkbox"/> Pesquisa-ação	
Conceito de biblioterapia desenvolvido pelo(s) autor(es) da produção	
Conceito de biblioterapia utilizado pelo(s) autor(es) com base na literatura sobre o tema	
Relação do conceito/ação de biblioterapia com a mediação da informação	
<input type="checkbox"/> relação explícita <input type="checkbox"/> relação implícita Comentários:	
Ambientes em que ocorrem as atividades de biblioterapia indicadas no estudo analisado	
Procedimentos das atividades de biblioterapia indicadas no estudo analisado	
Descrever procedimentos:	
Procedimentos de seleção dos conteúdos para a biblioterapia	
<input type="checkbox"/> explícito <input type="checkbox"/> implícito Comentários:	
Atividades desenvolvidas na prática de biblioterapia indicada no estudo analisado	
Descrever atividades:	
Indicação da realização de reflexões por parte dos sujeitos em torno do conteúdo na biblioterapia	
<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não Comentários:	
Produção de novas informações por parte dos sujeitos a partir da biblioterapia	
<input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não Comentários:	
Convergência da biblioterapia com a mediação da leitura	
<input type="checkbox"/> conceito <input type="checkbox"/> atividade <input type="checkbox"/> procedimentos de realização das atividades <input type="checkbox"/> dispositivos Comentários:	
Análise crítica da pesquisadora	

Fonte: Elaborado pela autora, adaptado de Botelho (2019).

O instrumento apresentado subsidiou a coleta dos dados e possibilitou a análise dos textos. Os itens que constituem a ficha são explicados a seguir:

- a) **código de controle:** esse campo foi utilizado para controlar e identificar os textos analisados. Para isso, foi atribuído um código que é formado por letras que correspondem às amostras selecionadas para a pesquisa:

- AT = Artigos + número sequencial;
- TE = Teses + número sequencial;
- DI = Dissertação + número sequencial;
- EP = Trabalhos EPIM + número sequencial;
- SE = Trabalhos SECIN + número sequencial;
- ENA = Trabalhos ENANCIB + número sequencial;
- CB = Trabalhos CBBBD + número sequencial;
- SN = Trabalhos SNBU + número sequencial.

- b) **referência**: campo utilizado para registrar a referência completa do texto, geralmente um cabeçalho essencial em fichas;
- c) **autor(es)**: identificação dos autores responsáveis pelo texto;
- d) **métodos de investigação do estudo analisado**: identificar os métodos que foram adotados no trabalho com base em Gil (2010). Esse campo foi necessário para se começar a observar a relação entre as ações da biblioterapia e da mediação da informação;
- e) **conceito de biblioterapia desenvolvido pelo(s) autor(es) da produção**: identificar o conceito desenvolvido e trabalhado pelo autor do texto;
- f) **conceito de biblioterapia utilizado pelo(s) autor(es) com base na literatura sobre o tema**: identificar qual conceito da literatura o autor utilizou em seu estudo;
- g) **relação do conceito de biblioterapia com a mediação da informação e suas dimensões**: Nesse tópico, a intenção foi de identificar a relação com a mediação da informação e suas dimensões a partir do conceito de biblioterapia;
- h) **ambientes em que ocorrem as práticas de biblioterapia indicados no estudo analisado**: o objetivo foi de saber em qual ambiente se deu a prática da biblioterapia, visto que, por ser multidisciplinar, oferece diversas possibilidades;
- i) **procedimentos das atividades de biblioterapia indicadas no estudo analisado**: tópico voltado para descrever as atividades realizadas de acordo com o objetivo da biblioterapia;

- j) **procedimentos de seleção dos conteúdos para a biblioterapia:** o objetivo foi de investigar se os procedimentos para a escolha dos dispositivos terapêuticos utilizados foram descritos no texto;
- k) **atividades desenvolvidas nas práticas de biblioterapia indicadas no estudo analisado:** identificação das atividades que são desenvolvidas com mais frequência nas práticas da biblioterapia;
- l) **indicação da realização de reflexões por parte dos sujeitos em torno do conteúdo na biblioterapia:** identificação de possíveis falas dos sujeitos que demonstrem mudanças individuais e sociais;
- m) **produção de novas informações por parte dos sujeitos a partir da biblioterapia:** tópico voltado para saber se, na literatura, existem indícios da produção de novas informações por parte dos sujeitos;
- n) **convergência da biblioterapia com a mediação da leitura:** percepções sobre as relações teórico-práticas que se podem identificar entre os dois temas;
- o) **análise crítica da pesquisadora:** campo reservado para um breve resumo e comentários sobre o conteúdo lido e impressões que talvez estejam nas entrelinhas do texto.

Depois de preenchidas as fichas de leitura, foi possível selecionar citações e conceitos que comprovassem a inter-relação entre a mediação da informação, suas dimensões e as práticas biblioterapêuticas. Esse aspecto foi fundamental para analisar os dados.

4.5 PROCEDIMENTOS DE TRATAMENTO E ANÁLISE DOS DADOS

Para tratar e analisar os dados, foram adotadas as abordagens quantitativa e qualitativa. De acordo com Fonseca (2002, p. 20), a pesquisa quantitativa “[...] recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis etc.” Essa abordagem foi utilizada nesta pesquisa para mensurar os dados passíveis de quantificação.

Quanto à abordagem qualitativa, Minayo (2001, p. 21-22) assevera que ela “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e

atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.”

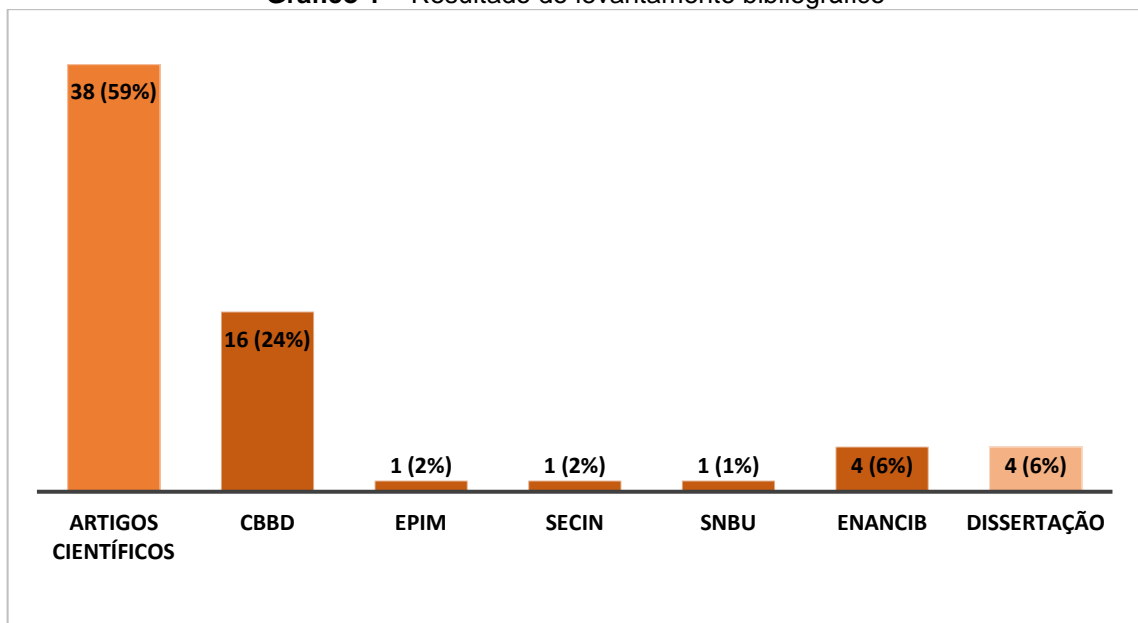
Justificando seu uso na pesquisa, a abordagem qualitativa nos possibilitou fazer uma análise indutiva do objeto de estudo e uma inferência por meio da interpretação dos textos. Em relação à análise do conteúdo, nessa etapa da pesquisa, foi realizada a terceira fase indicada por Bardin (2016) – a de tratamento dos resultados obtidos e da interpretação. Durante essa fase, analisou-se, nos trechos separados durante o preenchimento das fichas, a relação entre a biblioterapia, a mediação da informação e suas dimensões e as características da mediação da leitura e se essa relação é estabelecida de maneira explícita ou implícita ao longo do texto.

5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, são apresentados e discutidos os resultados obtidos por meio do levantamento bibliográfico, que possibilitaram a realização da **análise do conteúdo**, que favorece a identificação do entrelace da biblioterapia, da mediação da informação e da mediação da leitura. Para isso, inicialmente, são apresentados os dados gerais referentes ao levantamento bibliográfico.

Como exposto na seção de procedimentos metodológicos, a amostra desta pesquisa é composta de artigos científicos, trabalhos publicados em anais de eventos científicos, dissertações e teses. O levantamento foi realizado no intervalo temporal de 2009 a 2019, o que resultou em 65 produções científicas.

Gráfico 1 – Resultado do levantamento bibliográfico



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2021).

No Gráfico 1, a maior parte da produção científica recuperada durante o levantamento é composta de artigos científicos (38), que foram identificados por meio da BRAPCI, seguido dos trabalhos apresentados no CBBB (16). Portanto, considera-se que a publicização de artigos é a principal opção dos pesquisadores para comunicarem suas ideias e os resultados alcançados sobre a biblioterapia.

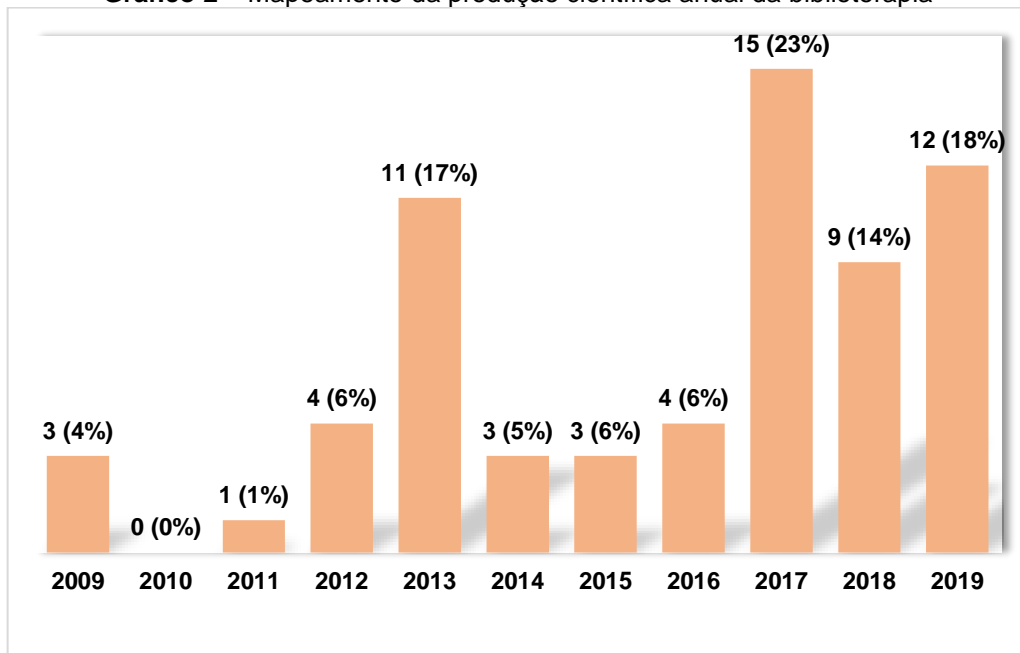
É preciso esclarecer que na amostra recuperada de 16 produções científicas referentes ao CBBB não foi possível considerar um dos trabalhos, porquanto o referido texto era muito semelhante a outro trabalho do mesmo evento. Acrescenta-

se também um trabalho apresentado no evento em 2009, que por não estar disponível nos anais, não foi possível realizar o acesso e a leitura do mesmo. Portanto, 14 trabalhos foram lidos e compõem a análise final.

Ainda sobre o que consta no Gráfico 1, só foi recuperado um trabalho apresentado no SNBU, porém os autores escolheram apresentá-lo por meio da modalidade pôster. Logo, nos anais do evento, só consta o resumo informativo dessa produção, e como esse tipo de gênero textual exige objetividade e síntese das informações, não foi possível ter clareza sobre as informações previamente indicadas que iriam compor a elaboração do fichamento.

No que diz respeito ao ENANCIB, apesar de terem sido recuperadas quatro produções científicas, uma delas não estava disponível para *download*, portanto, apenas três compuseram a análise final. Também foram recuperadas quatro dissertações, conforme demonstrado no gráfico anterior. Vale destacar que, apesar de as teses também comporem a amostra desta pesquisa, não foi possível recuperar as que abordassem a biblioterapia e tivessem sido produzidas na área da Ciência da Informação no recorte temporal adotado.

Outro resultado que se considera relevante é a produção anual dos textos científicos que tratam sobre a biblioterapia e foram publicados no intervalo de dez anos, conforme estabelecido como critério para o delineamento da amostra desta pesquisa.

Gráfico 2 – Mapeamento da produção científica anual da biblioterapia

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2021).

Conforme mostra o gráfico 2, existe uma oscilação entre a produção e a comunicação científica que tratam sobre biblioterapia. No ano de 2010, não foram recuperados textos científicos alinhados aos critérios de composição da amostra de fontes selecionadas para este estudo. Já 2017 foi o ano com o maior número de publicações sobre o tema – 15 produções. Apesar disso, a biblioterapia vem sendo mais discutida, no âmbito da CI, nos últimos anos – 2017, 2018 e 2019. Isso denota que as possibilidades de aplicar a biblioterapia nas mais variadas instituições sociais e os benefícios que a prática pode proporcionar aos sujeitos estão atraindo cada vez mais pesquisadores que desejam estudar e refletir sobre esse campo de atuação e suas diferentes percepções.

Visando agilizar a apresentação e a análise dos resultados específicos referentes aos objetivos determinados para esta pesquisa, demonstra-se, a seguir, como essa seção está subdividida. Na primeira subseção, discute-se sobre a convergência entre os conceitos de biblioterapia encontrados na literatura da Ciência da Informação com a mediação da informação e a mediação da leitura, o que demonstra que o primeiro objetivo específico foi alcançado; na subsequente, apresentam-se os métodos e os ambientes de investigação da biblioterapia mais adotados pelos pesquisadores do tema, conforme traçado no segundo objetivo específico; e por fim, uma subseção que trata dos resultados referentes ao alcance

do terceiro objetivo específico, quanto à análise dos tipos e dos procedimentos utilizados durante ações da biblioterapia.

5.1 A BIBLIOTERAPIA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: CONCEITOS E RELAÇÕES COM A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E A MEDIAÇÃO DA LEITURA

Ao longo da discussão tecida na revisão de literatura, percebeu-se que existe a aproximação entre as características da biblioterapia, da mediação da informação e da mediação da leitura. No processo de coleta dos dados, a relação da mediação da informação e da mediação da leitura com a biblioterapia ocorre de forma implícita, ou seja, apesar de ser possível encontrar indícios nos conceitos de biblioterapia que seriam pertencentes à mediação da informação e suas dimensões e à mediação da leitura, eles não são relacionados de forma direta.

Antes de direcionar a leitura para os quadros que demonstra tal entrelace, é preciso esclarecer que foi organizada de duas formas: a partir das categorias conceituais e das dimensões da mediação da informação e por ordem cronológica crescente. Além de reunir os conceitos elaborados pelos autores das produções científicas recuperadas durante o levantamento bibliográfico, observaram-se os conceitos de biblioterapia utilizados pelos autores dos textos identificados. Nesses casos, é possível observar o nome do autor da citação, o nome dos pesquisadores do texto que realizaram a citação, além do ano de produção do texto.

Objetivando tornar lógica e evidente a relação da mediação da informação e a mediação da leitura com a biblioterapia, optou-se por demonstrar esse entrelace dos temas de forma conjunta, discutindo os conceitos que apresentam as mesmas características em relação a cada tema. Iniciando pelas características que pautam a reflexão de Almeida Júnior (2015) acerca da mediação da informação, destacam-se os conceitos de biblioterapia em que foram observados indícios das categorias apresentadas pelo autor: direta, indireta, consciente, singular e plural e a necessidade de ambiência informacional.

Inicia-se a discussão expondo o entrelace da biblioterapia com a mediação da informação a partir da categoria conceitual ação indireta, defendida por Almeida Júnior (2015).

Quadro 5 – Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios da mediação indireta da informação

Autores	Ano	Abordagens teórico-conceituais de biblioterapia elaboradas pelos autores das produções
<p>Ruth Tews <i>apud</i> Maria Helena Hess Alves</p> <p>(citada por Evandro Jair Duarte; William Barbosa Vianna; Clarice Fortkamp Caldin, 2018)</p>	1982	<p>“[...] um programa de atividade selecionada envolvendo materiais de leitura planejado, conduzido e controlado para tratamento, sob orientação médica, de problemas emocionais.”</p>
<p>Alvin Robert</p> <p>(citado por Ana Lúcia Leite Santos, Aparecida Deyse Acelino, Marília Mesquita Guedes Pereira e Raylene Paulino de Souza, 2017)</p>	1996	<p>“[...] a Biblioterapia como um programa de leitura planejado e conduzido para ajustamento psicossocial sob orientação de uma equipe multidisciplinar, cuja operacionalidade é compreendida através de sessões de leitura individuais e/ou grupais, com seleção de biografias, autobiografias e textos em braille ou áudio books [...]”</p>
<p>Eva Maria Seitz</p> <p>(citada por Maria Cleide Rodrigues Bernardino; Ariluci Goes Elliott; Modesto Leite Rolim Neto, 2012)</p> <p>(citada por Viviane Jerônimo; Adriana Pereira Rossetta; Paulo Roberto Freitas da Silva; Eliete Gonçalves; Juliane Trein, 2012)</p> <p>(citada por Ana Rita Cordeiro de Andrade, 2012)</p> <p>(citada por Noemy Cândida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva, 2013)</p> <p>(citada por Inez Helena Garcia, 2014)</p>	2006	<p>“[...] um programa de atividades selecionadas envolvendo materiais de leitura, planejadas, conduzidas e controladas como um tratamento, sob a orientação médica, para problemas emocionais e de comportamento”.</p> <p>“[...] a biblioterapia é uma forma propícia para promover prazer e conforto, contribuindo para o bem-estar físico e mental dos indivíduos e proporcionando assim uma forma para combater os males que afligem.”</p> <p>(citação indireta) Há muito se fala sobre os benefícios terapêuticos proporcionados pela leitura. Não é de hoje que as pessoas encontram na leitura de um livro a ‘chave’ para compreender seus problemas existenciais, para lidar com as dificuldades naturais do dia a dia, para avaliar e encorajar-se diante dos desafios da vida, pois o ato de ler e elaborar ideias a partir da leitura cria oportunidades, aproxima pessoas, eleva o ser humano. A leitura praticada com objetivo terapêutico é denominada Biblioterapia.</p>

<p>(citada por Karla Haydê Oliveira Fonseca; Fernando Azevedo, 2016)</p> <p>(citada Stheve Balbinotti, 2017)</p> <p>(citada por Maryse Azevedo dos Santos; Suely Oliveira Moraes Marquez, 2017)</p> <p>(citada por David Vernon Vieira; Daiane de Oliveira Lima, 2019)</p>		
<p>Tatiana Rossi; Luciene Rossi; Maria Raquel Souza</p> <p>(citada por Noemy Candida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva, 2013)</p>	2007	<p>(citação indireta) A Biblioterapia configura-se como uma série de atividades em que são selecionados materiais de leitura. Planeja-se sua divulgação em um grupo por meio de leituras individuais e/ou em grupo, encenação por fantoches, teatro, e por outras atividades lúdicas. Estas atividades são conduzidas por bibliotecários juntamente com demais profissionais, já que se trata de uma atividade interdisciplinar.</p>
<p>Murilo Bastos da Cunha e Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti</p> <p>(citado de Maria Cristina Palhares Valência e Michele Cristina Magalhães, 2015)</p>	2008	<p>“[...] utilização de livros e outros materiais de leitura em programas de leitura direcionada e planejada para auxiliar no tratamento de problemas mentais e emocionais bem como desajustes sociais.”</p>
<p>Clarice Fortkamp Caldin</p> <p>(citada por Anny Carolyn Leite Calixto; Marcus César de Borba Belmino, 2013)</p> <p>(citada por Letícia Aurora de Almeida Grasselli; Meri Nadia Marques Gerlin, 2017)</p>	2010	<p>“[...] como atenção ao desenvolvimento do ser humano através da leitura, da narração e da dramatização de histórias.”</p> <p>“[...] uma prática que se vale da leitura dirigida, ou seja, o público-alvo é contemplado com histórias selecionadas por um profissional, que pode ser médico, psicólogo, bibliotecário e professor.”</p>

<p>(citada por Carla Sousa da Silva, 2017)</p> <p>(citada por Carla Sousa e Clarice Fortkamp Caldin, 2017)</p> <p>(citada por Carla Sousa, 2018)</p> <p>(citada por Carla Sousa e Clarice Fortkamp Caldin, 2018)</p> <p>(citada por Lucas Veras de Andrade; Ana Caroline Oliveira da Silva, 2018)</p> <p>(citada por Karin Vanelli; Carla Sousa, 2019)</p> <p>(citada por David Vernon Vieira; Daiane de Oliveira Lima, 2019)</p>		
<p>Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin</p>	<p>2013</p>	<p>“Na Biblioterapia a leitura é uma conversa com o autor, leitor e o narrador de textos, escrito ou falado, fazendo com que o leitor sinta-se emocionalmente motivado às mudanças que façam a diferença na sua vida.”</p> <p>“Biblioterapia é um diálogo entre o texto e o leitor, e esse diálogo pode ser através de: gestos, expressões faciais, risos, aplausos, desenhos e outras manifestações que demonstrem se gostaram ou não do que foi lido, contado ou dramatizado, através das atividades biblioterapêuticas.”</p>
<p>Noemy Candida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva</p>	<p>2013</p>	<p>“A Biblioterapia é uma prática milenar, cujo significado maior traduz uma atitude preventiva, ou seja, cuidado com o ser humano através de uma técnica terapêutica que necessita de um planejamento envolvendo a seleção de materiais didáticos, sendo essa ação, administrada por uma equipe multiprofissional, que disponibiliza tempo e dedicação a tal ação.”</p> <p>“Considera-se a biblioterapia um método coadjuvante da cura pelo diálogo ativado pelo uso de diferentes tipos de materiais informacionais, que podem auxiliar tanto no tratamento quanto na prevenção dos males do físico e da mente.”</p>

		“A biblioterapia é um processo interativo que faz uso da leitura e de outras atividades de caráter lúdico que trabalham em prol do bem-estar daquele que uso dela faz, até mesmo em tratamento de pessoas que possuem doenças tanto físicas como mentais. É utilizada na educação, saúde, reabilitação de pessoas em diferentes idades.”
Delana Galdino de Oliveira; Maria de Fátima Sousa de Oliveira Barbosa; Carla Beatriz Marques Felipe	2019	“A biblioterapia tem sido definida como um processo que se utiliza do livro e da leitura como um dispositivo terapêutico.”

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da pesquisa (2022).

Rememorando o que é a ação indireta da mediação da informação, compreende-se que essa categoria envolve as atividades em que não se conta com a interação direta com o sujeito, como, por exemplo, o planejamento que o mediador realiza de suas atividades e de sua atuação, que não é desenvolvido com a presença física do sujeito, mas considerando estratégias para apoiá-lo a suprir suas necessidades informacionais, bem como subsidiar o acesso, o uso e a apropriação da informação. (ALMEIDA JÚNIOR, 2015).

Nos conceitos dos autores supracitados, há indícios de preocupação em evidenciar a necessidade de um planejamento das atividades a serem mediadas na prática de biblioterapia e a importância de escolher os dispositivos terapêuticos com base no perfil dos sujeitos. Essa percepção pode ser notada, por exemplo, nos conceitos de *Tatiana Rossi*, *Luciene Rossi*, *Maria Raquel Souza* (2007) e *Ruth Tews apud Maria Helena Hess Alves* (1982), que compreendem a biblioterapia como um conjunto de atividades em que se selecionam materiais de leitura que podem ser trabalhados de forma lúdica individual ou coletivamente.

O cuidado no conceito das autoras em relação à seleção das leituras indica que, quando os mediadores desenvolvem a prática da biblioterapia, planejam a condução e a escolha dos dispositivos pautados na necessidade dos sujeitos. Para tal, eles devem conhecer previamente os sujeitos que participarão das atividades, o que requer uma escuta sensível para o que eles dizem e uma observação atenta do que não é dito, mas expressado através dos gestos, dos olhares e demais respostas corporais.

Ressalta-se, no entanto, que esse planejamento não é inalterável. Ao atuar com pessoas que estão “vulneráveis” e em um processo de (auto)reconhecimento, como é o caso da biblioterapia, os mediadores precisam estar preparados para imprevistos, porque o planejamento talvez não seja cumprido integralmente. Isso não significa que a prática não foi efetiva, e sim, pressupõe que os sujeitos, como atores sociais, informacionais e críticos, responderam à ação e se deixaram ser implicados por ela. Eles podem interferir durante a ação e, ao permitir esse movimento, os mediadores, além de incentivá-los a se envolver na atividade, estarão impulsionando um agir crítico e oportunizando um espaço de fala e de criatividade, ou seja, pressupõe-se uma negociação entre mediadores, sujeitos e dispositivos terapêuticos. De acordo com Oliveira (2014), a negociação possibilita a inter-relação e a consideração de suas próprias perspectivas e do outro. Então, na biblioterapia, esse processo favorece a autorreflexão de situações e atitudes através da dialogia e mobiliza os sujeitos a ressignificarem suas atuações e visões de mundo.

Para além da definição de objetivos e de dispositivos terapêuticos na etapa inicial do planejamento, é importante avaliar os resultados depois de feitas as atividades, como recomenda *Ângela Maria Ratton* (1975) em seu conceito. É nesse momento em que os mediadores saberão quais pontos da ação foram impulsionadores e os que precisam ser aperfeiçoados ou, até mesmo, o acréscimo de mais alguma atividade pensando em atender a uma demanda que foi apresentada pelo sujeito no decorrer da prática. O planejamento é uma ação racional, que não só subsidia atuações no presente como também pode gerar resultado referências futuras.

Portanto, como exemplificado no planejamento da biblioterapia, a efetividade da ação indireta da mediação da informação é fundamental na prática, pois, sem ela, é provável que os objetivos defendidos por Bryan (1939), nos estudos de Pereira (1996), não sejam cumpridos. Os cinco objetivos propostos pela autora demonstram que, ao trabalhar com a biblioterapia, o mediador deve apoiar os sujeitos para conscientizá-los do que enfrentam e como podem solucionar os problemas de modo a incentivar a interação e as ponderações críticas, sem deixar de proporcionar amparo e afeto durante esse processo de reconhecimento e autodesenvolvimento.

Tendo em vista o exposto, é necessário explicitar a segunda categoria da mediação da informação, a ação consciente, cujos indícios foram percebidos nos conceitos de biblioterapia dos autores reunidos no quadro abaixo.

Quadro 6 – Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios da mediação consciente da informação

Autores	Ano	Abordagens teórico-conceituais de biblioterapia elaboradas pelos autores das produções
<p>Caroline Shrodes</p> <p>(citada por Neiva Dulce Suzart Alves Bahiana, 2009)</p> <p>(citada por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013)</p> <p>(citada por Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos; Thais Caroline Silva Sousa, 2015)</p> <p>(citada por Carla Sousa da Silva, 2017)</p>	1943	<p>“[...] biblioterapia é um processo dinâmico de interação entre a personalidade do leitor e a literatura imaginativa, que pode atrair as emoções do leitor e liberá-las para o uso consciente e produtivo.”</p>
<p>Ângela Maria Lima Ratton</p> <p>(citada por Maria Vandineide Teles Silva, 2013)</p> <p>(citada por Maryse Azevedo dos Santos; Suely Oliveira Moraes Marquez, 2017)</p> <p>(citada por Jessica da Silva Gadelha; Gabrielle Francinne de S. C Tanus, 2019)</p>	1975	<p>“A biblioterapia é a seleção e prescrição de livros de acordo com as necessidades dos pacientes, condução da terapia baseada em comentários de leitura e avaliação dos resultados”.</p>
<p>Virgínia Bentes Pinto</p> <p>(citada por Inez Helena Garcia, 2014)</p> <p>(citada por Lucas Inacio de Souza; Mônica Elizabeth Yañez Gonzalez. Ana Carolina Sanches, 2018)</p>	1995	<p>“[...] práticas leitoras que utilizam textos-verbais e não-verbais, como coadjuvantes no tratamento de pessoas acometidas por doenças físicas ou mentais ou ainda que enfrentam momentos de crise ou dificuldades – exclusão, integração social, afastamento do convívio familiar, de comunicação, etc. a fim de que os sujeitos, por aproximação ou projeção, sintam prazer com o texto e encontrem respostas para a catarse de seus conflitos, sejam eles físicos, mentais, psicossociais etc.”</p>

<p style="text-align: center;">Alvin Robert</p> <p>(citado por Ana Lúcia Leite Santos, Aparecida Deyse Acelino, Marília Mesquita Guedes Pereira e Raylene Paulino de Souza, 2017)</p>	1996	<p>“[...] a Biblioterapia como um programa de leitura planejado e conduzido para ajustamento psicossocial sob orientação de uma equipe multidisciplinar, cuja operacionalidade é compreendida através de sessões de leitura individuais e/ou grupais, com seleção de biografias, autobiografias e textos em braile ou áudio books [...]”</p>
<p style="text-align: center;">Danielle Thiago Ferreira</p> <p>(citada por Noemy Candida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva, 2013)</p> <p>(citada por Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin, 2013)</p> <p>(citada por Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos; Thais Caroline Silva Sousa, 2015)</p>	2003	<p>(citação indireta) A biblioterapia é uma técnica de mudanças de comportamento através do autoconhecimento e que utiliza as qualidades racionais (intelecto, inteligência, compreensão cognitiva) e emotivas dos indivíduos que se submetem a ela para obter uma modificação do seu comportamento. A biblioterapia pode ser um meio possível e efetivo para a mudança de comportamento, auto-correção e formação dos sujeitos na realidade que será estudada.</p> <p>“[...] um processo interativo, resultando em uma integração bem sucedida de valores e ações. O conceito de leitura empregado nesse processo interativo é amplo. E incluem todo tipo de material inclusive os não convencionais.”</p>
<p style="text-align: center;">Eva Maria Seitz</p> <p>(citada por Maria Cleide Rodrigues Bernardino; Ariluci Goes Elliott; Modesto Leite Rolim Neto, 2012)</p> <p>(citada por Viviane Jerônimo; Adriana Pereira Rossetta; Paulo Roberto Freitas da Silva; Eliete Gonçalves; Juliane Trein, 2012)</p> <p>(citada por Ana Rita Cordeiro de Andrade, 2012)</p> <p>(citada por Noemy Candida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva, 2013)</p>	2006	<p>“[...] um programa de atividades selecionadas que envolve materiais de leitura, planejadas, conduzidas e controladas como um tratamento, sob a orientação médica, para problemas emocionais e de comportamento”.</p> <p>“[...] a biblioterapia é uma forma propícia para promover prazer e conforto, contribuindo para o bem-estar físico e mental dos indivíduos e proporcionando uma forma de combater os males que afligem.”</p> <p>(citação indireta) Há muito se fala sobre os benefícios terapêuticos proporcionados pela leitura. Não é de hoje que as pessoas encontram na leitura de um livro a ‘chave’ para compreender seus problemas existenciais, para lidar com as dificuldades naturais do dia a dia, para avaliar e encorajar-se diante dos desafios da vida, pois o ato de ler e elaborar ideias a partir da leitura cria oportunidades, aproxima pessoas, eleva o ser humano. A leitura praticada com objetivo terapêutico é denominada Biblioterapia.</p>

<p>(citada por Inez Helena Garcia, 2014)</p> <p>(citada por Karla Haydê Oliveira Fonseca; Fernando Azevedo, 2016)</p> <p>(citada por Maryse Azevedo dos Santos; Suely Oliveira Moraes Marquez, 2017)</p> <p>(citada por Steve Balbinotti, 2017)</p> <p>(citada por David Vernon Vieira; Daiane de Oliveira Lima, 2019)</p>		
<p>Natalia Tukhareli</p> <p>(citada Kimberly Naranjo Mora; Gloriela Navarro Araya; Tatiana Zúñiga Seravalli, 2017)</p>	2011	<p>“[Es] una terapia expresiva, que involucra el uso sistemático de libros para ayudarle a las personas a hacerle frente a sus problemas mentales, físicos, de desarrollo o sociales.”</p>
<p>Ana Cristina Abreu; Maria Ángeles Zulueta; Anabela Henriques</p>	2013	<p>“[...] a biblioterapia é uma atividade com vertentes preventiva e terapêutica que, através da leitura de livros de ficção ou de auto ajuda, individualmente ou em grupo, tem o propósito de facultar uma experiência recobradora da saúde ou permitir um contínuo desenvolvimento, em qualquer idade do ciclo vital.”</p>
<p>Kimberly Naranjo Mora; Gloriela Navarro Araya; Tatiana Zúñiga Seravalli</p>	2017	<p>“[...] la biblioterapia consiste en brindar apoyo emocional a un individuo por medio de los libros y la lectura, sin embargo, no se debe obviar que essa herramienta abarca y conlleva mucho más que lo señalado en la definición anterior, pues requiere de todo un método de aplicación por seguir para que produzca un efecto visible.”</p>
<p>Lucas Veras de Andrade; Ana Caroline Viana de Melo</p>	2017	<p>“Biblioterapia pode ser compreendida como uma terapia por meio de livros ou qualquer meio lúdico. Que intenciona promover no indivíduo em processo terapêutico, o ressignificar de uma problemática, seja ela: psicológica, social ou cultural.”</p>

<p>Sibelly Maria Cavalheiro; Jônatas Edison Silva; Ana Carla Bilhar</p>	<p>2019</p>	<p>“[...] a biblioterapia consiste na utilização de textos e da leitura, com fins terapêuticos concedidos pelos próprios textos utilizados durante a vivência e por meio da livre interpretação dos participantes, contribuindo de alguma forma no tratamento de doenças, sejam elas física ou mental.”</p>
--	-------------	--

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da pesquisa (2022).

Tendo como base os estudos de Almeida Júnior (2015), pode-se compreender que a ação consciente está diretamente alinhada com a necessidade de planejar as atividades de biblioterapia.

Como já dito, ao desenvolver as atividades biblioterapêuticas, os mediadores devem incentivar os sujeitos a se conscientizarem em suas ações. Para isso, os mediadores podem estimulá-los a refletir sobre as situações e as atitudes que realizam e que interferem em suas vidas. Nessa perspectiva, ao planejar as atividades, considerando as características, o perfil e as necessidades dos sujeitos e os objetivos da biblioterapia, os mediadores devem atuar conscientemente e conduzi-los a identificar o que sentem e a expressar sentimentos, dúvidas e opiniões, ou seja, a biblioterapia proporcionará o desenvolvimento comunicativo, cognitivo, emocional e sociocultural desses sujeitos.

Os mediadores também devem demonstrar um agir consciente para conduzir os sujeitos em seus processos de autodesenvolvimento e tomada de consciência de suas ações. Ao desenvolver uma conduta consciente, ele estará disposto a experimentar um processo de autoconhecimento e entrega proporcionado pela atividade, ou seja, além de provocar os sujeitos durante as atividades biblioterapêuticas, eles também são implicados por ela. Com base nos estudos de Gomes (2019), compreende-se que, ao atuar conscientemente, durante a biblioterapia, o mediador assume seu papel de protagonista social, que age, interfere e resiste em prol do que acredita e pelo coletivo e impulsiona o sujeito a assumir essa conduta transformadora e de alteridade.

No que tange à percepção do indício da ação consciente nos conceitos de biblioterapia, pode-se citar como exemplo o desenvolvido por *Caroline Shrodes* (1943), que compreende a biblioterapia como um processo dinâmico que, aliado à literatura, pode despertar as emoções do sujeito e liberá-las de maneira consciente. O discurso apresentado pela autora denota que a conscientização dos mediadores e dos sujeitos implicados na biblioterapia é fundamental, visto que, ao atuar de forma consciente e estimular o sujeito a adotar essa conduta, os profissionais estarão contribuindo para que ele encontre em suas emoções a força impulsionadora de que precisa para uma mudança de perspectiva e comportamental.

Como enunciado durante a revisão de literatura, com base no conceito de mediação da informação defendido por Almeida Júnior (2015), associado à biblioterapia, a prática pode ser realizada de forma individual ou em grupo, a depender do tipo de biblioterapia e dos problemas enfrentados pelos sujeitos. Essa definição é essencial, porque, ao desenvolver a biblioterapia de modo individual, o planejamento dos mediadores estará pautado nos sentimentos e nas necessidades de um único sujeito. Porém, se a biblioterapia for feita em grupo, são necessários uma atenção e um planejamento ainda mais cuidadoso, visto que a atividade terá que atender à demanda do grupo, envolvê-los na dinâmica e na discussão e provocar reflexões.

Continuando com a análise para encontrar indícios da mediação da informação nos conceitos, foi possível relacionar as características da biblioterapia a duas ações defendidas por Almeida Júnior (2015): a singular e a plural. No Quadro 7, pode-se observar os conceitos que apresentam tais indícios.

Quadro 7 – Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios de aproximação com as ações singular e plural da mediação da informação

Autores	Ano	Abordagens teórico-conceituais de biblioterapia elaboradas pelos autores das produções
<p>Alvin Robert</p> <p>(citado por Ana Lúcia Leite Santos, Aparecida Deyse Acelino, Marília Mesquita Guedes Pereira e Raylene Paulino de Souza, 2017)</p>	1996	<p>“[...] a Biblioterapia como um programa de leitura planejado e conduzido para ajustamento psicossocial sob orientação de uma equipe multidisciplinar, cuja operacionalidade é compreendida através de sessões de leitura individuais e/ou grupais, com seleção de biografias, autobiografias e textos em braile ou áudio books [...]”</p>
<p>Marc-Alain Ouaknin</p> <p>(citado por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013)</p> <p>(citado por Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin, 2013)</p> <p>(citado por Mariana Giuberti Guedes, 2013)</p> <p>(citado por Karla Haydê Oliveira da Fonseca, 2014)</p> <p>(citado por Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos; Thais Caroline Silva Sousa, 2015)</p> <p>(citado por Carla Sousa da Silva, 2017)</p> <p>(citado por Mariana Giuberti Guedes; Sofia Galvão Baptista, 2018)</p>	1996	<p>“[...] a biblioterapia é o uso dos materiais de leitura selecionados como auxiliares terapêuticos em medicina e psiquiatria. É também o auxílio na solução de problemas por meio de leitura dirigida.”</p> <p>“A biblioterapia funda-se em uma prática de leitura que permite ao homem ir ao mais profundo de si mesmo e se inventar a cada vez de maneira diferente.”</p>
<p>Clarice Fortkamp Caldin</p> <p>(citada por Noemy Candida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva, 2013)</p>	2001a	<p>(citação indireta) [...] a Biblioterapia é uma técnica de leitura dirigida e de discussão em grupo que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos; os receios, as angústias e os anseios. Dessa forma, o ser humano pode compartilhar seus sentimentos uns com os outros, afim de que ambos tenham seus problemas solucionados.</p>

<p>(citada por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013)</p> <p>(citada por Carla Sousa, 2018)</p> <p>(citada por Sibelly Maria Cavalheiro; Jonatas Edison Silva; Ana Carla Bilhar, 2019)</p>		
<p>Tatiana Rossi; Luciene Rossi; Maria Raquel Souza</p> <p>(citada por Noemy Cândida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva, 2013)</p>	2007	<p>(citação indireta) A Biblioterapia configura-se como uma série de atividades em que são selecionados materiais de leitura. Planeja-se sua divulgação em um grupo por meio de leituras individuais e/ou em grupo, encenação por fantoches, teatro, e por outras atividades lúdicas. Estas atividades são conduzidas por bibliotecários juntamente com demais profissionais, já que se trata de uma atividade interdisciplinar.</p>
<p>Katherine Lui Gómez Mujica</p>	2011	<p>“Proceso terapéutico, que se vale de textos determinados y lecturas dirigidas por el biblioterapeuta, que sirven como apoyo en el tratamiento de personas con alguna aflicción, con el propósito de provocar la catarsis y solución de problemas” (Gómez, 2011, p. 20),</p>
<p>Solange Puntel Mostafa; Denise Viuniski da Nova Cruz; Felipe Etelvino Benevenuto</p>	2013	<p>“[...] uma técnica ou uma dinâmica de leitura em grupo usada como uma espécie de terapia em pacientes hospitalizados ou em condições de confinamentos variados [...]”</p>
<p>Mariana Guiuberti Guedes</p>	2013	<p>“A biblioterapia, portanto, é a prática de usar a leitura e a interpretação para ajudar pessoas a lidar com os seus problemas, seja de caráter social, emocional ou moral.”</p>

<p>Ana Cristina Abreu; Maria Ángeles Zulueta; Anabela Henriques</p>	<p>2013</p>	<p>“[...] a biblioterapia é uma atividade com vertentes preventiva e terapêutica que, através da leitura de livros de ficção ou de auto ajuda, individualmente ou em grupo, tem o propósito de facultar uma experiência recobradoradora da saúde, ou permitir um contínuo desenvolvimento, em qualquer idade do ciclo vital.”</p>
<p>Liz Brewster; Barbara Sem; Andrew Cox</p>	<p>2013</p>	<p>“A biblioterapia pode ser definida como o uso de materiais escritos (ficção em prosa, não ficção, ou poesia – tipicamente em forma de livro) como suporte psicossocial ou tratamento psicoeducacional.”</p>
<p>Karla Haydê Oliveira da Fonseca</p>	<p>2014</p>	<p>“[...] a biblioterapia é o restabelecimento da pessoa, através da leitura e da palavra (escrita e falada), numa tríade biblioterapeuta + leitura + leitor.”</p>
<p>Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos; Thais Caroline Silva Sousa</p>	<p>2015</p>	<p>“Biblioterapia é um tipo de terapia realizada por meio da leitura de livros e outros materiais afins em diferentes suportes. As pessoas com problemas ou doenças emocionais e/ou físicas constituem seu público alvo. A biblioterapia as estimula na resolução de seus problemas e a controlar suas emoções para que possam conviver socialmente e consigo mesmo.”</p>
<p>Jeferson Abílio da Silveira; Sueli Bortolin</p>	<p>2015</p>	<p>“[...] biblioterapia é a prática da leitura dirigida de textos selecionados pelos aplicadores de biblioterapia, como forma de amenizar uma situação dolorosa ou um estado de angústia, e auxiliar no tratamento de doenças e perturbações mentais.”</p>
<p>Pamela Oliveira Assis; Raquel do Rosário Santos; Ingrid Paixão de Jesus</p>	<p>2019</p>	<p>“A biblioterapia é entendida como um tratamento terapêutico em que se utiliza a leitura, em seu sentido amplo, para tratar diferentes problemas dos pacientes, desde os emocionais até os comportamentais.”</p>

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da pesquisa (2022).

Tendo como base os estudos de Almeida Júnior (2015), no que diz respeito à ação singular, essa é percebida, de modo mais evidente, quando a biblioterapia é aplicada de forma individual. Nesse tipo de ação, os mediadores focam nas características da personalidade e o comportamento apresentado pelo sujeito participante da atividade. Já na ação plural, os mediadores não negligenciam as particularidades de cada sujeito, porém têm que considerar as demandas e as posturas que eles demonstram como pluralidade. Ou seja, para atuar tendo em perspectiva as características singulares e plurais do sujeito, os mediadores devem sistematizar as atividades e o modo como conduzirão as discussões posteriormente.

Quanto à percepção desses indícios nos conceitos de biblioterapia dos autores supracitados, podem-se citar as compreensões de *Clarice Fortkamp Caldin* (2001a) e *Jeferson Abílio da Silveira e Sueli Bortolin* (2015) sobre o fato de a biblioterapia ser uma técnica que envolve a leitura dirigida e a discussão em grupo, que contribuem para que os sujeitos possam interagir, externar e amenizar situações dolorosas, sentimentos, receios etc. Ao considerar a leitura dirigida como parte da biblioterapia, infere-se que os autores estão tratando sobre o direcionamento da leitura de acordo com as singularidades dos sujeitos participantes da atividade, entretanto, ao citar a necessidade de se discutir em grupo, percebe-se que a escolha do dispositivo trabalhado também deve ser feita para envolver esses sujeitos no que se refere às suas demandas plurais. Por essa razão, os mediadores precisam conhecer os sujeitos e entender suas vivências, seus hábitos e seus desejos. Cada sujeito é único, contudo, também sofre influências do meio em que está inserido, e suas perspectivas e seus comportamentos são implicados por elas.

Nos conceitos apresentados na discussão pode ser percebido que a leitura é essencial para conscientizar os sujeitos e estimulá-los ao autodesenvolvimento. É por meio dela que eles podem se identificar e ganhar confiança para externar o que sentem ou passam. No entanto, para que esse processo seja possível, o sujeito deve se apropriar da leitura, dos dispositivos terapêuticos e do ambiente onde a biblioterapia ocorre. Assim, ressaltam-se os indícios de mais uma característica, a apropriação da informação, tratada no conceito da mediação da informação e evidenciada nos conceitos de biblioterapia.

Quadro 8 – Conceitos de biblioterapia que demonstram indícios de uma associação com a apropriação da informação

Autores	Ano	Abordagens teórico-conceituais de biblioterapia elaboradas pelos autores das produções
Virgínia Bentes Pinto (citada por Maryse Azevedo dos Santos; Suely Oliveira Moraes Marquez, 2017)	2005	“No que se refere à biblioterapia, o mesmo diz que a leitura hoje possui uma visão além da decodificação de signos , ou seja, a leitura, a prática social que contempla a produção de sentidos e significados e essas concepções abrem espaço para a mesma.”
Taize Araújo da Silva; Porcina Formiga dos Santos Salgado	2013	“Pelo fato da Biblioterapia proporcionar a terapia por meio de leitura de textos literários, sendo estes passíveis de interpretação, permite ao sujeito o exercício de sua liberdade de interpretação, fazendo com que este crie novos sentidos ao que foi lido , ou seja, nesse processo as palavras não são neutras, portanto a própria linguagem metafórica consegue conduzir o indivíduo para além de si mesmo.”

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da pesquisa (2022).

No desenvolvimento de seus conceitos sobre a biblioterapia, estas autoras tratam sobre a interpretação e a produção de sentidos e significados que os sujeitos devem realizar durante a prática. Ao considerar esses aspectos, infere-se que elas também estão refletindo sobre a importância da apropriação da informação. Esse objetivo é citado e defendido por Almeida Júnior (2015), em seu conceito de mediação da informação, como também por Gomes (2019), no processo consciente por meio do qual os sujeitos exercitam a crítica.

Ter em consideração esse aspecto exige dos mediadores uma atuação cuidadosa e ética para auxiliar os sujeitos durante o contato e a compreensão das leituras realizadas na prática da biblioterapia. É por meio desse processo que os sujeitos refletem, questionam os significados e lhes atribuem sentidos. De acordo com Vygotsky (2000) e Dumont (2020), esse processo ocorre na subjetividade e por meio da interpretação da expressão que está sendo lida, visto que os sujeitos estabelecem correlação com seu contexto sociocultural, com outras leituras, experiências e perspectivas. Logo, ao agirem de modo consciente, os mediadores estarão incentivando os sujeitos a se apropriarem da informação, a (re)interpretarem e a atribuírem novos sentidos e significados às leituras.

Tendo como base os conceitos de biblioterapia citados, nos quais foi identificada a característica de apropriação da informação, convém ressaltar que, para além das leituras, é fundamental se apropriar dos dispositivos utilizados na biblioterapia. Com base na percepção defendida por Pieruccini (2007), por meio dos dispositivos, é possível aproximar-se dos sujeitos e influenciá-los em suas condutas afetivas e comportamentais. Nessa conjuntura, é preciso considerar os diversos contextos socioculturais e ter em vista que nem todos os sujeitos têm uma relação próxima com dispositivos como livros, filmes, teatro ou, até mesmo, com a biblioteca. Por isso os mediadores precisam ter uma postura ética, consciente e livre de preceitos julgadores, objetivando favorecer e articular essa aproximação entre os dispositivos e os sujeitos.

É importante que, durante a condução da biblioterapia, os mediadores contribuam para que os sujeitos desenvolvam a curiosidade, a identificação e o sentimento de pertença por estarem naquele ambiente manuseando, alterando e produzindo novos dispositivos. Visando incentivar o despertar dessa relação afetiva e simbólica durante a prática da biblioterapia, eles podem utilizar elementos que favoreçam esse reconhecimento e interação. Para isso, precisam conhecer os sujeitos e suas necessidades informacionais e o que lhes interessa e mobiliza.

Ainda sobre a inter-relação por meio dos conceitos, destaca-se também alguns autores que deixam implícito, em seus conceitos, a característica primordial de que os dispositivos terapêuticos devem ser selecionados de acordo com as necessidades informacionais dos sujeitos.

Quadro 9 – Conceitos de biblioterapia que demonstram indícios de uma associação com a necessidade informacional

Autores	Ano	Abordagens teórico-conceituais de biblioterapia elaboradas pelos autores das produções
<p>Ângela Maria Lima Ratton</p> <p>(citada por Maria Vandineide Teles Silva, 2013)</p> <p>(citada por Maryse Azevedo dos Santos; Suely Oliveira Moraes Marquez, 2017)</p> <p>(citada por Jessica da Silva Gadelha; Gabrielle Francinne de S. C Tanus, 2019)</p>	1975	<p>“A biblioterapia é a seleção e prescrição de livros de acordo com as necessidades dos pacientes, condução da terapia baseada em comentários de leitura e avaliação dos resultados”.</p>
<p>Maria Helena Hess Alves</p> <p>(citada por Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin, 2013)</p>	1982	<p>“[...] uma forma de tratamento bastante recente, mas eficaz na recuperação de pessoas psiquicamente doentes ou portadoras de problemas.”</p>
<p>Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos</p>	2013	<p>“Biblioterapia é uma forma de terapia realizada através da leitura de livros e materiais afins. Seu alvo são pessoas que estejam passando por dificuldades emocionais e/ou físicas. A Biblioterapia estimula essas pessoas a resolverem seus problemas e controlar suas emoções para que possam conviver socialmente e consigo mesmo.”</p> <p>“A biblioterapia é uma forma de amenizar os problemas enfrentados pelas pessoas.”</p> <p>“A biblioterapia é uma dinâmica que propicia a sociabilização, o conforto e a ajuda necessária para a resolução de problemas perpassando também a aceitação da situação em que o leitor se encontra. Nesse caso, a biblioterapia pode ser aplicada em vários segmentos, tais como asilos, orfanatos, hospitais, clínicas psiquiátricas, presídios e outros. É aplicável a todas as pessoas.”</p>

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2022).

Ao levar em consideração a necessidade informacional em seus conceitos de biblioterapia, as autoras compreendem que a busca dos sujeitos para suprirem uma necessidade informacional envolve sua relação com o contexto sociocultural em que está inserido, uma vez que seu comportamento, seus interesses e seus sentimentos sofrem influência desse espaço.

Para exemplificar a percepção desse indício, pode-se destacar o conceito de *Maria Helena Hess Alves* (1982), que compreende a biblioterapia como um meio de recuperar os sujeitos. Ao refletir sobre a prática por essa perspectiva, infere-se que os mediadores contribuirão para suprir as necessidades dos sujeitos por meio da informação. Para isso, terão como base suas singularidades, a busca por respostas para seus anseios e os interesses que fazem parte do seu contexto sociocultural. Portanto, ao apoiar os sujeitos para que supram essas demandas informacionais, os mediadores também estarão contribuindo para ampliar a perspectiva e gerar novos interesses e buscas por informações.

Ressalta-se, todavia, que, se os mediadores objetivam afetar esses sujeitos em seu íntimo, favorecer o seu autodesenvolvimento e sua reintegração individual e social e conquistar a confiança deles para que seja estabelecida uma inter-relação, precisam utilizar dispositivos que os remetam a esse contexto. Também devem se aproximar desse ambiente e entender de onde eles vieram, para conduzi-los, da melhor forma, para onde querem chegar.

Pensando na importância do contexto sociocultural, ressalta-se mais uma característica da mediação da informação a ser aproximada da biblioterapia através dos conceitos reunidos a partir do levantamento bibliográfico, a ambiência informacional defendida por Almeida Júnior (2015).

Quadro 10 – Conceitos de biblioterapia que demonstram indícios de uma associação com a ambiência informacional

Autores	Ano	Abordagens teórico-conceituais de biblioterapia elaboradas pelos autores das produções
<p>Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges; Teixeira Ramos</p>	<p>2013</p>	<p>“Biblioterapia é uma forma de terapia realizada através da leitura de livros e materiais afins. Seu alvo são pessoas que estejam passando por dificuldades emocionais e/ou físicas. A Biblioterapia estimula essas pessoas a resolverem seus problemas e controlar suas emoções para que possam conviver socialmente e consigo mesmo.”</p> <p>“A biblioterapia é uma dinâmica que propicia a sociabilização, o conforto e a ajuda necessária para a resolução de problemas perpassando também a aceitação da situação em que o leitor se encontra. Nesse caso, a biblioterapia pode ser aplicada em vários segmentos, tais como asilos, orfanatos, hospitais, clínicas psiquiátricas, presídios e outros. É aplicável a todas as pessoas.”</p>

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2022).

Almeida Júnior (2015, 2016) define a ambiência informacional como as múltiplas possibilidades em que o mediador pode atuar e ter influência no encontro dos sujeitos com a informação. Ao atuar com a informação, ele tem a liberdade e a possibilidade de interferir na relação do sujeito com a informação, independentemente do espaço físico em que ele se encontra.

No conceito de biblioterapia elaborado pelos autores citados anteriormente, eles apontam que a prática pode ser aplicada em diversos espaços, como asilos, hospitais, clínicas psiquiátricas, presídios etc. Ao considerar essa possibilidade, além de ratificar que a biblioterapia é uma prática possível para todos os sujeitos e não só para os com problemas psiquiátricos, como era compreendido inicialmente, evidencia a necessidade de o mediador atuar onde o sujeito está, não existe uma barreira geográfica que impeça sua interferência. Contribuir para o autodesenvolvimento, reflexões e reintegração do sujeito, no espaço ao qual ele está habituado, além de facilitar a sociabilização, proporciona conforto e prazer, facilita que seja estabelecida uma relação de confiança e a promoção de uma inter-relação desse sujeito com o outro.

Percebe-se, no entrelace das características citadas até o momento, que, por meio da prática sistematizada da biblioterapia, é possível compreender o sujeito, suas necessidades e subsidiá-lo no autodesenvolvimento. Isso quer dizer que a biblioterapia pode ser caracterizada como um processo fundamentado em atividades mediadoras da informação. No Quadro 11, nota-se que algumas autoras trazem o indício dessa percepção em seus conceitos. Então, é necessário associar a biblioterapia ao conceito de mediação da informação defendido por Almeida Júnior (2015).

Quadro 11 – Conceitos de biblioterapia que demonstram indícios de uma associação com a percepção conceitual de mediação da informação

Autores	Ano	Abordagens teórico-conceituais de biblioterapia elaboradas pelos autores das produções
Stephanie Marcinko <i>apud</i> Aparecida Luciene Resende Rosa (citada por Taize Araújo da Silva; Porcina Formiga dos Santos Salgado, 2013)	2006	“[...] a Biblioterapia , pode ser tanto um processo de desenvolvimento pessoal como um processo clínico de cura, que utiliza literatura selecionada, filmes e participantes que desenvolvem um processo de escrita criativa com discussões guiadas por um facilitador treinado com o propósito de promover a integração de sentimentos e pensamentos a fim de promover auto-afirmação, auto-conhecimento ou reabilitação.”
Meire Barra Rosa Reis	2016	“A biblioterapia é um processo de cuidar dos indivíduos por intermédio da leitura de livros, frases e trechos de diversos gêneros textuais. Ela contempla não apenas a leitura, mas também o comentário que lhe é adicional.”
Delana Galdino de Oliveira; Maria de Fátima Sousa de Oliveira Barbosa; Carla Beatriz Marques Felipe	2019	“A biblioterapia tem sido definida como um processo que se utiliza do livro e da leitura como um dispositivo terapêutico.”

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2022).

Ao defenderem que a biblioterapia é um processo que possibilita o desenvolvimento do outro por meio da leitura e de outros dispositivos terapêuticos, pode-se afirmar, com base nos conceitos apresentados pelas autoras, que a biblioterapia não é uma ação imediata, estanque e acabada em um único ato, mas sim envolve um conjunto de atividades sistematizadas que se articulam para apoiar o desenvolvimento e o processo de conscientização do sujeito. Nesse contexto, o entrelace da biblioterapia com a mediação da informação se dá nas características que compõem a ação e pautam a atuação dos mediadores, como também na concepção teórica que a envolve. Por essa razão, os profissionais que desejam atuar na biblioterapia devem se basear nos princípios conceituais da mediação da informação defendidos por Almeida Júnior (2015).

Logo, é necessário trazer à baila também os indícios das dimensões da mediação da informação: a dialógica, a estética, a formativa, a ética e a política que foram percebidos nos conceitos reunidos a partir do levantamento bibliográfico. O primeiro a ser apresentado no quadro abaixo são os conceitos que apresentam indícios de relação com a dimensão dialógica.

Quadro 12 – Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios de aproximação com a dimensão dialógica da mediação da informação

Autores	Ano	Abordagens teórico-conceituais de biblioterapia elaboradas pelos autores das produções
<p>Caroline Shrodes</p> <p>(citada por Neiva Dulce Suzart Alves Bahiana, 2009)</p> <p>(citada por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013)</p> <p>(citada por Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos; Thais Caroline Silva Sousa, 2015)</p> <p>(citada por Carla Sousa da Silva, 2017)</p>	1943	<p>“[...] biblioterapia é um processo dinâmico de interação entre a personalidade do leitor e a literatura imaginativa, que pode atrair as emoções do leitor e liberá-las para o uso consciente e produtivo.”</p>
<p>Ângela Maria Lima Ratton</p> <p>(citada por Maria Vandineide Teles Silva, 2013)</p> <p>(citada por Maryse Azevedo dos Santos; Suely Oliveira Moraes Marquez, 2017)</p> <p>(citada por Jessica da Silva Gadelha; Gabrielle Francinne de S. C Tanus, 2019)</p>	1975	<p>“A Biblioterapia é a seleção e prescrição de livros de acordo com as necessidades dos pacientes, condução da terapia baseada em comentários de leitura, e avaliação dos resultados”.</p>
<p>Rhea Joyce Rubin <i>apud</i> Maria do Socorro Azevedo Felix Fernandes Vasquez</p> <p>(citado por Fabyola Lima Madeira, 2017)</p>	1989	<p>“[...] um programa de atividades baseadas no processo interativo das pessoas que o experimentam. O material impresso ou não, imaginativo ou informativo é experienciado e discutido com a ajuda de um facilitador.”</p>
<p>Maria Aparecida Lopes da Cruz</p> <p>(citada por Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin, 2013)</p>	1995	<p>“[...] biblioterapia é um campo de produção científica e de atuação profissional que envolve médicos, psicólogos, educadores, bibliotecários, assistentes sociais, psiquiatras e terapeutas de diversas correntes.”</p>

<p style="text-align: center;">Clarice Fortkamp Caldin</p> <p>(citada por Noemy Candida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva, 2013)</p> <p>(citada por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013)</p> <p>(citada por Carla Sousa, 2018)</p> <p>(citada por Sibelly Maria Cavalheiro; Jônatas Edison Silva; Ana Carla Bilhar, 2019)</p>	2001a	<p>(citação indireta) [...] a Biblioterapia é uma técnica de leitura dirigida e de discussão em grupo que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos; os receios, as angústias e os anseios. Dessa forma, o ser humano pode compartilhar seus sentimentos uns com os outros, afim de que ambos tenham seus problemas solucionados.</p>
<p style="text-align: center;">Clarice Fortkamp Caldin</p> <p>(citada por Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin, 2013)</p>	2001b	<p>“[...] a biblioterapia é uma [...] atividade interdisciplinar, que pode ser desenvolvida em conjunto com a Biblioteconomia, a Literatura, a Educação, a Medicina, a Psicologia e a Enfermagem. Tal interdisciplinaridade confere-lhe um lugar de destaque no cenário dos estudos culturais. É um lugar estratégico, que permite buscar aliados em vários campos e um exercício aberto a críticas, contribuições e parcerias.”</p>
<p style="text-align: center;">Danielle Thiago Ferreira</p> <p>(citada por Noemy Candida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva, 2013)</p> <p>(citada por Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin, 2013)</p> <p>(citada por Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos; Thais Caroline Silva Sousa, 2015)</p>	2003	<p>(citação indireta) A biblioterapia é uma técnica de mudanças de comportamento através do autoconhecimento e que utiliza as qualidades racionais (intelecto, inteligência, compreensão cognitiva) e emotivas dos indivíduos que se submetem a ela, para obter uma modificação do seu comportamento. A biblioterapia pode ser um meio possível e efetivo para a mudança de comportamento, auto-correção e formação dos sujeitos na realidade que será estudada.</p> <p>“[...] um processo interativo, resultando em uma integração bem sucedida de valores e ações. O conceito de leitura empregado neste processo interativo é amplo. E incluem todo tipo de material inclusive os não convencionais.”</p>

<p>Rachel Castro e Edna Pinheiro</p> <p>(citada por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013)</p>	2005	<p>(citação indireta) [...] A biblioterapia se constitui num processo interativo de sentimentos, valores e ações, tendo como resultado final um processo harmônico e equilibrado de crescimento e desenvolvimento pessoal.</p>
<p>Stephanie Marcinko <i>apud</i> Aparecida Luciene Resende Rosa</p> <p>(citada por Taize Araújo da Silva; Porcina Formiga dos Santos Salgado, 2013)</p>	2006	<p>“[...] a Biblioterapia, pode ser tanto um processo de desenvolvimento pessoal como um processo clínico de cura, que utiliza literatura selecionada, filmes e participantes que desenvolvem um processo de escrita criativa com discussões guiadas por um facilitador treinado com o propósito de promover a integração de sentimentos e pensamentos a fim de promover auto-afirmação, auto-conhecimento ou reabilitação.”</p>
<p>Geovana Mascarenhas Nascimento e Dulcineia Sarmento Rosemberg</p> <p>(citada por Maria Cleide Rodrigues Bernardino; Ariluci Goes Elliott; Modesto Leite Rolim Neto, 2012)</p>	2007	<p>(citação indireta) [...] a biblioterapia tem respaldo no processo narrativo-interpretativo do processo de leitura, ou seja, é uma forma de comunicação que possibilita trabalhar com as emoções do paciente, atuando como auxiliar ao tratamento tradicional médico.”</p>
<p>Lucélia Elizabeth Paiva</p> <p>(citada por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013)</p>	2008	<p>“[...] é um processo interativo que se utiliza de leitura e de outras atividades lúdicas como coadjuvantes, inclusive em tratamentos de pessoas acometidas por doenças físicas e mentais. Pode ser aplicada na educação, na saúde e reabilitação de indivíduos em diversas faixas etárias.”</p>
<p>Luciana Angélica da Silva Leal</p> <p>(citada por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013)</p> <p>(citada por Maryse Azevedo dos Santos; Suely Oliveira Moraes Marquez, 2017)</p>	2009	<p>“[...] biblioterapia é uma forma de comunicação, que propicia trabalhar o emocional do paciente em parceria com o tratamento tradicional.”</p>
<p>Maria das Graças Targino; Názia Holanda Torres; Cláudio Augusto Alves</p>	2012	<p>“A biblioterapia (do grego <i>biblion</i> / livro e <i>therapeuticaorum</i> / tratamento), por meio de textos literários e informativos, proporciona a comunicação entre as pessoas, e,</p>

		sobretudo, atua como coadjuvante na terapia , ou seja, é uma modalidade terapêutica por meio da leitura.”
Aparecida Ramos do Padro; Críchyna Madalena	2012	“A biblioterapia consiste na possibilidade de terapia por meio da leitura de textos literários, contempla a leitura de histórias e propõe práticas de leitura que proporcionem a interpretação do texto.”
Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin	2013	“Na Biblioterapia a leitura é uma conversa com o autor, leitor e o narrador de textos, escrito ou falado, fazendo com que o leitor sinta-se emocionalmente motivado às mudanças que façam a diferença na sua vida. ” “ Biblioterapia é um diálogo entre o texto e o leitor, e esse diálogo pode ser através de: gestos, expressões faciais, risos, aplausos, desenhos e outras manifestações que demonstrem se gostaram ou não do que foi lido, contado ou dramatizado, através das atividades biblioterapêuticas.”
Noemy Candida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva	2013	“A Biblioterapia é uma prática milenar, cujo significado maior traduz uma atitude preventiva, ou seja, cuidado com o ser humano através de uma técnica terapêutica que necessita de um planejamento envolvendo a seleção de materiais didáticos, sendo essa ação, administrada por uma equipe multiprofissional, que disponibiliza tempo e dedicação a tal ação.” “Considera-se a biblioterapia um método coadjuvante da cura pelo diálogo ativado pelo uso de diferentes tipos de materiais informacionais , que podem auxiliar tanto no tratamento quanto na prevenção dos males do físico e da mente.” “A biblioterapia é um processo interativo que faz uso da leitura e de outras atividades de caráter lúdico que trabalham em prol do bem-estar daquele que uso dela faz, até mesmo em tratamento de pessoas que possuem doenças tanto físicas como mentais, sendo utilizada na educação, saúde, reabilitação de pessoas em diferentes idades.”
Meire Barra Rosa Reis	2016	“A biblioterapia é um processo de cuidar dos indivíduos por intermédio da leitura de livros, frases e trechos de diversos gêneros textuais. Ela contempla não apenas a leitura, mas também o comentário que lhe é adicional. ”

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2022).

Percebe-se que o Quadro 12 apresenta 17 conceitos nos quais podem ser percebidos a relação da biblioterapia com a dimensão dialógica. Tal expressividade de resultados reforça o apresentado por Valência e Magalhães (2015), que colocam o diálogo como base da biblioterapia. É através dele que os sujeitos, por exemplo, expressam se gostaram ou não dos dispositivos utilizados na prática, podem nomear seus receios, perceber que eles não são os únicos a enfrentarem problemas e não se sentirem sozinhos. O diálogo é uma abertura para conhecer e se reconhecer na humanidade e na vulnerabilidade do outro. Tendo em vista esses aspectos, pode-se compreender que, apesar de os autores não terem utilizado o termo “dialogia”, é a ela que se referem. A respeito da dimensão dialógica, Gomes (2014, 2016, 2020) indica que é por meio dele que os sujeitos compartilham suas subjetividades, trata-se de uma inquietação provocada pelos próprios sujeitos ou mediadores, é quando o sujeito, ao ser questionado, é retirado de sua zona de conforto e convidado a refletir sob outra perspectiva.

Como exemplo dessa aproximação, podem-se citar os conceitos de *Luciana Angélica da Silva Leal* (2009) e *Geovana Mascarenhas Nascimento e Dulcineia Sarmiento Rosemberg* (2007), que expressam a biblioterapia como uma comunicação que possibilita cuidar do emocional dos sujeitos. Ao compreender que a biblioterapia utiliza a comunicação para alcançar o sujeito em seu interior, em suas emoções, infere-se que as autoras estão se referindo ao processo dialógico defendido por Gomes (2014, 2016, 2020), à discussão inquietante que apresenta ao sujeito novas perspectivas dos “conflitos” que ele enfrenta consigo mesmo, o que se configura como um processo dialógico biblioterapêutico que envolve o sujeito e o impulsiona a mudar.

Em seus estudos, Gomes (2014, 2016, 2020) apresenta duas características pertencentes à dimensão dialógica da mediação da informação: as interlocuções intersubjetiva e intrassubjetiva. No que tange ao processo dialógico na biblioterapia, pode-se inferir que a principal interlocução a ser alcançada é a intrassubjetiva, uma vez que o sujeito a atinge isso significa que ele está imerso em um processo de autorreflexão e relação sobre o que está sendo trabalhado durante as atividades biblioterapêuticas com o que vivencia ou já vivenciou. Essa interlocução, ao mesmo tempo em que o sujeito considera as perspectivas além de si mesmo, ou seja, as interpretações compartilhadas pelos demais sujeitos na atividade, ele está imerso em si mesmo, reencontrando-se, reinventando-se e, talvez, libertando-se de seus receios.

Ainda em relação aos autores presentes no Quadro 12, os conceitos desenvolvidos por eles se relacionam com mais uma categoria, a ação direta da mediação da informação. Dessa maneira, percebe-se que o processo dialógico evidenciado pelos autores, que demonstram indícios de alcance da dimensão dialógica da mediação da informação, na maioria dos casos, ocorre em ações direta de mediação. Assim, apesar de a relação com as características do conceito de Almeida Júnior (2015) ter sido estabelecida no início da subseção, compreendeu-se que seria interessante abordá-la junto com o processo dialógico defendido por Gomes (2014, 2016, 2020), porquanto ambos foram identificados juntos.

Quadro 13 – Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios da mediação direta da informação

Autores	Ano	Abordagens teórico-conceituais de biblioterapia elaboradas pelos autores das produções
<p>Caroline Shrodes</p> <p>(citada por Neiva Dulce Suzart Alves Bahiana, 2009)</p> <p>(citada por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013)</p> <p>(citada por Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos; Thais Caroline Silva Sousa, 2015)</p> <p>(citada por Carla Sousa da Silva, 2017)</p>	1943	<p>“[...] biblioterapia é um processo dinâmico de interação entre a personalidade do leitor e a literatura imaginativa, que pode atrair as emoções do leitor e liberá-las para o uso consciente e produtivo.”</p>
<p>Ângela Maria Lima Ratton</p> <p>(citada por Maria Vandineide Teles Silva, 2013)</p> <p>(citada por Maryse Azevedo dos Santos; Suely Oliveira Moraes Marquez, 2017)</p> <p>(citada por Jessica da Silva Gadelha; Gabrielle Francinne de S. C Tanus, 2019)</p>	1975	<p>“A biblioterapia é a seleção e prescrição de livros de acordo com as necessidades dos pacientes, condução da terapia baseada em comentários de leitura e avaliação dos resultados”.</p>
<p>Rhea Joyce Rubin <i>apud</i> Maria do Socorro Azevedo Felix Fernandes Vasquez</p> <p>(citada por Fabyola Lima Madeira, 2017)</p>	1989	<p>“[...] um programa de atividades baseadas no processo interativo das pessoas que o experimentam. O material impresso ou não, imaginativo ou informativo é experienciado e discutido com a ajuda de um facilitador.”</p>
<p>Maria Aparecida Lopes da Cruz</p> <p>(citada por Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin, 2013)</p>	1995	<p>“[...] biblioterapia é um campo de produção científica e de atuação profissional que envolve médicos, psicólogos, educadores, bibliotecários, assistentes sociais, psiquiatras e terapeutas de diversas correntes.”</p>

<p>Clarice Fortkamp Caldin</p> <p>(citada por Noemy Cândida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva, 2013)</p> <p>(citada por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013)</p> <p>(citada por Carla Sousa, 2018)</p> <p>(citado por Sibelly Maria Cavalheiro; Jonatas Edison Sllva; Ana Carla Bilhar, 2019)</p>	2001a	<p>(citação indireta) [...] a Biblioterapia é uma técnica de leitura dirigida e de discussão em grupo que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos; os receios, as angústias e os anseios. Dessa forma, o ser humano pode compartilhar seus sentimentos uns com os outros, afim de que ambos tenham seus problemas solucionados.</p>
<p>Danielle Thiago Ferreira</p> <p>(citada por Noemy Candida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva, 2013)</p> <p>(citada por Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin, 2013)</p> <p>(citada por Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos; Thais Caroline Silva Sousa, 2015)</p>	2003	<p>(citação indireta) A Biblioterapia é uma técnica de mudanças de comportamento através do autoconhecimento e que utiliza as qualidades racionais (intelecto, inteligência, compreensão cognitiva) e emotivas dos indivíduos que se submetem a ela, para obter uma modificação do seu comportamento. A biblioterapia pode ser um meio possível e efetivo para a mudança de comportamento, auto-correção e formação dos sujeitos na realidade que será estudada.</p> <p>“[...] um processo interativo, resultando em uma integração bem sucedida de valores e ações. O conceito de leitura empregado neste processo interativo é amplo. E incluem todo tipo de material inclusive os não convencionais.”</p>
<p>Rachel Castro e Edna Pinheiro</p> <p>(citada por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013)</p>	2005	<p>(citação indireta) [...] A biblioterapia se constitui num processo interativo de sentimentos, valores e ações, tendo como resultado final um processo harmônico e equilibrado de crescimento e desenvolvimento pessoal.</p>

<p>Stephanie Marcinko <i>apud</i> Aparecida Luciene Resende Rosa</p> <p>(citada por Taize Araújo da Silva; Porcina Formiga dos Santos Salgado, 2013)</p>	2006	<p>“[...] a biblioterapia pode ser tanto um processo de desenvolvimento pessoal como um processo clínico de cura, que utiliza literatura selecionada, filmes e participantes que desenvolvem um processo de escrita criativa com discussões guiadas por um facilitador treinado com o propósito de promover a integração de sentimentos e pensamentos a fim de promover auto-afirmação, auto-conhecimento ou reabilitação.”</p>
<p>Lucélia Elizabeth Paiva</p> <p>(citada por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013)</p>	2008	<p>“[...] é um processo interativo que se utiliza de leitura e de outras atividades lúdicas como coadjuvantes, inclusive em tratamentos de pessoas acometidas por doenças físicas e mentais. Pode ser aplicada na educação, na saúde e reabilitação de indivíduos em diversas faixas etárias.”</p>
<p>Luciana Angélica da Silva Leal</p> <p>(citada por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013)</p> <p>(citada por Maryse Azevedo dos Santos; Suely Oliveira Moraes Marquez, 2017)</p>	2009	<p>“[...] biblioterapia é uma forma de comunicação, que propicia trabalhar o emocional do paciente em parceria com o tratamento tradicional.”</p>
<p>Clarice Fortkamp Caldin</p> <p>(citada por Anny Caroliny Leite Calixto; Marcus César de Borba Belmino, 2013)</p> <p>(citada por Leticia Aurora de Almeida Grasselli; Meri Nadia Marques Gerlin, 2017)</p> <p>(citada por Carla Sousa da Silva, 2017)</p> <p>(citada por Carla Sousa e Clarice Fortkamp Caldin, 2017)</p> <p>(citada por Carla Sousa, 2018)</p>	2010	<p>“[...] como atenção ao desenvolvimento do ser humano através da leitura, da narração e da dramatização de histórias.”</p> <p>“[...] o cuidado com o ser humano por meio de histórias literárias.”</p> <p>“[...] uma prática que se vale da leitura dirigida, ou seja, o público-alvo é contemplado com histórias selecionadas por um profissional, que pode ser médico, psicólogo, bibliotecário e professor.”</p>

<p>(citada por Carla Sousa e Clarice Fortkamp Caldin, 2018)</p> <p>(citada por Lucas Veras de Andrade; Ana Caroline Oliveira da Silva, 2018)</p> <p>(citada por Karin Vanelli; Carla Sousa, 2019)</p> <p>(citada por David Vernon Vieira; Daiane de Oliveira Lima, 2019)</p>		
<p>Ana Rita Cordeiro de Andrade</p>	<p>2012</p>	<p>“A biblioterapia é uma técnica na qual se utiliza a leitura e outras atividades lúdicas como adjuvante no tratamento de pessoas acometidas por alguma doença física ou mental assumindo, assim, um papel muito importante na sociedade moderna.”</p>
<p>Noemy Candida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva</p>	<p>2013</p>	<p>“Considera-se a biblioterapia um método coadjuvante da cura pelo diálogo ativado pelo uso de diferentes tipos de materiais informacionais, que podem auxiliar tanto no tratamento quanto na prevenção dos males do físico e da mente.”</p> <p>“A Biblioterapia é um processo interativo que faz uso da leitura e de outras atividades de caráter lúdico que trabalham em prol do bem-estar daquele que uso dela faz, até mesmo em tratamento de pessoas que possuem doenças tanto físicas como mentais, sendo utilizada na educação, saúde, reabilitação de pessoas em diferentes idades.”</p>

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2022).

De acordo com Almeida Júnior (2015), na ação direta, o mediador deve interagir com o sujeito durante a realização da atividade. Isso pressupõe que, ao considerar, em seus estudos, a importância da comunicação e da dialogia, os autores compreendem que a interação entre os mediadores e os sujeitos em uma atividade biblioterapêutica é fundamental. Através desse contato, é que se criam laços de cumplicidade e confiança e eles se identificam com o outro e com o que ele sente. Nesse contexto, o processo dialógico, aliado ao contato com os mediadores e demais sujeitos, favorece o exercício autorreflexivo necessário no processo biblioterapêutico e que impulsiona os sujeitos que participam das atividades a mudar de atitudes, comportamentos e percepções.

Para que seja possível alcançar a efetividade proporcionada pela dimensão dialógica e a ação direta da mediação da informação na biblioterapia, deve haver uma relação de confiança e identificação dos sujeitos com os mediadores, com o ambiente, com os dispositivos utilizados e, até mesmo, com os demais sujeitos que estejam participando da atividade biblioterapêutica, se esse for o caso.

Nessa conjuntura, destaca-se o indício da dimensão estética defendido por Gomes (2014, 2016, 2020) nos conceitos de biblioterapia reunidos no Quadro abaixo.

Quadro 14 – Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios de aproximação com a dimensão estética da mediação da informação

Autores	Ano	Abordagens teórico-conceituais de biblioterapia elaboradas pelos autores das produções
<p>Caroline Shrodes</p> <p>(citada por Neiva Dulce Suzart Alves Bahiana, 2009)</p> <p>(citada por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013)</p> <p>(citada por Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos; Thais Caroline Silva Sousa, 2015)</p> <p>(citada por Carla Sousa da Silva, 2017)</p>	1943	<p>“[...] biblioterapia é um processo dinâmico de interação entre a personalidade do leitor e a literatura imaginativa, que pode atrair as emoções do leitor e liberá-las para o uso consciente e produtivo.”</p>
<p>Maria Stella Orsini</p> <p>(citada por Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin, 2013)</p>	1982	<p>“[...] define biblioterapia [...] como uma atividade de lazer. Assim, verifica-se que ela supõe certas propriedades terapêuticas, uma vez que ocorre uma fuga, uma evasão, isto é, a criação de um universo independente da rotina cotidiana. Nessa escapada, há um mergulho em um mundo cheio de aventura, romance, fantasia, etc. Nesse sentido, podemos afirmar que uma das funções da literatura é a de aliviar as tensões da vida diária.”</p>
<p>Virgínia Bentes Pinto</p> <p>(citada por Inez Helena Garcia, 2014)</p> <p>(citada por Lucas Inácio de Souza; Mônica Elizabeth Yañez Gonzalez. Ana Carolina Sanches, 2018)</p>	1995	<p>“[...] práticas leitoras que utilizam textos-verbais e não-verbais, como coadjuvantes no tratamento de pessoas acometidas por doenças físicas ou mentais ou ainda que enfrentam momentos de crise ou dificuldades – exclusão, integração social, afastamento do convívio familiar, de comunicação, etc. a fim de que os sujeitos, por aproximação ou projeção, possam sentir prazer com o texto e assim encontrem respostas para a catarse de seus conflitos, sejam eles físicos, mentais, psicossociais, etc.”</p>
<p>Clarice Fortkamp Caldin</p> <p>(citada por Noemy Cândida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva, 2013)</p> <p>(citada por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013)</p>	2001a	<p>(citação indireta) [...] a Biblioterapia é uma técnica de leitura dirigida e de discussão em grupo que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos; os receios, as angústias e os anseios. Dessa forma, o ser humano pode compartilhar seus sentimentos uns com os outros, afim de que ambos tenham seus problemas solucionados.</p>

<p>(citada por Carla Sousa, 2018)</p> <p>(citada por Sibelly Maria Cavalheiro; Jonatas Edison Silva; Ana Carla Bilhar, 2019)</p>		
<p>Clarice Fortkamp Caldin</p> <p>(citada por Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin, 2013)</p>	2001b	<p>“[...] a biblioterapia se constitui de uma: [...] atividade interdisciplinar, podendo ser desenvolvida em conjunto com a Biblioteconomia, a Literatura, a Educação, a Medicina, a Psicologia e a Enfermagem. Tal interdisciplinaridade confere-lhe um lugar de destaque no cenário dos estudos culturais. É um lugar estratégico que permite buscar aliados em vários campos e um exercício aberto a críticas, contribuições e parcerias.”</p>
<p>Danielle Thiago Ferreira</p> <p>(citada por Noemy Cândida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva, 2013)</p> <p>(citada por Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin, 2013)</p> <p>(citada por Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos; Thais Caroline Silva Sousa, 2015)</p>	2003	<p>(citação indireta) A Biblioterapia é uma técnica de mudanças de comportamento através do autoconhecimento e que utiliza as qualidades racionais (intelecto, inteligência, compreensão cognitiva) e emotivas dos indivíduos que se submetem a ela, para obter uma modificação do seu comportamento. A biblioterapia pode ser um meio possível e efetivo para a mudança de comportamento, auto-correção e formação dos sujeitos na realidade que será estudada.</p> <p>“[...] um processo interativo, resultando em uma integração bem sucedida de valores e ações. O conceito de leitura empregado neste processo interativo é amplo. E incluem todo tipo de material inclusive os não convencionais.”</p>
<p>Rachel Castro e Edna Pinheiro</p> <p>(citada por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013)</p>	2005	<p>(citação indireta) [...] A biblioterapia se constitui num processo interativo de sentimentos, valores e ações, tendo como resultado final um processo harmônico e equilibrado de crecimento e desenvolvimento pessoal.</p>
<p>Eva Maria Seitz</p> <p>(citada por Maria Cleide Rodrigues Bernardino; Ariluci Goes Elliott; Modesto Leite Rolim Neto, 2012)</p>	2006	<p>“[...] um programa de atividades selecionadas, que envolve materiais de leituras planejadas, conduzidas e controladas como um tratamento, sob a orientação médica, para problemas emocionais e de comportamento”.</p> <p>“[...] a biblioterapia é uma forma propícia para promover prazer e conforto, contribuindo para o bem-estar físico e mental dos indivíduos e proporcionando uma forma de combater os males que afligem.”</p>

<p>(citada por Viviane Jerônimo; Adriana Pereira Rossetta; Paulo Roberto Freitas da Silva; Eliete Gonçalves; Juliane Trein, 2012)</p> <p>(citada por Ana Rita Cordeiro de Andrade, 2012)</p> <p>(citada por Noemy Candida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva, 2013)</p> <p>(citada por Inez Helena Garcia, 2014)</p> <p>(citada por Karla Haydê Oliveira Fonseca; Fernando Azevedo, 2016)</p> <p>(citada por Maryse Azevedo dos Santos; Suely Oliveira Moraes Marquez, 2017)</p> <p>(citada por Stheve Balbinotti, 2017)</p> <p>(citado por David Vernon Vieira; Daiane de Oliveira Lima, 2019)</p>		<p>(citação indireta) Há muito se fala sobre os benefícios terapêuticos proporcionados pela leitura. Não é de hoje que as pessoas encontram na leitura de um livro a ‘chave’ para compreender seus problemas existenciais, para lidar com as dificuldades naturais do dia a dia, para avaliar e encorajar-se diante dos desafios da vida, pois o ato de ler e elaborar ideias a partir da leitura cria oportunidades, aproxima pessoas, eleva o ser humano. A leitura praticada com objetivo terapêutico é denominada Biblioterapia.</p>
<p>Neiva Dulce Suzart Alves Bahiana</p>	<p>2009</p>	<p>“[...] um dos recursos terapêuticos através da resignificação da leitura prazerosa de qualquer texto escolhido selecionado ou mesmo indicado que, após a leitura, narrativa ou contada, venha resultar numa paz de espírito tamanha amenizando as tensões psicossomáticas do sujeito cognitivo, conseqüentemente, proporcionando leveza mental.”</p>
<p>Clarice Fortkamp Caldin</p> <p>(citada por Anny Carolyn Leite Calixto; Marcus Cézar de Borba Belmino, 2013)</p> <p>(citada por Leticia Aurora de Almeida Grasselli; Meri Nadia Marques Gerlin, 2017)</p>	<p>2010</p>	<p>“[...] como atenção ao desenvolvimento do ser humano através da leitura, da narração e da dramatização de histórias.”</p> <p>“[...] o cuidado com o ser humano por meio de histórias literárias.”</p> <p>“[...] uma prática que se vale da leitura dirigida, ou seja, o público-alvo é contemplado com histórias selecionadas por um profissional, que pode ser médico, psicólogo, bibliotecário e professor.”</p>

<p>(citada por Carla Sousa e Clarice Fortkamp Caldin, 2017)</p> <p>(citada por Carla Sousa da Silva, 2017)</p> <p>(citada por Carla Sousa, 2018)</p> <p>(citada por Carla Sousa e Clarice Fortkamp Caldin, 2018)</p> <p>(citada por Lucas Veras de Andrade; Ana Caroline Oliveira da Silva, 2018)</p> <p>(citada por Karin Vanelli; Carla Sousa, 2019)</p> <p>(citada por David Vernon Vieira; Daiane de Oliveira Lima, 2019)</p>		
<p>Noemy Cândida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva</p>	<p>2013</p>	<p>“A Biblioterapia é uma prática milenar, cujo significado maior traduz uma atitude preventiva, ou seja, cuidado com o ser humano através de uma técnica terapêutica que necessita de um planejamento envolvendo a seleção de materiais didáticos, sendo essa ação, administrada por uma equipe multiprofissional, que disponibiliza tempo e dedicação a tal ação.”</p> <p>“Considera-se a biblioterapia um método coadjuvante da cura pelo diálogo ativado pelo uso de diferentes tipos de materiais informacionais, que podem auxiliar tanto no tratamento quanto na prevenção dos males do físico e da mente.”</p> <p>“A biblioterapia é um processo interativo que faz uso da leitura e de outras atividades de caráter lúdico que trabalham em prol do bem-estar daquele que uso dela faz, até mesmo em tratamento de pessoas que possuem doenças tanto físicas como mentais, sendo utilizada na educação, saúde, reabilitação de pessoas em diferentes idades.”</p>
<p>Meire Barra Rosa Reis</p>	<p>2016</p>	<p>“A biblioterapia é um processo de cuidar dos indivíduos por intermédio da leitura de livros, frases e trechos de diversos gêneros textuais. Ela contempla não apenas a leitura, mas também o comentário que lhe é adicional.”</p>
<p>Marília Amaral Mendes Alves; Hugo da Costa Maia Bernardo</p>	<p>2017</p>	<p>“[...] poderíamos descrevê-la como uma prática de cuidado com o ser, tendo por base o uso de materiais de leitura, tanto para fins clínicos como para fins de fruição ou</p>

		autodesenvolvimento, o que implica a presença de um mediador, que, no último caso mencionado, pode ser um bibliotecário.
Carla Sousa; Clarice Fortkamp Caldin	2017	“A biblioterapia configura-se como um campo de estudo interdisciplinar dentro da Ciência da Informação com um viés humano e social . Nesse sentido, preocupa-se com o ser humano e confere lugar de destaque às histórias no cuidado e na busca do equilíbrio de leitores, ouvintes ou espectadores. ”
Jessica da Silva Gadelha; Gabrielle Francinne de S. C Tanus	2019	“A biblioterapia é uma atividade de intervenção que envolve a leitura e outras atividades lúdicas como forma de auxílio no tratamento terapêutico em indivíduos que necessitam de um determinado amparo social e emocional, com o intuito de superar vulnerabilidades. ”

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2002).

O fato de esses autores terem utilizado em seus conceitos características que representam indícios que se aproximam da dimensão estética da mediação da informação demonstra que a biblioterapia é uma prática que pressupõe afeto e mobiliza os sentimentos dos envolvidos, sejam eles participantes ou mediadores. Pode-se citar, como exemplo dessas características apresentadas nos conceitos dos autores supracitados: a criação de um “universo” para além da rotina por meio das atividades biblioterapêuticas; o compartilhar de sentimentos; o exercício crítico; a preocupação com o bem-estar do outro; e o amparo social e emocional para superar vulnerabilidades. Todos esses elementos podem ser percebidos na dimensão estética que, de acordo com Gomes (2014, 2016, 2020), possibilita que os sujeitos sintam prazer em partilhar o momento da atividade, desenvolvam o sentimento de pertença e se sintam confortáveis enquanto a ação ocorre.

Diante do exposto, nota-se que é fundamental o alcance da dimensão estética da mediação da informação durante as atividades biblioterapêuticas. São os aspectos desenvolvidos na dimensão dialógica e fortalecidos na dimensão estética, como a confiança e a cumplicidade, que são essenciais para que os sujeitos possam exercitar a crítica e construir uma postura autônoma.

Com essas atitudes, os sujeitos poderão dividir suas experiências e conhecimentos com o outro sem receios. Essa entrega, durante a biblioterapia, é que os impulsiona a ter uma postura consciente em relação aos seus medos e problemas. Dessa forma, estará imerso no prazer de criar e recriar a si, suas ações e percepções, como defendido por Gomes (2014, 2016, 2020).

Ao longo da discussão, alguns pontos foram destacados, como o desenvolvimento dos sujeitos e o favorecimento para reintegrá-los individual e socialmente. Isso se justifica porque o objetivo principal da biblioterapia é de desenvolver ações conscientes e humanizadoras que têm como finalidade impulsionar os sujeitos a se tornarem protagonistas de suas trajetórias.

Tendo em vista que, durante esse processo, a afetividade e a vulnerabilidade são características marcantes, é importante que os mediadores tenham uma postura ética. Durante as atividades biblioterapêuticas, esses profissionais poderão incentivar e amparar os sujeitos no processo de identificação, compreensão, reflexão e mudança de percepção, tendo a consciência como elemento basilar da atuação dos mediadores. Assim, no quadro abaixo constam as autoras responsáveis pelos conceitos de biblioterapia nos quais foram percebidos os indícios da dimensão formativa.

Quadro 15 – Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios de aproximação com a dimensão formativa da mediação da informação

Autores	Ano	Abordagens teórico-conceituais de biblioterapia elaboradas pelos autores das produções
<p>Clarice Fortkamp Caldin</p> <p>(citada por Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin, 2013)</p>	2001b	<p>“[...] a biblioterapia se constitui de uma [...] atividade interdisciplinar, podendo ser desenvolvida em conjunto com a Biblioteconomia, a Literatura, a Educação, a Medicina, a Psicologia e a Enfermagem. Tal interdisciplinaridade confere-lhe um lugar de destaque no cenário dos estudos culturais. É um lugar estratégico que permite buscar aliados em vários campos e um exercício aberto a críticas, contribuições e parcerias.”</p>
<p>Danielle Thiago Ferreira</p> <p>(citada por Noemy Cândida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva, 2013)</p> <p>(citada por Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin, 2013)</p> <p>(citada por Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos; Thais Caroline Silva Sousa, 2015)</p>	2003	<p>(citação indireta) A Biblioterapia é uma técnica de mudanças de comportamento através do autoconhecimento e que utiliza as qualidades racionais (intelecto, inteligência, compreensão cognitiva) e emotivas dos indivíduos que se submetem a ela, para obter uma modificação do seu comportamento. A biblioterapia pode ser um meio possível e efetivo para a mudança de comportamento, auto-correção e formação dos sujeitos na realidade que será estudada.</p> <p>“[...] um processo interativo, que resulta em uma integração bem sucedida de valores e ações. O conceito de leitura empregado nesse processo interativo é amplo e inclui todo tipo de material, inclusive os não convencionais.”</p>
<p>Rachel Castro e Edna Pinheiro</p> <p>(citada por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013)</p>	2005	<p>(citação indireta) [...] A biblioterapia se constitui num processo interativo de sentimentos, valores e ações, tendo como resultado final um processo harmônico e equilibrado de crescimento e desenvolvimento pessoal.</p>
<p>Geyse Maria Almeida</p> <p>(citada por Sueli Bortolin e Sandra da Silva, 2016)</p>	2011	<p>“[...] um método que se utiliza da leitura e outras atividades lúdicas como coadjuvante no tratamento de pessoas acometidas por alguma doença física ou mental. É aplicada como educação e reabilitação em indivíduos em diversas faixas etárias.”</p>

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2022).

De acordo com Gomes (2016, 2020), a dimensão formativa se configura quando a ação mediadora contribui com as condições necessárias para que os sujeitos redimensionem seus conhecimentos e perspectivas. Quando as autoras utilizaram em seus conceitos características como a atenção ao desenvolvimento do sujeito, o restabelecimento da pessoa por meio da leitura, o processo de mudança comportamental e a formação possibilitada pelo autoconhecimento, além de destacar a importância do caráter formativo, elas perceberam a importância da experiência durante a biblioterapia.

Gomes (2014) assevera que todas as atividades humanas têm caráter formativo, uma vez que estão ligadas ao movimento, portanto, a experiência é fundamental nesse processo, porque é a partir dela que o sujeito é implicado durante a ação. Isso significa que o alcance da dimensão formativa da mediação da informação defendida por Gomes (2016, 2020) durante a biblioterapia é essencial, por ser uma prática que envolve uma constante reinvenção do sujeito e de suas ações e requer que ele esteja entregue e disposto a vivenciar tal experiência.

Posto isso, como a biblioterapia é considerada uma prática do cuidado interior e exterior do sujeito e que objetiva fortalecê-lo em seu processo de autoconhecimento e desenvolvimento – o mediador precisa agir com ética e consciência, estar atento à própria postura e a uma escuta sensível para o que os sujeitos se permitiram compartilhar. Segundo Gomes (2016, 2020), é fundamental que os mediadores possam conduzir os sujeitos durante seu processo formativo, mas sem manipular essa ação.

Diante do exposto, vale ressaltar que, apesar de terem sido percebidos indícios da dimensão formativa em um número menor de conceitos, ele é tão basilar e fundamental na efetividade da biblioterapia quanto os aspectos dialógico e estético. Nesse sentido, destaca-se a importância da dimensão ética que, apesar de não ter sido identificado em nenhum conceito, por se tratar de um princípio que faz parte do comportamento humano, é essencial durante toda a ação biblioterapêutica para que a condução e a interferência dos mediadores possam subsidiar as mudanças enfrentadas pelos sujeitos. Do mesmo modo, ressalta-se a importância da dimensão política que representa a mudança de postura do sujeito e seu reconhecimento como um sujeito emancipado, tais características não poderiam ser identificadas por meio dos conceitos, mas evidencia-se a importância dela na transformação do sujeito tocado pela biblioterapia.

No entrelace que foi realizado, até aqui, entre a biblioterapia e a mediação da informação e suas dimensões, notou-se que ambas estão inter-relacionadas por meio de suas características e objetivos, porquanto se almeja que os mediadores, como profissionais conscientes e quando preparados possam contribuir para que os sujeitos desenvolvam um pensamento crítico e adotem uma postura protagonista baseados no processo dialógico e na liberdade para expressar o que sentem. Portanto, convém ressaltar uma última característica da mediação da informação perceptível nos conceitos, o ato de cuidar defendido por Gomes (2014).

Quadro 16 – Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios de aproximação com o ato de cuidar

Autores	Ano	Abordagens teórico-conceituais de biblioterapia elaboradas pelos autores das produções
<p>Doming Buonocori <i>apud</i> Maria Helena Alves</p> <p>(citado por Fabyola Lima Madeira, 2017)</p>	1982	<p>“[...] é a arte de curar enfermidades por meio da leitura.”</p>
<p>Clarice Fortkamp Caldin</p> <p>(citada por Anny Caroliny Leite Calixto; Marcus César de Borba Belmino, 2013)</p> <p>(citada por Letícia Aurora de Almeida Grasselli; Meri Nadia Marques Gerlin, 2017)</p> <p>(citada por Carla Sousa e Clarice Fortkamp Caldin, 2017)</p> <p>(citada por Carla Sousa da Silva, 2017)</p> <p>(citada por Carla Sousa, 2018)</p>	2010	<p>“[...] como atenção ao desenvolvimento do ser humano através da leitura, da narração e da dramatização de histórias.”</p> <p>“[...] o cuidado com o ser humano por meio de histórias literárias.”</p> <p>“[...] uma prática que se vale da leitura dirigida, ou seja, o público-alvo é contemplado com histórias selecionadas por um profissional, que pode ser médico, psicólogo, bibliotecário e professor.”</p>

<p>(citada por Carla Sousa e Clarice Fortkamp Caldin, 2018)</p> <p>(citada por Lucas Veras de Andrade e Ana Caroline Oliveira da Silva, 2018)</p> <p>(citada por Karin Vanelli; Carla Sousa, 2019)</p> <p>(citada por David Vernon Vieira; Daiane de Oliveira Lima, 2019)</p>		
<p>Marisa Silva</p> <p>(Citada por Karla Haydê Oliveira Fonseca; Fernando Azevedo, 2016)</p>	2011	<p>“[...] curar com os livros ou biblioterapia é auxiliar o corpo falante do indivíduo num equilíbrio fluído em todas suas dimensões: cognitiva, emocional e física.”</p>
<p>Noemy Candida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva</p>	2013	<p>“A Biblioterapia é uma prática milenar, cujo significado maior traduz uma atitude preventiva, ou seja, cuidado com o ser humano através de uma técnica terapêutica que necessita de um planejamento envolvendo a seleção de materiais didáticos, sendo essa ação, administrada por uma equipe multiprofissional, que disponibiliza tempo e dedicação a tal ação.”</p> <p>“Considera-se a biblioterapia um método coadjuvante da cura pelo diálogo ativado pelo uso de diferentes tipos de materiais informacionais, que podem auxiliar tanto no tratamento quanto na prevenção dos males do físico e da mente.”</p> <p>“A Biblioterapia é um processo interativo que faz uso da leitura e de outras atividades de caráter lúdico que trabalham em prol do bem-estar daquele que uso dela faz, até mesmo em tratamento de pessoas que possuem doenças tanto físicas como mentais, sendo utilizada na educação, saúde, reabilitação de pessoas em diferentes idades.”</p>
<p>Inez Helena Garcia</p>	2014	<p>“Biblioterapia se configura como contribuição terapêutica para minimizar os sentimentos de angústia, isolamento, fragilidade física e emocional decorrentes de problemáticas sociais enfrentadas pelas pessoas na atual sociedade.”</p>

Meire Barra Rosa Reis	2016	“A biblioterapia é um processo de cuidar dos indivíduos por intermédio da leitura de livros, frases e trechos de diversos gêneros textuais. Ela contempla não apenas a leitura, mas também o comentário que lhe é adicional.”
Marília Amaral Mendes Alves e Hugo da Costa Maia Bernardo	2017	“[...] poderíamos descrevê-la como uma prática de cuidado com o ser , tendo por base o uso de materiais de leitura, tanto para fins clínicos como para fins de fruição ou autodesenvolvimento, implicando na presença de um mediador, que, no último caso mencionado, pode ser um bibliotecário.”
Carla Sousa; Clarice Fortkamp Caldin	2017	“A biblioterapia configura-se como um campo de estudo interdisciplinar dentro da Ciência da Informação com um viés humano e social . Nesse sentido, preocupa-se com o ser humano e confere lugar de destaque às histórias no cuidado e na busca do equilíbrio de leitores, ouvintes ou espectadores.”

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2022).

Nota-se inicialmente que, diferentemente dos demais conceitos destacados, a maioria dos que se referem a essa aproximação da mediação da informação com a biblioterapia, através do ato de cuidar, são recentes. Isso não quer dizer que os demais autores citados não consideraram o cuidado com o sujeito em seus estudos sobre a biblioterapia, mas evidencia um avanço no que tange às percepções curativas da prática.

Os autores citados ressaltaram que a biblioterapia é o cuidado com o ser humano por meio da leitura. Ou seja, além de considerar a biblioterapia como uma prática que favorece o entendimento sobre a humanidade e a vulnerabilidade do outro, eles percebem que essa perspectiva pode ocorrer por meio da leitura, que, entre níveis e processos, possibilita essa experiência através do imaginativo, sem deixar suprimidos a conscientização e o pensamento crítico.

Refletir que a biblioterapia e a mediação da informação se aproximam nesse “cuidado”³ com o sujeito é inevitável, uma vez que, por meio da interação proporcionada pelas atividades, existem o despertar de sentimentos, a identificação com o outro e com os dispositivos, assim como o provocar da afetividade, em prol de um processo de (re)conhecimento e autodesenvolvimento. Contribuir para que isso seja possível requer empatia e dedicação por parte dos mediadores, que vão ser responsáveis por criar uma ambiência que favoreça essa troca de experiências e afetividade, porque, embora a biblioterapia trabalhe com a emoção, os sujeitos que participam de sua prática têm acesso às informações, e as mudanças que se espera que ele assuma também estão implicadas pela alteridade e pela consciência da importância dos seus atos e lugar de fala.

Conforme mencionado anteriormente com base no conceito de mediação da informação de Almeida Júnior (2015), a biblioterapia pode ser entendida como um processo e, como tal, tem atividades, como a leitura e sua mediação. Portanto, pautada nessa percepção e na importância da leitura na biblioterapia, visto que é por meio dela que é oportunizado um processo de conscientização por parte do sujeito, é necessário evidenciar quais indícios dessa ação e da mediação da leitura foram percebidos nos conceitos de biblioterapia recuperados a partir do levantamento bibliográfico.

Durante a revisão de literatura, foi defendida, com base em Martins (1988), Petit ([2009]) e Jouve (2002), a perspectiva de que a leitura, como ação, compreende, para além da decodificação de signos linguísticos, as diversas expressões socioculturais que cercam o sujeito e o influenciam durante o seu processo de interpretação, compreensão e apropriação. No que se refere à biblioterapia, é fundamental que os mediadores usem dispositivos informacionais, visando atingir os sujeitos em seu emocional e apoiá-los em sua reintegração.

Tendo em vista essa percepção, houve autores que, ao elaborarem seus conceitos de biblioterapia, não os limitaram a um tipo específico de leitura. Assim, o indício da leitura como ação mais abrangente pode ser notado nos conceitos dos autores no quadro abaixo.

³ A pesquisadora Clarice Fortkamp Caldin sinaliza isso no seu livro *Biblioterapia: um cuidado com o ser*.

Quadro 17 – Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios de aproximação com o entendimento sobre a leitura

Autores	Ano	Abordagens teórico-conceituais de biblioterapia elaboradas pelos autores das produções
<p>Ruth Tews apud Maria Helena Hess Alves</p> <p>(citada por Evandro Jair Duarte; William Barbosa Vianna; Clarice Fortkamp Caldin, 2018)</p>	1982	<p>“[...] um programa de atividade selecionada envolvendo materiais de leitura planejado, conduzido e controlado para tratamento, sob orientação médica, de problemas emocionais.”</p>
<p>Alvin Robert</p> <p>(citado por Ana Lúcia Leite Santos, Aparecida Deyse Acelino, Marília Mesquita Guedes Pereira e Raylene Paulino de Souza, 2017)</p>	1996	<p>“[...] a Biblioterapia como um programa de leitura planejado e conduzido para ajustamento psicossocial sob orientação de uma equipe multidisciplinar, cuja operacionalidade é compreendida através de sessões de leitura individuais e/ou grupais, com seleção de biografias, autobiografias e textos em braile ou áudio books [...]”</p>
<p>Danielle Thiago Ferreira</p> <p>(citada por Noemy Candida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva, 2013)</p> <p>(citada por Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin, 2013)</p> <p>(citada por Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos; Thais Caroline Silva Sousa, 2015)</p>	2003	<p>(citação indireta) A biblioterapia é uma técnica de mudanças de comportamento através do autoconhecimento e que utiliza as qualidades racionais (intelecto, inteligência, compreensão cognitiva) e emotivas dos indivíduos que se submetem a ela para obter uma modificação do seu comportamento. A biblioterapia pode ser um meio possível e efetivo para a mudança de comportamento, auto-correção e formação dos sujeitos na realidade que será estudada.</p> <p>“[...] um processo interativo, resultando em uma integração bem sucedida de valores e ações. O conceito de leitura empregado nesse processo interativo é amplo. E incluem todo tipo de material inclusive os não convencionais.”</p>
<p>Virgínia Bentes Pinto</p> <p>(citada por Maryse Azevedo dos Santos; Suely Oliveira Moraes Marquez, 2017)</p>	2005	<p>“No que se refere à biblioterapia, o mesmo diz que a leitura hoje possui uma visão além da decodificação de signos, ou seja, a leitura, a prática social que contempla a produção de sentidos e significados e essas concepções abrem espaço para a mesma.”</p>

<p>Eva Maria Seitz</p> <p>(citada por Maria Cleide Rodrigues Bernardino; Ariluci Goes Elliott; Modesto Leite Rolim Neto, 2012)</p> <p>(citada por Viviane Jerônimo; Adriana Pereira Rossetta; Paulo Roberto Freitas da Silva; Eliete Gonçalves; Juliane Trein, 2012)</p> <p>(citada por Ana Rita Cordeiro de Andrade, 2012)</p> <p>(citada por Noemy Candida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva, 2013)</p> <p>(citada por Inez Helena Garcia, 2014)</p> <p>(citada por Karla Haydê Oliveira Fonseca; Fernando Azevedo, 2016)</p> <p>(citada por Maryse Azevedo dos Santos; Suely Oliveira Moraes Marquez, 2017)</p> <p>(citada por Stheve Balbinotti, 2017)</p> <p>(citada por David Vernon Vieira; Daiane de Oliveira Lima, 2019)</p>	<p>2006</p>	<p>“[...] um programa de atividades selecionadas que envolve materiais de leitura, planejadas, conduzidas e controladas como um tratamento, sob a orientação médica, para problemas emocionais e de comportamento”.</p> <p>“[...] a biblioterapia é uma forma propícia para promover prazer e conforto, contribuindo para o bem-estar físico e mental dos indivíduos e proporcionando uma forma de combater os males que afligem.”</p> <p>(citação indireta) Há muito se fala sobre os benefícios terapêuticos proporcionados pela leitura. Não é de hoje que as pessoas encontram na leitura de um livro a ‘chave’ para compreender seus problemas existenciais, para lidar com as dificuldades naturais do dia a dia, para avaliar e encorajar-se diante dos desafios da vida, pois o ato de ler e elaborar ideias a partir da leitura cria oportunidades, aproxima pessoas, eleva o ser humano. A leitura praticada com objetivo terapêutico é denominada Biblioterapia.</p>
<p>Stephanie Marcinko <i>apud</i> Aparecida Luciene Resende Rosa</p> <p>(citada por Taize Araújo da Silva; Porcina Formiga dos Santos Salgado, 2013)</p>	<p>2006</p>	<p>“[...] a biblioterapia pode ser tanto um processo de desenvolvimento pessoal como um processo clínico de cura, que utiliza literatura selecionada, filmes e participantes que desenvolvem um processo de escrita criativa com discussões guiadas por um facilitador treinado com o propósito de promover a integração de sentimentos e pensamentos a fim de promover auto-afirmação, auto-conhecimento ou reabilitação.”</p>

<p>Tatiana Rossi; Luciene Rossi; Maria Raquel Souza</p> <p>(citada por Noemy Candida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva, 2013)</p>	2007	(citação indireta) A Biblioterapia configura-se como uma série de atividades em que são selecionados materiais de leitura. Planeja-se sua divulgação em um grupo por meio de leituras individuais e/ou em grupo, encenação por fantoches, teatro, e por outras atividades lúdicas. Estas atividades são conduzidas por bibliotecários juntamente com demais profissionais, já que se trata de uma atividade interdisciplinar.
<p>Lucélia Elizabeth Paiva</p> <p>(citada por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013)</p>	2008	“[...] é um processo interativo que se utiliza de leitura e de outras atividades lúdicas como coadjuvantes, inclusive em tratamentos de pessoas acometidas por doenças físicas e mentais. Pode ser aplicada na educação, na saúde e reabilitação de indivíduos em diversas faixas etárias.”
<p>Clarice Fortkamp Caldin</p> <p>(citada por Anny Caroliny Leite Calixto; Marcus Cézar de Borba Belmino, 2013)</p> <p>(citada por Letícia Aurora de Almeida Grasselli; Meri Nadia Marques Gerlin, 2017)</p> <p>(citada por Carla Sousa da Silva, 2017)</p> <p>(citada por Carla Sousa e Clarice Fortkamp Caldin, 2017)</p> <p>(citada por Carla Sousa, 2018)</p> <p>(citada por Carla Sousa e Clarice Fortkamp Caldin, 2018)</p> <p>(citada por Lucas Veras de Andrade; Ana Caroline Oliveira da Silva, 2018)</p>	2010	<p>“[...] como atenção ao desenvolvimento do ser humano através da leitura, da narração e da dramatização de histórias.”</p> <p>“[...] uma prática que se vale da leitura dirigida, ou seja, o público-alvo é contemplado com histórias selecionadas por um profissional, que pode ser médico, psicólogo, bibliotecário e professor.”</p>

(citada por Karin Vanelli; Carla Sousa, 2019)		
(citada por David Vernon Vieira; Daiane de Oliveira Lima, 2019)		
Geyse Maria Almeida (citada por Sueli Bortolin e Sandra da Silva, 2016)	2011	“[...] um método que se utiliza da leitura e outras atividades lúdicas como coadjuvante no tratamento de pessoas acometidas por alguma doença física ou mental. É aplicada como educação e reabilitação em indivíduos em diversas faixas etárias.”
Delana Galdino de Oliveira; Maria de Fátima Sousa de Oliveira Barbosa; Carla Beatriz Marques Felipe	2019	“A biblioterapia tem sido definida como um processo que se utiliza do livro e da leitura como um dispositivo terapêutico.”

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2022).

Ao considerar, em seus conceitos, a possibilidade de utilizar biografias, *audiobooks*, literatura e filmes, durante as atividades biblioterapêuticas, esses autores compreendem que a prática é ampla e exige um cuidado e uma sistematização quanto à escolha dessas leituras. Tal diversidade é devida à própria constituição da biblioterapia, que pode ser aplicada em locais variados, com sujeitos diferentes e, principalmente, por razões diferentes, que vão de emocionais, psíquicas, físicas até cotidianas.

Então, assim como a leitura, sob o olhar de Jouve (2002), a biblioterapia é uma ação plural que envolve os diversos aspectos que implicam a experiência do sujeito como parte de um meio social. Por isso se compreende que os mediadores devem apoiar esse sujeito durante as atividades biblioterapêuticas, visto que poderão subsidiá-lo a tomar consciência e a interpretar e compreender a informação e apropriar-se dela, por meio da prática da leitura. Segundo as concepções de Petit ([2009]), a leitura é uma ação mais “transmitida” do que “ensinada”, ou seja, é uma questão da referência afetiva, do caráter formativo e da experiência (GOMES, 2016) de ter um mediador na biblioterapia, mesmo que o sujeito nunca tenha tido contato com a leitura e com sua mediação durante sua vida, o que pode ocorrer devido aos diversos contextos que fazem parte da sociedade.

Entende-se que, quando os mediadores ouvem e apoiam os sujeitos ao longo da biblioterapia – por meio de palavras ou de expressões corporais – e mostram que a leitura está presente em seu dia a dia e que, por meio dela, é possibilitado um espaço criativo, reflexivo e problematizador, contribuem para ressignificar a postura desses sujeitos, em relação aos seus problemas, e para mudar e ampliar perspectivas através das vivências que a leitura possibilita. Além disso, com base na percepção de Martins (1988), a leitura orientada por um agir consciente dos mediadores oportuniza que os sujeitos assumam uma postura autônoma para refletir e agir, tendo como base as informações às quais têm acesso durante as atividades biblioterapêuticas, ressignificando suas ações não só em uma perspectiva individual, mas também social.

Nota-se que, como a biblioterapia, através da leitura e, conseqüentemente, da mediação da leitura, é uma prática com objetivos terapêuticos, demanda uma interferência ética e consciente do mediador durante a atividade e envolve os sujeitos em emoções e reflexões. A seguir, apresentam-se os indícios que foram percebidos nos conceitos de biblioterapia e que se referem aos diferentes níveis e processos pelos quais o sujeito perpassa ao realizar a leitura, são eles: os níveis sensorial, emocional e racional defendidos por Martins (1988); e o processo afetivo estudado por Jouve (2002).

E o primeiro indício apresentado é o nível sensorial estudado por Martins (1988).

Quadro 18 – Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios de aproximação com o nível de leitura sensorial

Autores	Ano	Abordagens teórico-conceituais de biblioterapia elaboradas pelos autores das produções
Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin	2013	<p>“Na Biblioterapia a leitura é uma conversa com o autor, leitor e o narrador de textos, escrito ou falado, fazendo com que o leitor sinta-se emocionalmente motivado às mudanças que façam a diferença na sua vida.”</p> <p>“Biblioterapia é um diálogo entre o texto e o leitor, e esse diálogo pode ser através de: gestos, expressões faciais, risos, aplausos, desenhos e outras manifestações que demonstrem se gostaram ou não do que foi lido, contado ou dramatizado, através das atividades biblioterapêuticas.”</p>

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2022).

De acordo com a autora, esse nível da leitura diz respeito ao primeiro contato do sujeito com o dispositivo, que envolve os sentidos humanos – como o toque e a audição – na experiência de ler, portanto, está relacionado às emoções e à razão e, por isso, de acordo com Martins (1988), pode ressignificar a leitura.

Durante as atividades de mediação da biblioterapia, o alcance do nível sensorial favorece a aproximação entre os sujeitos e os dispositivos terapêuticos, uma vez que essa prática é defendida, neste estudo, como uma mediação da leitura especializada. Conforme se observou anteriormente, é necessário se apropriar desses dispositivos, porque, através deles, é possível influenciar os sujeitos em suas condutas. Portanto, na efetividade da leitura sensorial, esse sujeito vivencia a experiência de tocar, folhear, compreender e interpretar por meio dos sentidos.

Ao analisar o conceito elaborado pelas autoras, percebe-se que elas consideraram os gestos, as expressões e as reações corporais como resposta para a leitura realizada durante a mediação da biblioterapia, o que corrobora o que é defendido por Martins (1988) referente ao nível sensorial.

Considerar tais respostas dos sujeitos durante as atividades biblioterapêuticas, as autoras refletem sobre o que a leitura pode provocar nesses sujeitos, qual o sentido que eles atribuirão à ação e o que esse impulso pode resultar no que tange aos resultados esperados pela biblioterapia. E mesmo que as reações dos sujeitos em relação à leitura dos dispositivos sejam inesperadas, ao sistematizar as atividades e escolher esses materiais, os mediadores objetivam atingi-los em algum aspecto de suas vidas, a fim de que reflitam sobre alguma situação e comportamento e como podem mudá-los.

No que se refere às emoções e às lembranças que as leituras dos dispositivos podem despertar nas memórias afetivas que podem ser revisitadas e que, por meio dessas sensações, os sujeitos compartilham pensamentos e sentimentos, pode-se alcançar outro nível, o emocional, referido por Martins (1988), e o processo afetivo, por Jouve (2002). Esses indícios foram percebidos nos conceitos dos autores apresentados no Quadro 19.

Quadro 19 – Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios de aproximação com o nível emocional e o processo afetivo da leitura

Autores	Ano	Abordagens teórico-conceituais de biblioterapia elaboradas pelos autores das produções
<p>Caroline Shrodes</p> <p>(citada por Neiva Dulce Suzart Alves Bahiana, 2009)</p> <p>(citada por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013)</p> <p>(citada por Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos; Thais Caroline Silva Sousa, 2015)</p> <p>(citada por Carla Sousa da Silva, 2017)</p>	1943	<p>“[...] biblioterapia é um processo dinâmico de interação entre a personalidade do leitor e a literatura imaginativa, que pode atrair as emoções do leitor e liberá-las para o uso consciente e produtivo.”</p>
<p>Maria Helena Hess Alves</p> <p>(citada por Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin, 2013)</p>	1982	<p>“[...] uma forma de tratamento bastante recente, mas eficaz na recuperação de pessoas psicologicamente doentes ou portadoras de problemas.”</p>

<p>Maria Stella Orsini (citada por Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin, 2013)</p>	1982	<p>“[...] define biblioterapia [...] como uma atividade de lazer. Assim, verifica-se que ela supõe certas propriedades terapêuticas, uma vez que ocorre uma fuga, uma evasão, isto é, a criação de um universo independente da rotina cotidiana. Nessa escapada, há um mergulho em um mundo cheio de aventura, romance, fantasia, etc. Nesse sentido, podemos afirmar que uma das funções da literatura é a de aliviar as tensões da vida diária.”</p>
<p>Virgínia Bentes Pinto (citada por Inez Helena Garcia, 2014) (citada por Lucas Inacio de Souza; Mônica Elizabeth Yañez Gonzalez. Ana Carolina Sanches, 2018)</p>	1995	<p>“[...] práticas leitoras que utilizam textos-verbais e não-verbais, como coadjuvantes no tratamento de pessoas acometidas por doenças físicas ou mentais ou ainda que enfrentam momentos de crise ou dificuldades – exclusão, integração social, afastamento do convívio familiar, de comunicação, etc. a fim de que os sujeitos, por aproximação ou projeção, sintam prazer com o texto e encontrem respostas para a catarse de seus conflitos, sejam eles físicos, mentais, psicossociais etc.”</p>
<p>Marc-Alain Ouaknin (citado por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013) (citado por Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin, 2013) (citado por Mariana Giubertti Guedes, 2013) (citado por Karla Haydê Oliveira da Fonseca, 2014) (citado por Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos; Thais Caroline Silva Sousa, 2015) (citado por Carla Sousa da Silva, 2017)</p>	1996	<p>“[...] a biblioterapia é o uso dos materiais de leitura selecionados como auxiliares terapêuticos em medicina e psiquiatria. É também o auxílio na solução de problemas por meio de leitura dirigida.” “A biblioterapia funda-se em uma prática de leitura que permite ao homem ir ao mais profundo de si mesmo e se inventar a cada vez de maneira diferente.”</p>

(citado por Mariana Giuberti Guedes; Sofia Galvão Baptista, 2018)		
<p>Clarice Fortkamp Caldin</p> <p>(citada por Noemy Cândida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva, 2013)</p> <p>(citada por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013)</p> <p>(citada por Carla Sousa, 2018)</p> <p>(citado por Sibelly Maria Cavalheiro; Jonatas Edison Silva; Ana Carla Bilhar, 2019)</p>	2001a	(citação indireta) [...] a Biblioterapia é uma técnica de leitura dirigida e de discussão em grupo que favorece a interação entre as pessoas, levando-as a expressarem seus sentimentos; os receios, as angústias e os anseios. Dessa forma, o ser humano pode compartilhar seus sentimentos uns com os outros, afim de que ambos tenham seus problemas solucionados.
<p>Danielle Thiago Ferreira</p> <p>(citada por Noemy Candida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva, 2013)</p> <p>(citada por Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin, 2013)</p> <p>(citada por Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos; Thais Caroline Silva Sousa, 2015)</p>	2003	<p>(citação indireta) A biblioterapia é uma técnica de mudanças de comportamento através do autoconhecimento e que utiliza as qualidades racionais (intelecto, inteligência, compreensão cognitiva) e emotivas dos indivíduos que se submetem a ela para obter uma modificação do seu comportamento. A biblioterapia pode ser um meio possível e efetivo para a mudança de comportamento, auto-correção e formação dos sujeitos na realidade que será estudada.</p> <p>“[...] um processo interativo, resultando em uma integração bem sucedida de valores e ações. O conceito de leitura empregado nesse processo interativo é amplo. E incluem todo tipo de material inclusive os não convencionais.”</p>
Rachel Castro e Edna Pinheiro	2005	(citação indireta) [...] A biblioterapia se constitui num processo interativo de sentimentos, valores e ações, tendo como resultado final um processo harmônico e equilibrado de crescimento e desenvolvimento pessoal.

<p>(citada por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013)</p>		
<p>Eva Maria Seitz</p> <p>(citada por Maria Cleide Rodrigues Bernardino; Ariluci Goes Elliott; Modesto Leite Rolim Neto, 2012)</p> <p>(citada por Viviane Jerônimo; Adriana Pereira Rossetta; Paulo Roberto Freitas da Silva; Eliete Gonçalves; Juliane Trein, 2012)</p> <p>(citada por Ana Rita Cordeiro de Andrade, 2012)</p> <p>(citada por Noemy Candida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva, 2013)</p> <p>(citada por Inez Helena Garcia, 2014)</p> <p>(citada por Karla Haydê Oliveira Fonseca; Fernando Azevedo, 2016)</p> <p>(citada por Maryse Azevedo dos Santos; Suely Oliveira Moraes Marquez, 2017)</p> <p>(citada por Stheve Balbinotti, 2017)</p> <p>(citada por David Vernon Vieira; Daiane de Oliveira Lima, 2019)</p>	<p>2006</p>	<p>“[...] um programa de atividades selecionadas que envolve materiais de leitura, planejadas, conduzidas e controladas como um tratamento, sob a orientação médica, para problemas emocionais e de comportamento”.</p> <p>“[...] a biblioterapia é uma forma propícia para promover prazer e conforto, contribuindo para o bem-estar físico e mental dos indivíduos e proporcionando uma forma de combater os males que afligem.”</p> <p>(citação indireta) Há muito se fala sobre os benefícios terapêuticos proporcionados pela leitura. Não é de hoje que as pessoas encontram na leitura de um livro a ‘chave’ para compreender seus problemas existenciais, para lidar com as dificuldades naturais do dia a dia, para avaliar e encorajar-se diante dos desafios da vida, pois o ato de ler e elaborar ideias a partir da leitura cria oportunidades, aproxima pessoas, eleva o ser humano. A leitura praticada com objetivo terapêutico é denominada Biblioterapia.</p>

<p>Stephanie Marcinko <i>apud</i> Aparecida Luciene Resende Rosa</p> <p>(citada por Taize Araújo da Silva; Porcina Formiga dos Santos Salgado, 2013)</p>	2006	<p>“[...] a biblioterapia pode ser tanto um processo de desenvolvimento pessoal como um processo clínico de cura, que utiliza literatura selecionada, filmes e participantes que desenvolvem um processo de escrita criativa com discussões guiadas por um facilitador treinado com o propósito de promover a integração de sentimentos e pensamentos a fim de promover auto-afirmação, auto-conhecimento ou reabilitação.”</p>
<p>Geovana Mascarenhas Nascimento e Dulcineia Sarmiento Rosemberg</p> <p>(citada por Maria Cleide Rodrigues Bernardino; Ariluci Goes Elliott; Modesto Leite Rolim Neto, 2012)</p>	2007	<p>(citação indireta) [...] a biblioterapia tem respaldo no processo narrativo-interpretativo do processo de leitura, ou seja, é uma forma de comunicação que possibilita trabalhar com as emoções do paciente, atuando como auxiliar ao tratamento tradicional médico.”</p>
<p>Murilo Bastos da Cunha e Cordélia Robalinho de Oliveira Cavalcanti</p> <p>(citado de Maria Cristina Palhares Valência e Michele Cristina Magalhães, 2015)</p>	2008	<p>“[...] utilização de livros e outros materiais de leitura em programas de leitura direcionada e planejada para auxiliar no tratamento de problemas mentais e emocionais bem como desajustes sociais.”</p>
<p>Luciana Angélica da Silva Leal</p> <p>(citada por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013)</p> <p>(citada por Maryse Azevedo dos Santos; Suely Oliveira Moraes Marquez, 2017)</p>	2009	<p>“[...] biblioterapia é uma forma de comunicação, que propicia trabalhar o emocional do paciente em parceria com o tratamento tradicional.”</p>
<p>Neiva Dulce Suzart Alves Bahiana</p>	2009	<p>“[...] um dos recursos terapêuticos através da ressignificação da leitura prazerosa de qualquer texto escolhido selecionado ou mesmo indicado que, após a leitura, narrativa ou contada, venha resultar numa paz de espírito tamanha amenizando as tensões psicossomáticas do sujeito cognitivo, conseqüentemente, proporcionando leveza mental.”</p>

<p>Marisa Silva (Citada por Karla Haydê Oliveira Fonseca; Fernando Azevedo, 2016)</p>	2011	<p>“[...] curar com os livros ou biblioterapia é auxiliar o corpo falante do indivíduo num equilíbrio fluído em todas suas dimensões: cognitiva, emocional e física.”</p>
<p>Natalia Tukhareli (citada Kimberly Naranjo Mora; Gloriela Navarro Araya; Tatiana Zúñiga Seravalli, 2017)</p>	2011	<p>“[Es] una terapia expresiva, que involucra el uso sistemático de libros para ayudarle a las personas a hacerle frente a sus problemas mentales, físicos, de desarrollo o sociales.”</p>
<p>Noemy Candida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva</p>	2013	<p>“Considera-se a biblioterapia um método coadjuvante da cura pelo diálogo ativado pelo uso de diferentes tipos de materiais informacionais, que podem auxiliar tanto no tratamento quanto na prevenção dos males do físico e da mente.”</p> <p>“A Biblioterapia é um processo interativo que faz uso da leitura e de outras atividades de caráter lúdico que trabalham em prol do bem-estar daquele que uso dela faz, até mesmo em tratamento de pessoas que possuem doenças tanto físicas como mentais, sendo utilizada na educação, saúde, reabilitação de pessoas em diferentes idades.”</p>
<p>Solange Puntel Mostafa; Denise Viuniski da Nova Cruz; Felipe Etelvino Benevenuto</p>	2013	<p>“[...] uma técnica ou uma dinâmica de leitura em grupo usada como uma espécie de terapia em pacientes hospitalizados ou em condições de confinamentos variados [...]”</p>
<p>Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges; Teixeira Ramos</p>	2013	<p>“Biblioterapia é uma forma de terapia realizada através da leitura de livros e materiais afins. Seu alvo são pessoas que estejam passando por dificuldades emocionais e/ou físicas. A Biblioterapia estimula essas pessoas a resolverem seus problemas e controlar suas emoções para que possam conviver socialmente e consigo mesmo.”</p> <p>“A biblioterapia é uma dinâmica que propicia a sociabilização, o conforto e a ajuda necessária para a resolução de problemas perpassando também a aceitação da situação em que o leitor se encontra. Nesse caso, a biblioterapia pode ser aplicada em vários segmentos, tais como asilos, orfanatos, hospitais, clínicas psiquiátricas, presídios e outros. É aplicável a todas as pessoas.”</p>

Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin	2013	<p>“Na Biblioterapia a leitura é uma conversa com o autor, leitor e o narrador de textos, escrito ou falado, fazendo com que o leitor sinta-se emocionalmente motivado às mudanças que façam a diferença na sua vida.”</p> <p>“Biblioterapia é um diálogo entre o texto e o leitor, e esse diálogo pode ser através de: gestos, expressões faciais, risos, aplausos, desenhos e outras manifestações que demonstrem se gostaram ou não do que foi lido, contado ou dramatizado, através das atividades biblioterapêuticas.”</p>
Karla Haydê Oliveira da Fonseca	2014	<p>“[...] a biblioterapia é o restabelecimento da pessoa, através da leitura e da palavra (escrita e falada), numa tríade biblioterapeuta + leitura + leitor.”</p>
Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos; Thais Caroline Silva Sousa	2015	<p>“Biblioterapia é um tipo de terapia realizada por meio da leitura de livros e outros materiais afins em diferentes suportes. As pessoas com problemas ou doenças emocionais e/ou físicas constituem seu público alvo. A biblioterapia as estimula na resolução de seus problemas e a controlar suas emoções para que possam conviver socialmente e consigo mesmo.”</p>
Jeferson Abílio da Silveira; Sueli Bortolin	2015	<p>“[...] biblioterapia é a prática da leitura dirigida de textos selecionados pelos aplicadores de biblioterapia, como forma de amenizar uma situação dolorosa ou um estado de angústia, e auxiliar no tratamento de doenças e perturbações mentais.”</p>
Marília Amaral Mendes Alves; Hugo da Costa Maia Bernardo	2017	<p>“[...] poderíamos descrevê-la como uma prática de cuidado com o ser, tendo por base o uso de materiais de leitura, tanto para fins clínicos como para fins de fruição ou autodesenvolvimento, o que implica a presença de um mediador, que, no último caso mencionado, pode ser um bibliotecário.”</p>
Kimberly Naranjo Mora; Gloriela Navarro Araya; Tatiana Zúñiga Seravalli	2017	<p>“[...] la biblioterapia consiste en brindar apoyo emocional a un individuo por medio de los libros y la lectura, sin embargo, no se debe obviar que essa herramienta abarca y conlleva mucho más que lo señalado en la definición anterior, pues requiere de todo un método de aplicación por seguir para que produzca un efecto visible.”</p>
Lucas Veras de Andrade; Ana Caroline Viana de Melo	2017	

		“Biblioterapia pode ser compreendida como uma terapia por meio de livros ou qualquer meio lúdico. Que intenciona promover no indivíduo em processo terapêutico, o ressignificar de uma problemática , seja ela: psicológica, social ou cultural.”
Sibelly Maria Cavalheiro; Jônatas Edison Silva; Ana Carla Bilhar	2019	“[...] a biblioterapia consiste na utilização de textos e da leitura, com fins terapêuticos concedidos pelos próprios textos utilizados durante a vivência e por meio da livre interpretação dos participantes , contribuindo de alguma forma no tratamento de doenças, sejam elas física ou mental.”
Pamela Oliveira Assis; Raquel do Rosário Santos; Ingrid Paixão de Jesus	2019	“A biblioterapia é entendida como um tratamento terapêutico em que se utiliza a leitura, em seu sentido amplo, para tratar diferentes problemas dos pacientes, desde os emocionais até os comportamentais. ”
Jessica da Silva Gadelha; Gabrielle Francinne de S. C. Tanus	2019	“A biblioterapia é uma atividade de intervenção que envolve a leitura e outras atividades lúdicas como forma de auxílio no tratamento terapêutico em indivíduos que necessitam de um determinado amparo social e emocional, com o intuito de superar vulnerabilidades. ”

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da pesquisa (2022).

Retomando as percepções de Martins (1988) e de Jouve (2002), pode-se compreender que a leitura emocional é caracterizada pela resposta física em relação à ação e que, na sensorial, o sujeito é envolto em sentimentos, o que se configura como vulnerabilidade e empatia (MARTINS, 1988). Quanto à leitura no processo afetivo, defendido por Jouve (2002), relaciona-se com a emoção e a vulnerabilidade que, de acordo com o autor, estão na base do princípio da identificação.

Ao analisar os conceitos dos autores citados anteriormente, é possível inferir que eles consideram os sentimentos e a emoção provocados pela leitura durante as atividades biblioterapêuticas como essenciais para que os sujeitos possam refletir sobre suas ações e ressignificá-las. Como exemplo, citam-se a assertiva de *Marc-Alain Ouaknin* (1996) de que “A Biblioterapia funda-se em uma prática de leitura que permite ao homem ir ao mais profundo de si mesmo e se inventar cada vez de maneira diferente.” e a de Marisa Silva (2011), que apresenta a biblioterapia como uma cura por meio dos livros, o que possibilita ao sujeito recuperar seu equilíbrio emocional, cognitivo e físico. Sob o ponto de vista desses autores, ao alcançar as leituras emocional e afetiva, os sujeitos vivenciam, por meio da “vulnerabilidade”, as situações que enfrentam por outra perspectiva, a apresentada no dispositivo. Além disso, segundo Martins (1988), no que tange à leitura emocional, o que importa é o que ela pode provocar no sujeito, portanto, seu alcance é fundamental para que seja despertado um processo de (auto)desenvolvimento no sujeito durante a prática da biblioterapia.

Apesar de as leituras emocional e afetiva tratarem do sujeito “vulnerável”, isso não significa fragilidade, mas sim, entrega e disponibilidade do sujeito para refletir, em se deixar impactar e, no caso da biblioterapia, querer mudar. Durante esse processo de se conhecer e se permitir conhecer o outro, pode haver questionamentos, provavelmente motivados pela leitura dos dispositivos trabalhados ou pelos mediadores. Ao adentrar esse processo reflexivo e de identificação, o sujeito recorre às suas experiências para atribuir sentido ao que é lido. Martins (1988) nomeia esse nível de leitura de racional.

Quadro 20 – Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios de aproximação com o nível racional da leitura

Autores	Ano	Abordagens teórico-conceituais de biblioterapia elaboradas pelos autores das produções
<p>Caroline Shrodes</p> <p>(citada por Neiva Dulce Suzart Alves Bahiana, 2009)</p> <p>(citada por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013)</p> <p>(citada por Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos; Thais Caroline Silva Sousa, 2015)</p> <p>(citada por Carla Sousa da Silva, 2017)</p>	1943	<p>“[...] biblioterapia é um processo dinâmico de interação entre a personalidade do leitor e a literatura imaginativa, que pode atrair as emoções do leitor e liberá-las para o uso consciente e produtivo.”</p>
<p>Maria Aparecida Lopes da Cruz</p> <p>(citada por Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin, 2013)</p>	1995	<p>“[...] biblioterapia é um campo de produção científica e de atuação profissional que envolve médicos, psicólogos, educadores, bibliotecários, assistentes sociais, psiquiatras e terapeutas de diversas correntes.”</p>
<p>Clarice Fortkamp Caldin</p> <p>(citada por Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin, 2013)</p>	2001b	<p>“[...] a biblioterapia é uma [...] atividade interdisciplinar, que pode ser desenvolvida em conjunto com a Biblioteconomia, a Literatura, a Educação, a Medicina, a Psicologia e a Enfermagem. Tal interdisciplinaridade confere-lhe um lugar de destaque no cenário dos estudos culturais. É um lugar estratégico, que permite buscar aliados em vários campos e um exercício aberto a críticas, contribuições e parcerias.”</p>
<p>Danielle Thiago Ferreira</p> <p>(citada por Noemy Candida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes)</p>	2003	<p>(citação indireta) A biblioterapia é uma técnica de mudanças de comportamento através do autoconhecimento e que utiliza as qualidades racionais (intelecto, inteligência, compreensão cognitiva) e emotivas dos indivíduos que se submetem a ela para obter uma modificação do seu</p>

<p>Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva, 2013)</p> <p>(citada por Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin, 2013)</p> <p>(citada por Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos; Thais Caroline Silva Sousa, 2015)</p>		<p>comportamento. A biblioterapia pode ser um meio possível e efetivo para a mudança de comportamento, auto-correção e formação dos sujeitos na realidade que será estudada.</p> <p>“[...] um processo interativo, resultando em uma integração bem sucedida de valores e ações. O conceito de leitura empregado nesse processo interativo é amplo. E incluem todo tipo de material inclusive os não convencionais.”</p>
<p>Rachel Castro e Edna Pinheiro</p> <p>(citada por Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos, 2013)</p>	2005	<p>(citação indireta) [...] A biblioterapia se constitui num processo interativo de sentimentos, valores e ações, tendo como resultado final um processo harmônico e equilibrado de crescimento e desenvolvimento pessoal.</p>
<p>Eva Maria Seitz</p> <p>(citada por Maria Cleide Rodrigues Bernardino; Ariluci Goes Elliott; Modesto Leite Rolim Neto, 2012)</p> <p>(citada por Viviane Jerônimo; Adriana Pereira Rossetta; Paulo Roberto Freitas da Silva; Eliete Gonçalves; Juliane Trein, 2012)</p> <p>(citada por Ana Rita Cordeiro de Andrade, 2012)</p> <p>(citada por Noemy Candida da Silva; Camila Lindomar Mendonça Lopes Santana; Alexandre Oliveira de Meira Gusmão; Edileusa Regina Pena da Silva, 2013)</p>	2006	<p>“[...] um programa de atividades selecionadas que envolve materiais de leitura, planejadas, conduzidas e controladas como um tratamento, sob a orientação médica, para problemas emocionais e de comportamento”.</p> <p>“[...] a biblioterapia é uma forma propícia para promover prazer e conforto, contribuindo para o bem-estar físico e mental dos indivíduos e proporcionando uma forma de combater os males que afligem.”</p> <p>(citação indireta) Há muito se fala sobre os benefícios terapêuticos proporcionados pela leitura. Não é de hoje que as pessoas encontram na leitura de um livro a ‘chave’ para compreender seus problemas existenciais, para lidar com as dificuldades naturais do dia a dia, para avaliar e encorajar-se diante dos desafios da vida, pois o ato de ler e elaborar ideias a partir da leitura cria oportunidades, aproxima pessoas, eleva o ser humano. A leitura praticada com objetivo terapêutico é denominada Biblioterapia.</p>

<p>(citada por Inez Helena Garcia, 2014)</p> <p>(citada por Karla Haydê Oliveira Fonseca; Fernando Azevedo, 2016)</p> <p>(citada por Maryse Azevedo dos Santos; Suely Oliveira Moraes Marquez, 2017)</p> <p>(citada por Steve Balbinotti, 2017)</p> <p>(citada por David Vernon Vieira; Daiane de Oliveira Lima, 2019)</p>		
<p>Stephanie Marcinko <i>apud</i> Aparecida Luciene Resende Rosa</p> <p>(citada por Taize Araújo da Silva; Porcina Formiga dos Santos Salgado, 2013)</p>	2006	<p>“[...] a biblioterapia pode ser tanto um processo de desenvolvimento pessoal como um processo clínico de cura, que utiliza literatura selecionada, filmes e participantes que desenvolvem um processo de escrita criativa com discussões guiadas por um facilitador treinado com o propósito de promover a integração de sentimentos e pensamentos a fim de promover auto-afirmação, auto-conhecimento ou reabilitação.”</p>
<p>Neiva Dulce Suzart Alves Bahiana</p>	2009	<p>“[...] um dos recursos terapêuticos através da ressignificação da leitura prazerosa de qualquer texto escolhido selecionado ou mesmo indicado que, após a leitura, narrativa ou contada, venha resultar numa paz de espírito tamanha amenizando as tensões psicossomáticas do sujeito cognitivo, conseqüentemente, proporcionando leveza mental.”</p>
<p>Katherine Lui Gómez Mujica</p>	2011	<p>“Proceso terapéutico, que se vale de textos determinados y lecturas dirigidas por el biblioterapeuta, que sirven como apoyo en el tratamiento de personas con alguna aflicción, con el propósito de provocar la catarsis y solución de problemas” (Gómez, 2011, p. 20),</p>
<p>Natalia Tukhareli</p> <p>(citada Kimberly Naranjo Mora; Gloriela Navarro Araya; Tatiana Zúñiga Seravalli, 2017)</p>	2011	<p>“[Es] una terapia expresiva, que involucra el uso sistemático de libros para ayudarle a las personas a hacerle frente a sus problemas mentales, físicos, de desarrollo o sociales.”</p>

<p>Thais Caroline da Silva Sousa; Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges; Teixeira Ramos</p>	<p>2013</p>	<p>“Biblioterapia é uma forma de terapia realizada através da leitura de livros e materiais afins. Seu alvo são pessoas que estejam passando por dificuldades emocionais e/ou físicas. A Biblioterapia estimula essas pessoas a resolverem seus problemas e controlar suas emoções para que possam conviver socialmente e consigo mesmo.”</p> <p>“A biblioterapia é uma dinâmica que propicia a sociabilização, o conforto e a ajuda necessária para a resolução de problemas perpassando também a aceitação da situação em que o leitor se encontra. Nesse caso, a biblioterapia pode ser aplicada em vários segmentos, tais como asilos, orfanatos, hospitais, clínicas psiquiátricas, presídios e outros. É aplicável a todas as pessoas.”</p>
<p>Andréa Pereira dos Santos; Rubem Borges Teixeira Ramos; Thais Caroline Silva Sousa</p>	<p>2015</p>	<p>“Biblioterapia é um tipo de terapia realizada por meio da leitura de livros e outros materiais afins em diferentes suportes. As pessoas com problemas ou doenças emocionais e/ou físicas constituem seu público alvo. A biblioterapia as estimula na resolução de seus problemas e a controlar suas emoções para que possam conviver socialmente e consigo mesmo.”</p>
<p>Miriam Lúcia de Almeida; Sueli Bortolin</p>	<p>2013</p>	<p>“Na Biblioterapia a leitura é uma conversa com o autor, leitor e o narrador de textos, escrito ou falado, fazendo com que o leitor sinta-se emocionalmente motivado às mudanças que façam a diferença na sua vida.”</p> <p>“Biblioterapia é um diálogo entre o texto e o leitor, e esse diálogo pode ser através de: gestos, expressões faciais, risos, aplausos, desenhos e outras manifestações que demonstrem se gostaram ou não do que foi lido, contado ou dramatizado, através das atividades biblioterapêuticas.”</p>
<p>Marília Amaral Mendes Alves; Hugo da Costa Maia Bernardo</p>	<p>2017</p>	<p>“[...] poderíamos descrevê-la como uma prática de cuidado com o ser, tendo por base o uso de materiais de leitura, tanto para fins clínicos como para fins de fruição ou autodesenvolvimento, o que implica a presença de um mediador, que, no último caso mencionado, pode ser um bibliotecário.”</p>
<p>Kimberly Naranjo Mora; Gloriela Navarro Araya; Tatiana Zúñiga Seravalli</p>	<p>2017</p>	<p>“[...] la biblioterapia consiste en brindar apoyo emocional a un individuo por medio de los libros y la lectura, sin embargo, no se debe obviar que essa herramienta abarca y conlleva mucho más que</p>

		lo señalado en la definición anterior, pues requiere de todo un método de aplicación por seguir para que produzca un efecto visible. "
Lucas Veras de Andrade; Ana Caroline Viana de Melo	2017	"Biblioterapia pode ser compreendida como uma terapia por meio de livros ou qualquer meio lúdico. Que intenciona promover no indivíduo em processo terapêutico, o ressignificar de uma problemática , seja ela: psicológica, social ou cultural."
Sibelly Maria Cavalheiro; Jônatas Edison Silva; Ana Carla Bilhar	2019	"[...] a biblioterapia consiste na utilização de textos e da leitura, com fins terapêuticos concedidos pelos próprios textos utilizados durante a vivência e por meio da livre interpretação dos participantes , contribuindo de alguma forma no tratamento de doenças, sejam elas física ou mental."

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2022).

Ao considerar que os conceitos dos autores supracitados têm indícios da leitura racional, levou-se em conta a presença de algumas características, como: exercício crítico; uso consciente da emoção; mudança comportamental por meio da "qualidade" racional; crescimento e desenvolvimento pessoal etc. A partir de tais elementos, é possível inferir que, quando acresceram essas características em seus conceitos, os autores perceberam que, durante as atividades biblioterapêuticas, os mediadores deveriam incentivar os sujeitos a associarem as interpretações e as compreensões dos dispositivos às próprias vivências. A identificação e a emoção advindas dos níveis e dos processos anteriores impulsionam a tomada de consciência sobre si e sobre a realidade que o cerca.

Conforme mencionado na seção de revisão da literatura, tendo em vista que a biblioterapia é uma mediação da leitura especializada, entende-se que ela agrega, durante a realização das atividades com os sujeitos, as características referentes à ação da leitura, uma vez que, para que seja alcançada a efetividade nos níveis e nos processos propostos por Martins (1988) e Jouve (2002), em seus estudos, durante a biblioterapia, é necessário um mediador que interfira nesse processo, de modo consciente e ético, e favoreça a experiência de autoconhecimento do sujeito, e que exista o processo dialógico defendido por Gomes (2014) e já citado nesta análise.

Ao pensar na importância desse processo dialógico durante a mediação da leitura, pode-se lembrar a mediação da leitura na perspectiva da oralidade, estudada por Bortolin (2010) e Cavalcante (2015), que, apesar de não deixarem explícitos, em seus conceitos, termos referentes ao processo dialógico, consideram esse elemento importante.

Quadro 21 – Conceitos de biblioterapia que apresentam indícios de associação com a mediação da leitura na perspectiva da oralidade

Autores	Ano	Abordagens teórico-conceituais de biblioterapia elaboradas pelos autores das produções
<p>Ângela Maria Lima Ratton</p> <p>(citada por Maria Vandineide Teles Silva, 2013)</p> <p>(citada por Maryse Azevedo dos Santos; Suely Oliveira Moraes Marquez, 2017)</p> <p>(citada por Jessica da Silva Gadelha; Gabrielle Francinne de S. C Tanus, 2019)</p>	1975	<p>“A biblioterapia é a seleção e prescrição de livros de acordo com as necessidades dos pacientes, condução da terapia baseada em comentários de leitura e avaliação dos resultados”.</p>
<p>Taize Araújo da Silva; Porcina Formiga dos Santos Salgado</p>	2013	<p>“Pelo fato da Biblioterapia proporcionar a terapia por meio de leitura de textos literários, sendo estes passíveis de interpretação, permite ao sujeito o exercício de sua liberdade de interpretação, fazendo com que este crie novos sentidos ao que foi lido, ou seja, nesse processo as palavras não são neutras, portanto a própria linguagem metafórica consegue conduzir o indivíduo para além de si mesmo.”</p>

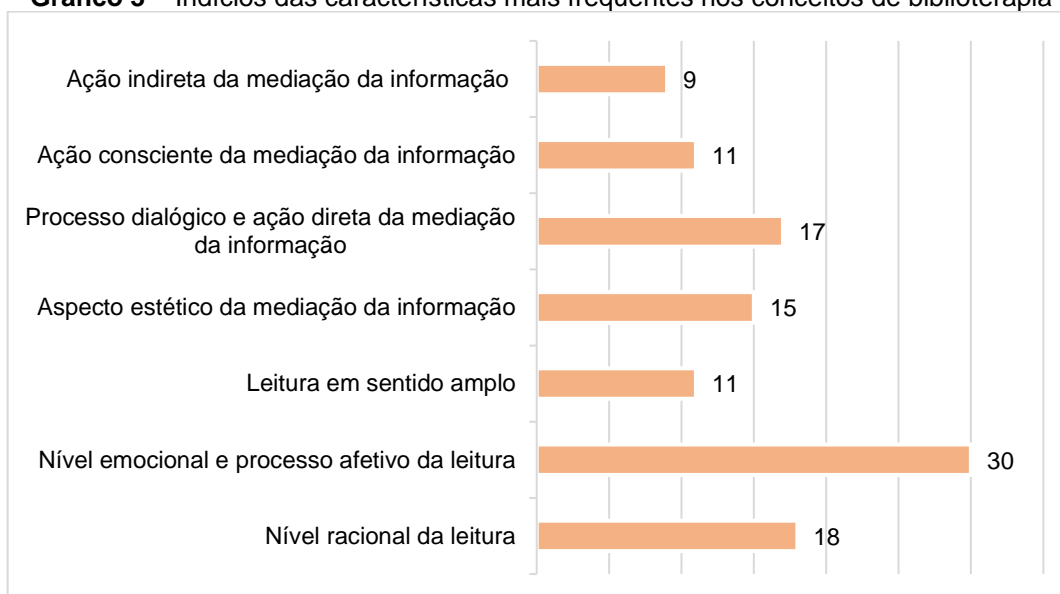
Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da pesquisa (2022).

É preciso lembrar quais são as percepções das autoras sobre a mediação da leitura na perspectiva da oralidade. Segundo Bortolin (2010), trata-se de interferências nas quais os mediadores poderão utilizar como meio a voz viva ou mediatizada. Para Cavalcante (2015), além de ser um “jogo” de encantamento, trabalhar com a mediação da leitura na oralidade possibilita que exista um processo comunicativo tendo como base as interações sociais. No que tange aos indícios percebidos nos conceitos das autoras, pode-se citar a liberdade para interpretar por meio da literatura e os comentários de leitura.

Ao considerar que a oralidade pode ser entendida como um tipo de comunicação em que o sujeito utiliza a voz e o corpo para se expressar (BORTOLIN; CAVALCANTE; SANTOS NETO; ALMEIDA JÚNIOR, 2015), pode-se afirmar que a mediação da leitura sob sua ótica possibilita que, no decorrer das atividades biblioterapêuticas, os mediadores possam utilizar tais artifícios para envolver os sujeitos na prática assim como favorecer a compreensão da leitura e a criação de um ambiente propício ao (auto)desenvolvimento. Sobre os sujeitos, pode-se dizer que eles utilizam essas expressões corporais para se fazer compreender, para expor os comentários e as reflexões que alcançaram durante o processo de apropriação da informação e do dispositivo.

Portanto, a interferência e a comunicação citadas pelas autoras e provocadas pela oralidade na mediação da leitura podem ser associadas ao processo dialógico na biblioterapia, através do espaço de voz, de escuta e de reflexão que ele proporciona, onde mediadores e sujeitos interagem e utilizam as expressões corporais para estimular o processo de (re)conhecimento.

Nota-se que nem todas as características que dizem respeito à mediação da informação, incluindo suas dimensões e a mediação da leitura foram citadas. Isso ocorreu porque não foi possível identificar indícios de todas nos conceitos recuperados. Porém, não se compreende isso como algo negativo, mas subjetivo. Como a análise foi feita por meio de conceitos, era esperado que alguns comportamentos, mais perceptíveis durante o desenvolvimento da prática da biblioterapia, não pudessem ser observados. No Gráfico 3, abaixo, apresentam-se as características mais citadas entre os conceitos reunidos.

Gráfico 3 – Indícios das características mais frequentes nos conceitos de biblioterapia

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2021).

É possível perceber, no Gráfico 3, que os indícios mais frequentes foram os relacionados à sistematização das atividades biblioterapêuticas, à emoção e à reflexão dos sujeitos. Esses são os aspectos em que a biblioterapia se volta para amparar o sujeito e contribuir para que ele se modifique. Porém, como visto na revisão de literatura, a biblioterapia é uma prática que, desde a Antiguidade, sofre modificações de perspectivas à medida que estudos sobre ela avançam. Convém enfatizar que até as características que não foram identificadas no quadro ou que não foram tão recorrentes são fundamentais durante o desenvolvimento da biblioterapia.

Retornando aos quadros apresentados anteriormente, organizado em ordem cronológica crescente, os conceitos de biblioterapia também foram analisados quanto ao avanço da prática, porquanto trazem perspectivas de diferentes autores entre os anos de 1943 e 2019. Inicialmente, é possível notar que alguns autores apresentavam em seus conceitos características que associavam a biblioterapia a ambientes hospitalares ou pacientes psiquiátricos. Era esperado que os primeiros conceitos remetesse a essa realidade, visto que, de acordo com a literatura que trata sobre o tema, esse era o foco de aplicação da biblioterapia quando começou a ser difundida. Outro aspecto visível é que, nos conceitos, não se especifica o profissional que deve aplicar a biblioterapia nem se a prática requer uma equipe multidisciplinar.

Posteriormente, nos anos de 1990, os autores já não restringiam a biblioterapia a pacientes. A prática começou a se ampliar, e os profissionais passaram a ser citados assim como a necessidade das equipes multidisciplinares. A princípio, os livros eram

mencionados durante as atividades, depois, como a prática foi se abrangendo, os dispositivos trabalhados e a leitura, em seu sentido amplo, que possibilita múltiplas interpretações, passaram a ser utilizados nos conceitos.

Além disso, a interação, o compartilhar de sentimentos, a ludicidade e a criticidade passaram a ser elementos presentes nos conceitos desenvolvidos pelos autores, assim como a possibilidade de a biblioterapia ser desenvolvida individualmente ou em grupo. Alguns autores se referem aos profissionais que aplicam a biblioterapia como “facilitadores”. Essa nomenclatura pode ter uma associação com os mediadores da leitura. Ao utilizar esse termo para se referir aos profissionais, esses autores pretendiam esclarecer comportamentos específicos que os profissionais que escolhem trabalhar com a prática devem adotar: conduzir esses sujeitos em suas reflexões; apoiar o (auto)desenvolvimento; incentivar a interação e aproximá-los de novas perspectivas. Com o passar dos anos, percebe-se que além de terem ampliado o olhar sobre os benefícios da biblioterapia para sujeitos além dos adoecidos, perceberam que os profissionais deveriam ter competências específicas para a prática.

Seguindo com as percepções sobre os conceitos, vê-se que os autores também passam a se referir à biblioterapia como uma prática do cuidado com o sujeito. Isso denota uma aproximação com a postura protagonista defendida por Gomes (2019), visto que é uma conduta consciente que exige uma atuação voltada para o coletivo, exige escuta, empatia e disponibilidade, já que cuidar do outro também é uma entrega de si.

O último destaque a respeito dos conceitos reunidos pelo levantamento bibliográfico é sobre o desenvolvido por *Marília Amaral Mendes Alves* e *Hugo da Costa Maia Bernardo* (2017), que asseveram que a biblioterapia precisa de um mediador. Apesar de, aparentemente, eles só considerarem o bibliotecário como esse mediador na biblioterapia desenvolvimental, considera-se um avanço o fato de os profissionais que atuam na biblioterapia serem compreendidos como mediadores. Quando essa associação passa a ser feita, percebe-se que a prática deve ser amparada nos pressupostos teóricos da mediação da informação e da mediação da leitura.

Diante do exposto, compreende-se que a discussão tecida neste estudo sobre o fato de a biblioterapia ser uma mediação da leitura especializada também representa uma mudança de perspectiva sobre a prática. Ao longo da análise realizada nesta seção, foi possível perceber um entrelace com a mediação da informação, a qual tem

princípios basilares que podem e devem amparar os mediadores em uma atuação consciente da biblioterapia. Também se destaca um elemento principal dessa relação: a informação, que, como pode ser apropriada por meio da leitura, já é possível estabelecer um novo entrelace, em que a mediação da informação também pode ser entendida como basilar para as atividades de mediação da leitura. Portanto, pode-se evidenciar uma inter-relação entre a biblioterapia, a mediação da informação e a mediação da leitura.

É possível compreender, ainda, que, ao subsidiar o desenvolvimento das atividades de biblioterapia e de mediação da leitura, a mediação da informação oferece seus pressupostos teóricos para que os mediadores possam desenvolver um agir crítico, consciente e favorável ao desenvolvimento dos sujeitos e de suas condutas protagonistas. Já no caso da mediação da leitura, seus princípios e características possibilitam aos mediadores desenvolverem as atividades biblioterapêuticas de modo que possam extrair a reflexão e a afetividade que a leitura pode proporcionar.

Para além dessa perspectiva, considerando o exposto na seção, pode-se ratificar que a mediação da informação possibilita compreender o sujeito e a biblioterapia com uma percepção informacional. Ao longo da análise e dos conceitos apresentados, percebeu-se que a biblioterapia exige uma implicação terapêutica e cuidadosa. Todavia esses aspectos também podem ser evidenciados do ponto de vista informacional: do processo de seleção e mediação dos dispositivos que serão utilizados no decorrer das atividades; da interpretação e compreensão que são necessárias para mudar a postura e a conduta dos sujeitos; da importância da ambiência e do contexto sociocultural nesse processo; da importância de escutar, oportunizar o espaço de fala e cuidar do outro.

Assim, ao finalizar as mudanças que são perceptíveis na biblioterapia, por meio dos conceitos a ela atribuídos, cita-se a perspectiva do sujeito informacional, que, através da mediação das leituras realizadas nas atividades, reconecta-se consigo mesmo, reflete sobre o outro e sobre suas emoções e, ao mesmo tempo em que se informa, assume uma posição e um agir conscientes. Ou seja, a biblioterapia, amparada pela mediação da informação, possibilita que esse sujeito seja visto e apoiado do ponto de vista afetivo, empático e informacional.

5.2 AMBIENTES E MÉTODOS DA BIBLIOTERAPIA IDENTIFICADOS NA LITERATURA DA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Ao longo dos anos, a perspectiva da biblioterapia foi alterada como prática, conforme se observou na revisão de literatura e na subseção anterior. Inicialmente, tinha como objetivo ajudar a recuperar pessoas com problemas psiquiátricos; depois, passou a ser trabalhada com idosos e, posteriormente, a considerar que os benefícios da biblioterapia poderiam implicar a vida de qualquer sujeito, independentemente do tipo de aflição que ele enfrente.

À medida que a prática se expandia, os locais onde era desenvolvida também se ampliavam. Na literatura sobre a biblioterapia, podem-se encontrar estudos que foram desenvolvidos em presídios, institutos de longa permanência para idosos – ILPI, escolas, hospitais, bibliotecas etc. As opções são variadas, assim como o público, e a escolha para atuar em um desses locais depende de com quais sujeitos os mediadores querem trabalhar e em que aspecto consideram que podem contribuir para o reestabelecimento deles.

Nesta subseção, apresenta-se o resultado referente ao método de investigação das produções científicas que fazem parte da amostra desta pesquisa recuperadas através do levantamento bibliográfico. No Quadro 22, constam os métodos que foram encontrados nos textos analisados.

Quadro 22 – Métodos de investigação mais utilizados pelos pesquisadores de biblioterapia

Método de investigação das produções científicas	Quantidade de publicações
Bibliográfico	29
Documental	2
Experimental	--
Quase experimental	--
<i>Ex-post-facto</i>	--
Estudo de caso único	26
Estudo de múltiplos casos	3
Participante	--
Pesquisa-ação	--
Indiciário	1
Exploratória	1
Descritiva	1

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2021).

Ao observar o quadro acima, nota-se que os métodos de investigação mais recorrentes em relação aos textos foram o de estudo de caso único (26) e o bibliográfico (29). No que diz respeito às categorias exploratória e descritiva, apesar de fazerem referência aos objetivos de uma pesquisa, e não, aos procedimentos, como as demais categorias, foram utilizadas pelos autores de uma produção para definir o estudo.

No que tange ao estudo de caso único, a escolha por adotar um único local de investigação se deve à complexidade que a biblioterapia requer para ser desenvolvida, uma vez que, depois de escolhidos o público e o local da atividade, é essencial saber quais profissionais podem compor a equipe e conhecer os sujeitos, suas curiosidades, seus hábitos e receios. Feito isso, planejam-se e realizam-se as atividades. Portanto, para desenvolver a mediação da biblioterapia, são fundamentais uma sistematização e o cuidado com os sujeitos.

Os pesquisadores que optaram por realizar um estudo aplicado da biblioterapia, tendo como foco somente um local de investigação, pretendiam compreender e estar atentos a todos os detalhes que a prática possibilita ao ser desenvolvida em campo ou, até mesmo, nos indícios que a literatura não salienta, mas que foram perceptíveis no envolvimento com os sujeitos. Isso possibilita um olhar ressignificado sobre a biblioterapia e, conseqüentemente, uma nova percepção que será compartilhada na comunidade científica.

No que se refere ao estudo bibliográfico, é tão fundamental quanto os estudos aplicados. É por meio de pesquisas bibliográficas que os olhares para um tema são ressignificados, por meio de estudos e de discussões, novas perspectivas sobre o assunto podem surgir.

Conforme já mencionado, os locais de desenvolvimento da biblioterapia foram se ampliando à medida que a prática foi sendo ressignificada. Portanto, além de observar quais métodos de investigação os pesquisadores adotaram, notou-se quais os ambientes de investigação mais frequentes com relação às pesquisas de campo. Para tanto, apresenta-se abaixo o Quadro 23.

Quadro 23 – Ambientes em que ocorrem as práticas de biblioterapia relatadas nas produções científicas

Ambientes em que ocorrem as atividades de biblioterapia	Quantidade de publicações
Instituições sociais (orfanatos, ONGs, creches públicas etc.)	3
Hospitais	6
Instituição de Longa Permanência para Idosos - ILPI	3
Universidades	9
Biblioteca universitária	1
Escolas	5
Condomínio residencial	1
Centro de Tratamento de Dependência Química	1

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2021).

Ao analisar o quadro acima, nota-se que não existe uma grande oscilação entre a escolha dos ambientes, mas se podem destacar as universidades (9), os hospitais (6) e as escolas (5).

É necessário também explicar o motivo de a biblioteca universitária aparecer em categoria distinta das universidades. Durante a leitura desses textos que foram indicados na categoria “universidade”, percebeu-se que, apesar de os autores escolherem o local como ambiente de investigação, não ficou evidente em que espaço da universidade houve a prática, que pode ter sido em uma sala de aula, uma biblioteca, um espaço livre etc. Então, para não excluir nenhum texto, optou-se por distinguir esses estudos dos que deixaram claro que o espaço utilizado foi a biblioteca universitária. Esclarece-se também que alguns dos estudos analisados são entrevistas realizadas com alunos dos Cursos de Biblioteconomia e profissionais que já fizeram parte de um projeto relacionado à biblioterapia.

Em relação aos ambientes mais frequentes, verificou-se a ocorrência de dois dos três tipos de biblioterapia: a clínica e a desenvolvimental, conforme defendem Pereira (1996) e Marcinko (1989) citada por Ferreira (2003). Acredita-se que, ao escolher esses ambientes, os autores pretendiam apoiar os sujeitos com problemas relacionados à saúde e ao cotidiano. Levar a biblioterapia para esses sujeitos significa ampará-los com discussões e reflexões sobre o luto, por exemplo, até proporcionar alívio e lazer para quem está em ambientes hospitalares.

No caso dos ambientes escolares, compreende-se que a biblioterapia é um subsídio porque discute sobre comportamentos apresentados pelos estudantes, qual

o motivo para isso e como essas atitudes podem ser mudadas. Como exemplo, pode-se citar um trecho do estudo realizado por *Clarice Caldin* (2011, p. 37-38) “A fala maior cabia ao Mágico de Oz, protagonizado pelo aluno com mais dificuldade de leitura e timidez, que fez questão de desempenhar tal papel como forma de superar seus bloqueios cognitivos e emocionais [...]” É possível observar, através da percepção da autora, que, ao se ver frente ao desafio proposto pela atividade biblioterapêutica, o sujeito decidiu enfrentar seus receios para superá-los. Tal comportamento demonstra não só que a ambiência construída pela autora ao mediar a biblioterapia lhe trouxe conforto, segurança e liberdade, como também possibilitou que ele ressignificasse suas dificuldades atribuindo valor à experiência de se permitir vivenciar aquele momento junto com os colegas. Também foi atingido o objetivo da biblioterapia de “Ajudar o leitor a ver os valores envolvidos na sua experiência em termos humanos”, conforme defende Bryan (1939 *apud* PEREIRA, 1996).

No que concerne aos estudos realizados no ambiente universitário, houve preocupação com a saúde mental dos sujeitos. Ao realizar uma pesquisa sobre o assunto, podem-se encontrar artigos, reportagens e relatórios da Organização Mundial da Saúde (OMS) que apontam que, entre 2005 e 2015, houve um aumento de 18% nos casos de depressão no mundo. No Brasil, a doença atinge cerca de 11,5 milhões de pessoas, enquanto a ansiedade afeta cerca de 18,6 milhões. Importante ressaltar que, devido ao contexto pandêmico vivenciado nos últimos anos, a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) registrou um aumento de 25% nos casos de depressão e ansiedade no mundo. Por isso, considerando que o ambiente universitário pode causar ou atenuar sintomas de doenças relacionadas à saúde mental, os pesquisadores perceberam na biblioterapia uma possibilidade de tratamento, de discussão do assunto, bem como, de alívio e decompressão de sentimentos que estar em uma universidade pode despertar nos sujeitos.

Portanto, mediante tais inferências, é possível concluir que os métodos de investigação de uma pesquisa podem servir de indícios para algumas percepções sobre os temas. No que se refere a biblioterapia, é visível a partir de sua literatura as mudanças que fazem parte de seus estudos, ratificando inclusive a necessidade de uma equipe multidisciplinar em seu desenvolvimento. Como um mesmo profissional não pode dar atenção e contribuir para resolver tantas aflições e problemas diferentes, aquele que compuser uma equipe biblioterapêutica favorecerá, de acordo com suas

competências, especializações e domínio do conhecimento, segundo sua área do saber, a reintegração do sujeito.

5.3 UMA ANÁLISE DOS TIPOS E DOS PROCEDIMENTOS DA BIBLIOTERAPIA

De acordo com a literatura da biblioterapia, a prática é classificada em três tipos: a institucional, a clínica e a desenvolvimental. Ao analisar os textos recuperados no levantamento bibliográfico, constatou-se que nenhum dos estudos aplicados especificou o tipo de biblioterapia trabalhado. Porém, com base nas características apresentadas pela literatura, é possível saber em qual tipo de biblioterapia os textos se enquadram.

Conforme observado na subseção anterior, os ambientes que foram escolhidos pelos pesquisadores e o fato de terem utilizado a literatura como dispositivo terapêutico permitem inferir que os tipos de biblioterapia que eles trabalharam nas práticas foram a clínica e a desenvolvimental. Pereira (1996) e Marcinko (1989) citada por Ferreira (2003) referem que a biblioterapia clínica pode ser aplicada em hospitais e em clínicas, objetivando contribuir para que os sujeitos tenham uma mudança comportamental. Quanto à desenvolvimental, de acordo com as autoras, tem o caráter preventivo e corretivo, apoiando os sujeitos em situações cotidianas, como divórcio, gravidez, luto etc.

No que diz respeito ao ambiente universitário, percebeu-se uma preocupação com a saúde mental dos estudantes. Nessa perspectiva, considera-se que a biblioterapia trabalhada foi a desenvolvimental. Para demonstrar essa percepção, mostra-se, como exemplo, um trecho do texto em que *Karin Vanelli e Carla Sousa* (2019) dizem que “A atividade resultou como um meio eficaz de aliviar as tensões impostas no cotidiano acadêmico e ao mesmo tempo abrir espaço para o encontro consigo mesmo e com o outro por meio da fala e das emoções despertadas pelos textos literários.” Esse trecho se refere à experiência de desenvolver a biblioterapia em uma programação especial proposta pela universidade referente ao *Setembro Amarelo*, uma campanha brasileira de prevenção ao suicídio.

A citação indica que a prática foi desenvolvida no sentido de amparar os sujeitos em suas aflições e, por meio de uma discussão em grupo, evidenciar que eles não eram os únicos a enfrentar aqueles problemas e poderiam encontrar uma rede de

apoio naquele ambiente e que a leitura poderia ser um meio de entender e compartilhar as emoções que a rotina acadêmica pode despertar.

Quanto aos hospitais, notou-se que existia uma preocupação em provocar reflexões, proporcionar momentos de distração e contentamento para os sujeitos, sendo possível, relacionar com a biblioterapia clínica. Isso se confirma neste trecho do texto escrito por *Fabyola Lima Madeira* (2017, p. 4):

As lições recebidas em cada dia de trabalho voluntário proporcionam a cura, o crescimento e o amadurecimento de forma visível dos integrantes do grupo, isto é, existe uma troca terapêutica em que todos se beneficiam: pacientes, acompanhantes, voluntários e funcionários. Assim, pode-se afirmar que o trabalho simboliza um remédio para todos cujo princípio ativo é o amor.

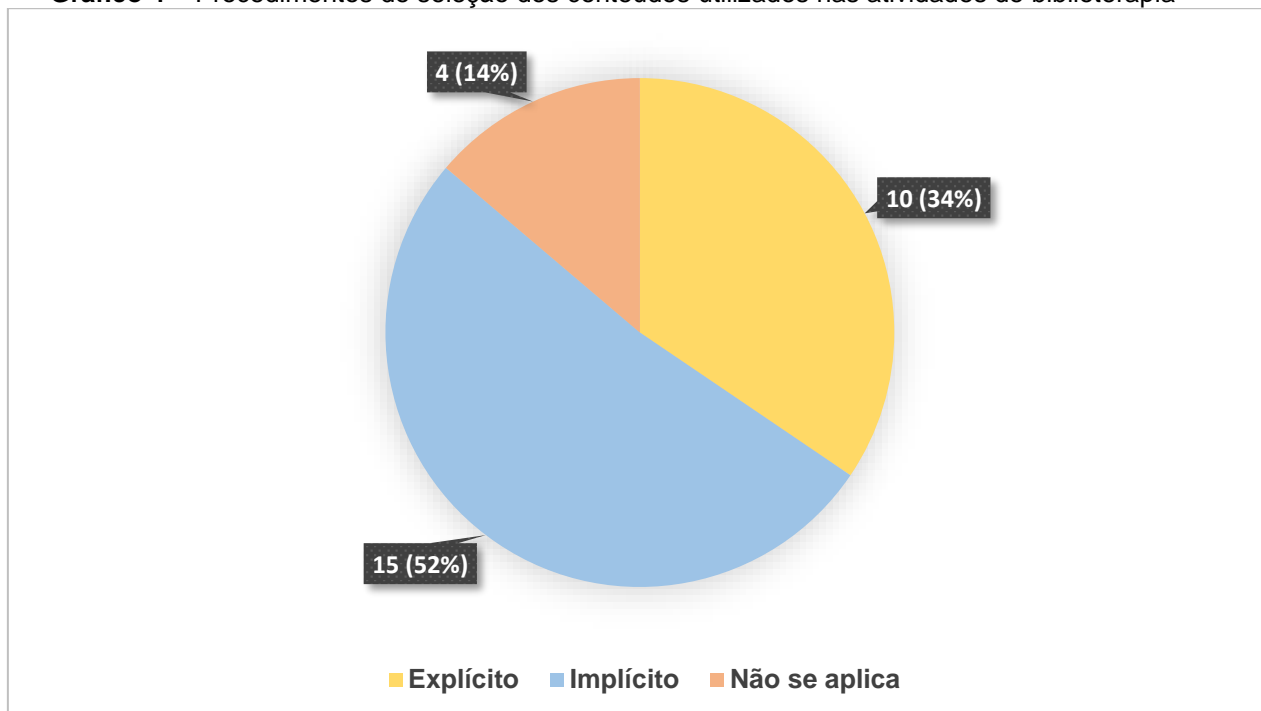
Assim, por meio da literatura, os mediadores conseguiram alcançar os pacientes, oportunizar-lhes um espaço dialógico e de integração, estimulá-los a relembrar as vivências, a falar o que sentiam e criar para eles um ambiente de afetividade que envolvia não só os sujeitos, mas também seus acompanhantes, os funcionários do hospital e os próprios mediadores que eram implicados pelos benefícios da biblioterapia.

É importante ressaltar que, embora os autores não tivessem deixado evidente a que tipo de biblioterapia se referiam os estudos realizados por eles, através de evidências que a literatura apresenta e que caracterizam cada um dos tipos, é possível realizar tais inferências. A partir da percepção de que a biblioterapia pode ser desenvolvida em múltiplos ambientes, entende-se que a prática deve ser conduzida por uma equipe multidisciplinar, uma vez que, por exemplo, ao observar que os ambientes mais recorrentes nos estudos foram as universidades, os hospitais e as escolas, os mediadores encontrarão sujeitos completamente diferentes em cada um desses locais, e isso requer competências específicas para atendê-los. Logo, a biblioterapia não deve ser aplicada por um único profissional, mesmo que ele seja bibliotecário.

Conforme observado, o fato de os autores terem relatado em seus estudos a percepção dos sujeitos sobre as atividades biblioterapêuticas e deixado pistas acerca do planejamento da atividade também foi importante para que a associação com os tipos de biblioterapia fosse feita. Por essa razão, ao comunicar seus estudos, é fundamental que os autores expliquem como os conteúdos foram selecionados e o

porquê. No Gráfico 4, abaixo, apresenta-se o resultado dessa percepção nos textos analisados.

Gráfico 4 – Procedimentos de seleção dos conteúdos utilizados nas atividades de biblioterapia



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2021).

O gráfico indica que quinze dos estudos analisados não mostram como os conteúdos abordados são selecionados no decorrer das atividades biblioterapêuticas. É fundamental que os autores expliquem como essa escolha ocorreu, visto que essa informação é necessária para saber quais os critérios adotados pelos mediadores; quais são os dispositivos mais utilizados, e com quais dispositivos os sujeitos geralmente se identificam etc. Além disso, ao tornar esse procedimento explícito, os autores podem contribuir com outros estudos, porquanto o planejamento subsidia atuações no presente, mas também pode se tornar uma referência. Isso não quer dizer que o procedimento realizado por determinados autores se tornará um “modelo” a ser seguido, mas o modo como foi realizado pode lançar luz para os mediadores se basearem, adaptarem e refletirem sobre diferentes perspectivas.

No que se refere aos que explicitaram tal procedimento, esse processo foi realizado de duas formas: com base no tema geral proposto para o desenvolvimento da biblioterapia e pautado nos problemas enfrentados pelos sujeitos. Apresenta-se,

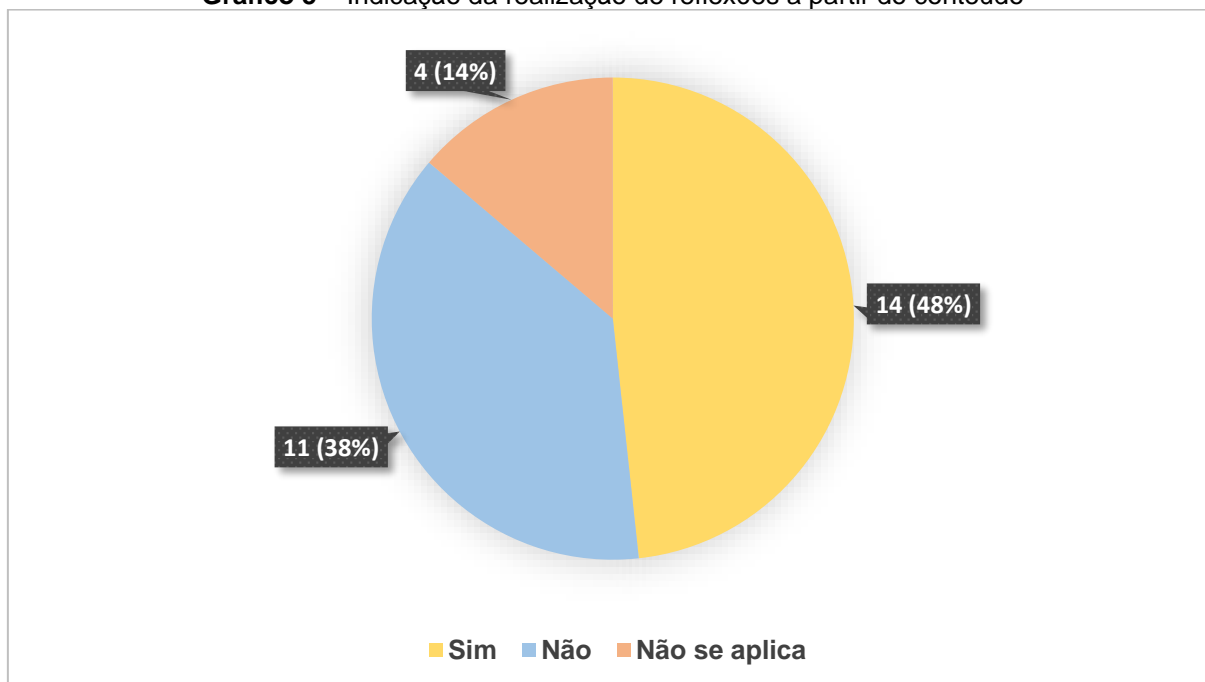
como exemplo do segundo caso, o trecho retirado do texto de *Ricardo de Lima Chagas e Daniella Camara Pizarro* (2019, p. 86):

Para esse público dos CAPS [...], realizou-se a atividade de biblioterapia com o objetivo de incentivar a leitura, estimular o uso das bibliotecas e trabalhar a produção subjetiva. Sobre a questão da subjetividade, abordamos temas como amizade, vínculo afetivo, lidar com as emoções e afetos e a questão do sofrimento psíquico.

Embora não se considere que um ou outro procedimento seja o mais correto a ser adotado, porquanto a literatura não trata diretamente do assunto, compreende-se que ambos podem apresentar resultados favoráveis com os sujeitos. Tal perspectiva ocorre ao refletir que, por exemplo, na primeira circunstância, caso o tema proposto seja a ansiedade, e a participação seja voluntária, quem participar das atividades biblioterapêuticas sente que precisa de apoio nesse aspecto, para entender melhor o motivo e para resolvê-lo ou aprender a lidar com ele. Já com a seleção focada nas necessidades apresentadas pelos sujeitos, pressupõe-se que existiu um processo dialógico com os próprios sujeitos e/ou demais profissionais que já possam ter contato com eles e sabem quais aflições esses enfrentam. Esses sujeitos também encontrarão no desenvolvimento da biblioterapia subsídios para refletir a respeito de seus receios, seus problemas e encontrar novas perspectivas.

Convém, ainda, esclarecer sobre os textos que não foram incluídos nas categorias “explícito” ou “implícito”. Esses estudos são entrevistas realizadas com o intuito de compreender as perspectivas dos sujeitos ou profissionais acerca da biblioterapia e apresentam uma visão singular sobre a prática, e não, o desenvolvimento de atividades biblioterapêuticas.

Para além da importância de esclarecer como os conteúdos abordados são selecionados durante a prática, existe outro momento fundamental, em específico, no decorrer das atividades biblioterapêuticas, que é a reflexão dos sujeitos a respeito do que foi trabalhado durante a mediação. No Gráfico 5, abaixo, apresenta-se essa percepção.

Gráfico 5 – Indicação da realização de reflexões a partir do conteúdo

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2021).

O gráfico mostra que existe uma pequena diferença entre os resultados principais. Mas, tendo em vista os catorze textos que apresentam algum indício sobre as reflexões dos sujeitos a partir das atividades biblioterapêuticas, esse momento de discussão e reflexão na mediação da biblioterapia é fundamental. De acordo com Valência e Magalhães (2015), é a partir das expressões e das trocas proporcionadas pelo processo dialógico na biblioterapia que é possível diferenciá-la de outras ações que envolvam o incentivo à leitura. Ou seja, como tem um caráter terapêutico, a biblioterapia objetiva provocar o sujeito e favorecer as discussões críticas. Para exemplificar com um dos indícios considerados nos textos, apresenta-se, abaixo, um trecho do texto de *Carla Sousa e Clarice Fortkamp Caldin* (2017, destaque das autoras, p. 2959), no qual é possível identificar a percepção de um dos sujeitos que participou das atividades biblioterapêuticas.

Após a leitura do texto alguns participantes compartilharam algumas falas e um deles fez uma análise bem profunda sobre a história de Marina Colassanti. Para ele, o tecido que a moça vai tecendo não passa dos próprios pensamentos da personagem, até que ela mesma se dá conta de como a sua imaginação foi longe e então, começa a desconstruir tudo, até voltar ao ponto de partida. Com essa análise, o estudante chega à seguinte conclusão: *'nossos pensamentos criam a nossa realidade'*.

O texto escolhido pelas autoras tocou o sujeito de tal forma que, além de refletir sobre ele e interpretá-lo, ele se apropriou da informação por meio da leitura a tal ponto que a aproximou de uma conduta de si, quando afirma “*nossos pensamentos criam nossa realidade*”. Esse momento é essencial, porquanto é através dele que o sujeito estabelece associações, identifica-se com os personagens e pode experimentar as situações apresentadas nos dispositivos – sejam livros, peças teatrais ou músicas – e refletir sobre possíveis mudanças, sobre como essas vivências experimentadas de forma ficcional poderão ser incorporadas ao seu dia a dia.

Outro exemplo que diz respeito à identificação, à apropriação e à reflexão acerca do conteúdo proposto pela atividade, é o trecho retirado da dissertação de *Ana Rita Cordeiro de Andrade* (2012, p. 101-102).

O texto foi bastante debatido pelos participantes. A cada parágrafo lido, eles sentiam necessidades de comentar o dito, de expressar o que queriam dizer. Revelaram que não querem se acostumar a determinadas situações, mas, muitas vezes, não encontram saída, só conseguem ficar com raiva, percebendo, depois, que tudo passa e volta a se repetir de novo; por vezes, é tão repetitivo que, para eles, já não é mais estranho e eles se sentem super acostumados.

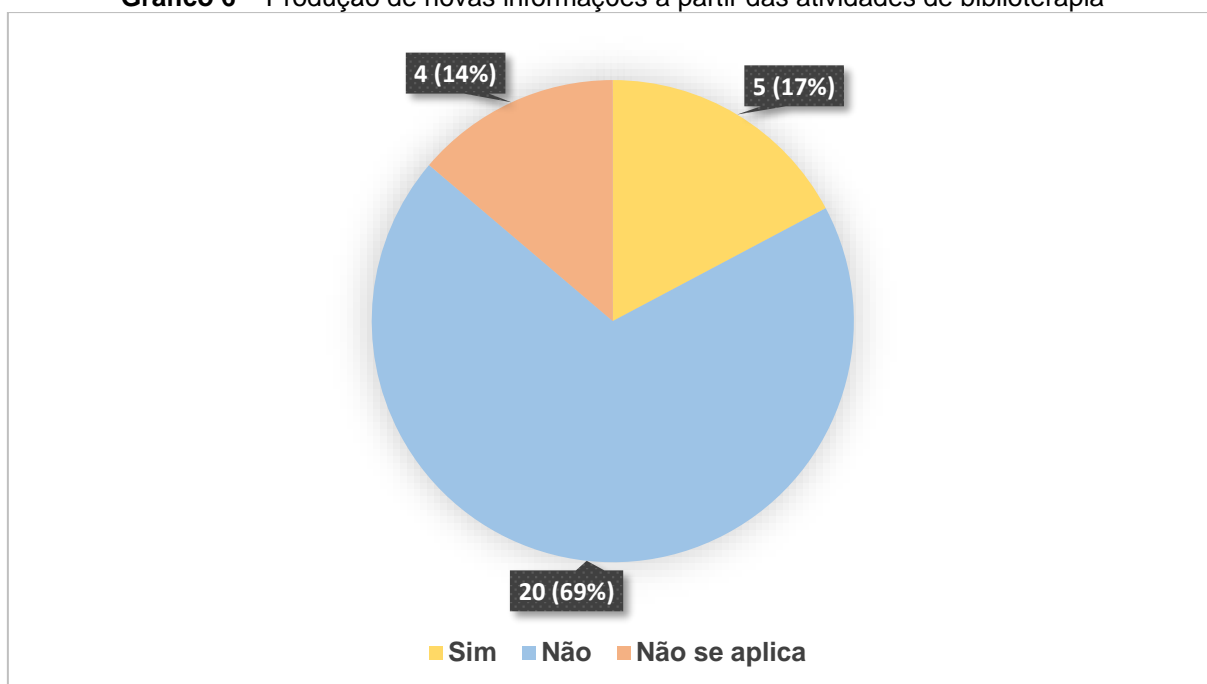
Na citação é possível perceber que o conteúdo abordado na atividade foi tão adequado à necessidade dos sujeitos que eles se expressaram espontaneamente durante toda a leitura, colocaram-se dentro do contexto que o dispositivo abordava e perceberam como eram os comportamentos e os sentimentos despertados neles. Esse trecho também chama a atenção para o fato de que o dispositivo é necessário para os sujeitos que enfrentam problemas de qualquer ordem, porque os participantes da atividade apontaram a dificuldade de encontrar a “saída” para as situações que os incomodava, o que despertava raiva, algo temporário, e logo tudo se repetia. Ou seja, não basta o planejamento e a condução da biblioterapia serem adequados, é importante também o apoio depois desse processo de reflexão, para que os sujeitos possam adentrar o processo de amadurecimento e desenvolvimento pessoal.

O resultado apresentado no Gráfico 5 é positivo, porque uma parcela significativa dos estudos aplicados de biblioterapia, selecionados como amostra desta pesquisa, estão cumprindo os objetivos da prática, ao contribuir para que os sujeitos reflitam, discutam e apresentem suas percepções sobre as atividades biblioterapêuticas. Considera-se fundamental que os relatos exponham essas reflexões dos sujeitos, porque é por meio deles que se comprova que a biblioterapia,

numa perspectiva terapêutica, possibilita que, por meio das leituras, os sujeitos se (re)conheçam e se (re)encontrem.

Conforme mencionado anteriormente, constatou-se, nesta pesquisa, que a biblioterapia também tem um viés informacional. Outro aspecto investigado foi se, durante o desenvolvimento da biblioterapia, eram produzidas novas informações. Os resultados são apresentados no Gráfico 6.

Gráfico 6 – Produção de novas informações a partir das atividades de biblioterapia



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados da pesquisa (2021).

Observa-se, no Gráfico 6, que, dos textos analisados, vinte não apresentam indícios da produção de novas informações por parte dos sujeitos. Tal percepção, à primeira vista, talvez cause um estranhamento, porque parte desses textos apresentam indícios de reflexões dos sujeitos no decorrer das atividades biblioterapêuticas, e se eles refletem, discutem e se apropriam, era esperado que fossem encontrados indícios da produção de novas informações. Porém, isso não ficou explícito na análise realizada tendo como foco essa percepção.

Esse indício foi percebido no texto de *Karin Vanelli e Carla Sousa* (2019, p. 4), no qual é possível encontrar trechos como o apresentado abaixo:

Finda a leitura, houve um tempo para que os participantes escrevessem sobre o visualizado, sentido, percebido, e então, quem se sentiu à vontade expôs livremente suas impressões. Ali vieram relatos de identificação de

sentido entre o ocupar-se com o futuro, com o que virá depois da curva, e a permanência no momento presente.

Depois que a leitura era realizada na prática da biblioterapia, as autoras recomendavam pequenas atividades, como a citada acima, a fim de que os sujeitos não só refletissem como também produzissem novas informações, tendo como base as emoções e as percepções despertadas pelo dispositivo. Assim, eles conseguiram estabelecer relações com o presente e com o futuro. Essa perspectiva possibilita inferir que o dispositivo trabalhado pelas autoras foi selecionado de forma adequada e provocou os sujeitos a ponto de eles tomarem consciência de suas atitudes e mudanças e adquirirem conhecimentos e compartilhá-los, gerando novas informações.

Por isso se considera que os sujeitos devem ser incentivados a produzir novas informações durante o desenvolvimento da biblioterapia, visto que, se tiverem esse estímulo criativo, novas percepções poderão surgir, eles terão uma visão mais ampla de suas possibilidades e poderão criar dispositivos que sejam representativos para outros sujeitos, para que vivenciem momentos semelhantes e encontrem nesses dispositivos informações que os auxiliem.

Portanto, compreende-se que, apesar de os estudos acerca da biblioterapia estarem avançando e abarcando novas possibilidades, alguns pontos considerados fundamentais precisam de atenção, como o esclarecimento dos procedimentos para selecionar dispositivos e suscitar discussões pós-mediação das atividades. Então, lançar luz sobre esses aspectos e comunicá-los colabora para que os benefícios da biblioterapia sejam reconhecidos e cada vez mais pesquisadores se dediquem aos seus estudos e desenvolvimentos, principalmente os bibliotecários que podem e devem assumir seus lugares de atuação na biblioterapia, tendo como base os pressupostos teóricos da mediação da informação e os princípios basilares da leitura e de sua mediação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista o que foi abordado nesta pesquisa, pode-se afirmar que as produções sobre biblioterapia ainda não estabelecem relações explícitas no que diz respeito à mediação da informação e à mediação da leitura. Os resultados advindos da análise das produções científicas que compuseram a amostra indicaram que, embora os estudos acerca da biblioterapia venham ganhando espaço na Ciência da Informação e discutidos em diferentes vertentes, seu entrelace com a mediação da informação e a mediação da leitura não é feito de modo explícito.

Dentre os indícios que foram percebidos na análise, pode-se citar, como exemplo, a aproximação da categoria mediação consciente da informação defendida por Almeida Júnior (2015) e Gomes (2020) com o desenvolvimento prático da biblioterapia, que objetiva contribuir para que o sujeito passe por um processo de (auto)conhecimento e reestabelecimento individual e social. Portanto, é fundamental que a atuação do mediador seja pautada nas concepções do exercício crítico e consciente. Ao agir dessa forma, além de impulsionar o sujeito a assumir uma conduta diferente em relação aos problemas que enfrenta, o mediador estará assumindo uma postura de cuidado com o outro, favorecendo que esse sujeito se transforme, como também, ocorra uma autotransformação do mediador.

O estudo também apresentou indícios que relacionam a dimensão dialógica da mediação da informação, defendida por Gomes (2014, 2016, 2020), com a possibilidade de os sujeitos se comunicarem, visto que é por meio desse processo que eles respondem às provocações dos mediadores no desenvolvimento da prática. É o espaço de voz crítico e reflexivo proporcionado pela discussão dos dispositivos terapêuticos utilizados durante a ação, em que os sujeitos compartilham suas experiências, suas percepções, podem refletir sobre diferentes perspectivas e experimentar novos olhares na leitura realizada.

No que se refere à leitura, pressupõe-se que é necessário efetivá-la, para que os sujeitos reinterpretem as informações compartilhadas, apropriem delas e estabeleçam aproximações com as próprias vivências. Durante essa reflexão, é provável que, em alguns momentos, eles se concentrem em si mesmos, analisem o que enfrentam e deixem transparecer as emoções e os sentimentos com os quais estão lidando. Nesse contexto, configura-se a leitura emocional e afetiva. Essa “vulnerabilidade” e a identificação que surge durante a biblioterapia, por meio dos

dispositivos informacionais e da leitura deles, possibilitam o sujeito a ressignificar seus comportamentos e percepções, o que se caracteriza pela entrega e pelo impacto que a prática, quando mediada de forma efetiva, afetiva e consciente, pode proporcionar aos sujeitos.

Diante do exposto, o estudo deixou evidente que os pressupostos teóricos da mediação da informação são basilares para o desenvolvimento da biblioterapia e para a efetividade do resultado alcançado com os sujeitos. Nessa perspectiva, os princípios que podem ser explorados através da mediação da leitura são fundamentais para que a leitura realizada pelos sujeitos na prática da biblioterapia seja base para a ação (trans)formadora que a informação possibilita, no sentido de potencializar seu desenvolvimento cognitivo, comunicacional, crítico e social. E embora esse entrelace não seja explícito na literatura que trata da biblioterapia, existem indícios que demonstram a importância dessas características na prática.

Ao analisar os conceitos de biblioterapia, a perspectiva do entrelace temático novamente se confirma, visto que é possível observar indícios da mediação da informação, da leitura e de sua mediação, desde o primeiro conceito recuperado referente ao ano de 1943. Então, pode-se afirmar que os traços contributivos da mediação da informação e da mediação da leitura, no que se refere à ampliação dos dispositivos, à seleção deles e ao planejamento da mediação e, até mesmo, à própria percepção de que a leitura trabalhada durante a prática requer uma postura consciente e mediadora, mostram que o papel do bibliotecário é fundamental na equipe que compõe e conduz a biblioterapia e que ele pode utilizar o arcabouço teórico das mediações ao contribuir para a reintegração individual e social do sujeito.

Assim, considerando que a biblioterapia vem avançando e ampliou perspectivas, compreende-se que ela foi estudada por diferentes óticas metodológicas. Na análise desse ponto, notou-se que os pesquisadores de biblioterapia estão levando as discussões teóricas para a prática, em que é possível observar e comprovar os pontos já evidentes na literatura sobre o tema e o que ainda não foi percebido. Portanto, ao aliar a potencialidade dos estudos bibliográficos com os estudos de campo, os pesquisadores objetivam perceber novas vertentes sobre o que já está sendo discutido, demonstrar as nuances e os benefícios da biblioterapia que variam de acordo com o tipo e o ambiente em que são aplicados.

No que diz respeito aos quais locais em que a prática da biblioterapia pode ser percebida de forma mais recorrente, para além de ambientes como hospitais e

escolas, destaca-se a universidade. Tal resultado chama a atenção por duas possibilidades: a de que a biblioterapia está sendo mais discutida na Academia, o que aponta para mudanças curriculares e para a ampliação de atuações para os discentes; e de que pode estar sendo usada como aproximação e debate de temas relacionados à saúde mental. Ambas as inferências são positivas e necessárias porque contribuem para que a ideia de que o bibliotecário não pode ocupar seu lugar na equipe biblioterapêutica seja desmistificada aos poucos. Portanto, promover atividades biblioterapêuticas com temas relacionados, por exemplo, a ansiedade e depressão, dentro do ambiente universitário, além de fundamental, faz com que o corpo universitário – docentes, discentes e funcionários – sinta que suas necessidades e seu bem-estar são importantes e que eles podem encontrar acolhimento e um espaço de escuta e reflexão para o que sentem.

Na análise das produções científicas recuperadas para esta pesquisa, notou-se também que os pesquisadores deixam de explicitar, em seus relatos de investigação, informações fundamentais, como o tipo de biblioterapia desenvolvido no estudo e os procedimentos para selecionar os dispositivos. Essas informações são essenciais, porque, por exemplo, ao esclarecer o tipo que foi adotado no desenvolvimento da ação, é possível confrontar o que é encontrado na literatura sobre os profissionais que devem compor a equipe, os dispositivos utilizados e os objetivos com o que, de fato, acontece na ação. Dessa forma, os pesquisadores possibilitam que características antigas e que diferenciam um tipo de biblioterapia do outro sejam reformuladas, e a prática ganhe novas perspectivas.

Assim, é essencial que a seleção dos dispositivos utilizados nas atividades biblioterapêuticas seja explicitada. Quando não esclarecem essa etapa do planejamento, os autores deixam obscura uma parte fundamental da biblioterapia. Portanto, é preciso expressar e ratificar a importância dessa seleção, uma vez que, ao considerar que a biblioterapia é uma mediação da leitura especializada, compreende-se que seu objetivo é de envolver e tocar o sujeito. Além disso, é por meio da prática que o sujeito é mobilizado de sua zona de conforto e colocado diante de seus problemas e receios numa perspectiva apresentada pelos dispositivos terapêuticos. Então, questiona-se o porquê de essa etapa não ser detalhada nos estudos aplicados de biblioterapia, porquanto ela é crucial para que a prática seja realizada de modo efetivo.

No que se refere à hipótese, pode-se afirmar que foi confirmada, porque a análise realizada neste estudo demonstrou que existem indícios da inter-relação da biblioterapia, da mediação da informação e da mediação da leitura desde 1943, ano do conceito mais antigo recuperado na amostra da pesquisa. No levantamento que subsidiou essa discussão, foram recuperadas 65 produções científicas sobre biblioterapia realizadas no campo da Ciência da Informação. Esse número expressa que, apesar de a relação temática ainda ocorrer de forma implícita, pesquisadores do campo têm se interessado em debater sobre a prática e sua efetividade.

Assim, tendo em vista o exposto, compreende-se que, embora a biblioterapia tenha sido mais discutida e estudada na Ciência da Informação nos últimos anos, ainda há aspectos que devem ser trabalhados. Exemplo disso é o próprio entrelace com a mediação da informação e a mediação da leitura, que, como se pôde observar, durante toda a discussão tecida neste estudo, ocorre por meio de indícios, mas não é explicitada. Cita-se também a perspectiva informacional a respeito da biblioterapia e do próprio sujeito de que a prática é uma ação de cuidado com o outro por meio do afeto e da empatia, mas também pode ser percebida como uma ação que favorece o acesso à informação e a apropriação dela assim como possibilita o desenvolvimento crítico do sujeito.

Portanto, considerando os indícios aqui apresentados, é necessário que futuras pesquisas sobre biblioterapia possam estreitar a relação que existe entre ela, a mediação da informação e a mediação da leitura, principalmente no que tange ao desenvolvimento da prática, em que pode ser reforçada a presença de tais indícios e outras percepções podem ser evidenciadas. É preciso, ainda, aprofundar a perspectiva de que a biblioterapia, para além de uma ação afetiva, é também informacional. Sua relevância para atender às demandas individuais e sociais é visível na literatura, porém o que precisa ser ratificado agora é em que a efetividade dela está amparada. Nesse sentido, defende-se que a mediação da informação e a mediação da leitura são as respostas.

Por fim, ao tomar esse último tema como foco, pode-se fazer uma pesquisa que evidencie em que medida a mediação da leitura literária favorece o cuidado com o sujeito, com base na mediação da informação e na biblioterapia. Com base nas discussões que aproximam a biblioterapia da mediação da leitura, percebe-se que práticas que envolvem a leitura literária podem auxiliar os sujeitos a se resignificarem e a assumirem postura em relação aos problemas que envolvem seu cotidiano.

Entretanto, essas práticas não são terapêuticas, mas envolvem o cuidar do outro por meio da informação proveniente da literatura. Assim, a partir dessa vertente da mediação da leitura literária, pode-se desmitificar a ideia de que, nem todas as atividades de mediação da leitura que envolvem o ato de cuidar, são terapêuticas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v.2, n.1, p.89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: https://www.brapci.inf.br/_repositorio/2010/01/pdf_9aa58ba510_0007871.pdf. Acesso em: 25 maio 2020.

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (Org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da Informação, Sociedade e Biblioteca Pública. Marília, 1 set. 2016. **Ofaj**. Disponível em: http://ofaj.com.br/espacoofajs_conteudo.php?cod=9 Acesso em: 25 maio 2020.

ALVES, Maria Helena Hees. A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. 1-2, pag. 54-61, jan./jun. 1982. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/article/download/18372#:~:text=Na%20psiquiatria%20a%20biblioterapia%20%C3%A9,ganizados%20simultaneamente%20%C3%A0%20psicoterapia%2D%20pia>. Acesso em: 19 fev. 2021.

ASSIS, Pamela Oliveira. **Biblioterapia na perspectiva do discente de biblioteconomia**: um campo de atuação para o bibliotecário. 55 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia e Documentação) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BOTELHO, Maria de Fátima Cleômenis. **A representação temática e descritiva na perspectiva da mediação implícita da informação**: abordagens nos estudos de pesquisadores brasileiros entre 2012 e 2017. 2019. 272 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2019.

BORTOLIN, Sueli. **Mediação oral da literatura**: a voz dos bibliotecários lendo ou narrando. 232 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP), São Paulo, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103349>. Acesso em: 10 fev. 2021.

BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação oral literária: algumas palavras. VALENTIM, Marta (org.). **Gestão, mediação e uso da informação**. São Paulo: UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. *E-book*. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/j4gkh>. Acesso em: 19 fev. 2021.

BORTOLIN, Sueli; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Oralidade e a ética na mediação da literatura. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 171 – 190, maio./ago. 2014. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/13902>. Acesso em: 10 fev. 2021.

BORTOLIN, Sueli; CAVALCANTE, Luciane de Fátima Beckman; SANTOS NETO, João Arlindo dos; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Oralidade, mediação da informação e da literatura na escola. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 16., 2015, João Pessoa. **Anais eletrônicos** [...]. João Pessoa: UFPB, 2015. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/3013/1047>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BUFREM, Leilah Santiago; COSTA, Francisco Daniel de Oliveira; GABRIEL JUNIOR, Rene Faustino; PINTO, José Simão de Paula. Modelizando práticas para a socialização de informações: a construção de saberes no ensino superior. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 2, 2010. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/35867>. Acesso em: 14 jul. 2021.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e terapia**. 2009. 216 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92575>. Acesso em: 28 dez. 2022.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: biblioterapia. **Encontros Bibli – Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 6, n. 12, p. 32-44, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32/5200>. Acesso em: 19 fev. 2021.

CAVALCANTE, Lidia Eugenia. Mediação e narrativa na voz dos contadores de história. *In: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A. dos; SILVA, R. J. da (Org.). **Mediação oral da informação e da leitura***. Londrina: ABECIN, 2015. p. 107-124.

DUMONT, Lígia Maria Moreira. Construtos próprios sobre leitura na Ciência da Informação. *In: DUMONT, Lígia Maria Moreira (org.). **Leitor e leitura na Ciência da Informação: diálogos, fundamentos, perspectivas***. Belo Horizonte: ECI/UFMG, 2020. cap. 1, p. 21-52. Disponível em: <http://biblio.eci.ufmg.br/ebooks/2020070001.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2021.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DE INFORMAÇÕES E INSTITUIÇÕES. **História do CBBB**. São Paulo, [201-?]. Disponível em: <https://www.cbbd2019.com/apresentacao>. Acesso em: 14 jul. 2021.

FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, v. 4, n. 2, p. 35-47, jun. 2003. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/620>. Acesso em: 19 fev. 2021.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Fortaleza: UECE, 2002. Apostila. Disponível em:

<http://www.ia.ufrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2012-1/1SF/Sandra/apostilaMetodologia.pdf>. Acesso em: 25 maio 2020.

FREIRE, Isa Maria; FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. Editorial Mediação em Ciência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 43, n. 2, p. 178-183, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1402/1580>. Acesso em: 18 ago. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, Henriette Ferreira. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 46 – 59, maio./ago. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994/19090>. Acesso em: 25 maio 2020.

GOMES, Henriette Ferreira. Comunicação e informação: relações dúbias, complexas e intrínsecas. *In*: MORIGI, Valdir; JACKS, Nilda; GOLIN, Cida (Org.). **Epistemologias, comunicação e informação**. Porto Alegre: Sulina, p. 91-107, 2016.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo social e mediação da informação. **Logeion: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 5 n. 2, p.10-21, mar./ago. 2019.

GOMES, Henriette Ferreira. Mediação da informação e suas dimensões dialógica, estética, formativa, ética e política: um fundamento da Ciência da Informação em favor do protagonismo social. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 30, n. 4, p. 01 – 23, out./dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/57047>. Acesso em: 28 dez. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Conheça a biblioteca digital brasileira de teses e dissertações (BDTD)**. Brasília, DF, [201-?]. Disponível em: <https://btdt.ibict.br/vufind/Content/history>. Acesso em: 14 jul. 2021.

JOUBE, Vicent. **A leitura**. Tradução Brigitte Hervott. São Paulo: UNESP, 2002

LUBISCO, Nídia Maria Lienert; VIEIRA, Sônia Chagas. **Manual de Estilo Acadêmico: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses**. 5. ed. Salvador: Edufba, 2013.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1988. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/30652716/O-que-e-Leitura-Maria-Helena-Martins>. Acesso em 18 ago. 2020

MEDIAÇÃO. *In*: MICHAELIS: Dicionário brasileiro da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2020. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/media%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 13 ago. 2020

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. Disponível em: http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1428/minayo__2001.pdf. Acesso em: 25 maio 2020.

OLIVEIRA, Amanda Leal de. **A negociação cultural**: um novo paradigma para a mediação e a apropriação cultural escrita. 2014. 250 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-16102014-104805/pt-br.php>. Acesso em: 13 ago. 2020.

OLIVEIRA, Amanda Leal de. A construção de uma ordem cultural negociada: considerações sobre o conflito e a atenção na mediação da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2017, Londrina. **Anais eletrônicos** [...] Londrina: UEL. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/102808>. Acesso em: 13 ago. 2020.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo. OPAS, [s.l.], 2 mar. 2022. Disponível em: [https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em#:~:text=2%20de%20mar%C3%A7o%20de%202022,Mundial%20da%20Sa%C3%BAde%20\(OMS\)](https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em#:~:text=2%20de%20mar%C3%A7o%20de%202022,Mundial%20da%20Sa%C3%BAde%20(OMS)). Acesso em: 22 jul. 2022.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João Pessoa: UFPB, 1996.

PERROTTI, Edmir. Sobre informação e protagonismo cultural. *In*: GOMES, Henriette Ferreira; NOVO, Hildenise Ferreira. **Informação e protagonismo social**. Salvador: EDUFBA, 2017, cap. 1, p. 11-25.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, [2008]. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/xe5vv>. Acesso em: 18 ago. 2020.

PETIT, Michèle. **A arte de ler**: ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, [2009]. Disponível em: <http://lelivros.love/book/download-a-arte-de-ler-ou-como-resistir-a-adversidade-michele-petit-em-epub-mobi-e-pdf/>. Acesso em: 18 ago. 2020.

PIERUCCINI, Ivete. Ordem informacional dialógica: mediação como apropriação da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais eletrônicos** [...] Salvador: UFBA, 2007.

Disponível em: <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT3--159.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2020.

PORFÍRIO, Francisco. Alteridade. **Brasil Escola**. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/conceito-alteridade.htm>. Acesso em: 30 dez. 2022.

ROSA, Aparecida Luciene Resende. **As Cartas de Ana Cristina César: uma contribuição para a Biblioterapia**. 2006. 84 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade do Vale do Rio Verde (UninCor), Três Corações, 2006. Disponível em: https://www.unincor.br/images/imagens/2017/mestrado_letras/APARECIDA_LUCIENE_RESENDE_ROSA.pdf. Acesso em: 19 fev. 2021.

SANTOS NETO, João Arlindo dos. **Mediação Implícita da Informação no discurso dos bibliotecários da Biblioteca Central da Universidade Estadual de Londrina (UEL)**. 2014. 193 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/110288>. Acesso em: 25 maio 2020.

SANTOS, Raquel do Rosário. **Espaço virtual e a comunicação com os usuários para mediação da informação: utilização pelas bibliotecas das universidades federais e estaduais brasileiras**. 2012. 248 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/handle/ri/7833>. Acesso em: 25 maio 2020.

SANTOS, Raquel do Rosário. **Gestão dos dispositivos de comunicação da web social: potencializando as atividades de mediação da informação e do conhecimento em bibliotecas universitárias brasileiras**. 2015. 305 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2015. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/8018?mode=full&locale=pt_BR. Acesso em: 18 ago. 2020.

SEITZ, Eva Maria. **Biblioterapia: uma experiência com pacientes internados em clínica médica**. Florianópolis: Habitus, 2006.

SOBRE o Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Santa Catarina: UFSC, [201-?]. Disponível em: <http://www.enancib2019.ufsc.br/sobre/>. Acesso em: 14 jul. 2021.

SOUSA, Ana Cláudia Medeiros de; SANTOS, Raquel do Rosário; JESUS, Ingrid Paixão de. Mediação da cultura, da informação e da leitura para o protagonismo social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 16, p. 1 – 20, 2020. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1333/1226>. Acesso em: 10 fev. 2021.

SOUSA, Carla. Biblioterapia e a mediação afetuosa da literatura: experiências de bibliotecários em bibliotecas. *In*: PRADO, Jorge do. (org); AMARO, Vagner (ed.). **Mediação da leitura literária em bibliotecas**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. **Sobre o Encontro de Pesquisa em Informação e Mediação**. Londrina, [201-?]. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/epim2014/epim2014>. Acesso em: 14 jul. 2021.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA. **Sobre o Seminário em Ciência da Informação**. Londrina, [201-?]. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2019/secin2019>. Acesso em: 14 jul. 2021.

SOBRE o Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias. São Paulo: FEBAB, [201-?] Disponível em: <http://www.febab.org.br/cbbu/snbu-2/>. Acesso em: 14 jul. 2021.

VALENCIA, Maria Cristina Palhares; MAGALHÃES, Michelle Cristina. Biblioterapia: síntese das modalidades terapêuticas utilizadas pelo profissional. **Biblios – Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v. 29, n. 1, p. 6-27, 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/4585>. Acesso em: 19 fev. 2021.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

WOOTTON, Sue. Bibliotherapy: a cure for bigotry?. **Corpus**, New Zealand, 2017. Disponível em: <https://corpus.nz/bibliotherapy-cure-bigotry/>. Acesso em: 23 jan. 2021.

APÊNDICE A – Relação de trabalhos apresentados em evento

ALMEIDA, Miriam Lúcia de; BORTOLIN, Sueli. Biblioterapia e a recepção da literatura. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis: FEBAB, 2013. p. 1 – 16.

ALVES, Marília Amaral Mendes; BERNARDO, Hugo da Costa Maia. Biblioterapia na UNIRIO: uma proposta de ensino e extensão. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 27., 2017, São Carlos. **Anais eletrônicos** [...]. São Carlos: FEBAB, 2017. p. 1 – 6.

CALDIN, Clarice Fortkamp; GARCIA, Inez Helena. Biblioterapia: percepção dos discentes de Biblioteconomia da UFSC e UDESC. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16, 2015, Salvador. **Anais eletrônicos** [...]. Salvador: UFBA, 2015. p. 1 – 21.

CHAGAS, Ricardo de Lima; PIZARRO, Daniela Camara. Atividade de biblioterapia com usuários dos centros de atenção psicossocial na biblioteca central da UFSC. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 28., 2019, Vitória. **Anais eletrônicos** [...]. Vitória: FEBAB, 2019. p. 1 – 20.

GOMES, Jesiel Ferreira; BRAGA, Kilvya Simone de Leão. Biblioterapia, informação e terceira idade: a função terapêutica da leitura em idosos asilados na cidade de Cuité – PB como ferramenta de inclusão social. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 28., 2019, Vitória. **Anais eletrônicos** [...]. Vitória: FEBAB, 2019. p. 1 – 6.

MADEIRA, Fabyola Lima. Grupo contadores de histórias: biblioterapia com amor. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 27., 2017, São Carlos. **Anais eletrônicos** [...]. São Carlos: FEBAB, 2017. p. 1 – 6.

OLIVEIRA, Delana Galdino de; BARBOSA, Maria de Fatima Sousa de Oliveira; FELIPE, Carla Beatriz Marques. Capacitação e treinamento para biblioterapeutas: relato de experiência. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20, 2019, Salvador. **Anais eletrônicos** [...]. Salvador: UFBA, 2019. p. 1 – 16.

PINHEIRO, Edna Gomes; PAIVA, Eliane Bezerra; AUTRAN, Marynice Medeiros Matos; BRITO, Rosa Zuleide Lima de. Biblioterapia para idosos: a leitura faz bem aos olhos e ao coração. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 28., 2019, Vitória. **Anais eletrônicos** [...]. Vitória: FEBAB, 2019. p. 1 – 6.

REIS, Meire Barra Rosa. Biblioterapia e a mediação de textos na escola e no consultório. *In*: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6, 2016, Londrina. **Anais eletrônicos** [...]. Londrina: UEL, 2016. p. 1 – 12.

SANTOS, Ana Lúcia Leite; ACELINO, Aparecida Deyse; PEREIRA, Marília Mesquita Guedes; SOUZA, Raylene Paulino de. Implantação de um programa de biblioterapia na Universidade Federal da Paraíba: relatos de um projeto de extensão. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 27., 2017, São Carlos. **Anais eletrônicos** [...]. São Carlos: FEBAB, 2017. p. 1 – 6.

SANTOS, Maryse Azevedo dos; MARQUEZ, Suely Oliveira Moraes. Biblioterapia: a contribuição da biblioterapia no tratamento de pacientes internados em unidades hospitalares. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 27., 2017, São Carlos. **Anais eletrônicos** [...]. São Carlos: FEBAB, 2017. p. 1 – 22.

SILVA, Maria Vandineide Teles. Biblioterapia: a terapia através dos livros para os pacientes internos no HUSE. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis: FEBAB, 2013. p. 1 – 4.

SILVA, Noemy Candida da; SANTANA, Camila Lindomar Mendonça Lopes; GUSMÃO, Alexandre Oliveira de Meira; SILVA, Edileusa Regina Pena da. A biblioterapia e a intervenção bibliotecária. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis: UFSC, 2013. p. 1 – 15.

SILVA, Taize Araújo da; SALGADO, Porcina Formiga dos Santos. Um olhar voltado para a produção científica brasileira sobre Biblioterapia nos periódicos eletrônicos de acesso livre da área de Ciência da Informação. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis: FEBAB, 2013. p. 1 – 16.

SILVEIRA, Jeferson Abilio da; BORTOLIN, Sueli. A biblioterapia e a biblioteca infantil de Londrina. *In*: ENCONTRO DE PESQUISA EM INFORMAÇÃO E MEDIAÇÃO, 2, 2015, Marília. **Anais eletrônicos** [...]. Marília: UNESP, 2015. p. 1 – 21.

SOUSA, Carla; CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia aplicada com estudantes de Biblioteconomia da UFSC: uma vivência terapêutica com histórias. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17, 2017, Salvador. **Anais eletrônicos** [...]. Salvador: UFBA, 2017. p. 2950-2965.

SOUSA, Thais Caroline da Silva; SANTOS, Andréa Pereira; RAMOS, Rubem Borges Teixeira. Ações e projetos de biblioterapia: uma revisão de literatura. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25., 2013, Florianópolis. **Anais eletrônicos** [...]. Florianópolis: UFSC, 2013. p. 1 – 16.

VANELLI, Karin; SOUSA, Carla. Biblioterapia e a face terapêutica do bibliotecário. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 28., 2019, Vitória. **Anais eletrônicos** [...]. Vitória: FEBAB, 2019. p. 1 – 6.

VIEIRA, David Vernon; LIMA, Daiane de Oliveira. Para além das estantes: retrato do projeto biblioterapia: doutores da leitura do Colégio Objetivo. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 28., 2019, Vitória. **Anais eletrônicos** [...]. Vitória: FEBAB, 2019. p. 1 – 6.

APÊNDICE B – Relação dos artigos científicos

ANDRADE, Lucas Veras de; MELO, Ana Caroline Viana de. Um diálogo entre a vida real e a literatura infanto-juvenil: uma experiência de leitura na perspectiva da produção de sentidos. **Informações e Profissões**, Londrina, v. 6, n. 1, p. 162-173, jan./jun. 2017.

ANDRADE, Lucas Veras de. Cartografia de um devir: o movimento de tornar-se bibliotecário aplicador de biblioterapia. **Biblionline**, João Pessoa, v. 14, n. 1, p. 128-144, 2018.

ANDRADE, Lucas Veras de; SILVA, Ana Caroline Oliveira da. Cartografando o panorama da pesquisa em biblioterapia no Brasil: mapa produzido a partir do território da base referencial de artigos de periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) e a plataforma Lattes. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v. 32, n. 2, p. 69-97, jul./dez. 2018.

ASSIS, Pamela Oliveira; SANTOS, Raquel do Rosário; JESUS, Ingrid Paixão de. A biblioterapia como um campo de atuação para o bibliotecário: perspectivas dos discentes do curso de biblioteconomia da UFBA. **Biblionline**, João Pessoa, v. 15, n. 1, p. 41-53, 2019.

ABREU, Ana Cristina; ZULUETA, Maria Ángeles; HENRIQUES, Anabela. Biblioterapia: estado da questão. **Cadernos BAD**, Lisboa, v. 1, n.2, p. 95-111, 2012/2013.

BAHIANA, Neiva Dulce Suzart Alves. A utilização da biblioterapia no ensino superior como apoio para a auto-ajuda: implementação de projeto junto aos educandos em fase de processo monográfico. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n.1, p. 65-79, jul./dez. 2009.

BALBINOTTI, Stheve. Páginas ansiosas: uma viagem pelo oceano da ansiedade até desembarcar na ilha da biblioterapia. **Biblionline**, João Pessoa, v. 13, n. 1, p. 43-50, jan.mar. 2017.

BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; ELLIOTT, Ariluci Goes; ROLIM NETO, Modesto Leite. Biblioterapia com crianças com câncer. **Informação e Informação**, Londrina, v. 17, n. 3, p. 198-210, set./dez. 2012.

BORTOLIN, Sueli; SILVA, Sandra da. Biblioterapia no âmbito hospitalar. **Informação@Profissões**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 52-74, jan./jun. 2016.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A teoria Merleau-Pontyana da linguagem e a biblioterapia. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 8, n.2, p. 23-40, jan./jun. 2011.

CALIXTO, Anny Carolyny Leite; BELMINO, Marcus César de Borba. Biblioterapia: uma ferramenta para atuação do psicólogo hospitalar no atendimento à criança hospitalizada. **Biblionline**, João Pessoa, v. 9, n. 2, p. 19-33, 2013.

CASTRO VÍGUERA, Yenifer. La biblioterapia y la selección de fuentes de información: um ámbito de actuación para los profesionales de la Bibliotecología y la Ciencia de la Información. **Bibliotecas anales de investigación**, Sevilla, v. 13, n. 1, p. 82-95, jan./jun. 2017.

CAVALHEIRO, Sibelly Maria; SILVA, Jonatas Edison; BILHAR, Ana Carla. Vivência de biblioterapia com os alunos do terceiro ano da E.E.B Intendente José Fernandes: relato e experiência. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p.297-304, dez./mar. 2019.

DUARTE, Evandro Jair; VIANNA, William Barbosa; CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia e teoria do efeito estético: diálogos interdisciplinares. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v.13, n. 1, p. 015-043, 2018.

DUARTE, Evandro Jair. Vivência de biblioterapia no núcleo de estudos da terceira idade (NETI/UFSC): relato de experiência. **Revista Conhecimento em Ação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 120-135, jul./dez. 2018.

FELIPE, André Anderson Cavalcante; GOMES, Jesiel Ferreira. Parceria entre Ciência da Informação e responsabilidade social universitária para fins de inclusão social. **Revista digital de biblioteconomia e ciência da informação**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 147-163, jan.abr. 2014.

FONSECA, Karla Haydê Oliveira da. A leitura dos clássicos, uma possibilidade biblioterapêutica: por um viver melhor. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 6-12, jan./jun., 2014.

FONSECA, Karla Haydê Oliveira; AZEVEDO, Fernando. Biblioterapia: relato de uma experiência no lar de idosos em Braga - Portugal. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 21, n.2, p. 381-389, abr./jul.2016.

GARCIA, Joana Coeli Ribeiro; FERREIRA, Fernanda Bernardo. Interfaces entre a biblioterapia e a responsabilidade social do bibliotecário. **Conhecimento em ação**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 107-119, jul./dez. 2018.

GADELHA, Jessica da Silva; TANUS, Gabrielle Francinne de S. C. Biblioterapia: análise dos artigos indexados na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI). **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 6, n.1, p. 159-176, jan./abr. 2019.

GRASSELLI, Leticia Aurora de Almeida; GERLIN, Meri Nadia Marques. Aproximações entre a biblioterapia e o teatro clown: uma reflexão sobre a atuação do bibliotecário no ambiente hospitalar. **Revista Conhecimento em ação**, Rio de Janeiro, v. 2, n.1, p. 78-92, jan./jun. 2017.

GUEDES, Mariana Giubertti; BAPTISTA, Sofia Galvão. Biblioterapia na Ciência da Informação: comunicação e mediação. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, João Pessoa, v.13, n. 1, p. 015-043, 2018.

JERÔNIMO, Viviane; ROSSETTA, Adriana Pereira; SILVA, Paulo Roberto Freitas da; GONÇALVES, Eliete; TREIN, Juliane. Biblioterapia na melhor idade. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.17, n. 2, p. 460-471, jul./dez. 2012.

LEITE, Manuela Bravo; CALDIN, Clarice Fortkamp. Programas de aplicação da biblioterapia no Reino Unido. **Brazilian Journal of In**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 147-163, jan./abr. 2014.

MORA, Kimberly Naranjo; ARAYA, Gloriela Navarro; SERAVALLI, Tatiana Zúñiga. La biblioterapia como herramienta de ayuda aplicada en la biblioteca escolar: estudios de caso. **e-Ciencias de la información**, Costa Rica, v. 7, n. 2, p. 1-27, jul./dez. 2017.

MOSTAFA, Solange Puntel; CRUZ, Denise Viuniski da Nova; BENEVENUTTO, Felipe Etelvino. Fenomenologia versus filosofia da diferença: a biblioterapia em questão. **DataGramZero** - Revista de Informação, v. 14, n. 6, p. 1-9, dez. 2013.

PADRO, Aparecida Ramos do; MADALENA, Críchyna. Biblioterapia com os gestores de uma escola de educação básica de Chapecó (SC): relato de experiência. **Informação e Informação**, Londrina, v. 17, n. 3, p. 198-210, set./dez. 2012.

SANTOS, Andréa Pereira dos; RAMOS, Rubem Borges Teixeira; SOUSA, Thais Caroline Silva. Biblioterapia: estudo comparativo das práticas biblioterápicas brasileiras e norte-americanas. **Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11, n.2, p. 1-15, abr./jun.2017.

SANTOS, Luma Rocha; BRITO, Aline Viani; ALVES, Karyn Lais; MASTROIANNI, Georgia Herculano. Biblioterapia na Sociedade Espírita Obreiros da Vida Eterna (SEOVE): relato de experiência. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v.24, n. 1, p. 305-312, dez./mar. 2018/2019.

SOUSA, Carla; CALDIN, Clarice Fortkamp. Conto de fadas também é coisa de gente grande: aplicabilidade terapêutica de histórias infantis para adultos. **Revista ACB**: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 548-563, ago./nov. 2017.

SOUSA, Carla; CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia: o quiasma entre as ciências. **Informação e Informação**, Londrina, v. 22, n.3, p. 484-501, set./out.2017.

SOUSA, Carla; CALDIN, Clarice Fortkamp. Biblioterapia e hermenêutica. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 186-200, abr./jun. 2018.

SOUSA, Carla. Biblioterapia como recurso para a formação humana do bibliotecário. **Revista ACB**, Santa Catarina, v. 23, n. 3, p. 362-371, ago./nov. 2018.

SOUZA, Lucas Inacio de; GONZALEZ, Mônica Elizabeth Yañez; SANCHES, Ana Carolina. Biblioterapia: uma vivência biblioterapêutica de desenvolvimento com alunos da disciplina de biblioterapia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 322-336, abr./jul. 2018.

TARGINO, Maria das Graças; TORRES, Názia Holanda; ALVES, Cláudio Augusto. Informação e cidadania: relação construída via biblioterapia no âmbito da biblioteca pública. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 33-40, dez. 2012.

VALENCIA, Maria Cristina Palhares; MAGALHÃES, Michelle Cristina. Biblioterapia: síntese das modalidades terapêuticas pelo profissional. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Porto Alegre, v. 29, n.1, p. 5-27, 2015.

APÊNDICE C – Relação das dissertações

ANDRADE, Ana Rita Cordeiro de. **A contribuição da leitura no tratamento de jovens e adultos usuários de drogas na clínica do CETAD/UFBA**. 2012. 182 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2012.

GUEDES, Mariana Giuberti. **A biblioterapia na realidade bibliotecária no Brasil: a mediação da informação**. 2013. 187 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília (UNB), Brasília (DF), 2013.

GARCIA, Inez Helena. **Biblioterapia: percepções dos discentes dos cursos de Biblioteconomia das Universidades Federal e Estadual de Santa Catarina**. 2014. 196 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2014.

SILVA, Carla Sousa da. **Biblioterapia no Brasil e na Polônia: distância e aproximações a partir da literatura científica**. 2017. 103 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, 2017.